SAVAGED



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

Mia Sheridan



Pepper Girl
Poison Books
Wings Traduções

Trad. Mecânica: Magali Dias
Revisão Inicial: Barrathiel Wings
Revisão Final: Betty Fleischer
Leitura: Asli Barsetti
Formatação: Aurora Wings

Aviso

A presente tradução foi efetuada pelos grupos PG, PB e WINGS, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos PG, PB e WINGS poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos PG, PB e WINGS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Quando a guia florestal, Harper Ward, é chamada a delegacia na pequena cidade Helena Springs, Montana, para prestar assistência em um caso, ela fica chocada ao descobrir que o único suspeito na investigação de duplo homicídio é um homem descrito como selvagem.

Mas quanto mais ela observa o homem conhecido apenas como Lucas, na câmera de vigilância da delegacia, mais intrigada fica. Ele certamente parece primitivo com sua aparência desleixada e roupas de pele de animal, mas ela também vê inteligência em seus olhos, sensibilidade em sua expressão. Quem é ele? E como é possível que ele more sozinho na floresta desde que era criança?

Quando os segredos começam a surgir, Harper é lançada para algo maior e mais diabólico do que ela jamais poderia imaginar. E bem no centro de tudo, está Lucas. Mas ele é realmente o homem selvagem que parece ser? Um assassino de sangue frio? Uma vítima inocente? Ou uma mistura desconcertante dos três?

Harper deve encontrar as respostas para essas perguntas, porque quanto mais tempo passa com ele, mais ela corre o risco de perder seu coração.

Prólogo

Você vai morrer hoje? Talvez amanhã?

A pergunta passou pela mente de Jak, profunda e devagar, como se estivesse ouvindo debaixo de uma profunda piscina. *Você vai morrer hoje?* O eco das palavras que o homem gritou segundos atrás fez um arrepio de medo descer pela espinha de Jak, mas tudo parecia como um... sonho, não... real. Ele não podia ver. Ele mal podia ouvir. Sua cabeça parecia nebulosa e... estranha.

Estou sonhando?

Ele estava preso dentro de um pesadelo? Será que Baka[1] o acordaria a qualquer momento, dizendo-lhe para ficar quieto com sua voz aguda e olhos suaves? A última coisa que ele lembrava era adormecer em sua própria cama e então... *isto.*

Ele se abraçou, seus dentes fazendo sons enquanto tiritavam.

Não, não é um sonho. Os sonhos nunca são tão frios.

De repente, algo foi arrancado de seu rosto, e ele soltou um grito quando percebeu que algo estava cobrindo sua cabeça. Ele piscou na escuridão, a luz das estrelas captando seu olhar, partículas de luz em um céu azul escuro. O círculo da lua brilhava amarelo, grande, redondo e luminoso.

Ele virou a cabeça, sua respiração saindo de seus lábios em nuvens brancas. *Neve.* Neve em todo lugar. Árvores. E...

[1] Avó em bósnio.

Ele gritou, tropeçando para trás da beirada do que agora via era um penhasco bem na frente dele. Seu traseiro atingiu a neve, suas mãos nuas afundando na neve congelante quase até os cotovelos.

Seus batimentos cardíacos estavam rápidos, o nevoeiro em sua cabeça se afastando enquanto o medo percorria seu corpo.

— Levante-se.

Jak virou a cabeça e olhou para um homem alto atrás dele, com o rosto escondido nas sombras de seu casaco com capuz. — Levante-se — ele repetiu, só que agora era um grunhido baixo. Jak ficou de pé o mais rápido que pôde, vendo o movimento à sua esquerda. Agora que seus olhos podiam ver na escuridão, notou que havia outros três garotos parados na beira do penhasco, a poucos passos um do outro. Dois meninos de cabelos escuros, um pequeno com olhos grandes demais para o rosto, cheios de... confusão e medo, um alto e magro, e um garoto loiro, que estava tremendo ainda mais do que Jak.

Por quê? Quem? O que é isso? Onde está Baka?

— Você vai morrer hoje? — Repetiu o homem atrás deles. — Talvez amanhã? Semana que vem? Daqui a muitos anos um guerreiro aclamado? *Célebre?* — Jak não conhecia todas aquelas palavras, não sabia do que o homem estava falando, e quando ele começou a virar a cabeça, o homem o deteve com uma sonoridade cruel, — Rosto para frente. — Seus tremores *aumentaram*, ele estava tão assustado, e mal conseguia ficar de pé, seus pensamentos rolando um sobre o

outro, devagar, devagar demais. Ele não conseguia pensar. *Por que minha cabeça está toda estranha?*

— Vocês vão morrer. Ou vão sobreviver. Mas isso é com vocês. Tudo dependerá da sua vontade de viver. — O homem de repente colocou as mãos enluvadas no lado da cabeça do loiro e se inclinou mais perto, a mais escura das sombras. — Você tem vontade de sobreviver? Lutar pela sua vida? Com unhas e dentes? Coração e alma?

O loiro assentiu com a cabeça de um jeito brusco. — S-Sim — ele disse, mas as lágrimas escorriam por suas bochechas e um soluço veio depois da palavra. As mãos de Jak se fecharam. Ele estava com medo, tão assustado, mas ele queria *fazer* alguma coisa. Faça isso *parar.* Ele olhou para o garoto de olhos grandes ao lado dele, e aquele garoto estava olhando para os punhos cerrados de Jak. Ele olhou para cima, encontrando os olhos de Jak por um segundo antes de desviar o olhar.

O homem mau soltou o rosto do loiro chorando. — Bom. — Jak ouviu neve esmagando sob os pés do homem enquanto ele andava mais para trás deles. — Agora, em um minuto, vou lhes contar o que está acontecendo. Depois disso, a única regra é sobreviver. Ele fez uma pausa. — Sobreviver ou morrer.

O que ele quer dizer? O que vai acontecer? Uma súbita nuvem branca encheu o ar na frente do rosto de Jak enquanto ele soltava um suspiro cheio de medo. O loiro soluçou de novo e o menino de cabelos escuros com os grandes olhos se inclinou sobre os pés, a mão entrando no

bolso do casaco. Jak desviou o olhar rapidamente, para que ele não chamasse a atenção do homem para o que quer que o menininho a sua esquerda estivesse procurando.

Ele sentiu um toque em sua mão, e o menino escorregou algo duro e frio em sua palma. Jak pegou, colocando no bolso rápido. Seu coração estava batendo tão forte que parecia que poderia pular de seu peito, mas a sensação de estar debaixo d'água permaneceu. Sua mente se agarrando em algo para manter seus pensamentos funcionando.

Não consigo pensar. Não consigo pensar. Por que não consigo pensar? Sua baka disse que ele era um, macaco esperto, grande demais para calças pequenas, e ela disse isso com uma carranca no rosto, mas da maneira que o fez pensar que ela estava feliz com ele mesmo assim. Mas ele não se sentia inteligente agora. Ele se sentia... assustado pra caramba.

Jak deu uma rápida olhada no penhasco e viu que, embora não fosse uma queda longa, era muito alto. Realmente, muito alto. Ele não sabia como descrevê-lo em números, mas era esperto o suficiente para saber que, se pulasse para fugir, ele morreria. *A única regra é sobreviver. Ou morrer.*

Por quê? Por quê? Isso não pode ser real. Isso não pode ser real.

Um som estrondoso explodiu ao redor deles, fazendo Jak gritar em choque e terror. Mas antes que pudesse questionar de onde o barulho estava vindo, ele sentiu uma rajada de ar frio e, em seguida, o chão começou a se mover.

Deslizar. A neve saiu de debaixo de seus pés e ele deslizou para frente, agarrando o ar por algo para segurar. Mas não havia nada.

Ele ouviu o homem mau gritar alguma coisa e depois gritou também, junto com os gritos dos outros garotos enquanto todos deslizavam pela beirada em uma explosão de neve.

Seus pensamentos ainda estavam lentos. *Tudo* estava lento... porém, ele *acordou* de repente. Ele podia ouvir cada batida rápida de seu coração. Ele podia sentir o ardor do vento quando batia em seu rosto, e podia sentir o cheiro de algo *verde* que não podia nomear.

Alguém o agarrou pela mão. O garotinho ao lado dele. Seus olhos se encontraram por um rápido segundo, o olhar do menino de cabelos escuros cheio com o mesmo medo que deve estar no seu. Com um grito, ele girou seu corpo enquanto o mundo desabava sob eles, colocando a mão no pulso do outro garoto e segurando firme, assim eles cairiam juntos.

Eles giraram, tombaram e bateram em algo sólido, um pedaço de terra, com um grunhido alto e um grito. A dor explodiu no corpo de Jak. Ele sentiu o aperto do outro garoto afrouxar, então agarrou com mais força, e eles continuaram descendo, descendo, ainda segurando um ao outro.

Tombar, rolar, cair, bater. *Dor.*

Tão *rápido.* Eles estavam voando tão rápido. Ele não conseguia segurar nada, sua mão vazia buscando, agarrando, escorregando.

Smack. Os dois gritaram quando aterrissaram em uma pequena saliência, imediatamente saltando e agarrando a borda.

Você tem vontade de sobreviver?

Sim!

Nós podemos fazer isso. Nós podemos fazer isso.

Eles se encararam, lágrimas escorrendo pelas bochechas do menino menor, a respiração saindo ofegante. Os outros dois garotos passaram por eles, seus gritos ecoando no vazio escuro abaixo.

Os pulmões de Jak doíam a cada respiração e seu corpo gritava de dor. Estava aterrorizado. Todos os seus sentimentos eram de repente *reais. Sentia*-se real, não mais debaixo d'água, nem meio adormecido, e era um terrível e aterrorizante despertar.

Ainda segurando a mão do outro garoto, ele levantou os dois, agarrando o lado da beirada para que cada um deles estivesse segurando com as duas mãos. Em uma rápida olhada, ele viu que a saliência era pequena demais para dois garotos, mas havia uma raiz de árvore fina ao lado, que parecia levar a um terreno mais forte. Uma chance. Uma chance pequena e mínima.

Da luz fraca da lua, Jak viu que os grandes olhos do menino estavam começando a se fechar, o sangue jorrava de seu nariz, seu rosto estava machucado e ensanguentado, e sua cabeça caía sobre o pescoço como se ele pudesse cair no sono. Seus braços estavam tremendo, as pontas dos dedos escuras com a força com que segurava. *Oh Deus.*

Não use o nome do Senhor em vão. Onde você aprendeu essa expressão? Daquele carteiro gordo e fedorento?

A voz de sua baka em sua cabeça lhe deu uma pequena explosão de força e ele se agarrou com mais força, sabendo que poderia se levantar se tentasse. A beirada, no entanto, era grande o suficiente para um. Os olhos semicerrados do garoto encontraram os dele, a boca se abrindo um pouco, o sangue escorrendo.

Ele estava prestes a soltar.

Se Jak se levantasse na beirada e deslizasse ao longo da raiz como uma cobra, do jeito que fazia no quintal de casa, onde ele era o rei da floresta, onde brincava na maior parte do dia porque sua baka acreditava que as crianças não deveriam *incomodar, sempre incomodando*, ele teria que fazer isso agora. Ou... ele poderia salvar o outro garoto e se arriscar com a queda.

Esses pensamentos atravessaram seu cérebro rapidamente e de uma só vez, seu corpo recebeu uma mensagem que ele não sabia que tinha enviado, quando moveu as mãos, agarrou o outro menino pela cintura no momento em que as mãos dele escorregaram e ele gritou.

— Suba em mim — ele grunhiu, usando sua última força para evitar que ambos caíssem. — Agora! — Ele ordenou. Com um grito agudo, o menino, muito mais leve que Jak, agarrou a beirada novamente, pondo um pé no ombro de Jak enquanto tirava uma mão e a usava para empurrar o menino para aquele minúsculo pedaço de terra firme.

A outra mão de Jak escorregou. — Viva! — Jak gritou, exigindo-o com o último suspiro em seus pulmões, enquanto descia em direção ao desconhecido.

Capítulo 1

Dias de hoje

O policial Paul Brighton segurou o volante de seu carro patrulha. *Cristo*, suas mãos ainda estavam tremendo. Ele ligou os limpadores enquanto a neve voava no para-brisa, criando um campo branco rodopiante. Ele apertou os olhos, mal conseguindo ver a estrada na frente dele. — Era só o que me faltava — ele murmurou, tentando desacelerar seu coração. Ele nunca tinha *visto* uma cena de crime como aquela, embora tenha havido uma semelhante na cidade apenas uma semana antes. Que tipo de psicopata anda cometendo assassinatos com arco e flecha? Ele tinha ouvido falar sobre o primeiro, todos os malditos detalhes, na verdade, mas o xerife havia respondido àquela ligação e agora o policial Brighton sabia que ouvir sobre algo e ver de perto e pessoalmente eram duas experiências muito diferentes. A imagem da vítima da cena que tinha acabado de sair apareceu na sua mente e ele fez uma careta. A vítima tinha sido, *porra*, ele havia sido pregado na parede por uma flecha, pelo amor de Deus, seu sangue se espalhando pelo chão como...

O policial Brighton pisou no freio e virou bruscamente, enquanto um homem, maior que a vida, apareceu do nada, diante do para-brisa. Seus pneus deslizaram no chão gelado e por um momento ele pensou que perderia o controle do

veículo. Mas conseguiu segurar, corrigindo seu curso, e o SUV derrapou na beira da estrada. A respiração do policial Brighton veio bruscamente. *Que diabos foi isso?* Ele parecia um maldito... *homem das cavernas.* Ele balançou a cabeça para tentar consertar as coisas em seu cérebro.

Ele rapidamente abriu a porta, o som na paisagem silenciosa e com neve, o único outro som era o baixo zumbido do motor. O policial Brighton se protegeu do lado do veículo, retirando a arma do coldre pela primeira vez em sua carreira.

— Mostre suas mãos! — Ele chamou numa ofensiva fria, usando seu antebraço para proteger seus olhos enquanto olhava cautelosamente sobre o capô. Ele viu a forma do homem primeiro, enorme, musculoso. — Mostre suas mãos! — Ele disse novamente, sua voz vacilante.

O homem deu um passo à frente, as mãos levantadas, detalhes entrando em foco. Suas pernas estavam vestidas de jeans, mas o resto dele estava completamente coberto... de pele de animal, de suas botas, ao casaco dele, o chapéu em sua cabeça, puxado para baixo para que seus olhos fossem parcialmente cobertos. *Quem diabos é ele?* O que *diabos é ele?* — Fique de joelhos! — Ele gritou.

O homem fez uma pausa como se considerasse, mas depois fez o que lhe foi dito, as mãos ainda levantadas. O policial Brighton viu que seus olhos haviam se estreitado. A neve agarrava a sua barba escura, e o cabelo grosso e rebelde roçando seu queixo. O homem o observou, esperando, seu olhar se movendo entre a arma e seu rosto. *Ele é um selvagem.* O pensamento passou pela cabeça do policial

Brighton, a arma tremendo quando saiu da cobertura do carro. Quando avançou, notou o detalhe final sobre o homem.

Ele tinha um arco e flecha pendurados no ombro.

Capítulo 2

— Harper, aí está você. — Keri Simpkins colocou o lápis atrás da orelha enquanto se levantava de sua mesa, caminhando rapidamente até Harper, que pendurava sua jaqueta em um gancho perto da porta. — Você ouviu as notícias?

— Notícias? — Harper esfregou as mãos, tentando aquecê-las quando Keri olhou para trás, em direção da parte de trás da pequena cadeia do condado.

Keri balançou a cabeça. — Hmm-hmm. Aquele assassinato que a cidade está falando? Houve outro. E... — baixou a voz — eles têm um suspeito.

O coração de Harper se contraiu. — *Outro* assassinato? — Ela franziu a testa, a surpresa da notícia formigando sua pele. *Aqui? Em Helena Springs?* E um suspeito?

— Hmm-hmm. E ouça isso, o suspeito é algum tipo de homem selvagem.

— Homem selvagem? Como assim, *homem selvagem*? — E por que diabos *ela* foi chamada até a delegacia?

Keri olhou para trás novamente e quando falou, sua voz era apressada. — Como um cara que nunca viveu na civilização antes. Como um... como um homem das cavernas. Espere até você ver... — As palavras de Keri pararam abruptamente quando passos soaram e, um segundo depois

disso, Dwayne Walbeck, o xerife de Helena Springs emergiu do canto, inclinando o queixo ao avistar Harper.

— Harper. Obrigado por vir.

— Não tem problema, Dwayne. — Harper olhou para Keri rapidamente, mas ela já havia se virado para a mesa. *Homem selvagem?* Harper voltou sua atenção para Dwayne. — O que está acontecendo?

Dwayne olhou para onde Keri havia se sentado em sua mesa de recepção, com a cabeça inclinada de um jeito que deixou Harper saber que ela estava atenta em cada palavra. Apesar de sua atual confusão, e o pavor que descia pela espinha, sabendo que algo terrível havia acontecido com alguém em sua pequena cidade, um sorriso brincava nos lábios de Harper. Keri era tão doce quanto intrometida, e todos em um raio de 32 quilômetros sabiam exatamente aonde ir se quisessem descobrir as últimas fofocas. Era uma maravilha que Dwayne a mantivesse por perto. Embora normalmente, seus lábios soltos não eram um problema, geralmente, a coisa mais interessante que saía da delegacia era ocasionalmente bêbados e baderneiros.

— Keri, segure minhas ligações, tudo bem? — Dwayne falou por cima do ombro.

— Não tem problema, Dwayne, — ela respondeu.

Dwayne colocou a mão no ombro de Harper enquanto ele a levava para a parte de trás da delegacia onde seu escritório estava localizado, junto com duas celas, e uma pequena sala de interrogatório que servia principalmente

como área de descanso para Dwayne, Keri e dois policiais. Paul Brighton e Roger Green.

— Dwayne, o que está acontecendo? — Harper perguntou quando entraram na sala de interrogatório/sala de descanso e ele fechou a porta.

Dwayne pegou um controle remoto e ligou um monitor pendurado na parede à esquerda de Harper. Ela se virou para a tela. Mostrava uma das duas celas e um homem estava sentado no banco preso à parede, olhando para frente.

Harper inclinou a cabeça, aproximando-se, olhando para o homem. Ele usava calça jeans comum, esticado sobre as coxas musculosas, mas sua jaqueta não era nada usual. Era feita de... pele de animal? As partes juntas de uma forma que pareciam... costuradas à mão. Ela não conseguia distinguir os detalhes da construção específica da jaqueta da foto na tela, então nem sabia se era a palavra certa. De qualquer forma, suas botas, *calçados*, eram feitas da mesma pele de animal e iam até metade de suas panturrilhas. De repente ele olhou para cima, seus olhos se movendo diretamente para a tela como se soubesse que ela estava lá, ou pelo menos soubesse que uma câmera o observava, e Harper deu um passo para trás como se realmente pudesse vê-la e ela deveria ficar com vergonha de encará-lo do jeito que estava.

— Reconhece?

Ela balançou a cabeça, encarando o rosto dele ainda olhando diretamente para ela. Cabelos castanhos lisos emolduravam-no, agitados de um jeito que a fazia pensar que

ele o cortou com algum tipo de ferramenta cega. Seu maxilar era sombreado por pelos faciais de alguns dias, e apesar de sua aparência geral incomum, ela podia ver que ele era bonito, embora de uma forma que a fazia pensar se ele tomava banho.

E se sim, onde? Em um riacho gelado? A imagem que sua mente evocava não era desagradável, e envergonhada de si mesma, ela afastou a imagem.

— Tem certeza de que nunca se deparou com aquele cara em uma excursão guiada ou quando você estava sozinha?

Não, eu me lembraria dele. Harper sacudiu a cabeça novamente.

— Ele poderia estar vestindo algo menos evidente. Especialmente se fosse verão.

Como o quê? Uma tanga? De alguma forma, ela não achava que seria menos evidente. — Tenho certeza. Quem é ele, Dwayne?

Dwayne soltou um suspiro, desligando o monitor. Harper sentiu uma pontada momentânea de perda que era totalmente bizarra. Mas sinceramente, ela queria estudá-lo. Ela queria ficar sozinha nesta sala e vê-lo naquela câmera por um tempo só para ver o que ele faria. *Como se ele fosse algum tipo de vida alienígena e não um ser humano? O que há de errado com você, Harper?*

— Diz que o nome dele é Lucas. É isso. Nenhum sobrenome. Apenas Lucas.

Harper franziu a testa. — Eu não entendo.

Dwayne esfregou o olho e Harper de repente percebeu o quanto ele parecia cansado. — Eu também não. — Ele se inclinou na beirada da mesa. — Suponho que Keri mencionou que houve outro assassinato?

Harper assentiu. — Sim. Você pode me dizer quem? — O estômago de Harper se apertou. Ela manteve sua mente longe da questão, porque sabia que quem quer que fosse, provavelmente os conheceria ou os conheceria *bem*. Com uma população de dois mil habitantes, Helena Springs era pequena demais para não ser o caso.

Dwayne assentiu. — Um homem chamado Isaac Driscoll, que morava em uma cabana a cerca de trinta quilômetros ao sul da cidade.

Sul?

Harper piscou surpresa. Não havia *nada ao* sul, exceto planícies, montanhas, rios e vales, quilômetros e quilômetros de natureza selvagem implacável. Neve e natureza selvagem implacável coberta de gelo no momento. Nada particularmente habitável... ou assim ela pensava.

Dwayne continuou. — A vítima conseguiu de alguma forma acessar o celular e discar 911. Ele não falou, mas uma torre de celular ajudou a identificar sua localização e ele morreu antes que Paul pudesse chegar lá. A velha torre de celular costumava nos levar a cerca de 300 metros, mas o novo sistema nos leva para dentro de nove. Bom pedaço de tecnologia. De qualquer forma, Paul achou que era provavelmente o costumeiro, um andarilho perdido ou algo dessa natureza. — As linhas ao redor dos olhos dele se

apertaram por um momento. Ele parecia preocupado que aquelas palavras a atingissem de uma maneira pessoal, e ele estava certo.

Mas ela se livrou do sentimento e se concentrou na situação em questão. *Um andarilho?* Qualquer um que caminhasse nessa direção nesta época do ano teria que ter alguns parafusos soltos. Ou... estar muito perdido. A lembrança apareceu novamente e com mais esforço, ela mentalmente a afastou enquanto Dwayne continuava.

— Quando Paul saiu para a área remota de onde a chamada veio, ele avistou uma cabana à distância.

Ela assentiu com a cabeça, surpresa por haver acesso à estrada até ali, ou até mesmo terra plana pela qual viajar.

Dwayne suspirou. — Felizmente, houve uma pequena pausa no clima para que Paul pudesse chegar lá, porque a neve realmente começou a cair antes mesmo de ele deixar a cena do crime. — Dwayne vasculhou uma pasta na mesa e tirou o que parecia ser uma foto impressa da Internet. Ele entregou para Harper. — Esta é a vítima. Já o viu em uma de suas excursões?

Harper o estudou. Ele era um homem mais velho indescritível. Em seus sessenta anos. Cabelo grisalho, calvo, óculos. Barba curta. Um pescoço grosso levando-a a acreditar que ele era musculoso. Harper devolveu a Dwayne. — Não que eu possa lembrar.

Dwayne colocou a foto de volta na pasta e Harper olhou para a tela em branco. — O que ele tem a ver com tudo isso?

Dwayne suspirou novamente. — Suponho que você tenha ouvido falar da arma do crime usada na mulher que estava no Larkspur.

Uma declaração, não uma pergunta, mas Harper assentiu. — Ouvi. — Eu não precisei expor, não precisei mencionar que Keri havia confidenciado a ela, e metade da cidade, que a mulher tinha sido atingida com arco e flecha no único estabelecimento da cidade que era disponível para convidados de fora da cidade.

Harper fez uma careta internamente para a imagem que ainda se formava em sua mente quando pensava na mulher desconhecida que ouviu falar uma semana antes, uma flecha disparada com tanta força que saiu do outro lado de seu corpo e ainda teve força suficiente para se alojar na madeira da parede.

— A arma usada nesse crime é do mesmo tipo de arma usada no assassinato de Isaac Driscoll.

— Oh, — ela respirou.

— Sim. Incomum para dizer o mínimo. Não são muitas pessoas que as usam em geral e, especialmente, não cometem assassinatos. Muito menos *dois.* — Dwayne olhou para a tela em branco da mesma maneira que Harper olhou. — Paul tinha acabado de sair da cena e quase bateu naquele cara. Agiu como se nunca tivesse visto um carro antes, o que, descobri, talvez ele não tenha visto. De qualquer forma, Paul já estava abalado por ter acabado de descobrir uma cena de crime macabra e aqui vem esse cara, bem em frente ao seu caminho, carregando um arco e flecha nas costas.

Harper arregalou os olhos. — Carregando... Você acha que ele é o assassino?

— Ele diz que não é, e não há provas neste momento para dizer que ele é, exceto o arco e flecha. Embora o que ele estava carregando tivesse setas de aparência diferente das usadas nos dois crimes. E há espaço para cada flecha no estojo que ele estava carregando e nenhum estava faltando. Nós levamos isso como prova. Mas adicione o fato de que ele sabe como usar uma *e* que mora nas proximidades de Isaac Driscoll, e ele é pelo menos um suspeito.

Harper olhou para o xerife por um momento. — Os *dois* moram lá?

— Parece que sim. Disse que mora a dez mil quinhentos e setenta e três passos de Driscoll, na direção dos três picos das montanhas.

— Hã?

— Eu sei. Foi assim que ele descreveu a distância entre suas residências. Estranho.

Para dizer o mínimo. Ela balançou a cabeça em descrença. Ela conduziu excursões nessa região selvagem, amantes da natureza, campistas, caçadores. Mas ela não podia imaginar viver lá permanentemente, em todas as estações. Seria... praticamente impossível sobreviver, pelo menos sem um monte de equipamento.

— Eles se conheciam?

— Lucas diz que ele trocava coisas com Driscoll, que fazia viagens para a cidade. Lucas trocava peixes por itens de vestuário, etc. Ele disse que, além disso, eles não tinham

uma grande relação, ele não considerava o homem um amigo. Apenas alguém com quem ele fazia negócios.

Negócios. — Peixe que ele pegava? Então... aquele homem *nunca* esteve na cidade?

— Isso é o que ele diz.

— Então, ele não poderia ter matado a mulher na pousada.

Dwayne deu de ombros. — Nós estamos confiando em sua palavra agora porque é tudo que temos. Nós não teremos a perícia de volta por um tempo, mas até agora, nada o coloca lá. Nós realmente não temos nada para mantê-lo aqui.

Harper apertou os lábios, repassando as palavras de Dwayne. *Nunca esteve na cidade? Nunca saiu daquela natureza selvagem?* Como isso era possível? Suas perguntas eram infinitas. Mas não era por isso que Dwayne a convidou para lá. Ele queria informações dela, não o contrário. — Eu não costumo fazer excursões para o sul, e a caça é melhor a leste do rio. Mas, de qualquer forma, nunca encontrei nenhum deles que me lembre. E eu nunca encontrei uma cabana de qualquer tipo. Estou tão surpresa quanto você. — Trinta quilômetros faziam uma diferença tremenda em relação ao terreno, mas não era tão longe que alguém não pudesse viver uma vida mais confortável em uma cidade povoada e ainda desfrutar da natureza selvagem para tudo o que ela oferecia. Ela não entendia.

Dwayne levantou-se da mesa gesticulando para uma pequena geladeira perto da porta que supôs conter bebidas. Ela balançou a cabeça e ele tirou uma garrafa de água,

destampando-a e tomando um longo gole antes de dizer: — Nós ligamos para o laboratório criminal de Missoula para analisar a cena, mas tivemos que chamar o Departamento de Justiça de Montana para investigar. Nós simplesmente não estamos preparados para lidar com um crime como este. O agente que eles enviaram está na primeira cena do crime em Larkspur, mas ele deve voltar em breve para fazer mais algumas perguntas a Lucas. E... — ele fez uma pausa, franzindo o cenho como se estivesse preocupado com a reação dela às próximas palavras —... espero que você esteja bem por eu ter oferecido seus serviços. Nós precisamos de sua ajuda.

Capítulo 3

O agente Mark Gallagher ficou parado, observando a sala como um todo, memorizando o layout, esperando por qualquer coisa que imediatamente parecesse fora de lugar para chamar sua atenção. Não havia nada além da grande mancha escura no carpete. Mas ele esperava isso. A mulher que morreu aqui não tinha experimentado uma morte pacífica.

Não, havia medo e sofrimento e, finalmente, a morte, embora tranquila, como a flecha que atravessou sua garganta, cortou seu ar, e o grito que ele tinha certeza estar preso ali dentro. Ele tinha visto as fotos da cena do crime. A mulher vestia apenas uma camiseta e uma calcinha branca de algodão, supostamente a que ela usou para dormir, e seus olhos estavam abertos de horror. A julgar pelas cobertas jogadas, ela estava a meio caminho entre a cama e a janela, ela tentou correr, mas não foi muito longe.

Claro, ela não teve muita chance. Matar com arco e flecha não exigia proximidade. Esse era o objetivo, não era? O assassino não teve que se mover muito mais do que até a porta onde entrou, abrindo a fechadura frágil enquanto a mulher dormia.

Mark abriu uma gaveta da cômoda. Nada. Ela tinha uma mochila com várias peças de roupa, e havia pasta de dente na pia, mas parecia que não pretendia fazer uma longa viagem. Ou a mulher não possuía muito.

Havia uma pilha de livros na mesa de cabeceira e Mark pegou o que estava no topo. *O Doador de Memórias*. Ele colocou-o de lado e olhou para os próximos três: *Ender's Game, The Maze Runner* e *The Lightning Thief.* As sobrancelhas de Mark baixaram. Ele não sabia nada sobre a vítima, mas os títulos pareciam escolhas estranhas para uma mulher adulta que o legista havia estimado na casa dos 30 anos. Mark os reconheceu como livros voltados para jovens adultos.

Mark viu algo na lombada de *O Doador de Memórias* e, após uma inspeção mais minuciosa, pareceu que um adesivo amarelo estava lá, mas foi recentemente arrancado. Parte da cola restante ainda estava pegajosa. Uma etiqueta de preço? Pode ser... os livros na mesa de cabeceira eram bem usados. Talvez tivessem vindo de um sebo. Ele inspecionou os outros livros e encontrou vestígios visíveis de cola também, e pequenos pedaços de adesivo amarelo nas lombadas daqueles também. *Hum.* Então, todos provavelmente vieram do mesmo lugar. Algum lugar da cidade que possa se lembrar dessa mulher? Abriu as capas dos livros um a um e viu que a primeira página de cada um foi arrancada. *Esquisito.* Eles poderiam muito bem ser livros que a mulher possuía há anos, velhos favoritos que ela trouxe para reler. Ainda assim... eles pareciam fora do lugar e isso o incomodava. Ele tirou algumas fotos rápidas da pilha de livros na mesa de cabeceira.

— Senhor? Agente Gallagher? — A mulher que estava na soleira da porta, torcendo um pano de prato nas mãos, era

pequena e magra, mais de 60 anos, calculava ele, com um cabelo loiro até o queixo. Ela estava usando um avental, uma mancha de algo vermelho brilhante na saia. No meio de uma maldita cena de crime, a visão era decididamente inquietante.

Ele sorriu. — Sra. Wilcox?

A mulher que ele conhecia como dona do Larkspur Pousada concordou, olhando nervosamente a sala e dando um passo para trás. Ele a levou para o corredor e fechou a porta atrás dele. — Terrível o que aconteceu aqui.

Ela balançou a cabeça, engolindo, as mãos ainda torcendo o pano de prato. — Oh, mal consigo dormir pensando nisso. Bem debaixo do meu próprio teto também. Ela fez uma careta. — Eles já sabem alguma coisa sobre essa pobre mulher?

— Ainda não, senhora. Eu queria saber se você poderia me dizer algo sobre ela que poderia ter se destacado para você?

Ela olhou para o lado e franziu a testa em concentração. — Principalmente com o fato de que estava ficando aqui. Nós não recebemos muitos convidados no inverno. Só temos três quartos. O pousada é o nosso principal negócio em todas as estações, mas especialmente as frias. Ocasionalmente, há alguém que passa pela cidade que precisa de um lugar para passar a noite, ou alguém visitando parentes que querem um espaço próprio, mas é raro. Então, fiquei surpresa quando ela tocou a campainha na quarta-feira passada e disse que queria alugar um quarto para a semana.

Ele anotou isso no caderno que guardava no bolso da jaqueta. *Uma semana.*

— Ela não mencionou se estava visitando alguém na época?

— Não, e eu perguntei. 'O que te trouxe a Helena Springs?' Eu disse. Ela tinha esse olhar distante em seu rosto e depois me disse que estava aqui para tentar corrigir um erro. Bem, eu não sabia exatamente o que dizer sobre isso, mas de todo modo, ela mudou de assunto, perguntando sobre o horário do restaurante.

Aqui para corrigir um erro. Mark também escreveu isso, batendo a caneta no bloco por um segundo antes de perguntar: — Ela pagou em dinheiro?

— Pagou. Pedi RG, claro, por protocolo, mas ela me disse que sua carteira havia sido roubada recentemente, então ela não tinha nenhum documento. Bem, não ter RG me fez hesitar em alugar o quarto para ela, mas ela estava pagando adiantado, e estava muito frio. Não seria cristão de minha parte mandá-la de volta para aquele clima, sem lugar nenhum para ficar na cidade.

— Claro. Eu entendo. — Mark deu a Sra. Wilcox um sorriso agradável, que ela retornou, seus ombros caindo como se estivesse preocupada que ele desaprovasse sua falta de seguir o protocolo. — Por acaso você viu se alguém a deixou?
— Não havia nenhum veículo no estacionamento, o que significava que a mulher tinha andado ou sido conduzida por outra pessoa.

A Sra. Wilcox sacudiu a cabeça. — Eu nem sequer a ouvi entrar. Estava assistindo a um programa quando ouvi a campainha tocar na recepção. Me pegou completamente de surpresa.

— O que você pode dizer sobre aquela noite?

A Sra. Wilcox parou de torcer o pano de prato, mas na referência *àquela noite,* recomeçou. Mark se perguntou se iria rasgar ao meio. — Eu ouvi gritos — ela sussurrou, olhando para trás pelo corredor sobre o ombro de Mark, como se alguém pudesse aparecer de repente e ouvi-la dizer algo que ela não deveria. — Eu não consegui ouvir tudo, mas o ouvi gritar: 'Como você pôde? Como você pôde? Você arruinou tudo'.

— E definitivamente era a voz de um homem?

— Ah, sim. Não há dúvidas sobre isso. Eu pensei em vir aqui. Os hóspedes não podem ter outras pessoas em seu quarto sem pagar por ocupação dupla, entende? E houve a briga... foi preocupante. Mas então os gritos pararam, e decidi abordar isso pela manhã. — Ela franziu a testa, balançando a cabeça. — Eu fiz a coisa errada, não fiz?

— Não Senhora. É compreensível. Não havia como você saber que era mais do que uma briga de casal.

— Nada assim jamais aconteceu em Helena Springs. — Suas mãos pararam de torcer o pano de prato quando ela se inclinou para frente. — Houve acidentes em que as pessoas perderam a vida. A família Ward vem à mente, é claro. — Ela franziu os lábios e balançou a cabeça. — Aquela pobre garota, Harper, perdendo os pais dela dessa maneira. Bem, —

ela disse, puxando os ombros para trás e parecendo se segurar de falar de coisas que não lhe perguntaram. Mark estava acostumado com isso, no entanto. Era uma coisa que as pessoas faziam, elas pareciam preencher o silêncio, então ele se certificou de deixar bastante disponível. Porque muitas vezes essa conversa desinibida continha informações úteis. Trabalhando nesse ramo por quase trinta anos, ele aprendeu a esperar, ouvir e armazenar informações, apenas no caso.

Ele entregou a Sra. Wilcox seu cartão. — Se você pensar em mais alguma coisa. Qualquer coisa, nenhum detalhe é muito pequeno, me ligue.

Ela pegou o cartão dele, colocando-o no bolso do avental e assentindo. — Claro que vou. — Ela começou a se virar. — É melhor voltar para essas tortas. Eu cozinho quando estou nervosa. Isso ajuda... — Ela acenou com a mão. —De qualquer forma, agente Gallagher, ligarei se lembrar de alguma coisa.

Ele inclinou a cabeça. — Obrigado, senhora.

Ela deu-lhe um sorriso nervoso e, em seguida, virou-se, voltando para as escadas até a cozinha, onde ele podia sentir o aroma doce e azedo de torta de cereja assando.

Laurie costumava fazer torta de cereja, a massa entremeada como uma cesta, de modo que os pequenos espaços ficavam entre as bolhas vermelhas e pegajosas, quando a torta estava quente. Aquele cheiro o fez ansiar, fez os espaços vazios dentro dele pulsarem com a lembrança do que tinha sido. Ele afastou o pensamento, concentrando-se

em coisas que anotara em seu caderno, voltando sua mente para as duas pessoas assassinadas que mereciam justiça.

Ele precisava chegar a essa segunda cena. Queria olhá-la o mais rápido possível depois de examinar a primeira, ver se alguma coisa sobre elas parecia familiar de uma maneira que não reconheceria se o momento estivesse mais distante. Amanhã de manhã não seria bom o suficiente. Ele disse a Laurie que estaria em casa para o jantar, mas ela entenderia que com um novo emprego, ele tinha que dar tudo de si. Não que ele faria menos independentemente. Não era da natureza dele deixar as coisas pela metade, nunca foi. Embora ele se perguntasse de forma distante se estava fazendo tudo o que podia em seu casamento. Ele afastou esses pensamentos por um momento. Isso levaria tempo. *Ele esperava. Deus, ele esperava.*

Parecia que ele estava esperando há muito tempo. Tempo demais talvez.

Enquanto caminhava para a caminhonete, a neve caía novamente, o ar gelado queimava sua pele. O céu estava cinzento e baixo, como se a qualquer momento pudesse descer e esmagar todos abaixo dele. Isso o fez se sentir deprimido e claustrofóbico. Jesus, como essas pessoas sobreviveram meses e meses disso? Ele imaginou que logo saberia, mas já sentia falta do infinito céu azul da Califórnia.

O xerife disse que tinha uma garota local em mente que conhecia bem o terreno. Bom, porque ele precisaria dela. Seu conhecimento sobre a *natureza selvagem* poderia encher um

copo. E ele, viajando sozinho na neve, parecia extremamente desagradável e quase sem sentido.

Depois que ele entrou em seu SUV, girou a ignição, e começou a aquecer, ele verificou o nome que anotou em seu caderno. Harper Ward. *Imaginei.* Era a mesma garota que a Sra. Wilcox mencionou. *Aquela pobre garota, Harper Ward, perdendo seus pais assim.* O xerife disse que seu pai foi o xerife anterior em Helena Springs, e um olhar de culpa brilhou nos olhos do homem que Mark não tinha informações suficientes para entender. Ele se perguntou o que aquilo significava e imaginou que poderia descobrir com bastante facilidade se quisesse, sempre havia alguém, ou vinte pessoas, dispostas a falar sobre seus vizinhos em uma cidade pequena. Mas ele preferia manter seu foco no que era importante para o seu caso e resolver esse crime, *crimes,* antes que qualquer outra pessoa nesta pequena cidade se machucasse.

Ou morresse.

Capítulo 4

Os dentes de Jak estavam batendo tão forte que ele achou que poderiam quebrar. Ele puxou as pernas para mais perto de seu peito, passando os braços em volta delas, tentando se enrolar em cada minúsculo pedaço de calor que seu corpo estava fazendo.

Ele sabia que tinha que se mexer. Ele *tinha* que ficar seco. Ele tinha que... Lágrimas encheram seus olhos, depois desceram por suas bochechas, congelando sobre sua pele gelada. Ele as limpou, se sentando. *Viva!* Ele disse ao menino de cabelos escuros quando o arremessou naquela pequena elevação. Ele *exigiu* isso, porque apenas *um* deles poderia ter aquele parapeito, aquela *chance*, e se o garoto a quem ele deu morresse mesmo assim, então foi um *desperdício*.

Eu deveria ter ficado.

Mas, embora o pensamento brilhasse em sua mente, não pareceu verdadeiro. Ele de alguma forma sobreviveu à queda, agarrando outro pedaço de galho do lado da encosta. Não havia uma elevação ou qualquer coisa para ele subir e rapidamente perdeu o controle. Mas aquele galho estava mais perto do chão e quando ele aterrissou em uma pilha profunda de neve, não tinha sido com tanta velocidade, apesar de ainda ter tirado o ar de seus pulmões, e ele teve que lutar contra o buraco gelado que sua queda fez.

Um dos garotos estava deitado nas proximidades, ambas as pernas torcidas em diferentes direções, e Jak correu até ele, tremendo e ofegando quando virou o garoto. Mas ele podia ver imediatamente que estava morto. Seu rosto estava ensanguentado e machucado, seu olhar para sempre encarando as estrelas acima. Jak gritou, pulou para trás e correu o mais rápido que pôde para fugir. Longe, longe.

Porque ele não sabia quanto tempo tinha antes que alguém viesse atrás dele.

Ele chegou perto a um grupo de árvores, sem fôlego, encharcado, com o ombro doendo muito, e estava tão assustado que quem quer que fosse o homem no topo daquele penhasco estava a caminho de *encontra*-lo.

Ele sabia que Jak tinha sobrevivido? Que o garoto de cabelos escuros talvez estava vivo? E o que aconteceu com o loiro? Jak não tinha visto nenhum vestígio dele no fundo daquele penhasco, mas ele também devia estar morto. Enterrado sob a neve, seus membros torcidos grosseiramente como os do outro garoto morto.

Me ajude, alguém. Qualquer um. Por favor, ele implorou no silêncio de sua mente. Mas ninguém estava escutando, exceto a lua silenciosa pairando no céu noturno.

Jak tropeçou na floresta, seus tremores *aumentaram,* seus olhos começaram a ficar embaçados. A força que sentiu havia acabado, fazendo seus músculos se sentirem soltos e cheios de água. Ele correu mesmo assim, tropeçando, até que suas pernas não sentissem nada. O calor encheu seus ossos, movendo-se para

cima, atirando chamas em seu peito. De repente ele estava queimando. *Muito* quente. E com sede. Ele se abaixou e pegou um pouco de neve, trazendo-o à boca e comendo enquanto se movia mais profundamente na escuridão.

Tão quente. Tão quente. O mundo começou a se inclinar. Ele tirou a jaqueta, soltando-a na neve e avançando. Ele tropeçou em algo sob a neve que não podia ver, levantando-se e caindo para frente. *Eu não vou morrer, não vou morrer.* Mas seus pensamentos pareciam lentos de novo, da mesma forma que estavam no topo daquele penhasco. Ao pensar naquela aterradora queda, aquele homem com a voz alta e profunda, ele correu novamente, sua força diminuindo. *Tão quente, tão quente, tão quente.* Com o resto da sua força, ele tirou a calça jeans e o moletom, deixando-os na neve.

A cabeça dele abaixou e ele tropeçou, caindo no chão com um rangido de gelo e choro de dor, agulhas afiadas espetadas em cada parte de sua pele nua. Ele estendeu a mão para frente e não sentiu nada. Ele caiu, rolando, caindo, em algum lugar pequeno e escuro e macio, onde o frio e o vento não podiam encontrá-lo.

Você vai morrer hoje?

Não, ele tentou gritar. *Viva!* Mas as palavras morreram em seus lábios quando o mundo ao seu redor desapareceu.

Capítulo 5

Ofereceu seus serviços? Quais exatamente? — Dwayne, o que eu tenho para oferecer em uma investigação de assassinato?

— Ninguém está pedindo para você ser uma policial. Embora tenha certeza de que algumas coisas estão no seu sangue. — Ele deu um sorriso carinhoso. — O que realmente precisamos é de alguém que conheça muito bem a área e possua um veículo com tração nas quatro rodas. É você. Você vai conhecer o agente que foi enviado. Parece um Cara legal. Novo no departamento e conseguiu isso, um californiano nativo. O cara apareceu usando tanto equipamento de inverno, estava andando como boneco da Michelin e me perguntou como tirar gelo do para-brisa. — Dwayne riu e Harper sorriu para a imagem do agente desconhecido. — Ele está no Larkspur agora, mas estará de volta em breve, e vai deixar você saber o que precisa.

Uma batida na porta os interrompeu e, sem esperar por uma resposta, Keri enfiou a cabeça para dentro. — Dwayne, linha um para você. Bob Elders de Missoula.

Os lábios de Dwayne se afinaram. — Obrigado, Keri. — Ele olhou para Harper. — Eu tenho que atender isso. Você se importa de esperar aqui pelo agente? Mark Gallagher é o nome dele.

Harper deu um aceno distraído quando Dwayne saiu da sala. Ela não havia decidido se ajudaria neste caso. Algo

sobre isso parecia... arriscado de alguma maneira pessoal. Ela tinha certeza que tinha a ver com o fato de seu pai ter trabalhado nesse mesmo prédio por tantos anos... ela praticamente podia *senti-* lo ali, sentir o cheiro da loção pós-barba que ele usava, ouvir sua risada...

De repente, cansada, ela se sentou em uma das cadeiras na mesa, olhando para a tela escura. Sua atenção foi puxada pelo pensamento do homem sentado sozinho na cela, e ela estava grata pela mudança de foco. O som suave de seus dedos tamborilando na mesa encheu a sala enquanto ela se perguntava o que ele estava fazendo naquele momento. Ainda está sentado lá? *O que mais ele estaria fazendo, Harper?* Dwayne estava certo quando disse que o homem não tinha visto um carro antes? A curiosidade a incomodava, o fato de que ele poderia ser um assassino, alguém que tinha uma propensão para cravar suas vítimas nas paredes com flechas afiadas, não era o suficiente para apagar essa sensação em particular. *Pelo visto.*

Ela tamborilou na mesa por mais alguns minutos, depois mexeu nas mãos, mordeu o lábio, olhou para a porta e hesitou apenas mais um momento antes de se levantar rapidamente e caminhar até o monitor. Ligou com um clique, a visão da pequena cela onde o homem ainda estava sentado piscando para a vida. Ele estava exatamente na mesma posição de antes. Na verdade, parecia que não tinha movido um músculo.

Por um minuto inteiro, Harper simplesmente o observou sentado no banco da outra sala, imóvel e parado. Através do

anonimato da tela, ela permitiu que seus olhos vagassem livremente sobre ele, de seu cabelo indisciplinado até seu estranho calçado. Ele era magro, mas musculoso. Sólido. Ele teria a força para atirar uma flecha diretamente através de um corpo. Ele era grande. E forte. E com aparência selvagem.

Homem das cavernas, de fato.

Ela podia ver esse homem lutando contra gnus. E ganhando.

Quem é você

Seus olhos se moveram para as mãos dele, descansando em suas coxas. Elas eram grandes, e mesmo através do monitor ela podia ver que tinham numerosas cicatrizes. Ele tinha as mãos de um... guerreiro, marcado e extremamente masculino, e Harper queria estudá-las, como se fossem uma obra de arte. Elas eram... brutalmente lindas de um jeito que ela nunca tinha visto antes. E ela não podia deixar de se perguntar o que ele fez com aquelas mãos para causar tantos ferimentos.

Um tremor passou por ela, não nascido inteiramente de medo. Ela respirou surpresa quando de repente ele virou o rosto para a câmera como ele tinha feito antes, seus olhos pareciam estudar os dela. Ela sentiu o rosto corar quando desviou o olhar e quase riu de si mesma. Ele não podia vê-la. Não era possível ver *ninguém*, ele estava simplesmente olhando para o olho piscando de uma câmera. Ela se aproximou, estudando sua expressão. Havia algo em seus olhos... amargura se ela não estivesse enganada. Mas... por que? Se ele não sabia o que era um veículo, como no mundo

este homem saberia que a luz vermelha que ele podia ver permitiria que alguém o observasse? E mesmo se ele soubesse, por que causaria aquela intensidade de fogo em seu rosto? Ela inclinou a cabeça, estudando-o atentamente. Ele olhou para trás como se pudesse senti-la do outro lado da câmera. Bobagem, claro. Ela sabia disso e ainda assim o sentimento persistiu. Seus olhos estavam perfurando enquanto ele olhava para o equipamento no alto da parede da cela que ocupava, e... não havia como confundir a inteligência afiada em seu olhar. Homem das cavernas talvez. Mas não um Neandertal sem cérebro.

Pensamentos estavam zumbindo em seu cérebro. Ela podia *ver*. *Perplexidade. Confusão. Raiva.* Tantas emoções.

Ele desviou o olhar, voltado para frente novamente, repentinamente inexpressivo, como se a tivesse ouvido pensar e se recusasse a aceitar que ela pudesse ver o que ele escondia. Ou tentou. Isso não a impediu. Ela se inclinou para mais perto. Deste ângulo, ela podia ver uma cicatriz se arqueando pelo lado do rosto dele sob a maçã do rosto direito. Era leve e quase desbotada, mas chamava atenção para as linhas afiadas de sua estrutura óssea. E... sim, sua expressão estava vazia agora, mas havia uma guerra sendo travada atrás de seus olhos. Ela reconheceu como alguém que aperfeiçoou a arte do estoicismo. *Não reaja. Não deixe que eles vejam seu medo. Não deixe que eles saibam que você se importa.*

Harper sentiu um choque surpreendente de empatia, mas depois se repreendeu internamente. Ela estava criando

uma narrativa sobre o homem baseada em sua *própria* experiência, não na dele. Ela realmente não sabia nada sobre ele. Embora... se ele fosse apenas uma pessoa suspeita, como Dwayne havia dito, era ético mantê-lo sentado naquela cela? Se tudo o que ele fez foi ter o azar de tropeçar na frente de um veículo da polícia e não o acusavam de nada, ele tinha o direito de ir embora. Ele saberia disso? Teriam dito isso a ele?

A porta se abriu, assustando-a de seu voyeurismo e as perguntas correndo soltas em sua mente. Ela corou novamente, desligando o monitor, mas não antes de Dwayne e o homem mais velho entrarem na sala terem visto o que ela estava fazendo.

O homem que deve ser o agente estendeu a mão e Harper a pegou quando Dwayne ficou ao lado deles.

— Mark Gallagher, essa é Harper Ward. Mark, Harper sabe por que você está aqui. Harper é nossa guia local da região selvagem, e psicóloga.

Harper soltou a mão de Mark Gallagher e deu a Dwayne um olhar exasperado. — O primeiro é verdadeiro. Mas Dwayne, eu não sou psicóloga, e você sabe disso. — Ela lhe deu outro olhar severo, mas ele não parecia nem um pouco arrependido. Ela soltou um suspiro e deu a Mark Gallagher um pequeno sorriso embaraçado. — Eu trabalho meio período num orfanato.

— E você está fazendo algumas aulas em Missoula, não é? — Dwayne perguntou.

— Eu não me inscrevi para elas ainda, — Harper disse, sentindo-se uma completa fracassada. As realizações que Dwayne obviamente listou em seu nome estavam diminuindo a cada momento.

Dwayne piscou para ela. — Bem, o mais próximo que temos. E é principalmente o seu conhecimento da área que o Mark precisa. E aquele carro que você tem. Agora, preciso fazer algumas ligações, mas você e Mark conversem e então pode avisá-lo se estiver disponível.

— OK.

O xerife saiu da sala e Mark Gallagher acenou para a mesa, onde ambos se sentaram em frente um do outro.

O agente pegou um caderno e uma caneta do bolso do casaco e começou a folhear enquanto Harper aproveitou o momento para estudá-lo. Ele era mais velho, provavelmente na casa dos cinquenta, mas ainda estava em forma e era muito atraente, cabelo grisalho, aparado e uma espécie de... competência sobre ele. Uma competência que poucos homens carregavam. Ele era o tipo de homem que sempre assumiria o controle durante uma situação de emergência, e ele permaneceria calmo enquanto fazia isso. Era o tipo de homem a quem você naturalmente recorreria se estivesse tendo um problema. Ele parecia... como o pai dela tinha sido. Ela reconhecia essa qualidade nele porque experimentou em seu pai. E por causa disso, seu nível de conforto aumentou imediatamente.

— Dwayne me disse que seu pai era o xerife aqui antes dele.

Por um momento, Harper simplesmente ficou olhando para ele, a pergunta a pegando de surpresa depois de estar literalmente pensando em seu pai. Ela tremeu internamente e limpou a garganta. — Sim. Ele... ele era. Por pouco tempo.

Mark Gallagher fez uma pausa antes de concordar. — Sinto muito pela sua perda.

Os olhos de Harper se afastaram. Ela não estava acostumada a falar sobre seus pais e especialmente não com estranhos. — Obrigada. Foi há muito tempo.

— O tempo pode ser relativo.

Ela assentiu e desviou o olhar. Quando ela voltou os olhos para ele, ele olhou para o caderno, batendo a caneta da capa.

— Dwayne também disse que você cresceu nesta área, e que conhece todos os cantos da selva ao redor.

Harper soltou um suspiro. Dwayne aparentemente disse um pouco. — Eu cresci aqui. Mudei-me para Missoula quando tinha sete anos, mas passei os verões aqui quando estava no ensino médio e, em seguida, me mudei há quatro anos. Desde então, passei praticamente todos os dias na floresta, nove meses do ano. Estou muito familiarizada com a área. Mas não há como qualquer pessoa conhecer cada centímetro da região em torno de Helena Springs. É vasta e extremamente rigorosa no inverno, até mortal... — Inesperadamente, sua respiração ficou presa. *Mortal mesmo.* Sim, ela deveria saber. Ela perdeu seus pais naquele terreno implacável. Ela afastou a emoção, surpresa por ter sido tão repentina. *O tempo pode ser relativo.* Sim, e quem sabia disso

melhor do que ela? Ela ainda lutava com a perda deles mais de uma década depois. Mas ela raramente perdia o controle de suas emoções, e especialmente não na frente de um perfeito estranho. Ela limpou a garganta, irritada consigo mesma. — Mas estou muito familiarizada com ela, dependendo do que você está procurando e do que você está procurando.

Mark Gallagher recostou-se na cadeira. — Essa pode ser a parte difícil. Não temos certeza do que estamos procurando, a não ser alguém hábil com arco e flecha. Embora houvesse algumas coisas incomuns encontradas na segunda cena do crime que poderiam ser úteis. Suponho que Dwayne tenha te contado sobre o básico sobre os dois crimes?

Harper assentiu. — Sim. Eu sei o básico.

O agente Gallagher inclinou-se para frente, juntando as mãos. — Bom. Principalmente, preciso de alguém que possa me levar até lá, e você parece ser essa pessoa. — Antes que ela pudesse responder, ele continuou. — Você seria paga como consultora do caso. Reembolsada por seu gasto com gasolina e quaisquer outras despesas.

Harper mordeu o lábio. Ela poderia usar o dinheiro. Ela poderia *sempre* usar o dinheiro. Ainda assim, ela nunca imaginou que seria uma consultora para ninguém, muito menos alguém tentando resolver dois crimes terríveis. — Quanto tempo você acha que vai ficar aqui? — Ela não tinha ideia de como funcionava solucionar um crime, apesar de seu pai ter feito seu sustento na área. Mas ela era tão jovem quando ele morreu. Além disso, antes, ou agora, os crimes

simplesmente não ocorreram em Helena Springs. Na verdade, a última vez que ela se lembrava de um crime que tinha sido remotamente semelhante a este foi quando Lyle Fredericks espancou sua esposa até a morte e depois usou sua espingarda em si mesmo. Sua esposa, Samantha, sobreviveu, mas deixou a cidade para morar com a prima e para escapar de ser, a mulher cujo marido quase espancou até a morte antes de cometer suicídio. Os rótulos eram difíceis de escapar em uma cidade pequena.

Claro, o que aconteceu com seus pais, o que aconteceu com *ela,* foi um acidente, não um crime. Ainda assim, ela ouvia os sussurros, sabia dos rótulos que ela carregava.

Aquela coitadinha.

Órfã.

— Depende. Pode ser três dias, pode ser três meses. Não há como dizer neste momento da investigação. Estou aqui para fazer o meu melhor para encontrar justiça para as duas vítimas. Ou pelo menos, respostas. — Ele fez uma pausa, estudando-a daquela forma que a fez sentir um pouco inquieta. — Se você concordar em ajudar, precisará manter qualquer informação em sigilo. Como disse, precisarei de sua ajuda para avaliar parte da área, e posso ter uma ou duas perguntas referentes ao caso, e assim você estará ciente de coisas que eu prefiro que não sejam discutidas abertamente.

Harper assentiu. — Claro. Compreendo. Eu sou um túmulo.

O agente Gallagher riu. — Ok, bom. Então o que você diz?

O que você diz? Por que ela tinha a sensação de que se envolver, mesmo como uma motorista, seria importante de alguma maneira que ela não poderia saber naquele momento? A imagem do homem com os olhos ardentes sentado em uma cela surgiu em sua mente, assim como o terreno em que ela estaria levando este estranho na frente dela. Aquele homem que parecia capaz, sim, mas estava acostumado a céus ensolarados e praias arenosas, não a cânions frios e rios congelados.

Ela não saía tanto durante a estação fria. Por um lado, havia menos clientes que queriam se aventurar na tundra selvagem para congelar suas bundas, e dois, seria tolice continuar sua busca pessoal durante os meses de neve em que o que ela estava procurando seria empilhado sob um monte de gelo. Ela parou por mais um breve segundo e se encheu de determinação. — Eu vou fazer isso.

Os lábios do agente Gallagher se inclinaram. — Ótimo. Você pode começar agora? Preciso ir para a segunda cena do crime, Harper. Eu posso te chamar de Harper?

— Sim, claro.

— Preciso tirar alguns minutos para fazer algumas perguntas ao homem da sala ao lado. Serei rápido. Imagino que ele esteja pronto para ir para casa.

Ela assentiu com a cabeça e o agente Gallagher saiu da sala, indo em direção ao... homem selvagem. *Não, Lucas. Seu nome é Lucas. E sua* casa é *no meio do nada.*

Capítulo 6

Cheiros infelizes. Suor velho, lágrimas, medo. O fedor de urina humana. E, além disso, algo acentuado e forte que Lucas não sabia nomear. Não parecia natural.

Ele não estava prestando atenção suficiente, seus pensamentos voando como os flocos de neve ao redor dele. E então havia o carro que ele nunca havia visto antes. A grande máquina que rugia e retumbava e deixava rastros profundos na neve. Mas ele não tinha corrido. Não tinha lutado. Porque *queria* ver o homem que dirigia. De perto. Queria saber se ele poderia ser um amigo ou se era um inimigo.

Ainda havia inimigos? Ou *Driscoll* era o único inimigo? Ele ainda não sabia. Estava tentando descobrir.

O homem no carro tinha saído da estrada quando viu Lucas e depois pegou a arma e apontou para ele. Sua mão estava tremendo e Lucas sentiu seu medo, sabia que poderia alcançar o homem, roubar sua arma se quisesse, mas não o fez. O homem lhe pedira para ir à cidade e responder a perguntas. Lucas não queria responder a nenhuma das suas perguntas. Ele poderia ter se afastado como uma raposa. Muito rápido para pegar. Mas ele precisava *saber* mais sobre o que havia *lá fora.*

Então ele deixou o homem levá-lo para a cidade e o homem o colocou *aqui,* na cela que as pessoas infelizes haviam sentado diante dele. Suor. Choro. *Fazer xixi no*

chão? Por quê? Ele não conseguia entender isso. Até os animais faziam xixi longe de onde dormiam.

Driscoll falou sobre uma cela. Com barras. Uma gaiola. Isso deve ser o que ele quis dizer. Mas os homens que lhe disseram para se sentar lá também disseram que ele poderia ir para casa depois que lhe fizessem perguntas. Mas talvez estivessem mentindo.

Ele olhou para a câmera no canto. Ele sabia o que era uma câmera. A mulher ruiva disse a ele o que procurar e ele lembrou. Lembrava-se do mundo longínquo, aquele em que viveu. *Antes.* A vida em que havia câmeras e carros, comida em latas e caixas, até mesmo garrafas de bebidas cor de laranja com pequenas bolhas que estalavam em sua língua.

Alguns dos quais ele conseguia se lembrar dos nomes, outros não. Os gostos embora... os gostos já haviam deixado sua memória.

Ele olhou para cima e uma luz vermelha na câmera piscava. Liga. Desliga. Liga. Desliga. Como o piscar lento de uma coruja de olhos vermelhos. Eles estavam olhando para ele. Tirando fotos. *Por quê?*

Se não tivessem armas, ele poderia lutar contra todos eles. Ele era maior, mais forte que os dois homens, aquele que o trouxe até aqui no carro e o outro que lhe fez perguntas e depois o colocou na gaiola.

Aquele homem estava na sala ao lado, ele podia sentir o cheiro dele, seu cheiro estranho e familiar. Apenas como pinheiros... demais. Muito... *tudo.* O cheiro fez Lucas imaginar pinheiros tão altos quanto o céu e tão largos quanto

uma montanha. Verde ofuscante com pinhas enormes como pedras. Lucas não sabia o que pensar sobre isso. Seu cheiro era apenas demais.

Mas de repente, por baixo disso, havia outra coisa... Ele inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos e tentando captar o cheiro por baixo de todos os outros. Era fraco, muito fraco, mas ele pegou e segurou. Um campo de flores silvestres distante depois de uma tempestade. Puro. Terroso.

Uma mulher.

O cheiro dela... o acalmou.

Confundiu.

Seu cheiro fez os sussurros se agitarem por dentro. Eles não eram sussurros, essa era a palavra errada, mas a única que ele sabia usar. Os sentimentos que sentia quando tudo desapareceu, exceto por seus instintos. Eles estavam sempre quietos, mas às vezes ele os entendia e às vezes não.

Ele respirou fundo. O cheiro dela era novo e antigo, algo que não era conhecido e já fazia parte dele. Lá no fundo. Profundamente. Algo ficou vivo como uma faísca, se erguendo para cumprimentar seu par, um canto em seu sangue que era como o vento que aparecia em uma manhã fria de inverno dizendo à floresta que a primavera estava próxima.

Assustado, ele abriu os olhos, deixando a sensação se acalmar, até que sua respiração acalmou novamente.

Agora havia outro homem na sala ao lado da cela em que Lucas estava. Lucas podia sentir o cheiro dele através da coisa no alto da parede que soprava ar. Quente. Frio, ele pensou. Ambos. Qual era o nome daquela coisa? Ele não

conseguia lembrar. Mas os aromas dos homens eram mais fortes do que o cheiro mais leve da mulher e ele perdeu o controle sobre ela. Ela desapareceu.

Depois de um tempo, ele sentiu o cheiro do homem se aproximando e não ficou surpreso quando ele apareceu, usando uma chave na porta com barras e abrindo-a, entrando na cela com um sorriso.

— Obrigado por me esperar, — o homem disse. Ele tinha o cabelo da cor das grandes pedras que ficavam na beira do rio, cinza claro e prata escura, todo salpicado. — Se você me seguir, podemos conversar.

Lucas seguiu o homem, virando a cabeça para ver a mulher. Mas a porta da sala em que ela estava dentro estava fechada. O homem trouxe Lucas para outra sala com uma mesa e duas cadeiras. — Por favor, sente-se, — o homem disse, e quando Lucas sentou, o homem sentou-se também. — Meu nome é Mark Gallagher. Sou agente do Departamento de Justiça de Montana. — Ele sorriu de novo. *Seus olhos são legais,* Lucas pensou. Mas ele não confiava em si mesmo para ver a gentileza. Ou maldade. Lucas sabia bem que as pessoas mentiam e fingiam. — Eu sei que você foi preso e que o xerife já lhe fez algumas perguntas, mas tenho mais algumas se você não se importar.

Lucas balançou a cabeça devagar, sem querer responder a perguntas, mas entendendo que não estavam perguntando, estavam dizendo.

— Bom. Você vai me dizer de novo como conheceu a vítima, Isaac Driscoll?

— Ele trocava as coisas comigo. Coisas que precisava, mas não conseguia.

— OK. E por que você não conseguia as coisas que precisava?

Ele não disse ao homem por quê. Ele não tinha certeza se deveria. Não sabia em quem confiar e em quem não confiar. Ainda não. — Eu não queria sair da floresta. Eu queria ficar lá. E eu... não tinha carro.

— Entendo. Tudo bem. — Mas ele podia dizer pelo rosto do homem que ele não entendia. Ele sabia que Lucas estava mentindo?

— Há mais alguma coisa que você possa me contar sobre o seu relacionamento? Alguma coisa que você sabia sobre ele que deveríamos saber?

— Não. — Ele tentou não imaginar o sangue quando respondeu, a poça que tinha crescido sem parar se movendo pelo chão.

— OK. E você mora em uma casa na propriedade de Isaac Driscoll?

— Sim.

— E você trocava coisas com ele em troca de aluguel?

Aluguel? Lucas não tinha certeza do que isso significava, mas ele sabia que o homem, o agente, esperava que fosse verdade, então ele respondeu: — Sim.

— Então, em essência, você dependia de Isaac Driscoll para obter coisas que não estavam disponíveis para você?

Havia muitas palavras naquela frase que ele não entendia, mas ele assentiu mesmo assim. — Sim.

— Você gostava de Isaac Driscoll?

— Eu não sei. Só trocava as coisas com ele.

O agente esperou por um segundo antes de falar. — OK. Já viu alguém incomum em sua área da floresta, por assim dizer, recentemente?

Não conte a ninguém sobre mim.

— Não.

— Ok. — Ele deu a Lucas um longo olhar e Lucas olhou de volta. — Você já esteve na cidade antes, Lucas?

— Não. — Isso foi quase a verdade. Ele esteve na cidade uma vez, mas apenas deu alguns passos. Ele não queria contar ao agente sobre isso. Seus músculos ainda ficavam doloridos e apertados quando pensava sobre isso.

— Como você foi a morar lá fora?

— Eu... meus... pais não podiam cuidar de mim. Driscoll me deixou ficar em sua terra.

O agente olhou para ele, mas seu rosto não disse nada. — Então, você está morando lá há quanto tempo?

— Quinze invernos. — *Tantos. Muito frio. Tanta fome. Tanta solidão.*

O agente estava olhando para ele daquele jeito curioso. Lucas não sabia o que ele estava pensando. — Sozinho? Todos eles?

— Sim.

O agente ficou quieto por um minuto. Ele assentiu. — Tudo bem, Lucas, obrigado pelo seu tempo. Entraremos em contato para conversar com você se tivermos mais perguntas.

E, claro, para devolver sua propriedade assim que ela for analisada.

Lucas não tinha ideia do que eles estavam analisando, mas assentiu. *Eu quero ir para casa.* Mas mesmo quando pensou, seu coração disparou. Porque a floresta não era mais o lugar que fazia sentido. Tudo estava diferente agora.

Capítulo 7

O agente Gallagher abriu a porta e sorriu. — Estou pronto para ir se você estiver.

Ela assentiu com a cabeça, levantando-se da cadeira onde estava enquanto resistia a ligar o monitor novamente, e seguiu o agente para fora da sala. Ela parou quando viu o homem, Lucas, sendo levado para fora da cela por Dwayne. — Desculpe pelo assédio, — Dwayne estava dizendo. — Obrigado por responder nossas perguntas. Você está livre.

Dwayne se virou e Lucas o seguiu, tirando uma revista do suporte na parede do lado de fora da porta do banheiro enquanto passavam, e rapidamente a colocou sob o casaco. Harper piscou. Ele havia acabado de *roubar* uma revista pelas costas do xerife?

Dwayne deu um passo para o lado e Lucas olhou para cima e encontrou os olhos de Harper. Por um segundo paralisante, seus olhares se encontraram e Harper se sentiu presa em seu olhar. Encantada. Ela queria sacudir a cabeça com espanto ao vê-lo em carne e osso. Como se ele pudesse ter existido apenas dentro da tela na sala que ela tinha acabado de sair, e a realidade de sua presença tridimensional na frente dela era quase... chocante.

E Deus, o jeito que ele estava olhando para *ela*, a animosidade que tinha visto quando ele olhou para a câmera, substituída apenas por... profunda curiosidade e essa mesma

inteligência aguçada. Ela nunca se sentiu tão completamente capturada no olhar de alguém. Ela engoliu em seco. Ele era *grande.* Maior do que aparentava na pequena tela. Pelo menos um metro e noventa e musculoso. Completamente avassalador.

— Harper vai me dar uma carona para a casa de Driscoll, — o agente Gallagher disse enquanto Dwayne se aproximava deles, Lucas o seguia. As palavras do agente, felizmente, tiraram-na do transe antes que os homens mais velhos notassem.

Dwayne parecia satisfeito, dando um sorriso a Harper. — Excelente. Que bom que deu certo.

Lucas parou alguns passos atrás de Dwayne, seu olhar não deixando Harper. Ele olhou, seus olhos se movendo sobre ela como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Ela olhou de volta, e depois de um instante, Lucas desviou o olhar, seu olhar percorrendo a sala, parando rapidamente sobre isso ou aquilo, e depois se movendo para outra coisa. Ele estava catalogando como se tivesse acabado de pousar em algum planeta alienígena. Ou saído de uma máquina do tempo. *Talvez ele tenha.* Talvez ele tenha vindo recentemente do período cretáceo e estivesse experimentando a civilização pela primeira vez. Então, novamente, a Levi's que estava usando era uma espécie de refutação daquela teoria.

— Eu vou para casa agora — Lucas murmurou, e mesmo naquele tom baixo, sua voz era surpreendentemente suave e esperançosa. Ele olhou para Harper novamente, e ela viu que seus olhos eram azuis e um tom dourado ao redor da

íris. *Olhos do pôr do sol,* ela pensou. Eles eram especialmente extraordinários nas linhas duras de seu rosto.

Virou-se para a porta e o agente Gallagher deu um passo à frente, detendo-o. — O policial Brighton lhe dará uma carona. É uma longa caminhada e nós o incomodamos.

Lucas olhou pela janela, onde grandes flocos de neve passavam pelo vidro, o sol já estava baixo no céu. Ele parou por um segundo e depois disse simplesmente: — Obrigado. — Ele olhou para Harper novamente, e ela mudou de um pé para o outro.

Por um momento, ela se perguntou se eles pediriam para ela levar Lucas para casa também, já que ele morava perto de Driscoll. Talvez os homens estivessem sendo cautelosos com a segurança dela, ou talvez eles tivessem outro motivo relacionado ao protocolo que pedia que Paul o transportasse. *Seja* qual *for* o motivo, ela se sentiu um pouco aliviada e ligeiramente... desapontada. — Harper Ward, — ela disse, estendendo a mão.

— Harper Ward, — Lucas repetiu, seu olhar fixo no rosto dela. Ele baixou os olhos, olhando para a palma da mão dela por um momento antes de levantar a própria mão e envolvê-la na dela. Sua mão era grande, quente e calejada, e a sensação a fez prender a respiração, parte emoção, parte medo. Ele era todo homem, cada pedaço dele, e nunca em sua vida ela sentiu a presença de outra pessoa tão intensamente. Nunca tinha sido encarada com tanta *intensidade*. Isso a inquietou, a intrigou.

Principalmente a perturbou.

Talvez.

O policial Brighton apareceu da frente da delegacia, olhando para Lucas. — Tudo pronto? — Ele perguntou. Mas ele parecia como se não tivesse certeza. Lucas assentiu e todos saíram juntos da delegacia, uma explosão de neve gelada atingindo-os no rosto, fazendo o agente Gallagher recuar e levantar o capuz. — Que droga, está frio.

— Bem-vindo ao inverno em Montana.

O agente Gallagher deu a Harper um sorriso pesaroso, apertando os olhos contra a rajada. — Isso são boas-vindas ou um aviso?

Apesar da consciência de Lucas se arrastando ao lado dela, ela conseguiu dar uma risada. — Talvez um pouco dos dois.

Harper olhou para Lucas e viu que ele estava olhando em volta, seu olhar movendo-se do gramado e da loja de jardinagem do outro lado da rua, fechado para a estação, à distância onde algumas casas podiam ser vistas entre as árvores secas, fumaça saindo lentamente das chaminés. Ele olhou em sua direção e, por um momento fugaz, ela jurou que viu a dor no rosto dele. *Mas por quê?* Ela não pensou mais nisso, concentrando-se em suas botas atravessando a neve no estacionamento. Ela teve que parar de tentar ler aquele homem. Ele deixava sua mente girando.

E ele podia ser perigoso.

Até o policial Brighton estava olhando para ele com suspeita, como se tivesse sido designado para transportar um animal selvagem. Mas o quê? Lucas deveria andar

quilômetros até sua casa em uma tempestade de neve só porque teve o azar de andar na frente do veículo de um xerife e conhecia a vítima do assassinato? Ok, havia o arco e flecha também, mas eles eram *diferentes*, e não era razoável pensar que, se uma pessoa caçasse dessa maneira, outros também o faziam?

Ela não sabia por que estava tentando justificar qualquer coisa em seu nome.

Chegaram a sua caminhonete ao lado do SUV do policial Brighton, as palavras *Departamento do xerife de Helena Springs estavam* impressas na lateral e Harper virou ao mesmo tempo em que Lucas.

Como alguns minutos antes na delegacia, os olhos de Lucas se encontraram com os de Harper. — Adeus. — O casaco de Lucas se abriu levemente ao vento, e Harper notou uma camisa escura por baixo que parecia ser algodão comum. Uma camiseta? Algo que Driscoll lhe deu por alguns peixes, ou quem diabos sabia o que mais? O que ele teve que negociar para ficar na propriedade de Driscoll? Um arrepio desceu pela espinha dela.

— Adeus, — ela murmurou.

Quando ele se virou para se afastar, alguma coisa ao redor do pescoço de Lucas caiu para frente sobre o material escuro de sua camisa, levando o olhar de Harper para ele. Um medalhão de prata redondo em um cordão de couro. Joias estranhas para um homem. Algo sobre isso... algo sobre isso... Harper percebeu que estava prendendo a respiração enquanto se inclinava para frente, a mão começando a se

estender inconscientemente para pegar o medalhão em seus dedos, dar uma olhada melhor nele.

Lucas se virou e abriu a porta de trás do veículo do policial, fechando-a entre eles. Seus olhos se encontraram pela última vez através do vidro, e então o SUV se afastou, desaparecendo na neve que caía.

Capítulo 8

Uma explosão de luz. Jak se encolheu, procurando a escuridão. Ele flutuou por um minuto, dois, mas o frio estava picando sua pele. Machucando. Sim, ele estava dolorido, frio... mas não tão frio quanto estava... antes. Ele cheirou a terra... sujeira e folhas e algo que ele não podia nomear. Cheirava a urina e ele se perguntou se tinha se molhado.

Seus pensamentos caíram, sua mente tentando buscar uma lembrança... Algo se mexeu contra o pé e ele puxou o joelho contra o peito, choramingando. Ele sentiu outro movimento perto de seu ombro e seus olhos se abriram. Memórias do homem e do penhasco e... e... ele não conseguia se lembrar mais do que isso, mas isso o fez se mover, abrindo caminho em direção ao círculo de luz acima dele. Ele saiu do buraco em que estivera, rolando para o chão congelado, um grito de medo e confusão explodindo em seus lábios rachados.

Ele colocou o braço sobre os olhos, esperando que parassem de piscar, e então baixou devagar. Madeiras e neve. *Brilho do sol.* O som de água pingando ao redor dele. No começo, ele pensou que era chuva, mas não, era neve derretendo. Ele fechou os olhos e abriu a boca, o doce sabor da água fresca pingando dos galhos sem folhas da árvore acima e pegando sua língua. *Alívio. Alívio.*

Olhando para baixo, ele viu que seu corpo estava preto e azul com hematomas, e ele estava apenas vestindo sua

cueca. Em algum lugar no fundo de sua mente, ele se lembrou de tirar as roupas molhadas. Ele estava com calor. Muito quente e depois... ele caiu. Ele olhou rapidamente para trás e viu que o lugar do qual ele havia escalado era uma toca. Havia coisas se movendo ao seu redor, em cima dele, choramingando e *quente.* Em um fôlego, Jak ficou de joelhos e espiou de volta para dentro de onde seu corpo quase nu havia permanecido na noite escura e profunda. Havia seis filhotes de lobo, quatro dormindo, dois olhando para ele. Ele piscou e eles piscaram de volta.

Ele viu o contorno de onde seu corpo estava enrolado ao lado dos filhotes. Ele tinha caído na sua toca e eles o mantiveram aquecido quando teria congelado até a morte. — Oi — ele resmungou, com lágrimas nos olhos. Ele estava com medo, machucado e ainda com frio. Tremendo. Ele estava apenas de cueca, com os pés descalços na neve, mas, de repente, ele não se sentiu tão sozinho, e o sentimento de agradecimento bloqueou sua garganta.

Os dois filhotes que estavam acordados ainda estavam olhando para ele, e quando se abaixou devagar, cuidadosamente, para acariciar um deles, ele recuou de medo. Jak viu que as costelas deles estavam aparecendo e seu coração apertou com força.

Eles estavam morrendo de fome. Eles foram abandonados pela mãe deles.

Como eu.

Mas eles não tinham Baka para cuidar deles.

Ele entrou na toca, tocando uma das cabeças do filhote suavemente e acariciando-o enquanto sussurrava as palavras que sua baka havia dito quando tinha dificuldade em dormir.
— Está tudo bem. Você ficará bem. Você sobreviverá. Você é um menino forte.

Quando ele estendeu a mão para esfregar uma das barrigas dos filhotes, ele se afastou rapidamente. O filhote estava frio sob o seu toque. Os outros quatro filhotes não estavam dormindo. Eles morreram. Para ter certeza, Jak os tocou um por um, todos eles frios, embora não gelados. Ainda não. Não como o gato de rua que ele encontrou morto no prédio atrás do apartamento de sua baka antes de gritar para ela vir ajudá-lo.

Ela veio correndo, mas não teve jeito para o gato. Foi para o céu dos gatos, ela disse, e não voltaria. Assim como esses filhotes. Mas esses filhotes eram diferentes. Eles salvaram a vida dele antes que eles perdessem as suas.

— Obrigado — ele engasgou, tocando as cabeças de cada pequeno lobo.

Seus pés estavam começando a formigar com o frio e ele se levantou, sacudindo a neve e se virando para a floresta onde a luz do sol iluminava os espaços entre as altas árvores verdes. Ele viu um pedaço de pano cinza e caminhou até ele, seus membros queimando com dor, especialmente seus braços. Mas, além disso, ele parecia estar bem. Não quebrou ossos, pensou. Ele pisou nas pedras e em alguns pontos de grama onde alguma neve derreteu até que chegou ao pedaço de pano.

Sua camiseta. E estava na grama em um círculo de luz do sol, estava apenas um pouco molhada. Tremendo, ele pegou sua calça jeans e seu casaco, ambos próximos, seu casaco pendurado sobre uma rocha como se tivesse sido colocado lá para secar. Ele colocou o casaco rapidamente, suspirando no calor que o abraçava. Seu jeans estava um pouco molhado também, mas ele o colocou mesmo assim e enfiou a parte de baixo de seu moletom no bolso. Ele encontraria um lugar com sol para pôr isso e sua calça até que estivessem todos secos. Ele teve que procurar alguns minutos a mais por suas botas, mas ele finalmente as encontrou também, ambas molhadas, mas ele teria que usá-las por enquanto.

Jak tinha ido dormir com seu pijama azul. Ele se perguntava quem o vestiu com roupas quentes. Quem sabia que ele estaria no frio e na neve?

Ficou parado por alguns minutos, com o rosto voltado para o sol enquanto aquecia sua pele. Ele imaginou os filhotes, dois deles ainda vivos na toca enquanto esperavam por sua mãe, que deve ter morrido.

Ele ficou imóvel. Ele não sabia nada sobre lobos, mas havia lido um livro sobre cães uma vez, embora não pudesse dizer isso a ninguém. Sua baka o fez prometer que nunca falaria sobre a leitura ou os livros, ou os números, ou nada disso. Tinha que ser um segredo, ela disse. Ele nunca deveria contar a ninguém ou coisas muito ruins aconteceriam.

Ele não podia deixar os dois filhotes de lobo vivos sozinhos lá fora. Sua baka enviaria alguém por ele em breve.

Ela saberia por onde começar a procurá-lo? Ele não sabia como chegou àquele lugar desconhecido. Não sabia quem era o homem mau que lhe disse que poderia ser a noite em que ele morreria. O homem, que era a razão pela qual os outros garotos terem caído do penhasco. Sim, o gelo quebrou, fez a neve deslizar, mas eles não estariam lá se não fosse pelo homem. Mas ele não queria pensar nisso agora porque isso o fez querer chorar, e ele sabia que não era hora de chorar. Ele tinha que ser corajoso. Por si mesmo e agora por aqueles dois pequenos lobos que estavam sozinhos, exceto por ele.

Ele voltou para o lugar e pegou os dois lobos, verificando se os outros estavam mortos. Eles estavam ainda mais frios agora, e seus corpos pareciam meio rígidos. Ele sabia que eles tinham ido para o céu dos lobos.

Ele pegou os dois lobos vivos, as costelas afiadas nas mãos, e os carregou para fora da floresta e para a luz brilhante de um campo aberto. — Está tudo bem. Vocês são garotos fortes — sussurrou para os dois, embora não soubesse se eram meninos ou meninas. Quando ele se sentou em uma pedra ao sol para aquecê-los, percebeu que um dos filhotes havia morrido como seus irmãos e irmãs e soltou um suspiro, segurando um soluço e colocando o corpo do lobo na grama perto de onde eles se sentaram.

Todo mundo estava morrendo. O garoto com o corpo torcido estava morto. O que ele empurrou para cima da elevação provavelmente estava morto, assim como o garoto loiro, que deve estar enterrado sob a neve. Morto. Agora, cinco filhotes de lobo tinham morrido e o último

provavelmente morreria em breve, seu corpo ficaria frio e duro. Em seguida, Jak morreria.

O lobo magro olhou para ele, os olhos cansados e tristes como se ele pudesse ouvir os pensamentos de Jak. — Eu acho que é impossível — ele sussurrou para o lobo.

O lobo olhou para ele, sua pequena língua rosa se lançando para lamber a mão de Jak. Ele estava com fome, assim como Jak. Ambos precisavam comer, o lobo mais do que Jak, ele sabia. *Mas como eu mantenho você vivo? Com que te alimento?*

Jak se abaixou e pegou um pouco de água de uma poça no chão onde alguma neve havia derretido. Ele segurou-a na boca do lobo e o lobo mostrou a língua, lambendo a água como se não tivesse bebido nada há muito tempo, seus olhos não deixando o rosto de Jak.

— Isso é melhor, certo? — Jak perguntou. Ele continuou alimentando o lobo com água até que ele parecia satisfeito.

Os dois ficaram ali por muito tempo, as roupas de Jak secando, sua dor melhorando, e o pelo do lobo ficando quente sob o sol amarelo pálido do inverno. Havia uma teia de aranha esticada entre duas plantas mortas saindo da neve. Brilhava, movendo-se lentamente na brisa fria. Lembrou-o da renda de sua baka. Seu peito doía.

Ele acariciou o pequeno lobo. — Eu vou chamá-lo de Pup — Jak sussurrou, com medo de que cada vez que ele estendesse a mão para tocá-lo, ele iria encontrá-lo frio também. Rígido. Ido para o céu, um lugar de onde ninguém nunca voltou, mesmo que quisesse.

E então Jak estaria sozinho novamente. Perdido e sozinho.

De repente, ao longe, um helicóptero atravessou o céu. Jak respirou fundo, pondo-se de pé e agitando os braços no ar. — Aqui! — Ele chamou. — Estou aqui! — Ele pulou para cima e para baixo, gritando, correndo de um lado para o outro, até que sua voz se foi e seus músculos estavam gritando de novo. O helicóptero circulou e circulou, mas estava muito longe para vê-lo. Depois do que pareceram horas, virou-se e desapareceu de vista.

Jak pegou uma pedra e jogou-a no céu vazio, gritando, sua voz nada mais do que um som quebrado. Ele voltou para a rocha onde estava sentado quando viu o helicóptero e sentou-se nela. Pup olhou para ele com sono e depois abaixou a cabeça mais uma vez, fechando os olhos. Os helicópteros estavam procurando por Jak? Teria sua baka os enviado para encontrá-lo no meio desta região selvagem? Eles estariam de volta então. Eles *teriam* que voltar.

O céu ficou laranja, depois púrpura e depois o sol se escondeu atrás de uma montanha. Jak estava tão cansado. Sua fome aumentou, e ele não sabia o que fazer. A noite ficou mais fria e Jak começou a tremer. Ele percebeu que precisava encontrar um lugar para Pup e ele dormirem onde pudessem se aquecer.

E se ninguém o encontrasse pela manhã, se os helicópteros *não* voltassem, ele teria que tentar encontrar algo para eles comerem. Pup soltou um pequeno gemido e se

enrolou na coxa de Jak como se concordasse com o pensamento.

— Eu não vou te decepcionar, Pup, — Jak disse, e se sentiu bem. Mas se sentiu mal por não ter ideia de como começar ou o que fazer. Jak pôs as mãos nos bolsos, abaixando a cabeça contra o ar frio quase noturno e sobressaltando-se quando tocou algo sólido e liso em seu bolso.

A coisa que o menino de cabelos escuros tinha passado para ele antes que eles caíssem.

Puxou do bolso e olhou. Era brilhante e ele passou o polegar por cima.

Um canivete.

O coração de Jak pulou. *Viva!* Ele disse ao outro garoto, e talvez... talvez fosse esse o jeito de outro garoto dizer a Jak para fazer o mesmo.

Capítulo 9

A cabana era pequena, escura e meio surrada, com piso de tábuas de madeira suja e alguns móveis gastos e que não combinavam. Definitivamente não era o refúgio rústico que Mark imaginou quando soube que Isaac Driscoll havia se aposentado precocemente e se mudado para lá logo depois. Mark acendeu o interruptor de luz do teto e, em seguida, parou logo depois na porta e deu uma olhada no quarto antes de entrar, Harper entrando atrás dele.

Ela puxou a jaqueta em torno de si e se moveu para a direita da porta enquanto colocava as mãos nos bolsos. — Está tudo bem eu estar aqui? — Ela perguntou, sua respiração emergindo como vapor branco na sala gelada. — Eu poderia esperar na caminhonete...

— Tudo bem. Os técnicos da cena do crime já concluíram seu trabalho. E eu posso ter uma pergunta ou duas. — Ele sorriu de volta para ela. — Isso não é exatamente o que estou acostumado, com a localização. Você pode ver algo que não vejo. Se algum item ou outro parecer estranho ou fora de lugar, não hesite em mencioná-lo. — Ele caminhou até a mesa ao lado da área da cozinha, na verdade, apenas um balcão e pia com um fogão de duas bocas e uma geladeira pequena. Assim como na primeira cena do crime, havia impressões digitais em todos os lugares.

— Ouvi dizer que você é da Califórnia.

— Nascido e criado — Mark respondeu.

— O que te trouxe para Montana?

— Só procurando por uma mudança. A irmã da minha esposa mora em Butte e quando vi a inauguração no Departamento de Justiça de Montana, me candidatei. — Ele olhou para ela e ela estava olhando para ele com um olhar cético no rosto que lhe dizia que sabia que ele estava deixando algo de fora. Ele quase sorriu do jeito que era tão óbvio quando seus pensamentos giravam. Ele só a conhecia há uma hora, mas já sabia que ela questionava muito e não sabia se era percepção ou o cérebro dela correndo solto. Eles poderiam se dar bem. Essa curiosidade revelou-se uma boa qualidade para ele, tanto quanto o trabalho que ele fazia. Ele esperava que ela descobrisse onde aplicar isso também, em vez de permitir que isso a enlouquecesse. Ela era jovem. Muito jovem. Ela tinha tempo.

Por outro lado, a filha dele também era jovem e não teve tempo suficiente. Ele desligou esses pensamentos, pegou um caderno em cima de uma pequena pilha de outros cadernos de várias cores sobre a mesa e folheou. Parecia ser um diário de campo de algum tipo, com observações sobre gambás e... ele virou a página... veado... lobos. Diferentes seções foram rotuladas com títulos dos capítulos, como se estivesse esboçando um livro. Mark folheou o resto do caderno rapidamente e depois verificou brevemente dentro dos outros. Por que Isaac Driscoll tinha interesse especial naqueles três animais específicos e em nenhum outro?

Ele deu outra olhada na cabana. Era *essa* a razão pela qual o cara estava aqui fora? Para escrever um livro sobre

natureza? — Harper, você é uma especialista em vida selvagem — ele disse, e ela abriu a boca como se discordasse da declaração, mas ele continuou antes que ela pudesse dizer algo. — Se você fosse observar animais e dissesse: escreva um livro sobre o comportamento deles, você gostaria de viver entre eles?

Harper franziu a testa. — Quero dizer... sim talvez. Mas não consigo pensar em nenhum animal que já não tenha sido altamente observado em seu habitat natural, especialmente por aqui... cem livros escritos, etc. Não seria material novo.

— Isso é o que eu estava pensando também — ele murmurou, colocando os cadernos em uma bolsa de provas de papel dobrada que tirou do bolso. Os técnicos não os consideraram importantes, mas algo dizia a Mark que ele poderia querer examiná-los mais tarde.

— A menos que — ela disse, entrando na sala, — o animal ou os animais estivessem sendo observados em circunstâncias muito específicas que eram diferentes de alguma forma. — Ela puxou o lábio inferior entre os dentes, pensando por um momento. — Como se os dados sendo registrados fossem sobre como um animal reagiria a algo que não havia sido exposto anteriormente? Como o que fazem nos laboratórios.

— Sim. Isaac Driscoll era um pesquisador com doutorado na Rayform Laboratories. Ele se aposentou há dezesseis anos e se mudou para cá. Ele deixou o laboratório pela vida selvagem. — Apesar de não ser o tipo de laboratório que estudava animais do que Mark reuniu.

Harper sacudiu a cabeça. — Eu não sei o que fazer com isso. A menos que ele estivesse apenas observando animais para seu próprio interesse.

Poderia ser. A verdadeira questão era, por que morar sozinho na natureza observando gambás o mataria? E de uma forma tão violenta? Ele precisava ver o local onde Driscoll havia sido morto. — Eu já volto — disse a Harper, e ela assentiu enquanto ele caminhava em direção ao quarto onde ocorreu o assassinato.

Os técnicos pegaram um pouco do sangue de Isaac Driscoll para ser analisado, mas a maioria ainda estava lá na parede e no chão, uma grande poça escura e congelada.

Ele se perguntou se a vítima tinha um parente mais próximo, ele ainda estava esperando por essa informação, e se tivesse, se eles iriam querer mesmo esta cabana sombria no meio do nada onde seu parente tinha sido morto. Eles queriam a propriedade? E se assim for, o que aconteceria com Lucas sem sobrenome? Ele suspirou, olhando para a mancha grande e escura. O que diabos aconteceu aqui?

Não tinha sido uma morte rápida, mais uma vez, a flecha havia sido disparada com força suficiente para prender a vítima na parede, de modo que ele ficou indefeso. Seu sangue havia drenado de seu corpo. Igual à desconhecida na cidade, embora esta flechada tenha atingido a vítima no peito, e ele permaneceu consciente por tempo suficiente para alcançar seu telefone e discar 911. Talvez estivesse no bolso dele? Acessível o suficiente para que pudesse alcançá-lo mesmo nos espasmos da morte.

Houve malícia em ambos os casos, até ódio. Nenhum deles foi um crime aleatório, embora as flechas encontradas em cada corpo fossem ligeiramente diferentes na aparência. Se isso significava que havia dois assassinos, ou se um assassino singular simplesmente usou setas diferentes, ele não sabia. Os crimes eram muito semelhantes para não estarem relacionados. Mas como? Por quê? Essa era a coisa mais importante para descobrir realmente. Descubra *por que* e ele descobriria *quem.*

E quem quer que tenha atirado nas vítimas certamente sabia o que fazer com um arco e flecha. Ele checaria novamente com uma autoridade sobre a arma, mas a partir de seu próprio palpite, ambos eram tiros mortais, executados com perícia e rapidez. *Fortemente.* Quão forte alguém teria que ser para atravessar um corpo humano? Ele teria que verificar isso. O que sabia era que nenhuma das vítimas tinha sido abatida por um novato.

Mark deu uma última olhada ao redor do quarto escassamente mobiliado: uma cama, agora despojada de roupa de cama e uma cômoda. Pendurado acima da cômoda estava a única obra de arte que Mark tinha visto na casa. Ele se aproximou, estudando. Era uma representação de uma batalha tradicional. Homens com escudos e flechas estavam de frente para outro grupo com o mesmo armamento em uma grande divisão. Ele não era um grande fã de história, e não reconhecia os uniformes, se isso pudesse ser chamado assim, muitos soldados sem camisa e vestindo o que pareciam ser culotes tipo calça. Era uma batalha romana histórica? Mark

tirou uma foto dele com o celular para poder procurar mais tarde.

Abriu a gaveta de cima e encontrou-a cheia de caixas de fósforos, alinhadas em duas fileiras. O resto das gavetas continha alguns itens de vestuário aleatórios, dobrados ao acaso. Mark fechou as gavetas, saiu do quarto e voltou para onde Harper esperava por ele.

O resto da informação que ele precisava viria do laboratório criminal. Ele esperava que houvesse algo para trabalhar, um direcionamento de algum tipo. Ele sabia que o departamento havia lhe dado este caso porque ninguém mais desejava viajar pela floresta gelada no meio do inverno. E ele também não, mas faria o melhor para trabalhar bem nesse caso. Para se estabelecer nesse trabalho, e essa nova vida que ele e Laurie estavam tentando aceitar. *Principalmente separadamente.*

Harper estava de pé junto à porta onde ela estava pela primeira vez, com as mãos nos bolsos de novo, como se estivesse pronta para sair o mais rápido possível. Ele não a culpava. Havia algo... deprimente sobre este lugar. E não apenas porque um assassinato havia sido cometido aqui, embora isso aumentasse o fator desanimador em qualquer lugar. Não, o lugar todo parecia opressivo e escuro. Ele tinha vontade de abrir a porta e fugir, o que dizia algo, já que do *lado de fora* havia uma caixa de gelo virtual.

— Pronto? — Ela perguntou.

— Sim. Eu quero te perguntar sobre algo que foi encontrado aqui, mas posso fazer isso no carro. O laboratório

criminal deveria mandar-me o e-mail depois que isso fosse analisado, por isso terei de me certificar de que está lá primeiro.

Ela parecia ainda mais ansiosa para sair da cabana sombria, dando dois passos rápidos para a porta e abrindo-a com talvez mais força do que o necessário. Ela bateu contra o lado da varanda, e olhou para trás com um olhar tímido no rosto, mas não diminuiu a velocidade para descer os dois degraus frágeis. Mark fechou a porta atrás deles e respirou fundo. O ar frio enchia seus pulmões e era bom, purificador. *Vital.*

Enquanto caminhavam até a caminhonete, Harper olhou para os três picos das montanhas ao sul e depois para ele. — Agente Gallagher, o que você acha do Lucas? Vivendo aqui sozinho na propriedade de Driscoll? Negociando com ele? É estranho, certo?

Mark assentiu. Ele planejava ser o único a falar com Lucas se surgisse alguma evidência que o envolvesse, e mesmo que isso não acontecesse, ele faria questão de devolver o arco e flecha e conhecer melhor o homem. — Vou analisar a situação dele. Estou confuso com isso também. — Ele não tinha sido muito prestativo na delegacia, e se isso era porque estava escondendo algo ou que ele simplesmente não tinha as respostas para muitas das perguntas que ele e Dwayne haviam feito, Mark não sabia. Inferno, Lucas nem parecia estar certo sobre quantos anos ele tinha ou sua idade, quando veio morar na propriedade de Driscoll. Quinze invernos, ele disse, o olhar em seus olhos tão sombrio que

Mark se encolheu por dentro. E demorou muito tempo desde que alguém disse algo que o fez se encolher. Se Mark tivesse que adivinhar, diria que o homem tinha mais ou menos a idade de Harper, jovem, 20 e poucos anos, provavelmente, e muito cauteloso, embora obviamente também endurecido. Mark olhou para a paisagem gelada, o terreno montanhoso bloqueando o último sol poente. *Você teria que ser duro para viver aqui.* E talvez, duro, nem sequer seria o suficiente para isso.

Ele se perguntou como Lucas levou em consideração essa coisa toda, ou se ele levou afinal. Ele fez parecer que seu relacionamento com Driscoll era extremamente limitado, e que só o via algumas vezes por ano, ou menos. O homem calmo e vigilante era difícil de ler, mas Mark sentiu que estava escondendo alguma coisa.

Harper parecia perturbada quando ligou a caminhonete e aumentou o calor. As rajadas de neve tinham diminuído, mas ainda estava abaixo do ponto de congelamento, de acordo com o medidor de temperatura que estava pendurado na casa ao lado do que tinha sido a porta de Isaac Driscoll. Por que diabos alguém iria querer viver aqui? Esse tipo de frio era miserável. Forte e doloroso.

Mark bateu no telefone, aliviado ao ver que tinha serviço. Ele pegou seu e-mail e ficou feliz que a mensagem que estava esperando estivesse em sua caixa de entrada. Ele clicou no PDF em anexo e um escaneamento do mapa que havia na mesa de cabeceira de Isaac Driscoll encheu a pequena tela. Ele entregou a Harper, e ela olhou para isso por

um minuto antes de olhar para Mark interrogativamente. — É um mapa?

— Parece ser. Só não sei do que é. E o que estas... — ele usou o dedo indicador para apontar para duas caixas vermelhas contendo X e uma caixa preta vazia — podem indicar alguma coisa.

Harper girou o telefone para que ficasse na horizontal, ampliando a imagem e aproximando os Xs e depois recuando de novo. Ela estudou por mais alguns minutos, a testa franzida em concentração. — Esta linha sinuosa pode indicar água? Há um rio nessa direção. — Ela apontou para trás da cabana de Driscoll. — Ou talvez seja uma trilha? — Ela encolheu os ombros. — Mas há cem trilhas nesta floresta. Não há realmente nada aqui que fala de qualquer ponto de referência que eu reconheça.

— Eu imaginei. E quando a neve derreter?

Ela pensou sobre isso. — Se usássemos a casa dele como ponto de partida, poderíamos caminhar pela área, procurar algo que pudesse fornecer alguma informação sobre o que ele estava marcando. — Ela gesticulou com a cabeça na direção do telefone. — Parece velho com todos esses vincos, e a tinta se desvaneceu do jeito que está. Ele poderia estar marcando a localização da água ou algo que achou necessário quando se mudou para cá? Talvez até mesmo um local onde estivesse observando os animais que você mencionou.

Ela olhou de volta para o telefone. — Obediente? — Ela leu, a única palavra impressa na parte inferior do pedaço de papel. — O que isso significa?

— Eu não sei ainda.

Harper olhou por mais um momento e depois devolveu o telefone.

Mark colocou no bolso e Harper saiu da curva, indo para a estrada coberta de neve que eles usaram para chegar à cabana. Ela estava certa, é claro. O mapa provavelmente estava relacionado a qualquer observação animal que ele estivesse fazendo aqui nesse fim de mundo. Mas algo em seu íntimo lhe dizia que precisava localizar esses Xs descobrir exatamente por que Isaac Driscoll os considerava importantes. Olhando para a idade do pedaço de papel, parecia que ele o manteve ao lado de sua cama por muitos anos. *Mas por quê?*

Capítulo 10

A neve rangia suavemente sob as patas de Pup enquanto ele corria para Jak e largava o graveto a seus pés. Jak ajoelhou-se e pegou o graveto, passando a mão pelo grosso pelo de Pup, quente do sol do início do inverno. — Bom menino, — disse. — Mas não há tempo para brincar hoje. — Ele olhou para o céu cinzento, apertando os olhos contra o brilho por um minuto antes de olhar de volta para Pup. — Precisamos nos preparar para o inverno. — Seu peito ficou dolorido com o pensamento do que estava por vir.

Frio.

Fome.

Miséria.

Jak não esperava a neve ainda. Ele tentou acompanhar os meses que passaram, tentou lembrar a ordem em que entraram e quantos dias havia em cada um desde que os helicópteros haviam desaparecido, mas ele não sabia se estava certo. Ou isso, ou a neve chegaria no começo deste ano. Ele havia viajado para o lugar onde achava que os helicópteros estavam voando, mas levou quase oito dias para chegar lá na neve e no gelo, e uma vez que acreditou estar no lugar onde haviam voado, era difícil dizer, não havia nenhum sinal deles. Era como se ele tivesse inventado. Ele encontrou um lugar coberto e ficou naquele vale com Pup por um tempo, mas era rochoso e frio, mal tinha qualquer cobertura e não tinha comida suficiente por perto. Então, finalmente,

ele viajou de volta para o lugar que havia começado, o lugar onde havia árvores e cavernas e coelhos que saíam de suas tocas para pular na neve.

Ele ficou feliz com isso, porque os helicópteros nunca voltaram.

O medo zumbiu dentro dele, a lembrança dos dois invernos terríveis de antes, e como ele tinha certeza de que ia morrer tantas vezes. Mas ele e Pup mantiveram-se aquecidos o suficiente para permanecerem vivos, e o canivete lhes dera uma maneira de comer. Coelhos e camundongos, na maior parte dos casos, esquilos às vezes, a carne ainda quente e com sangue. Ficou mais fácil, como se fosse uma segunda pele desde aquele primeiro assassinato, o que fez com que Jak vomitasse na neve, lágrimas quentes escorrendo por suas bochechas enquanto ele engasgava. E então ele descobriu que quando ele lavava a carne no rio, o sangue atraía o peixe, e ele podia agarrá-los com as próprias mãos.

Jak achava que peixe era melhor que camundongos. Pup gostava dos dois.

O filhote caçava para eles a maior parte do tempo, agora que era grande e forte e podia sentir o cheiro de coisas que Jak não conseguia. Às vezes Pup até voltava com um cervo e, uma vez com um grande, que não sabia o nome com galhadas duas vezes mais largas do que Jak conseguia esticar os braços. Aquela carne durou por um tempo, mas então vermes e insetos começaram a engatinhar nela, então Jak a deixou para eles terminarem. Ele se perguntava se os outros três garotos que tinham ido ao penhasco tinham sido

comidos por vermes e insetos também, mas se obrigava a pensar em algo diferente.

Jak observava as frutinhas que os pássaros gostavam e as colhia para si, e comia os mesmos cogumelos selvagens que os coelhos e esquilos mastigavam. Ele imaginou que se os animais os comiam, eles também seriam seguros para ele. Quando a água estava fria, pegava um punhado de ovas de peixe laranja do rio, o sabor era rico e salgado.

Ele queria tentar encontrar o caminho para sair da floresta e voltar para casa, mas cada dia ficava cansado de alimentar sua barriga faminta e garantir que ele tivesse um lugar seguro para dormir fora do vento. E ele estava preocupado que se fosse muito longe de onde estava, sua baka nunca o encontraria.

Mas nos últimos dias, ele e Pup haviam viajado mais longe do que antes, em meio a muitas montanhas menores e através de um rio profundo que quase arrastara Pup para longe, mas ele agarrou a pele solta na parte de trás do pescoço e puxou os dois para cima e sobre o banco. Havia mais um penhasco na frente deles, e queria ficar em cima dele e ver algo além de mais árvores, vales, cordilheiras e rios selvagens rodopiando com espuma branca. Talvez visse outras pessoas, uma cidade e soubesse em qual direção ir.

Alguns flocos de neve caíram em seu rosto e ele se levantou, olhando para as calças muito curtas. Suas roupas quase não lhe serviam mais, e os dedos dos pés estavam curvados desconfortavelmente no final de suas botas rasgadas. Ele se perguntava o que faria se não encontrasse o

caminho para sair dali, ou se sua baka ainda não o tivesse encontrado enquanto ele crescia pelo caminho. Pensamentos de sua baka ainda causavam tristeza, mas quando ele tentava lembrar exatamente como ela era, seu rosto estava desaparecendo. E ele não podia ouvir sua voz em sua cabeça mais do jeito que ouvia no início, quando jurava que ela estava repreendendo-o por pensar em desistir, ou quando precisava fazer algo que ele não queria fazer, como tirar a pele de um coelho ou comer sua carne crua e quente. — Faça assim mesmo — ela teria dito. — Você é um menino forte.

Jak não conseguia se lembrar da última vez que chorou. Chorar não ajudava em nada, não tornava a sobrevivência mais fácil. Suas lágrimas congelaram em seu rosto, tornando-o ainda mais frio do que antes, deixando-o sonolento e inútil.

O filhote parou de andar ao lado dele, abaixando a cabeça e rosnando baixinho do jeito que fazia quando havia outro animal por perto. Jak parou, ouvindo o barulho dos pés pequenos ou o bater de asas, mas ele não ouviu nada. — Não há nada lá, Pup. — Mas um arrepio desceu pela espinha de Jak, e ele pensou em voltar por onde eles vieram. Conhecia a terra por trás deles, conhecia bem, conhecia todos os arbustos de frutinhas e cavernas, todas as piscinas naturais e campinas abertas. Mas isso... isso era um lugar estranho, novo e diferente, e até Pup parecia pensar que estavam no meio de um erro.

Algo se moveu na grama para a esquerda de Jak e ele se assustou, mas Pup partiu depois do que quer que fosse e Jak suspirou de alívio. *Traga-nos de volta algo bom para o almoço,*

Pup, ele pensou esperançosamente, seu estômago roncando. Ele já tinha comido todo o bolso cheio de frutas que ele trouxe com eles e seu corpo estava dizendo a ele, em voz alta, que queria mais.

Ele *sempre* queria mais.

Havia um pequeno pedaço de árvores na frente dele, a luz se espalhando do outro lado, e ele esperava que houvesse um espaço aberto que tivesse sol suficiente para que pudesse se aquecer por alguns minutos enquanto esperava por Pup.

Mas quando entrou no meio do mato, ficou de boca aberta.

Uma casa? Uma casa!

E havia fumaça saindo da chaminé. Jak correu para ela, quase escorregando em sua pressa para chegar lá. Ele estava seguro! Ele queria gritar de alegria, seu peito de repente cheio demais para respirar. Uma pessoa! Alguém para ajudá-lo!

Ele bateu na porta, um pequeno grito de alívio caindo de seus lábios. *Resgatado. Eu vou ser resgatado.* Seus pensamentos já estavam caindo sobre si mesmos, um rio de felicidade fluindo rapidamente sobre pedras irregulares, saltando, espirrando, sobre as histórias que ele contaria sobre como havia sobrevivido, sobre como...

A porta se abriu e um homem ficou ali, olhando para ele. Deu a Jak um estranho sorriso, mas Jak ficou aliviado demais para se importar com isso. — Você achou. Então é seu. Você ganhou.

Jak sacudiu a cabeça. Ele não sabia o que o homem queria dizer. Ele tinha que fazê-lo entender, então ele ligaria

para sua baka e Jak poderia ir para casa. — Oi, senhor, estou perdido. — Ele engoliu em seco, tentando duramente desacelerar suas palavras, pensar nas mais certas para usar. *Algo de ruim aconteceu comigo. Alguém tentou me matar.*

— Entre, — o homem disse, recuando e mantendo a porta aberta. — Você está com frio e está quente aqui.

Jak entrou pela porta na sala quente, outro soluço de alívio arranhando sua garganta. Ele engoliu, fazendo o seu melhor para ficar calmo para que pudesse explicar ao homem o que tinha acontecido com ele. Para os outros três garotos que devem ser esqueletos sob a neve agora. Suas famílias precisavam saber. Jak poderia dizer a eles.

— Qual é o seu nome? — Perguntou o homem.

— Jak. Eu preciso...

— Ela te nomeou Jak? Tudo bem então. — *Tudo bem então?* E... ela? Jak ficou subitamente confuso, assustado. Ele deu um passo para trás.

— Você conhece minha baka?

O homem fez uma pausa. — Não. Por *ela,* eu quis dizer sua mãe. Desculpe pela minha suposição.

Jak franziu a testa, olhando mais de perto para o homem. Ele ficou assustado novamente. E se... e se ele tivesse entrado na casa do homem que tentou matá-lo? Ele recuou um passo. Mas... não. Este homem não parecia familiar, e ele era muito mais baixo que o outro homem. *E* sua voz não parecia a mesma. *Você vai morrer hoje?* Outro arrepio passou por Jak. Não, ele nunca esqueceria aquela

voz, não até o dia em que morresse. Era profunda e sombria, a voz do monstro que assombrava os pesadelos de Jak.

— Eu quero ir para casa. Você pode me ajudar? — Jak perguntou, sua voz trêmula, a coleção de lágrimas que ele não tinha derramado em tanto tempo de repente enchendo sua garganta.

O homem acariciou sua barba castanha e grisalha por alguns segundos. — Há uma guerra. Eles estão matando as crianças.

A surpresa fez a boca de Jak se abrir. Ele engoliu em seco e balançou a cabeça. — Sim. Sim. Eles tentaram *me* matar. Ele não sabia quem *eles* eram, mas o homem *tinha* que estar falando sobre as mesmas pessoas. *Você vai morrer hoje?* As palavras ecoaram em sua mente, a lembrança tão fresca como se tivessem acabado de ser ditas.

O homem assentiu. — Então você tem sorte. Você deve ser muito forte para ter sobrevivido a algo assim.

— Eu... — Jak não sabia o que dizer. *Uma guerra? Pessoas matando crianças?* Sua mente agarrou-se a compreensão. — Quem são eles?

— O inimigo. Fora desses bosques é muito perigoso. Apenas tente sobreviver da melhor maneira possível até que a guerra termine. — O homem passou por Jak, indo em direção à porta.

Jak se virou. — Espere. Senhor. Pode me ajudar?

O homem voltou-se. — Este local é seu. Está bem escondido da estrada. Você pode morar aqui.

— Mas... mas quem... A quem isso pertence?

— É na minha propriedade. — Ele olhou ao redor da sala, olhou para os beliches vazios contra a parede. — Seria um acampamento para crianças, mas a fundação que as construiu perdeu o financiamento por isso veio com a terra.

Jak olhou em volta, desesperado. *Fundação? Financiamento?* Jak não sabia o que aquelas palavras significavam. Ele estava feliz por ter abrigo, um fogão a lenha que estava aquecendo o quarto, mas o homem diante dele acabou de fazer seu mundo cair pela segunda vez em sua curta vida. — Quando a guerra terminará? Eu preciso chegar em casa com a minha baka.

Os lábios do homem pressionaram e ele balançou a cabeça. — Todo lugar foi evacuado. Sua baka se foi agora. Você deve sobreviver sozinho.

Se foi? Não. Ele se desvaneceu por dentro e engoliu.

— Eu vi helicópteros uma vez, — ele disse, tentando manter sua esperança. — Eu acho que eles estavam lá para me resgatar.

O homem estreitou os olhos e inclinou a cabeça. — Helicópteros inimigos. Eles estavam procurando por você, mas não por resgate. Se você vir um avião ou um helicóptero novamente, ou ouvir um veículo, fique fora de vista, está ouvindo? A polícia também está do lado do inimigo. Não confie em ninguém. Se precisar de alguma coisa, minha casa é por ali. — O homem apontou para a parede oposta da cabana. — Eu conheço alguém e tenho um veículo. Eu posso entrar na cidade às vezes e pegar suprimentos. É muito, muito perigoso, mas com a ajuda do meu amigo, é possível.

— A que distância fica a cidade? — Jak perguntou. *Quão longe é o inimigo? Onde estou?*

— Muito longe. Você está seguro se ficar aqui nesta floresta. Tenho que ir agora. — Com isso, o homem se virou e saiu da cabana, fechando a porta atrás de si.

Jak estava no meio da sala, seu cérebro enevoado de confusão e choque, as pernas não querendo funcionar. Quando ele finalmente se retirou da neblina em que estava, correu para a porta, abrindo-a e olhando para a neve caindo rápido.

O homem foi embora.

Jak ouviu um latido e viu Pup correndo em sua direção, o corpo flácido de um coelho pendurado em sua boca. Abriu mais a porta para que Pup pudesse entrar. Deixou cair o coelho morto no chão de madeira quando Jak fechou a porta, apoiando-se nela enquanto olhava em volta da nova casa. Ele poderia dormir aqui e não ter que procurar por uma caverna fria. Estava quente e seco e ainda assim... seu coração parecia vazio.

Ele se lembrava da TV que Baka sempre usava. *Notícias,* ela dizia. Tudo sobre guerra e fogo. Às vezes, fazia os olhos de Baka ficarem brilhantes e boca franzida. Ela disse que estava longe, essa guerra, mas deve ter chegado mais perto. Bem perto de sua baka. E dele.

Sua baka se foi agora. Você deve sobreviver sozinho.

Sobreviver.

Sozinho.

Novamente.

Capítulo 11

Harper sentou-se abruptamente, com um grito nos lábios, os lençóis enrolados nas pernas. *O sonho. É o sonho de novo.* Ela estava no carro com seus pais. Eles estavam conversando na frente. Ela observando a mata passar, seus olhos começando a se fechar, e então, de repente, estava caindo, caindo, seu estômago caindo em seus pés enquanto o vômito subia aos lábios. *Frio. Tão miseravelmente frio. Água escorrendo pelo rosto. Ou era sangue?* Passou a mão pelo cabelo encharcado de suor e, por um momento, pareceu que o sonho a seguiu do sono à vigília. Mas não, era apenas a umidade do medo. Ela alisou os cabelos emaranhados, engolindo o soluço que estava arranhando sua garganta.

De alguma forma, sabia que teria o sonho quando foi dormir na noite anterior. Eles sempre ocorriam quando estava mentalmente exausta ou emocionalmente angustiada, e ter ido a cena do crime de Driscoll dois dias antes de ir ao orfanato ontem, onde ela tinha o turno da noite, era obviamente o catalisador.

Ela respirou fundo várias vezes, tentando se acalmar enquanto olhava para o relógio. 4:13, conseguiu ter pelo menos seis horas de sono.

O piso de madeira estava frio sob seus pés enquanto foi até o banheiro, escovou os dentes e enxaguou o rosto com água fria e depois secou com a toalha pendurada em um

gancho perto da pia. Ela levou alguns segundos para se olhar no espelho, o peito ainda subindo e descendo rápido demais com o aumento da frequência cardíaca.

Seus cabelos castanhos envolviam o rosto em emaranhados suados, a casa dos sonhos de qualquer rato, e havia manchas escuras sob seus olhos castanhos, que já eram grandes demais em seu rosto, fazendo-a parecer uma coruja cansada. *Adorável.* Nenhuma quantidade de corretivo seria suficiente hoje.

A cafeteira apitou. Um banho, e algumas fatias de pepino nos olhos, poderiam esperar. Enquanto estava na pia da cozinha, o delicioso aroma do líquido escuro começando a encher a sala e limpar seu cérebro enevoado, ela olhou pela janela, examinando tudo o que havia acontecido dois dias antes. Ela ainda não podia acreditar que lhe pediram para ajudar com uma investigação de assassinato. Ou, mais especificamente, ela foi convidada a conduzir um investigador e guiá-lo através de algumas áreas selvagens. Mas ele perguntou a opinião dela sobre alguns aspectos do caso que não precisava necessariamente, e ele escutou o que ela disse e apreciou sua contribuição, e isso a fez sentir... útil. *Bom.*

Ela se perguntou se ele compartilharia as coisas que acabaria descobrindo sobre Lucas, se houvesse alguma coisa para descobrir. Que tinha que haver. *Certo?* A imagem de Lucas na cela e, em seguida, o modo como seus olhos encontraram os dela antes de entrar no SUV do policial Brighton, percorreu sua mente.

A máquina apitou e ela serviu-se de uma xícara de café, adicionou um pouco de leite e tomou um gole, enquanto sua mente se movia novamente para o homem estranho, mas intrigante. E aquele medalhão no pescoço dele. Ela já *tinha* visto isso antes?

Suas lembranças de seus pais estavam nubladas. Ela era tão jovem quando eles morreram, apenas sete anos de idade. Mas de pé em sua cozinha, a última luz do sol da tarde atravessando a janela, enquanto tomava um gole da bebida vivificante, aquele maldito colar estava revirando sua mente novamente. Ou pelo menos, algo muito parecido com isso. Sua mãe teve algo parecido com... corações talvez? Três corações... as palavras estavam fazendo cócegas em algum canto da sua mente. Alguma coisa... entrelaçada. Ela soltou um suspiro, massageando sua têmpora esquerda. Estava lá, mas longe demais para entender, deslizando fora de sua memória, provocando-a.

E se... Ela colocou sua caneca vazia na pia e voltou para sua sala de estar / quarto, retirando a caixa da parte superior da prateleira do armário e sentando na cama para abri-la. Os pertences de seus pais, móveis e utensílios domésticos, haviam sido colocados em um depósito, que ficaram restritos graças a um "advogado" irresponsável, com honorários muito altos, e posteriormente foram leiloados. Mas Harper tinha alguns álbuns e lembranças que teve permissão para pegar antes de ser colocada em sua primeira casa adotiva. Dentro da caixa não estavam apenas fotos, mas algumas cartas, lembranças que ela não via há muito tempo.

Ela colocou as cartas de lado, não se atrevendo a espiar dentro. Hoje, ver a caligrafia de seus pais parecia demais, e ela não podia fazer isso, não depois do sonho que a deixou tão mal. O que havia na caligrafia de alguém que as trazia de volta à vida com um único olhar? Uma benção. E uma maldição.

Ela folheou os dois álbuns de fotos, um do casamento de seus pais, e outro dela bebê e criança. Ela não encontrou nada em nenhum dos dois e então os colocou de lado, tirando as fotos soltas e colocando-as em uma pilha. Ela começou a passar por elas uma a uma, interessada apenas nos de sua mãe. Não havia muitas. A maioria das fotos que seus pais tinham estava presumivelmente em um formato digital em algum lugar que ela não tinha como acessar.

Ela não se demorou em seus rostos sorridentes, não hoje, tentando manter suas emoções o mais objetivas possível. Ela colocaria seus pensamentos errantes para descansar e deixaria passar. Deixe suas perguntas irem. Deixe-o ir. Ele... e o jeito que ele a fez se sentir, sentimentos que ela não se atrevia a pensar especificamente. Ele e suas roupas selvagens e olhos assombrados, o homem que vivia sozinho na floresta, e olhava para a cidade como se nunca tivesse visto civilização antes.

Não, na verdade era impossível. Quanto mais ela pensava nisso, mais louco parecia. Esse homem não tinha nada a ver com ela ou seus pais. Ela estava se agarrando a migalhas. Sua memória estava com defeito, cheia de buracos e...

Três corações entrelaçados...

Ela respirou fundo e deixou cair apenas uma foto, aproximando-a para ver o medalhão pendurado na base da garganta da mãe.

Três corações entrelaçados no meio.

Parecia exatamente como o que Lucas estava usando.

***

O crepúsculo já estava caindo quando Harper se recompôs, tomou banho e vestiu suas roupas. Ela pulou os pepinos e o corretivo, coisas mais urgentes em sua mente do que seus olhos escuros e cansados.

Ela vestiu seu equipamento de inverno, incluindo suas botas de neve impermeáveis. Ela poderia ter que caminhar um pouco na neve, e ela queria estar preparada. Flocos grandes estavam caindo constantemente quando saiu para a estrada que levava à cabana vazia de Isaac Driscoll. A cabana vazia *e manchada de sangue* de Isaac Driscoll, Harper lembrou a si mesma. Um arrepio passou por ela, e pela primeira vez desde que viu o colar na foto de sua mãe morta, ela questionou a decisão de ir até lá e confrontar Lucas.

Ela olhou para a espingarda no banco atrás dela, a arma que ela carregava quando tirava os caçadores na natureza e a que ela colocou em sua caminhonete antes de sair. Em vez de lhe trazer conforto, isso só trouxe mais incerteza.

Isso é loucura. Insanidade temporária.

Ela sabia como caçar e era uma boa atiradora, mas nunca esteve especialmente interessada nisso. Isso sempre a deixava meio que, meio... triste. Seu coração doía sempre quando via o animal morto que ela matou olhando fixamente para ela com olhos grandes e assustados. Ela nunca disse a ninguém, essa qualidade não era exatamente uma boa propaganda para as pessoas que procuram uma guia competente para levá-los em suas expedições selvagens, mas... ela podia admitir para si mesma.

O terreno ao sul da cabana de Driscoll era quase todo plano, e ela virou a caminhonete na direção das três montanhas pontiagudas, a tração nas quatro rodas facilitando a rolagem no chão coberto de neve. Ela dirigiu em torno de árvores, seus pneus batendo sobre pedras e pequenas colinas que nivelaram novamente.

Quão longe ele disse que vivia de Driscoll? Dez mil passos alguma coisa? Ela tirou o celular do bolso, mas não havia serviço. *Droga.* O agente Gallagher tinha sido capaz de pegar um e-mail, e Dwayne mencionou que Driscoll fez uma ligação para o 911. A recepção era provavelmente irregular, como costumava ser na floresta. Ela tinha certeza de que havia uma antiga estrada de madeira com um beco sem saída em algum lugar na direção em que estava viajando. Essa área aberta onde as árvores foram removidas pode fornecer algum serviço. Mas, por enquanto, o Google não seria de nenhuma ajuda.

Ela lembrava que pessoa normal levava cerca de quinze minutos para andar um quilômetro e meio. Quantos passos você daria em quinze minutos? Uns... dois mil? Talvez? Se sim, isso significava que... Lucas morava a cerca de oito quilômetros da casa de Driscoll.

Se a matemática dela estivesse certa, o que era duvidoso na melhor das hipóteses. Além disso, ela estava indo da casa de Driscoll para as montanhas pontiagudas que Lucas mencionou para Dwayne, mas não havia como saber se a casa dele era principalmente em linha reta, ou se ele tinha virado em uma direção diferente em algum momento. Ela poderia dirigir sua caminhonete diretamente para o lago.

Eu deveria voltar.

Isso era totalmente estúpido afinal. *Irracional*, na verdade. Era apenas... era apenas que ela passou tantos anos solitária procurando por seus pais. Ela tinha saído uma e outra vez, dia após dia, desde o raiar do dia até a noite cair, e nunca voltou com nada. E então esse colar. E ela *tinha* que saber. Naquele momento.

Eu não posso esperar outro segundo.

Sua respiração parou quando viu fumaça subindo no céu noturno, seu coração balançando. Ela pressionou o pé contra o acelerador e a caminhonete acelerou, a neve sendo espalhada para os lados. *É a cabana dele,* ela pensou, seus nervos zunindo. *Tem que ser.*

Antecipação superou sua cautela, e ela pressionou o acelerador, dirigindo através do pequeno bosque de árvores na frente do que ela podia ver agora era uma estrutura de

toras, não grande, mas maior do que o lugar de Driscoll. *Hã.* Se Driscoll tivesse dois lugares em sua propriedade, por que escolheria o menor dos dois?

Ela parou na frente dela, pegou sua espingarda e pulou para fora. Antes que pudesse se convencer a ir embora, subiu os três degraus até a porta da frente de Lucas e bateu duas vezes, a respiração ofegante, embora ela não tivesse se esforçado com a curta caminhada.

A porta se abriu e ele estava lá, maior e mais imponente do que se lembrava, vestindo jeans e uma camiseta de mangas compridas. Ela recuou e ele também. Ela encontrou seus olhos, o choque evidente em seu rosto.

Harper pigarreou, apoiando a espingarda na pequena varanda. Seus olhos seguiram, então ele olhou de volta para ela. — Onde você conseguiu esse medalhão? — Ela desabafou.

Ele olhou para ela por um longo momento, e então inclinou a cabeça, levantando suas sobrancelhas escuras.

— Conte-me.

Ele olhou para trás para onde sua caminhonete estava estacionada e, em seguida, lentamente de volta para ela como se estivesse tentando entender a situação. A cabeça dele virou-se para o pequeno agrupamento de árvores e ele murmurou algo antes de dar um passo à frente, diretamente para ela.

Harper respirou fundo, um pequeno som de medo surpreso subindo para sua garganta quando ele segurou seus antebraços, afastou-a com facilidade e passou por ela. Ela

virou-se para vê-lo descer os degraus e rondar em direção às árvores.

O que...

Ela o observou por um momento, imóvel de surpresa. Ele se agachou e começou a mover a neve com o braço, falando palavras que ela agora estava longe demais para ouvir.

Ela desceu lentamente os degraus, caminhando em direção a ele, incerta e completamente confusa.

Quando o barulho de seus passos soou na neve, ele olhou por cima do ombro e depois de volta para o que estava fazendo, continuando a limpar alguma coisa. Ela se inclinou para frente e respirou assustada quando viu quatro pares de olhos olhando para ela, brilhantes na luz fraca, mas não tão fraca que ela não pudesse ver o que eles eram. Raposas. Bebês. Ela viu suas próprias marcas de pneus bem perto da toca e fechou os olhos por um momento. Ela dirigiu seu carro por cima de uma toca de raposas. — Eu não sabia que elas estavam aí.

Ele se levantou, virando-se para ela. Ela não conseguia ler a expressão no rosto dele, e eles ficaram olhando um para o outro por um momento embaraçoso.

Ela balançou a cabeça. — Deus, eu sou tão estúpida. Eu trago as pessoas para a floresta para o meu *trabalho,* e deveria saber dessas coisas.

Ele olhou para ela novamente, um ínfimo estreitamento de seus olhos. Mas ele não a contradisse.

— Seus pés estão descalços — ela finalmente disse. Estupidamente. — Eles devem estar frios — acrescentou. Ainda mais estupidamente. *O que, neste momento, deveria ser o meu nome do meio,* ela pensou com uma careta interna. Ela apertou os lábios, envergonhada e desconfortável.

Ele simplesmente olhou para ela por um momento e depois se virou para sua casa.

Ela olhou para a toca da raposa e, com a neve limpa, pôde ver que eram apenas quatro raposas, nenhuma mãe. Ela deve estar caçando. Eles ainda estavam cobertos pela neve que sua condução imprudente fizera ceder neles e deveriam estar com frio. Um tremor de culpa passou por ela. Preocupação pelas coisas indefesas.

Lucas também se importava com eles. Ele correu para lá para ter certeza de que não estavam sufocando até a morte.

— Eles vão ficar bem? — Ela chamou, sabendo que era melhor não tocá-los, sabendo que iria arriscar sua mãe sentir o cheiro de um predador, e abandonar a toca. Ainda... para deixá-los assim, frios e molhados e sozinhos...

Ele diminuiu a velocidade e virou a cabeça ligeiramente. — Eles podem ou não. É melhor deixar a mãe fazer o trabalho agora. Se ela ainda estiver viva.

Se. Ela sabia que ele estava certo, ainda assim ela hesitou, observando enquanto ele subia seus poucos degraus. Ele ia voltar para dentro de sua casa. — Espere — ela chamou. Levou apenas alguns segundos para correr de volta para casa e subir os degraus até a varanda onde ele se virou, observando-a com a mesma expressão fechada no rosto. Ele

parecia mais... normal agora sem a camada de peles de animais. Apenas um homem grande e musculoso, com várias cicatrizes visíveis, cabelos compridos e barba curta. Não é um homem das cavernas... não... mais um homem da montanha, ou... um cara que estava fora vivendo da terra por vários meses.

Um homem da montanha extremamente bonito que exalava testosterona e perigo. E se ela estava tão perturbada, por que estava percebendo isso primeiro? *Porque não pode ser ignorado, isso é tudo,* ela disse a si mesma. Sua boa aparência a *surpreendeu* em sua intensidade. Isso não a deixaria menos cautelosa com ele. Talvez ele fosse como um daqueles gatos selvagens que tinha visto algumas vezes. Elegante e bonito de se ver, mas selvagem e perigoso. Brutal mesmo.

Embora ele não parecesse brutal. Apenas cauteloso... e curioso. Inteligente e incerto.

Ela respirou fundo, o cano da espingarda fazendo um som de batida quando parou na varanda de madeira. Ele olhou para baixo, casualmente desta vez, e de volta para ela. — Eu sinto muito. Eu fui descuidada e grosseira. Eu... eu pensei ter reconhecido o medalhão pendurado no seu pescoço. Parece familiar e eu... estava me perguntando se poderia vê-lo, só por um momento. Eu vou devolver. Só... posso dar uma olhada? Lucas. Ah, e caso você não se lembre do meu nome, sou Harper.

Ela tropeçou em suas palavras e se sentiu sem fôlego, um caroço subindo em seu peito por razões que ela não tinha

certeza se poderia explicar. Ela mal podia acreditar que estava lá fora, parada na neve com esse homem. Não podia acreditar que agiu tão precipitadamente. Tolamente, talvez. Mas ela não conseguia se desculpar por isso, ou gostaria de ter considerado com mais cuidado. — Por favor — ela sussurrou.

Seus olhos claros pareciam suavizar minuciosamente, embora ele ainda a estivesse olhando como se ela fosse uma anomalia que ele não conseguia entender.

Seus olhares se prenderam quando ele puxou o cordão de couro da gola de sua camisa, e seu olhar disparou para sua mão grande e cheia de cicatrizes, observando enquanto puxava o cordão para que o medalhão aparecesse. Ela respirou fundo e deu um passo à frente, seus dedos trêmulos alcançando a pequena peça redonda de prata, hesitando no meio do caminho, o medo dentro dela subitamente crescendo. *E se... e se...*

Ela estava em pé em um precipício. Os próximos segundos podem mudar *tudo.* Com uma expiração apressada, ela estendeu o braço e agarrou o medalhão, a mão tocando a dele enquanto dava outro passo em direção a Lucas. Eles estavam cara a cara. Ela inclinou o queixo, olhando para ele e ele a olhou, a respiração se misturando, o peso do momento parecendo ter caído sobre os dois. Ela viu as suas narinas dilatarem e sabia que ele havia inalado profundamente. Ele a estava inalando? Sua cabeça mergulhou minuciosamente, tão minuciosamente que ela não teria notado se não estivesse tão perto, e então a mesma inspiração. Sim, ele estava sentindo o

cheiro dela. E algo sobre a expressão ardente em seu rosto dizia que gostou da experiência. Isso fez seu estômago apertar de uma maneira estranha, e ela estava tão sobrecarregada com medo, emoção e confusão que pensou que poderia desmaiar.

Ela não conhecia essa versão de si mesma. Ela sempre manteve o controle. Sempre. E, no entanto, tudo o que ela queria fazer era cair em seu peito e pedir a ele para segurá-la por um momento enquanto se recompunha para olhar aquele medalhão.

Gato selvagem, Harper, ela lembrou a si mesma, dando um pequeno passo para trás.

O tempo diminuiu e com esforço, ela moveu seu olhar dele, seus olhos indo para o medalhão que estava gravado com três corações ligados.

Sempre juntos, nunca separados.

Ela soltou um pequeno soluço quando estendeu a outra mão, usando a unha do polegar para abrir o pequeno disco, as mãos tremendo tanto que quase escorregou de seu alcance. Mas isso não aconteceu. Ele se abriu para revelar uma foto em miniatura de três pessoas, seus braços rodeando um ao outro, a alegria em seus rostos sorridentes.

Ela se lembrou daquela alegria, sentiu-a cair sobre ela como um raio de sol quente de verão.

A foto era do pai dela.

A mãe dela.

E ela.

Capítulo 12

— Agente Gallagher? Um homem alto, sessenta e poucos anos, calça cáqui e camisa azul abotoada, estendeu a mão, dando a Mark um sorriso fácil enquanto se cumprimentavam. — Eu sou o Dr. Swift. O que posso fazer por você?

Eles estavam de pé em uma área de recepção aberta, corredores nos dois lados onde um pequeno grupo estava conversando. — Eu tenho algumas perguntas sobre alguém que costumava trabalhar aqui. Isaac Driscoll? Existe algum lugar mais privado que possamos falar? — Mark estava ansioso para falar com esse homem e para se sentar em um lugar onde pudesse notar melhor suas reações, do homem que uma vez trabalhou de perto com Isaac Driscoll.

— Isaac? Uh... Eu não ouço o nome dele há anos. — Dr. Swift pareceu confuso por um breve momento. — Mas sim, claro. Por favor, siga-me.

O Dr. Swift o conduziu a uma sala no final do corredor com um quadro branco em uma parede e, do outro lado, um longo espelho unidirecional. Parecia que se tratava de algum tipo de sala de entrevista e, quando ele perguntou, o Dr. Swift disse: — Sim. Pesquisadores do projeto usam essa sala para observar assuntos respondendo a perguntas ou relacionando-se uns com os outros, reagindo a coisas, etc., dependendo do estudo.

— Ah — Mark disse. Ele teve aulas de ciências sociais quando estava na escola, o que foi há *muito* tempo agora, mas

estava interessado em ouvir exatamente o que estava envolvido no aspecto do estudo.

Havia uma grande mesa no centro da sala com uma pilha de pequenos cadernos brancos para o lado. — Está tudo bem? — o Dr. Swift perguntou, puxando uma cadeira da mesa e indicando uma em frente.

— Tudo ótimo, obrigado — Mark respondeu, tomando o assento em frente ao médico.

O Dr. Swift olhou para ele com expectativa, entrelaçando os dedos na mesa. Ele era um homem grande e sua camisa se esticava sobre os ombros largos, um botão em seu estômago, parecendo perigosamente perto de estourar. — Isaac Driscoll se aposentou... vamos ver... — ele olhou para cima, obviamente fazendo as contas. — em dois mil dois ou três?

Mark assentiu. — Sim, eu sei que já faz um tempo.

— Do que se trata, Agente? Isaac está com algum tipo de problema?

— Sim, lamento ser o portador de más notícias, mas Isaac Driscoll foi encontrado morto há dois dias.

O Dr. Swift olhou para ele por alguns instantes, aparentemente congelado de surpresa. Finalmente, ele soltou um longo suspiro. — *Encontrado* morto... Como?

— Assassinado.

Os olhos do Dr. Swift se arregalaram. — Assassinado? Isaac? Como? Por quê?

— Ainda estamos investigando o crime. Ainda não tenho muitas respostas. Espero que você possa esclarecer algumas coisas.

O Dr. Swift soltou outro suspiro, passando a mão pelos cabelos negros e grisalhos, mechas prateadas nas têmporas. — Eu posso tentar. Faz muito tempo desde que falei com o homem.

— O que exatamente ele fazia aqui na Rayform? Seu cargo é listado como pesquisador social.

O Dr. Swift assentiu. — O trabalho dele exigia coletar, analisar e interpretar dados. O governo estava, e está particularmente interessado em descobertas que podem ajudar a mudar as políticas sociais ou afetar as atuais. As aplicações dependem do objetivo do estudo.

— E a maioria dos estudos aqui conduzidos é financiada pelo governo?

— A maioria, sim, embora alguns dos estudos sejam financiados por bolsas de pesquisa ou bolsas de estudo.

— Você pode me dar um exemplo de um estudo específico em que Isaac trabalhou? Estou tentando entender melhor quem ele era e por que alguém iria querer machucá-lo.

Dr. Swift olhou para o lado pensando por um momento antes de responder. — Acho que o estudo que ele completou pouco antes de se aposentar era sobre pobreza e comportamento criminoso, algo nesse sentido. Não me lembro dos detalhes, mas provavelmente poderia procurá-lo e enviá-lo por e-mail para você.

— Seria ótimo. Obrigado. Mark deslizou um cartão pela mesa e o Dr. Swift o pegou, colocando-o no bolso da camisa.

— O que você pode dizer sobre o Dr. Driscoll em um nível pessoal?

O Dr. Swift deu de ombros. — No geral ele era um cara legal. Ele poderia ser intenso. Um pouco estranho... às vezes, talvez. — Ele sorriu. — O que posso dizer? Ele era um pesquisador. Nós não somos frequentemente conhecidos por nossas personalidades borbulhantes. — Ele balançou a cabeça, franzindo a testa. — Deus, eu não posso acreditar... não posso acreditar que ele está morto. Assassinado. — Ele olhou de novo para Mark. — Você não acha que a morte dele tenha algo a ver com o trabalho dele aqui, não é?

— É duvidoso já que ele se aposentou há muito tempo, mas ainda estou tentando ver o quadro geral. Dr. Driscoll comprou milhares de hectares de terra a cerca de trinta quilômetros da área povoada mais próxima. Você tem alguma ideia de por que ele se aposentaria e se mudaria para o meio do nada?

O Dr. Swift pareceu surpreso por um momento, depois pensativo. Ele suspirou. — Pelo que me lembro, Isaac ficou cada vez mais pessimista em relação às pessoas em geral... sociedade como um todo. — Ele apertou os lábios por um momento. — Eu me lembro dele dizendo várias vezes que estava pronto para desistir das pessoas por completo, que os animais se comportavam de maneira mais racional e de uma maneira que preservava sua espécie como um todo, em vez de destruí-la. — Dr. Swift riu. Não havia muito humor nisso. — Eu pensei que ele estava brincando, ou apenas... desabafando. Embora tenha que dizer, não discordei

completamente do sentimento. É fácil tornar-se cínico depois de estudar as quedas da sociedade, ano após ano. Às vezes parece que as coisas nunca mudam.

Mark ofereceu um sorriso irônico. Ele também não discordava completamente do sentimento. Ele tinha visto coisas em sua linha de trabalho que fez a ideia de abandonar completamente as pessoas e viver com animais selvagens soar atraentes. As pessoas eram odiosas e cruéis, mesquinhas e dissimuladas. Mas... mas elas também eram capazes de abnegação e atos de profundo amor e bondade. Mark tinha que se lembrar disso frequentemente. E o fato era que as pessoas precisavam de outras pessoas para manter sua própria humanidade. Ele não precisava ser um cientista social para saber disso.

— Então, você acha que Isaac Driscoll pode ter comprado terras longe da sociedade porque o trabalho que ele fazia o fez desprezar as pessoas em geral?

O Dr. Swift soltou um longo suspiro e esfregou o olho com um dedo. — Eu não posso falar sobre seus motivos exatos. Como disse, faz muito tempo desde que falei com ele. Mas... isso não parece improvável para mim.

Mark assentiu, colocando a mão no bolso e tirando o pequeno caderno. Lá dentro, ele colocou uma cópia de uma imagem de Lucas enquanto esperava na cela alguns dias antes. Ele desdobrou a impressão e entregou ao Dr. Swift. — Você reconhece esse homem?

O Dr. Swift observou a foto por vários momentos antes de sacudir a cabeça. — Não. Quem é ele?

— Um homem que atualmente vive na propriedade de Driscoll. Ele diz que Driscoll permitiu que ele ficasse lá depois que seus pais o abandonaram.

O Dr. Swift suspirou novamente. — Isso soa como Isaac.

— O que você quer dizer?

— Isaac fez muito trabalho voluntário para programas de serviços sociais. Fizemos muitos estudos sobre o sistema de assistência social, ainda fazemos, e era uma das áreas de pesquisa que particularmente incomodava Isaac.

Mark assentiu. — Compreensível. — Os piores casos em que ele trabalhou envolviam crianças. Ele nunca poderia se tornar insensível à ideia de uma criança sofrendo de alguma forma. E, no que dizia respeito a Mark, se ele se tornasse, esse era o momento em que sabia que era hora de entregar o distintivo.

— O que é interessante é que ele permitiu que esse homem... — apontou para a foto de Lucas ainda sobre a mesa —... ficasse em sua propriedade quando ele era apenas uma criança, mas nunca alertou nenhuma autoridade de que ele havia sido abandonado.

Dr. Swift olhou para a foto de Lucas por um momento antes de encontrar os olhos de Mark. — Talvez para Isaac, o sistema de assistência social fosse um destino pior do que viver sozinho na floresta.

— Você acha que é possível que ele chegasse a esse ponto?

O Dr. Swift deu de ombros. — Estou apenas especulando.

Mark assentiu, tirando outra foto do caderno. — E essa mulher? Você já a viu antes?

Dr. Swift olhou para a foto da mulher que tinha sido encontrada morta na pousada, e franziu a testa. Finalmente, ele balançou a cabeça. — Não que eu possa lembrar.

Mark pegou as fotos, dobrando-as de volta e colocando no caderno antes de estender a mão sobre a mesa para apertar a do Dr. Swift. — Obrigado pelo seu tempo. Por favor, se você lembrar de qualquer outra coisa que possa esclarecer esse crime, me ligue. E o meu endereço de e-mail também está nesse cartão se você tiver a gentileza de me encaminhar os resultados do último estudo em que Driscoll estava trabalhando.

— Absolutamente.

Mark se virou para sair quando viu uma foto pendurada na parede à esquerda da porta. Ele se aproximou, estudando.

— A Batalha das Termópilas — o Dr. Swift disse, aproximando-se dele e olhando a foto.

Mark olhou para ele. — Essa mesma foto está pendurada na casa de Isaac Driscoll.

O Dr. Swift olhou para ele com um pequeno sorriso nos lábios. — Na verdade, foi Isaac que pendurou isso aqui há muitos anos. — Seu sorriso cresceu. — Os prédios do governo raramente investem em decoração. — Ele olhou para a foto quando Mark tirou o caderno e anotou o nome da batalha que o médico acabou de nomear, soletrando-o da melhor maneira possível. Ele iria pesquisar mais tarde. — Fale sobre

um estudo de coragem contra adversidades esmagadoras. *E* trabalho em equipe. Os espartanos levaram a fama.

— É disso que Driscoll gostava mais deles? — Ele deve ter admirado aquilo para pendurar a mesma foto no trabalho e em sua casa. Uma interpretação do que ele desejava que a sociedade fosse, apesar do que considerava a prova diária de que não era? De que valia a luta mesmo se as chances estivessem contra você?

— Provavelmente. Eles eram uma cultura fascinante.

Mark deu uma última olhada à foto. — Obrigado novamente, doutor.

— De nada, — Dr. Swift disse, seus olhos permanecendo na batalha na frente dele.

Ele não desviou o olhar quando Mark se virou e saiu da sala.

Capítulo 13

Harper soltou o medalhão, que caiu na camisa de Lucas. Seu coração estava acelerado. Sua pele parecia espinhosa, e ela estava tendo problemas para engolir enquanto as ondas de choque rolavam através dela. — Como? — Ela resmungou. — Onde? — Ela balançou a cabeça, tentando limpar o zumbido que começou a soar em seus ouvidos no momento em que viu a foto dentro. Esse *era* o medalhão de sua mãe, o que ela estava usando quando morreu.

A tontura espalhou pelo seu corpo e seus dentes começaram a bater. Lucas se virou e abriu a porta de sua casa, entrando e olhando para ela interrogativamente. Ela notou que seus pés ainda estavam descalços e apesar de seu estado de choque, ela fez uma careta. *Eles devem estar congelando.* Ela o seguiu para dentro e fechou a porta, mas não se moveu para a sala. Ela apoiou o rifle na parede ao lado de onde estava. — Por favor, me diga, — ela disse, e dessa vez sua voz soou mais firme, embora seu coração estivesse batendo descontroladamente.

— Encontrei este colar em um carro no fundo de um desfiladeiro. Tinha uma corrente diferente, mas quebrou. Os olhos dela percorreram seu rosto, sua expressão tão intensamente séria, que ela não conseguia afastar os olhos. Ele olhou para baixo, para onde o medalhão estava em seu peito. — Você... conhece essas pessoas? — Ele parecia estar segurando a respiração enquanto olhava para ela, seus dedos

encontrando o medalhão e esfregando-o entre eles como se tivesse feito o mesmo movimento cem vezes antes e fizesse isso agora por hábito.

— Sim. É minha família — ela sussurrou. — O bebê, sou eu.

Sua testa franziu e ele abriu a boca, fechou-a e então finalmente disse: — Você. — Ele olhou para ela novamente, seus dedos agarrando o medalhão enquanto olhava para ele, então para ela como se tentasse mesclar a pequena imagem do bebê dentro com a mulher crescida diante dele.

— Nós tivemos um acidente de carro quando eu era muito jovem. De alguma forma, me afastei do acidente e fui encontrada, mas eles nunca foram.

Seus olhos percorreram seu rosto por um momento, algo suavizando em seu olhar. Compreensão. — Eu posso levá-la até eles, se você quiser.

Harper recuou, segurando o batente da porta para que não caísse. Deus, ela não podia acreditar. *O carro. O carro. Ele encontrou o carro.* O lugar de descanso final de seus pais, a coisa pela qual ela estava procurando incansavelmente desde que tinha idade suficiente para sair sozinha nesta floresta. Ela assentiu, as lágrimas queimando na parte de trás de seus olhos. Mas ela se recusou a deixá-las cair, não queria compartilhar sua dor com esse homem, esse estranho. Verdade seja dita, ela não queria compartilhar sua dor com ninguém. Ela se perguntou se sabia como.

— Quando? — Ela perguntou. — Há quanto tempo você achou?

— Cinco invernos atrás. — Ele recuou muito sutilmente e limpou a garganta. — Cinco anos atrás, — ele alterou como se tivesse percebido que havia respondido incorretamente no segundo em que saiu de sua língua. Somente... *Deus, se eu morasse aqui, provavelmente calcularia o tempo em quantos invernos sobrevivi também.* Mas, ela não podia pensar sobre isso naquele momento, não com o conhecimento de que o carro de seus pais estava tão perto e esse homem poderia levá-la a ele. Para *eles.*

— Você pode me levar lá agora?

Lucas olhou pela janela. — Não, é tarde demais. Eu posso te levar lá de manhã. Está escuro e gelado agora, e teremos que descer.

Descer?

Ela começou a argumentar, implorar para ele reconsiderar, mas ela sabia que ele estava certo. A noite caíra, a temperatura caíra, e sair agora seria tolice quando simplesmente esperar até o amanhecer diminuiria significativamente os riscos. Ela esperou tanto tempo. Ela poderia esperar mais uma noite.

— Posso te perguntar por que você usa?

Ele olhou para o colar em sua camisa escura e, em seguida, estendeu a mão e desatou, caminhando para onde ela estava, parando quando estava a alguns metros de distância. Ele estendeu a mão e entregou e ela pegou dele, apertando-o em seu punho. — É seu, — ele disse. Ele não tinha respondido a sua pergunta, mas havia um nó na garganta agora, então em vez de repeti-la, ela simplesmente

assentiu e amarrou-o em volta do próprio pescoço. Quando seu olhar permaneceu, havia uma tristeza tão inconfundível em seus olhos. Ele tinha acabado de desistir de algo de grande valor para ele, ela percebeu. Entregá-lo a ela custava-lhe. Não um custo monetário, mas algo mais importante para ele. *Conexão emocional?* Seja qual for a resposta para essa pergunta, ele deu a ela mesmo assim.

— Obrigada — ela sussurrou, colocando a mão sobre ele. O pequeno pedaço de metal ainda estava quente de seu corpo. — Como você achou? O que você estava fazendo?

Algo passou sobre sua expressão, mas ele rapidamente disfarçou. — Só vi um dia. O sol brilhou no metal e me chamou. — Ele pareceu brevemente confuso como se talvez não tivesse dito o que queria dizer. Ela o entendia. O metal cintilante chamou sua atenção.

— Entendo — ela disse, para tranquilizá-lo de que ela o entendia. Ela suspirou. — Bem, estou contente. Quero dizer, é muito bom que tenha conhecido você e... bem... — Ele estava usando uma foto dela em volta do pescoço nos últimos cinco anos. Isso a fez se sentir... ela não sabia como isso a fazia sentir, mas o sentimento não era negativo. Era como se ele estivesse protegendo sua família por ela. *Sempre juntos, nunca separados.*

Ele a observou por mais um momento e então se virou, caminhando até o fogão a lenha e colocando algumas toras. Foi então que ela finalmente entrou na sala. Havia quatro camas de metal alinhadas na parede à sua direita, embora três das camas fossem estéreis de colchões ou cobertores. A

quarta era obviamente a que Lucas dormia, um cobertor de lã cinza escuro puxado para o topo do colchão e um único travesseiro. Elas lembravam Harper de camas que ela tinha visto em filmes de prisão, e franziu a testa.

— Outras pessoas moram aqui? — ela perguntou, acenando para as camas.

Ele olhou para as camas vazias de onde estava agachado em frente ao fogo, cutucando a lenha com uma longa vara. — Isso ia ser uma cabana de acampamento de verão, mas... alguém ficou sem dinheiro. Ou algo assim. Estava vazio quando Driscoll chegou a esta terra. — Ele fez uma pausa. — Isso é o que ele me disse, afinal. É tudo que sei.

Harper inclinou a cabeça. Ele expressou isso estranhamente. — Você acha que ele estava mentindo?

Lucas ficou de pé, a porta do fogão se fechando com um estalo. — Eu não sei.

Harper abriu a boca para lhe fazer outra pergunta, mas não sabia ao certo o quê. Foi apenas... a maneira como ele disse *isso foi o que ele me disse*, e o tom em sua voz quando disse isso, a fez pensar que ele questionava a veracidade de Driscoll em geral. E isso a deixou curiosa. *Você não é uma investigadora, Harper. Pare de agir como uma.*

— Ok, bem, eu... — ela abriu a porta, o ar ártico causando um arrepio imediato —... estarei de volta pela manhã. Quão cedo?

— Primeira luz do sol.

Primeira luz do sol. — Ok. — Ela agarrou seu rifle e se virou mais uma vez antes de puxar a porta para fechá-la atrás dela. — Eu vou trazer café.

Suas sobrancelhas baixaram e ela de repente se sentiu estúpida. — Você bebe café?

— Claro.

Ela fez uma pausa. — Tudo bem. — Ela pisou na varanda e fechou a porta, fechando os olhos momentaneamente, sentindo-se como uma idiota. Mas ele a levaria para o lugar onde os pais dela ainda descansavam, o local daquele acidente há muito tempo que havia roubado a vida que ela deveria viver. Nervosismo formigava debaixo de sua pele e ela inalou um grande sopro de ar frio enquanto subia em sua caminhonete e ligava a ignição. *Nada.* Ela tentou de novo e, ainda assim, nada. — Merda — ela gemeu, olhando para cima e percebendo que em sua pressa para enfrentar Lucas, ela não só quase matou uma ninhada de raposas, mas também deve ter deixado a porta da caminhonete ligeiramente entreaberta, e, portanto, a luz interior foi deixada ligada. Sua bateria era velha e precisava ser substituída, mas ela estava adiando porque não podia pagar por uma nova. E agora estava morta. *Bom trabalho, Harper.*

Merda. Merda. Merda.

Ela ficou sentada por um minuto, considerando suas opções. Ela precisava de um empurrão. Mas era tarde demais e o tempo estava muito ruim para ligar para alguém agora. Ela tinha planejado estar de volta à casa de Lucas na

primeira luz afinal, então... ela ia acabar dormindo em sua caminhonete. Ela estava familiarizada com improvido. Estava praticamente em sua descrição de trabalho.

Ela precisaria de um cobertor, porém, algo diferente de seu casaco para afastar o pior do frio da noite. Ela suspirou, resignando-se a bater na porta de Lucas novamente.

Ela caminhou pela neve e subiu os degraus dele e antes que pudesse bater, ele estava abrindo a porta, obviamente tendo-a visto vindo da janela da frente. — Oi. — Ela tentou um sorriso, mas sabia que fracassou. Ela gesticulou de volta para a caminhonete. — Bateria descarregada. Não é grande coisa, mas você tem um cobertor extra que possa pegar emprestado?

Ele olhou para a caminhonete atrás dela e depois para ela. — Você vai dormir lá fora?

— Na caminhonete, sim. Vai ficar tudo bem. Estou acostumada a dormir sentada, afinal... — Suas palavras se desvaneceram, ela não quis dizer isso. Ela limpou a garganta. Ele a considerou novamente por um momento daquele jeito que a fazia se sentir totalmente estranha, quando na verdade era ele quem era estranho.

Certo?

Ele se virou, caminhando lentamente para a cama com o colchão sobre ele, pegando o cobertor que obviamente usava e levando de volta para onde ela estava. Ele estendeu para ela. — Oh... Não, não posso levar seu único cobertor.

Sua testa franziu e ele a olhou. — Por quê?

— Por quê? Bem... você vai ficar com frio.

— Estou bem. Eu tenho um fogo.

Ela ainda se sentia um pouco culpada, mas não culpada o suficiente para congelar até a morte em sua caminhonete no meio da floresta. — Certo. Está bem então. Obrigada. Vejo você ao nascer do sol. — Ela desceu os degraus e voltou para a caminhonete, trazendo o cobertor em volta dos ombros e do corpo. Cheirava como ele. Como, ela inclinou a cabeça para frente e inalou a borda do material grosso e áspero, ar da montanha e pele masculina? Não, isso soou como um comercial de desodorante ruim. Ela inalou novamente, mais profundamente desta vez. Era... *bom,* e causava pequenas vibrações em seu estômago. Não era de sabão, nem de pinheiro, nem de qualquer um desses descritores que costumava usar para a maneira como um homem cheirava. Era Limpo, e ela estava feliz, porque inicialmente questionara a higiene dele, que, em retrospectiva, poderia ter sido grosseira, mesmo que fosse apenas em sua mente, mas seu cheiro era limpo de uma maneira natural. Como se ele tomasse banho em um córrego, e secasse seu corpo ao sol e...

Oh Deus, cale a *boca, Harper.* Deixou cair o cobertor do nariz e encostou a cabeça no banco. *Não é de admirar que eu não durma. Meu maldito cérebro não desliga.*

Além disso, ela estava congelando. Ela apertou o cobertor ao redor dela, seus dentes começando a bater. A ponta do nariz parecia um cubo de gelo. Sua mente voltou-se novamente para as minúsculas raposas na toca que ela havia quase atropelado, e seu coração disparou ao pensar em como deveriam estar frias, seus pequenos corpos indefesos

cobertos de neve, o gelo emaranhado em sua pele. Sua mãe retornou?

Harper saiu da caminhonete e foi de novo até a toca na base de um imenso pinheiro. Ela ligou a luz do telefone e o inclinou para que não estivesse brilhando diretamente no local, mas ela ainda podia ver as pequenas criaturas lá dentro.

Um grunhido silencioso soou de dentro e Harper deu um passo para trás, mas inclinou a cabeça mais para frente. Dentro do lugar, a mãe estava cuidando de seus bebês, rosnando baixinho, um aviso para não chegar mais perto. — Eu não vou, — ela sussurrou. — Você está segura. — Ela deu um último momento para olhar para eles, seca e aconchegante, e então desligou a luz, afastando-se.

Harper não pôde evitar as lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto dela. Não sabia por que a emoção a dominou com tanta rapidez, mas sim, e agora estava ali, chorando baixinho na neve, a noite escura a envolvendo.

Ela se sentia tão intensamente... *sozinha.*

— Você pode dormir aqui dentro, se quiser.

Ela girou em direção a sua voz, acendendo a luz novamente. Ele apertou os olhos, então ela abaixou, limpando as lágrimas em suas bochechas, envergonhada de ter sido pega chorando em cima de uma toca de raposa. Como é que ele se aproximou dela daquela maneira?

— Ela voltou, — Harper disse calmamente. Ela inclinou a cabeça na direção da toca. — A mãe.

Ele parou por um momento. — Bom.

Ela estremeceu novamente, e ele acenou com a cabeça em direção a sua caminhonete. — Traga sua arma e durma dentro. — E com isso, ele se virou, voltando para sua casa, mas deixando a porta aberta. Parecia quente ali, quente e iluminado pela luz das velas. Acolhedor.

Ela pegou o cobertor da caminhonete, apertando os lábios enquanto considerava o rifle. Parecia rude levar para dentro quando estava oferecendo a ela um lugar quente para dormir, mesmo que não precisasse. Mas... bem, ele ainda *era* um estranho, *e* um gato selvagem, *e* um suspeito em uma investigação de assassinato. Sem mencionar que muitas coisas ruins neste mundo aconteciam às garotas porque estavam preocupadas em parecerem rudes. Ela pegou a arma e subiu os degraus e passou pela porta dele, fechando-a atrás dela.

— Obrigada. Eu... você nem vai saber que estou aqui.

Ele parecia confuso. — Eu saberei que você está aqui.

— Eu só quero dizer, não vou te incomodar. — Ela considerou as três camas vazias, mas nenhuma delas tinha colchões, e dormir em molas de metal não parecia confortável, então ela se sentou no chão, encostada na parede e colocando a arma no chão ao lado dela. Ela se envolveu no cobertor novamente e soltou um bocejo fingido para que ele soubesse que ela tinha tudo resolvido. — Isso é muito legal da sua parte — ela disse. — Se eu puder pagar sua gentileza de alguma forma, me avise.

Ela jurou que viu seus lábios se inclinarem um pouco, mas então ele se virou, deitado em sua própria cama, de

costas para ela. — Se você pudesse tentar não atirar em mim durante o sono, isso seria bom — ele disse sem se virar, e ela jurou que ouviu um sorriso em sua voz. *Ele estava brincando com ela?* A ideia a chocou, mas também causou uma explosão de prazer também.

— Eu prometo que não vou, — ela disse, e podia ouvir o sorriso em sua própria voz antes de perceber que havia um em seus lábios.

Seu ombro moveu-se ligeiramente, mas ele não respondeu, e depois de um momento ela fechou os olhos, deleitando-se com o calor que a envolvia, seus tremores cessando completamente.

Ela estava confortável, mas sabia que não iria dormir. Harper tinha dificuldade em dormir em geral, muito menos sentada contra a parede de um estranho com o dito estranho dormindo a seis metros dela. No entanto, apesar da cabana e da falta de refinamento, ela se sentia à vontade. Era o fogo? O homem? O profundo e envolvente silêncio da floresta que os rodeia? Ou era porque ela sentia paz? *Sempre juntos, nunca separados.*

Não, ela não iria dormir, mas graças a Deus ela estava aquecida. Abrigada. E havia apenas algumas horas até o amanhecer.

Capítulo 14

Feixes de neve. Rajada de vento. Ambos atravessando no campo gelado. Jak atravessou, movendo-se pelas rochas enterradas e buracos escondidos que conhecia de memória.

A casa de Driscoll apareceu, fumaça saindo da chaminé, e Jak acelerou o ritmo, movendo-se rapidamente pela neve que caía. Ele não gostava de visitar Driscoll. Ia o mínimo possível, mas havia algumas coisas que não queria ficar sem, agora que o inverno havia chegado.

Especialmente fósforos.

Ele podia cozinhar agora, mas escolheu não fazê-lo. Quando cozinhava, não podia mais sentir vida nisso. Lembrava que sua baka havia falado sobre vitaminas e minerais, e talvez fossem a mesma coisa. Agora que as palavras quase nunca chegavam à sua boca, Jak tinha aprendido que as imagens em sua cabeça explicavam melhor as coisas. Ele via vitaminas e minerais como minúsculos grãos de vida que fluíam através do ser vivo e quando você os comia, podia sentir todas as coisas que o animal havia experimentado. Sua vida fluía para você e, dessa forma, nunca parava de viver. A vida continuava e continuava. Nunca parando.

Mas ele não queria voltar a um inverno sem o calor do fogo, embora agora tivesse um teto sobre a cabeça, um cobertor e o calor do corpo de Pup. Calor valia a pena a caminhada, e valia alguns minutos com Driscoll. Jak não

gostava dele embora. Ele sentia uma sensação de frio e suor sempre que estava ao seu redor. Ele odiava como os olhos de Driscoll ficavam esquisitos e o modo como ele observava cada movimento de Jak. Jak havia aprendido a dizer quando havia um predador por perto, não apenas pelo estalar de um galho sob o degrau, ou pelo fedor do pelo quando se aproximava. Ele sabia pela sensação sussurrante por dentro e do modo como os pequenos pelos na parte de trás do pescoço se levantavam quando algo perigoso o espreitava.

Ele sentia isso quando estava perto de Driscoll.

O homem nunca tinha feito nada além de trocar suprimentos com ele, e ainda... essa sensação permanecia. Jak imaginou que, o que quer que Driscoll fazia na cidade para conseguir suprimentos, provavelmente era sorrateiro e cheio de mentiras.

Mas Jak não iria pensar muito sobre isso. Sua baka explicou uma vez que as pessoas faziam o que tinham que fazer para sobreviver durante as guerras. E ele precisava de suprimentos. Isso era tudo.

Jak deixou Pup sair de casa à primeira luz do sol e ele ainda não estava de volta quando Jak saiu, por isso estava sozinho nessa viagem. Ele queria assim, e sempre ia sozinho para a casa de Driscoll. Pup era leal e fiel a ele, e não o temia nem um pouco, mas Jak não fazia ideia do que faria se visse um estranho. Especialmente aquele que tinha o mau cheiro de um predador do jeito que Driscoll tinha.

Nas poucas vezes em que Jak ouviu um carro na estrada perto do local, ou o que poderia ser gente andando na

floresta ao seu redor, ele se virava na outra direção e se afastava, quieto como um lobo. Quieto como Pup. Ele imaginou que isso havia ensinado Pup a temer outros humanos além de Jak. E, além disso, ele não sabia como Driscoll agiria se visse um lobo gigante se aproximando dele, quer ele parecesse simpático ou não.

Driscoll abriu a porta antes mesmo de Jak ter batido, como se estivesse vigiando, o que fez aqueles minúsculos pelos se arrepiarem no pescoço de Jak.

— Jak. Como você está? Entre. Fique quentinho.

Jak entrou na pequena sala, pensando como sempre fazia, o quanto queria ir embora, assim que chegava lá.

Ele alcançou a bolsa que fez costurando duas peles de coelho com longos pedaços de grama grossa. Não era muito forte e não suportava nada muito pesado, mas funcionava para suas necessidades, o manteve ocupado por três dias inteiros. Jak retirou o peixe cheio de neve e envolvido em outra pele. Ele pegou o peixe naquela manhã batendo uma pedra no gelo e pendurando pequenos pedaços de carne de coelho no buraco. Ele levou a manhã toda, mas ele pegou quatro. Dois para negociar, um para ele e um para Pup.

Quando olhou para cima, os olhos esquisitos de Driscoll estavam se movendo entre o peixe e a bolsa, um pequeno sorriso virando seus lábios grossos para cima. — Você tem trabalhado duro. Descobrindo como sobreviver com o que está disponível para você.

— Que outra escolha nós temos? — Ele perguntou. — Até a guerra acabar.

— Sim. O que você está procurando para trocar?

— Fósforos.

— Ah. — Ele suspirou. — Os fósforos são uma mercadoria preciosa.

Mercadoria preciosa. Sua mente zumbiu, trabalhando rapidamente com o significado daquelas palavras. Ele se lembrava de precioso. *Importante.* Os fósforos eram uma *coisa* importante? Uma mercadoria era uma coisa. *Uma coisa importante.*

Sim, sim, eles eram. Jak sabia disso melhor que ninguém. O que era mais precioso do que o calor vivificante? — Eu posso lhe trazer mais peixe. Quantos?

Driscoll passou os dedos pelos lados da boca e pela barba, olhando para Jak de um jeito que fez seus músculos ficarem tensos. — Traga-me um par de botas. Esses que estou usando são velhos e usados, e poderia usar algo mais quente e forrado com pele.

Botas? Ele olhou para as botas que ele fez para si mesmo usando pedaços de seus velhos sapatos, peles e couro, costurados e enrolados com longas lâminas de grama. Eles faziam o trabalho e mantinham os pés aquecidos, mas dificilmente eram algo para negociar. Ele olhou para as botas de Driscoll. Elas pareciam boas para ele. Jak desejava ter botas como aquelas em vez das que ele criou usando o que pôde encontrar, botas que se desfaziam com tanta frequência, que ele estava sempre arrumando alguma coisa nelas, ou deixando uma para trás enquanto dava um passo nas pilhas profundas de neve.

— Se você me trouxer um par de botas que aprovo, eu lhe darei duas caixas de fósforos.

O coração de Jak acelerou. *Duas caixas.* Isso o levaria pelo inverno e até a primavera. Ele inventaria maneiras melhores de fazer botas. Sua mente começou a zumbir como uma música de críquete, pensando em todos os itens que poderiam funcionar melhor do que os que estava usando. Ele tinha o canivete que usava para fazer pequenos buracos, mas usar grama como fio não era o melhor. Ela secava e quebrava. Ele estava sempre tendo que consertar as peças que se desfaziam. — Ok, — ele disse, antes que pudesse desistir disso. O pior que poderia acontecer era que Driscoll não gostasse de seu trabalho e não lhe desse os fósforos.

Driscoll parecia satisfeito. — Bom menino. Venha comigo e vou te dar cinco fósforos pelo peixe.

Jak fez uma pausa antes de seguir Driscoll para o quarto ao lado do principal, que ele imaginava ser onde dormia. Ele ficou na porta enquanto Driscoll caminhava até uma cômoda, abriu a gaveta de cima e contou cinco fósforos. Ele tentou bloquear a gaveta com o corpo, mas quando se moveu um pouco, Jak pôde ver que havia duas fileiras de grandes caixas de fósforos dentro. Ele tinha fósforos suficientes para dez invernos. Jak tentou não se sentir zangado. Eram as coisas de Driscoll e Jak tinha sorte de o homem estar negociando com ele por cinco.

Ele moveu seu olhar da gaveta fechada para a foto acima da cômoda. Era um desenho de homens lutando e Jak olhou para isso por um minuto. Ele brincava de guerra com

seus soldados de brinquedo quando morava com Baka, mas os homens da foto estavam vestidos com roupas estranhas, nada como o equipamento militar que seus bonecos usavam.

— A Batalha das Termópilas — Driscoll disse, parando ao lado dele na porta e olhando para a foto. — Uma das batalhas mais famosas de todos os tempos. Os espartanos mantiveram as Termópilas contra os invasores, uma passagem montanhosa de extrema importância estratégica, durante três dias com meros trezentos homens.

Driscoll acabou de dizer várias palavras que Jak não sabia. Ele gostaria de examiná-las, *colecioná-las*, mas também queria ir embora. — Os espartanos? — Jak olhou para Driscoll e seus olhos brilhavam como se ele estivesse prestes a chorar. Mas lágrimas felizes. Talvez ele gostasse de lutar. Talvez gostasse de *guerra.* Talvez *gostasse de* viver assim. Talvez seja por isso que Jak se sentia tão estranho em torno dele o tempo todo. Jak recuou dois passos, colocando mais espaço entre eles.

Driscoll não pareceu notar quando ele balançou a cabeça para cima e para baixo, para cima e para baixo. — Os maiores guerreiros de todos os tempos, — ele disse. — Eles foram *criados* para a batalha. Testados para saber que eram homens que *nunca* desistiriam, apesar das probabilidades mais terríveis. Dizem que a única vez que um soldado espartano tinha uma folga do treinamento era durante uma guerra. — Driscoll riu, e Jak deu um sorriso tenso, embora não entendesse a piada.

— Mas veja, a *sobrevivência* é o maior treinamento de todos. É aquela coisa inexplicável que faz um homem *continuar* apesar dos obstáculos à sua frente, apesar das condições miseráveis, ou dos feitos impossíveis. *Isso é* o que faz o mais temível de todos os guerreiros. Qualquer homem forte e hábil pode aprender a empunhar uma arma, mas será um soldado extraordinário que nunca desiste. *Nunca.*

Jak recuou mais alguns passos para a sala principal e Driscoll o seguiu com os olhos ainda brilhantes. — Temos que estudar história para forjar o futuro. Os povos antigos entendiam a guerra muito melhor do que nós hoje. Eles... eles... — Suas mãos voaram por alguns segundos como se ele estivesse tentando pegar as palavras certas do ar. Seus olhos encontraram os de Jak. — Eles entenderam que sacrifícios devem sempre ser feitos para o bem comum da sociedade. Eles sabiam que sem sacrifício, a humanidade cairia no egoísmo, ganância e ruína. Um nunca é tão importante como todos. Isso é o que nos trouxe a este ponto, entende?

Não, Jak não entendia. De modo nenhum. Mas ele acenou com a cabeça para parecer que entendia o que Driscoll estava falando. Ele pensava que deveria ser sobre a guerra. Driscoll sabia muito mais sobre o que estava acontecendo na cidade, nos EUA, em... Isso é tudo o que Jak sabia do mundo, além de que era redondo e as pessoas falavam em línguas diferentes se viajasse o suficiente para encontrá-las.

— As pessoas são tão *ruins,* Jak. Tão ruins e egoístas e imorais. Elas não *aprendem.* Elas nunca aprendem e todos nós pagamos por seus erros.

Jak olhou para ele. Isso era verdade? As pessoas eram más? Algumas eram, ele sabia disso. As pessoas levaram sua baka embora. Tentaram matá-lo. Fez com que ele tivesse que viver sozinho na floresta distante. Mas algumas eram boas, não eram? Sua baka era boa. Ela tentava fingir que não gostava dele o tempo todo, mas ele sabia que ela gostava mesmo assim. Ela cuidou dele e lhe ensinou coisas, e parecia orgulhosa quando ele fazia um bom trabalho em alguma coisa ou outra. Ela lhe deu livros, palavras e números, e bebidas de laranja com bolhas efervescentes. Mas agora ele estava confuso e queria *ir.* — OK. Estarei de volta com as botas.

Driscoll piscou, depois seus olhos percorreram a cabeça de Jak, a testa franzida. — O quê? — Ele deu uma sacudida na cabeça. — Sim. Botas. Certo. Sim, traga-me um par de botas. E vou te dar uma caixa grande de fósforos.

— Duas caixas — Jak corrigiu. — Você disse que me daria duas caixas.

Driscoll acenou com a mão como se não houvesse diferença entre uma ou duas. Mas ele não podia dizer *isso.* A diferença entre muitos fósforos e não o suficiente era a vida... ou morte. — Duas caixas. Sim, tudo bem.

Jak assentiu, já se virando para a porta. — Tchau — ele disse enquanto saía para a neve. Ele virou o rosto, pequenas esferas de granizo atingindo sua bochecha. Uma rajada de

vento havia aumentado. Ele deveria perguntar a Driscoll se poderia ficar por um tempo em vez de voltar para casa. Seu rosto já doía e suas botas estavam soltas, ele podia sentir a cada passo. Ele não queria que Driscoll soubesse disso ou poderia desistir do negócio. E de qualquer maneira, mesmo quando o pensamento de permanecer passou em sua mente, os sentimentos sussurrantes lhe diziam para ir embora, e ele estava se afastando da casa. Longe de Driscoll e seus olhos selvagens. Longe do homem que o fazia se sentir como uma presa, mesmo que ele não soubesse o porquê.

Capítulo 15

A garota chamada Harper estava roncando. Alto.

Lucas a observou onde estava sentada no chão, a cabeça inclinada para frente e a boca aberta. Ele aproveitou o momento para encará-la sem que ela soubesse, para deixar seus olhos viajarem livres.

É *você,* ele pensou. Parecia que uma abelha estava presa em seu peito.

Ela era o bebê na foto que ele usava no pescoço por tanto tempo. Foi por isso que os sussurros se agitavam sempre que ela estava por perto? Por que ele sentia que a *conhecia*? Ele estendeu a mão para o colar por hábito, sua mão caindo. Vazia. Continuou olhando. *Ela* era a pequena garota sorridente com o laço rosa em seus cachos castanhos.

Como isso poderia ser? Isso o chocou. Embora muito o chocasse. Por que não? Um choque de infelicidade passou por ele, mas o afastou. *Por enquanto.* Enquanto ela estava lá. A garota o deixava nervoso. Ou... não, não nervoso. Era o oposto. *Qual é o oposto de nervoso?* Ela *o deixava calmo.* Como se ele quisesse parar e esperar e assistir até que pudesse entendê-la.

Ainda não era a palavra certa, e ele pensou nisso por um minuto enquanto vestia o casaco, tentando fazer barulho para que ela acordasse. Ela soltou outro ronco, o que *quase o* fez sorrir, exceto que estava tenso demais para sorrir.

Ele se virou por um minuto, mas não conseguiu evitar voltar. Ele queria olhar para ela. *Ela é linda.* Mas ele poderia confiar nela? Ele esfregou a cabeça. A mulher de cabelos ruivos, que tinha tirado a roupa para ele e beijou sua boca, também era bonita. Não tão bonita quanto a menina babando em seu sono em sua casa, mas ainda bonita. Mas de qualquer forma, elas eram diferentes, certo? Ele *conhecia* essa mulher. Não conhecia? Ele meio que sentia como se conhecesse.

Um pedaço de seu cabelo escuro caiu sobre o rosto dela. A cor das castanhas ao sol. Castanho brilhante profundo. Sua mão coçava para empurrá-lo para trás, passar os dedos por ele e descobrir se era tão sedoso quanto parecia. Tocar. Cheirar. Seus olhos estavam fechados agora, mas ele podia imaginá-los abertos e olhando para ele como se ela não soubesse o que ele faria em seguida.

O que ela achava? O que ela via quando olhava para ele? Um animal ou um homem? Algo para temer? Sim, ele sabia que essa era a resposta, ou ela não teria trazido uma arma com ela.

Silenciosamente ele se aproximou. Silencioso como um lobo. Tentando pegar seu cheiro de onde estava. Pronto. Ele fechou os olhos, puxando, guardando. Era mais terroso esta manhã, como se ele tivesse pegado uma flor inteira e esmagado em suas mãos e, em seguida, levado ao nariz, todas as partes dela se misturando. Doce e não doce. Ele não tinha palavras para o cheiro dela, apenas imagens.

Sentimentos. Sussurros. Mas isso mexeu com ele. Isso fazia o corpo dele reagir, fez com que ele a quisesse.

Ele olhou mais de perto, a estudando. Aprendendo. Sua boca era grande, o lábio superior mais fino que o inferior, e quando seus lábios estavam abertos, como naquele momento, ele podia ver seus dois dentes superiores. Perolado, suave.

Quando ele a viu pela primeira vez, ele pensou que ela parecia uma corça, fresca e jovem, seus grandes olhos castanhos piscando para ele com curiosidade. Ele nunca tinha visto nada mais bonito. Nem mesmo a quase noite, quando as cores do sol sangrando enchiam o céu e desciam para beijar a terra.

Ela se moveu em seu sono e ele deu um rápido e silencioso passo para trás, mas ainda assim ela não acordou. *Ele* quase não dormiu, tão consciente dela sob seu teto que não conseguia silenciar sua mente. Talvez ela não estivesse tão assustada com ele quanto pensava já que era capaz de dormir assim. Ela soltou outro ronco rouco e se inclinou para frente. Seus lábios curvaram para cima então, em um sorriso que parecia estranho em seus lábios. Ele estendeu a mão para senti-lo, seus dedos correndo sobre a forma curva de sua boca.

Ele não queria que ela ficasse lá. Ele queria que ela saísse para que ele pudesse parar de questionar tudo, sentindo coisas que não sabia o que fazer. Ele precisava de tempo para pensar, para descobrir o que ia fazer agora que Driscoll estava morto e sua ligação com o mundo exterior

tinha acabado. Ele tinha que descobrir o que faria a respeito de muitas coisas, e ele não tinha ideia de por onde começar.

Ele se lembrou da noite anterior, quando olhou pela janela e a viu chorando perto da toca das raposas. No início, ele pensou que era porque a mãe não tinha retornado, mas quando ele entendeu que era porque a mãe estava *lá,* mantendo-os quentes e secos e alimentados, ele sentiu algo torcer em seu peito que nunca sentiu antes.

Ela também perdeu a mãe. Ele sabia disso agora.

É *você,* ele pensou novamente. *Você.*

Ele a observou por mais um minuto, tentando descobrir a melhor maneira de acordá-la, já que o barulho não estava funcionando. Ele deveria sacudi-la? Ou ela atiraria nele com a arma? Ela poderia tentar. Mas ele poderia dominá-la em um segundo, com arma ou nenhuma arma, e se ela não soubesse disso, ela deveria. Na imagem que se formou em sua mente, seu corpo vindo sobre o dela enquanto olhava para ele com seus olhos redondos, parecidos com cervos, sua pele corou e ele se sentiu tonto.

Fique quieto.

Espere.

Ela o confundia como todas as pessoas, mas ainda... mais. Ele não entendia a maneira como ela falava ou as expressões que mudavam de um momento para o outro e sem qualquer aviso. Ele não sabia como ela ria tão facilmente em um minuto e depois as lágrimas enchiam seus olhos no outro. Ele não conseguia acompanhar o que ela dizia na

metade do tempo, porque ela pulava entre os assuntos tão rapidamente e sem razão que ele pudesse entender.

Ele a *conhecia*... mais ou menos, mas... ela era um mistério.

Outras mulheres agiam assim? Ou era só ela? Ele não sabia. Mas ele sabia de uma coisa: ele gostava do jeito que ela era.

Ele gostava do rosto e do corpo dela. O cabelo. Ele gostava do jeito que ela se movia e do jeito que ela cheirava, especialmente isso. Profundo, rico e doce. Algo em que ele queria enterrar o nariz, deixando-o dominar seu cérebro. Isso o afetava.

Ele se perguntou qual seria o gosto dela, e isso fez com que seus músculos ficassem tensos, então ele estava e não estava desconfortável. Ele tinha visto algumas outras mulheres quando foi para a cidade, e tinha visto muito da mulher com o cabelo vermelho, mas no minuto em que ele colocou os olhos em Harper, ele se sentiu *diferente.* Como se um fogo tivesse acendido dentro dele, a parte azul da chama lambendo seus ossos e fazendo-os derreter.

O sentimento era tão forte que, se as regras da natureza fossem as regras dos humanos, ele a teria reivindicado naquele minuto, travado uma batalha contra outros machos por ela. E ganhado. O que fosse preciso fazer para que ele pudesse chamá-la de sua. *Ela é a que eu escolhi,* ele queria contar para todos os outros machos. *Aquela.* Mas ele sabia que havia muito mais do que isso. Seus instintos, no entanto, os que foram aguçados para que fosse mais animal que

homem, eram fortes e necessitados. Porque seus instintos significavam sua sobrevivência. E afastá-los parecia um tipo de desistência que ele não estava acostumado ou pronto.

Ele não tinha ideia de quais eram as regras da vida na cidade, nenhuma ideia de como viver com elas, ou se ele queria. Essa era a coisa sobre a natureza, havia... padrões. Ele se perguntou se as pessoas também tinham padrões e pensava que provavelmente não.

Pelo menos a garota não parecia. *Harper.*

Ele se perguntou o que as outras pessoas diriam se soubessem o que ele estava pensando dela. Que ele queria acasalar com ela. Não apenas uma vez, mas várias e várias vezes até que estivesse cheio e satisfeito como nos dias em que ele roubou uma colmeia das abelhas e se encheu de mel dourado, seus lábios doces e seus dedos pegajosos.

Eles o chamariam de besta?

Ou outros homens tinham esses mesmos sentimentos? Será que *outros* homens, que viviam na *civilização,* imaginavam se acasalar com a mulher que queriam reivindicar? Imagens claras e brilhantes que enchiam suas mentes e endureciam seus corpos? Isso era *normal?*

Ele não podia se importar.

Esses sentimentos faziam parte dos sussurros profundos. Os aromas que se moviam dela para ele e vice-versa. E seus pensamentos eram seus. Eles pertenciam a ele. Eles eram a única coisa que não havia sido roubada.

Ele tossiu alto e seus grandes olhos se abriram lentamente. Ela piscou por um minuto e depois se sentou ereta, tirando o cabelo do rosto e enxugando o rastro de baba no lábio inferior. — Oh, eu devo ter... somente... cochilado por um segundo. — Os olhos dela se afastaram como se ela soubesse que estava mentindo. Aquela necessidade de sorrir veio novamente e quando ela começou a se levantar, ele se virou, pegando sua bolsa.

— Existe, ah, algum lugar que possa me limpar? — Ela perguntou.

Ele voltou para onde ela estava, movendo-se de um pé para o outro. — Há um banheiro lá atrás. E o que mais você precisar.

— Lá atrás? — Ela olhou pela janela e então encontrou seus olhos novamente, dizendo com sua expressão que ele definitivamente não estava dando o que ela poderia precisar.

Ele sentiu vergonha. Calor subiu por seu pescoço, mas ele assentiu. — Há um balde pendurado na bomba de água. — Ele sabia que ela estava acostumada a banheiros internos. Ele foi acostumado a isso uma vez também. Há muito tempo. Agora ele mal conseguia lembrar como era a água quente. Ele desejava poder lhe dar água quente.

Seus olhos se arregalaram, mas ela endireitou os ombros. — Então eu vou apenas me... refrescar... lá trás. — Suas bochechas ficaram rosadas, e fez seus músculos do estômago pularam. Ela deu a ele um último olhar de olhos arregalados e então se virou, pegando sua arma e correndo pela porta da frente.

Ele a observou fechar a porta, pegou a pequena bolsa que tinha guardado e depois saiu de casa também.

Ela caminhou pelo canto alguns minutos depois, com o cabelo preso no alto da cabeça. Ela parecia bonita na luz da manhã, enrugada e fresca ao mesmo tempo, e seu sangue começou a fazer coisas estranhas em suas veias novamente, correndo rapidamente, e depois desacelerando, fazendo seu cérebro se sentir sonolento. Ele virou as costas para ela e começou a andar. Ela poderia seguir ou não. Ele ouviu a porta da caminhonete abrindo e fechando e depois os passos rápidos.

Ela olhou para a faca presa ao quadril dele. — Esperando problemas?

— Não, — ele disse baixinho. — Esperando o jantar. Se vou sair hoje, quero trazer algo para comer.

— Oh. Certo. Sim, claro — ela disse. — Então, você só vai usar isso para... — Ela parou por um longo tempo antes de finalmente dizer: — Pegar o jantar.

Ele olhou para frente, depois olhou para ela. Sua expressão fez parecer que ela tinha uma pequena pedra pontiaguda em seu sapato, e isso o fez sentir que talvez ele também tivesse. Ela não gostava dele, achava que ele era diferente... estranho. Ele não gostou. Mas não era culpa dela. Ele *era* diferente e estranho, e a solidão se abriu dentro dele, alargando-se como um buraco negro.

Sim, ele era diferente, mas isso não era o pior.

Eles saíram das árvores do outro lado de sua casa, e o campo aberto se estendia diante deles, o céu brilhando como

prata e ouro. A visão do céu matutino o acalmou, e ele conseguiu afastar sua mente do vazio que seria para sempre uma parte de quem ele era. Ele poderia odiar isso se quisesse, e odiava, mas não poderia mudar.

— Obrigada, a propósito. Tenho certeza de que você tem outras coisas que poderia estar fazendo. Especialmente considerando o clima. Eu realmente aprecio isso.

As palavras de Harper tiraram Lucas de seus pensamentos e ele assentiu. Ele não tinha muito mais que precisava fazer. Ele tinha suprimento de comida para o inverno que poderia usar se precisasse. Ele aprendeu o quanto isso era importante para sobreviver muitos invernos atrás, e agora sabia o que fazer muito antes do primeiro floco de neve cair. Agora tudo o que havia a fazer era esperar e se preocupar com o futuro dele. Ele podia fazer isso tão bem aqui fora como sentado sozinho em frente ao fogo. Apesar de que estaria sem fósforos em breve, e ele não havia descoberto como iria lidar com isso.

Do jeito que você fazia antes de tê-los.

Ele poderia ir à casa de Driscoll e roubar fósforos se quisesse. Mas ele não ia. Ele não queria entrar naquela cabana de novo, nem mesmo por uma caixa de fósforos.

— Quanto falta até o carro? — Ela perguntou, chegando ao lado dele. De repente ele notou que ela não tinha sua arma com ela, deve ter sido isso o que ela estava guardando quando ouviu a porta da caminhonete abrindo e fechando, e ele se perguntou o que a fez decidir deixá-la para trás. Ela tinha decidido que não tinha mais medo dele? Ou que seria

muito difícil viajar carregando uma arma grande? Não importava, ele disse a si mesmo. Ele não pensava sobre o modo como o pensamento dela confiar nele, a garota cuja foto ele usava no pescoço por anos, a garota que esteve *com* ele durante tantos momentos de luta, dor e solidão, o fez sentir... bem.

Ele percebeu que ela estava olhando para ele e lembrou que ela fez uma pergunta. *Quanto falta até o local?* Ele parou novamente. Ele não sabia como descrever *perto* e *longe* e sabia, pelo olhar que o xerife lhe dera no dia anterior, que tinha feito isso errado quando lhe contou quantos passos havia entre Driscoll e sua cabana. — Não muito tempo agora — ele finalmente decidiu.

Eles subiram uma colina e um vale se estendia diante deles. No verão, ficava cheio de flores, vermelhas, roxas e amarelas, todas se fundindo enviando a brisa de volta com sua doçura.

Eles andaram em silêncio por um tempo, apenas os sons de seus passos enchendo o ar ao redor. Estava frio, mas não tão frio quanto no dia anterior, e o sol rompeu através das nuvens, então estava quente em suas costas. Harper pegou um longo galho e parou para partir um pedaço, aproximando-se dele novamente e usando-o para dizer os lugares que eram seguros para pisar e os que não eram. Ele fazia isso, antes de memorizar cada buraco e rocha da terra ao seu redor. — Eu conheço cada passo deste terreno — ele disse a ela. — Apenas me acompanhe.

Ela fez uma pausa, mas depois jogou o galho para o lado. Mais confiança. Ele aumentou sua velocidade, e ela também, acompanhando-o, embora suas pernas fossem muito mais longas. — Você traz pessoas aqui para o seu... trabalho? — Ele queria saber sobre ela, ele não podia evitar, e também queria saber sobre o mundo, sobre as maneiras como as pessoas viviam, as coisas que faziam. Ele queria saber se alguma coisa seria familiar para ele, ou se ele era diferente demais agora para viver entre os outros.

Ele queria saber se ele *queria* isso.

— Oh. Você se lembra disso. Sim. Principalmente na primavera, verão e outono. Eu levo as pessoas para caçar, acampar ou apenas caminhar durante o dia. Há menos clientes durante os meses frios, mas eu levo alguns pescadores de gelo, esquiadores, coisas dessa natureza. Mas economizo meu dinheiro, por isso estou bem trabalhando menos no inverno. Eventualmente, dou algumas aulas. Mas... você não perguntou sobre isso. Então, sim, eu trago pessoas aqui pelo meu trabalho. Para apreciar a beleza da natureza que preenche a alma — ela concluiu, com uma inclinação nos lábios. Havia uma palavra para esse tipo de inclinação labial... o que era isso? Algum tipo de sorriso que... ela estava tentando ser engraçada de alguma maneira? Isso estava certo?

Ela falou muito e mudou de um assunto para o outro. Acompanhá-la era difícil. Ele tinha que voltar no que ela disse em sua mente, a fim de entender o que responder.

— Você não acredita que a beleza da natureza preenche a alma de uma pessoa? — Ele finalmente perguntou.

Ela deu-lhe um olhar surpreso. — Oh. Eu quero dizer não. Quero dizer, sim, acredito. Soou como uma coisa brega de dizer. Mas... estar na floresta, me trazia paz quando precisava. — Ela deu a ele um rápido olhar antes de pular uma pedra saindo da neve. — E você? A beleza da natureza preenche sua alma? — Ela sorriu para ele, tão bonita, e todos os pensamentos abandonaram sua cabeça. Ele desviou o olhar para poder pensar novamente.

Pensou nas coisas que mais amava sobre a natureza, sobre o *lar*... os longos dias de verão, quando sua barriga estava cheia de peixe fresco e frutas doces, e sua pele estava quente. A maneira como os vaga-lumes brilhavam no azul ondulado da quase noite, da maneira como os lobos cantavam canções de amor para seus companheiros, suas vozes subindo altas e claras até a lua cheia e amarela, tão linda que a floresta inteira parava para ouvir. A maneira como os esquilos riam com seus sorrisos de dentes grandes enquanto criavam problemas e brincavam um com o outro, e a maneira como os pássaros cumprimentavam a luz da manhã, felizes e gratos por outro dia.

Mas ele também pensou no frio que esfaqueava seus ossos, a solidão que parecia um poço escuro de tristeza aberta, os porcos selvagens com seus olhos loucos e gritos arrepiantes, e na terrível dor de estar com fome. — Preencher? — Ele finalmente disse, sua voz baixa e quieta. —

Não. Mas isso me salvou. E... me castigou. Se houver coisas que possam preencher minha alma, ainda não as encontrei.

Ainda. Uma palavra esperançosa, ele pensou. E surpreendeu-o saber que ainda tinha alguma. Mesmo um pouco.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo e quando ele a olhou, ela o estava olhando com o olhar mais estranho em seu rosto. Um novo e diferente, ele não conseguia dizer uma palavra. Ele falou demais... de uma forma que não falava com outros. Talvez. Mas ela não parecia chateada com ele apenas... surpresa e... outra coisa que ele também não tinha palavras para descrever. Ele desviou o olhar, fingindo pensar em qual direção seguir, mesmo sabendo exatamente para onde ir.

— Bem, eu... espero que você encontre. A coisa que preenche sua alma.

Ou talvez a maior parte da minha alma esteja morta. Ele não disse isso, no entanto. Era a coisa sobre a qual ele se perguntava em seu eu mais profundo. A coisa que ele temia. Outra parte que tinha sido roubada dele que nunca poderia recuperar.

— De qualquer forma, — ela continuou, depois que ficou em silêncio — você está certo. A natureza pode ser linda, mas cruel. Eu também sei disso.

Ele pensou que talvez ela soubesse. — Você procura o carro certo? É por isso que você vem aqui? É por isso que você trabalha nisso? — *Eu o faria,* ele pensou. *Se minha*

família estivesse aqui em algum lugar, viva ou morta, eu procuraria por eles também.

Ela parou e ele também, virando-se para ela. Seus olhos estavam arregalados e sua boca estava torcida em uma forma estranha. Ela olhou para o lado e depois de volta para ele. — Principalmente — ela disse, muito suavemente, uma rápida parada no meio da palavra que fez parecer que ela tinha algo em sua garganta. Ele pensou ter visto lágrimas nos olhos dela e a velocidade de seu batimento cardíaco aumentou. *Não chore. Não fique triste.*

— Eu nunca realmente... Acho que nunca admiti isso para mim mesma, mas... *sim.* Ando a procura dos destroços desde que tinha idade suficiente para vir aqui sozinha. O trabalho é apenas... uma maneira de ganhar dinheiro ao mesmo tempo, então ainda posso comer. — Ela fez uma pausa. — Eu precisava seguir em frente, para descobrir o que fazer com a minha vida, mas estou... presa. — Ela riu baixinho, mas não parecia uma risada normal. Soava mais *triste do* que qualquer outra coisa.

Ele observou seu rosto bonito e exalou devagar. Ele podia de repente entender essa mulher um pouco e isso o fez sentir... humano. Como um homem. — Eu sei o que é estar perdido — ele disse. Era a coisa que o fazia diferente de todos os animais. A razão pela qual esse lugar nunca seria realmente sua casa como era para eles.

Ela encontrou os olhos dele e parecia que a luz do sol preenchia o espaço entre eles. Invisível, mas brilhante, quente e real. Os sussurros cresceram e estavam quase...

cantando dentro dele. Ele nunca sentiu isso antes. Ele não sabia o que pensar, mas gostou. Ele gostava *dela.*

Folhas estalavam ao redor deles e um falcão avistou um camundongo abaixo dele e convocou seu ataque, baixando e depois voltando para o céu. O gavião gritou de novo, palavras diferentes de falcão desta vez. Raiva. Seu almoço tinha fugido. — Quantos anos você tinha quando veio morar aqui sozinho, Lucas? — ela perguntou.

Ele a olhou, seu instinto de ignorar a pergunta, mentir talvez. Proteger-se. Ele sabia que agora era porque tinha sido ensinado a fazer isso, usando medo e mentiras. Não *importava* se ele respondesse? Antes que pudesse pensar mais sobre isso, ele disse: — Quase oito, eu acho.

Sua boca se abriu. — Quase oito? — Ela balançou a cabeça. — Isso não é possível. Lucas isso é... isso é ilegal. É abandono. Alguém precisa responder por isso.

— É tarde demais agora. Não vai mudar nada. — *Eu também sou culpado.*

Ela parecia estar pensando nisso e depois balançou a cabeça. — Eu acho que não, mas parece... errado não fazer nada. Mesmo se você não envolver a lei... você deve...

— O quê? O que devo fazer? O que você faria?

Ela olhou para ele, mordendo o lábio. Finalmente, ela suspirou. — Bem, você poderia amaldiçoar Deus, acho. Essa é geralmente a minha melhor solução. Faça isso bem alto e com grande indignação. — Ela lançou um sorriso rápido que também era de algum modo triste.

Ele rodou suas palavras em sua cabeça, descobrindo as que ele não conhecia, sua mente trabalhando rapidamente.

Grande indignação. *Raiva. Fúria.* Grande raiva. Muito bravo.

Ele olhou para o lugar onde a terra e o céu se encontravam. — Funciona?

— Geralmente não. Tudo que faz é me fazer sentir muito pequena e inútil.

— Uma formiga, amaldiçoando Deus do cume de uma folha de grama — ele citou de memória, as palavras rolando sua língua antes que pudesse detê-las. Ele mordeu a língua , fazendo uma careta quando tirou uma pequena quantidade de sangue.

Ela deu um sorriso surpreendida que se transformou em uma risada. — Basicamente. — Ela ficou quieta por um momento. — O que você vai fazer? Agora que Driscoll se foi? Soube que você costumava negociar com ele?

— Sim. Mas não muito nos últimos... anos. Eu não preciso de Driscoll para sobreviver. — Ele parou por um minuto. — Vou sentir falta das coisas que ele conseguia para mim, mas sobrevivi anos de invernos... sem ele. Eu posso fazer isso de novo se for preciso.

Ela não disse nada e quando ele deu a ela um rápido olhar, ele viu que suas sobrancelhas estavam próximas e ela estava mordendo o lábio novamente do jeito que parecia fazer antes de começar a fazer muitas perguntas seguidas.

— O que aconteceu com seus pais? — Ele perguntou, tentando mover seus pensamentos para qualquer outra coisa. — Como o acidente aconteceu?

Seu peito subiu e desceu enquanto ela respirava fundo. — Eu era jovem como você também, quando todo o meu mundo acabou. — Ela sorriu, mas desapareceu rapidamente. — Ou pelo menos, é assim que pareceu. — Ele novamente se sentiu compreensivo. O jeito que ela disse que *todo o mundo* dela *acabou*; é exatamente o que ele acha que aconteceu com ele uma vez, duas vezes. O mundo inteiro acabou.

Há uma guerra.

— Estávamos voltando do jantar em Missoula. Adormeci. — Ela balançou a cabeça. — Eu não *sei o* que aconteceu. Essa é uma das piores partes sobre isso. Eu me lembro do acidente, eu acho, muito vagamente. Eu me lembro de ter caído. Eu me lembro de estar molhada e congelada. Era inverno. Mas então a próxima coisa que lembro é de acordar no hospital. Eu tentei entender, mas há apenas... flashes nebulosos que não consigo contextualizar.

Não consigo contextualizar... *contextualizar. Compreensão? Eu não consigo encaixar... Juntar. Sim. Como um quebra-cabeça.* Isso é o que ela quis dizer. *Contextualizar.* Ele guardou a palavra. Uma nova entre tantas novas nos últimos dias. — Como você foi encontrada, mas não o carro?

— Excursionistas perdidos me encontraram.

— Aqui fora? — Ele nunca tinha visto ninguém. Ele pensou que tinha ouvido pessoas algumas vezes. Mas isso

significava perigo para ele, então se escondeu até ter certeza de que estava em segurança.

Eles estão matando as crianças.

Ela lhe lançou um olhar. — Sim. Eles estavam fazendo caminhadas na neve, procurando por cavernas que os amigos lhes contaram. Dois caras da faculdade. Disseram que eles poderiam ter se perdido porque haviam fumado uma grande quantidade de maconha. Aparentemente, eles cheiravam a isso, mas ninguém estava muito preocupado com isso, considerando as circunstâncias. É surpreendente que eles tenham nos levado de volta à cidade.

Isso foi um monte de palavras que ele não conhecia. Ele só entendia meio idioma, ele percebeu. Talvez menos. Sua cabeça doía.

— De qualquer forma, eles deixaram uma declaração, mas não sabiam onde me encontraram, ou quaisquer outros detalhes. As autoridades da área formaram um grupo de busca, baseado principalmente nas estradas que meu pai provavelmente estaria dirigindo, mas sem nenhum ponto de referência, eles não sabiam exatamente para onde direcionar. Eu fiquei no hospital por um longo tempo e quando acordei, mal conseguia me lembrar de nada.

— Você teve sorte — era tudo o que ele tinha a dizer para aquela longa sequência de palavras.

Ela olhou ao longe por um minuto. — Eu acho que sim.

Lucas parou e também Harper. Ele enfiou a mão na bolsa, trazendo um pedaço de peixe embrulhado e entregando a ela. — Com fome?

Ela pegou, embora parecesse insegura. — Morrendo de fome. O que é isso?

— Peixe de garganta vermelha defumado. — Ele só comia peixe defumado no inverno, porque descobriu que isso fazia durar mais tempo e ele podia armazená-lo. Ele gostava mais de peixe fresco e cru, mas ele trouxe o tipo defumado porque achava que Harper gostava mais desse tipo.

Ela deu-lhe um olhar estranho, mas desembrulhou-o e quebrou um pedaço, colocando-o na boca e mastigando. Seus olhos se arregalaram e ela mastigou um pouco mais, falando em torno da comida. — Isso é bom.

Ele sorriu, seu peito enchendo de orgulho. Ele gostava da visão dela comendo a comida que ele pegou, limpou e defumou. Ele gostou do olhar de prazer em seus olhos e do modo como o óleo da comida fazia seus lábios parecerem brilhantes. Ele pensou em lamber seus lábios, saboreando o sal oleoso em sua pele.

Pensou em caçar e pescar para ela, trazendo-lhe coisas para comer e mantendo-a aquecida e segura. Ele pensava sobre ela procurando por ele para fazer essas coisas. Ele gostou da imagem em sua mente, mas isso o confundiu. Ela não podia morar lá.

— Pronta? — Ele perguntou, deixando o resto da comida embrulhada em sua bolsa e se afastando dela. Ela disse algo ao redor de outra mordida, e ele ouviu seus passos atrás dele.

Enquanto se moviam, ele tirou um pouco de peixe e comeu rapidamente, observando o céu que mudava de cinza solitário para azul, o sol ardente queimando as nuvens da

manhã, a névoa nas copas das árvores desaparecendo. Sons de gotas de aguas estavam ao redor deles, a neve se transformando em água que iria congelar novamente hoje à noite, fazendo cachoeiras prateadas de todos os tamanhos e formas, e pingentes longos e afiados.

— Truta — ela disse.

— O quê?

— O peixe salpicado com uma faixa vermelha na garganta. Eles são chamados de truta.

— Truta — ele disse, então repetiu para se lembrar. Quando ele olhou para ela, seus olhos eram suaves como o céu. — Obrigado. — Ela assentiu com a cabeça, um olhar em seu rosto, ele não sabia o que chamar.

Eles andaram por mais algum tempo, Harper ficou para trás quando o chão ficou mais duro.

— Está lá, — ele disse quando o cânion apareceu.

Harper se juntou a ele, olhando para o cânion cheio de neve. — Como é que vamos chegar lá em baixo?

Lucas olhou para ela. — Escalando. Se você quiser ir até lá, terá que me seguir.

Ela parou por um momento e depois assentiu.

Lucas colocou sua bolsa no chão e caminhou até o lugar onde uma árvore crescia do lado do penhasco, sua raiz enterrada no fundo da rocha. Ele agarrou-a e desceu com facilidade, um movimento que ele havia feito muitas vezes, em todas as estações. Ele descia a rocha inclinada, encontrando os lugares onde seu pé podia descansar e deixando espaço para Harper segui-lo. Quando ele inclinou a

cabeça para vê-la, ela parecia nervosa, mas só parou por um instante antes de seguir atrás dele, fazendo a mesma coisa que ele acabava de fazer.

Ele se movia devagar, muito mais devagar do que teria se estivesse sozinho, mas... ele pensou que por ela iria devagar. Como um bebê guaxinim seguindo sua mãe por uma árvore pela primeira vez. Lento. Cuidadoso. Mas natural.

Com cada movimento, sua respiração ficou mais rápida como se ela estivesse tendo problemas em respirar. Mas ela não tinha ficado sem fôlego uma vez durante a caminhada, e ele se perguntou sobre isso, mas não perguntou. Seus pais estavam no fundo, e ele pensou que essa era provavelmente a razão pela qual ela não conseguia recuperar o fôlego.

Seus pés tocaram o chão primeiro, rompendo a neve coberta de gelo e encontrando o chão congelado abaixo. Estava mais frio lá embaixo, mais escuro, escondido do sol, e sua respiração fez pequenas nuvens quando ela desceu para encontrá-lo. O mundo ao seu redor silenciou.

Seus olhos se encontraram e Harper parecia diferente... assustada, ou *mais pesada,* ou... alguma coisa, seus olhos pulando por toda a área atrás dele. Ele se moveu para onde sabia que o veículo estava. Ele afastou um pouco de neve, mostrando galhos sem folhas que cobriam o azul do carro durante as outras três estações.

Um pouco da tinta azul estava aparecendo, a luz batendo no metal e brilhando. Harper tirou uma das luvas e estendeu a mão lentamente, tocando-a como se não acreditasse que fosse real. Ela puxou a mão para trás e Lucas

limpou mais alguns galhos, usando o braço para afastar a neve do carro rachado e sujo.

Os esqueletos eram os mesmos de quando os encontrou pela primeira vez, um virado para o banco de trás e o outro inclinado para a frente. Seu coração estava pesado. Essas pessoas pertenciam a ela.

Tudo ficou em silêncio ao redor deles, até os pássaros pararam de chilrear. Mas de repente Harper caiu para frente, seu soluço quebrando o ar. Ela o agarrou e Lucas a pegou. Ele assustou-se e depois parou, tomando-a nos braços e puxando-a contra o peito enquanto ela chorava, a tristeza saltando nas paredes do desfiladeiro e desaparecendo na floresta acima.

Capítulo 16

Harper esfregou os olhos, ainda inchados e coçando dias depois de encontrar seus pais. Claro, ela chorou para dormir na noite anterior, a visão de seus esqueletos enchendo sua mente e perfurando seu coração. Agora ela se sentia tão esgotada. A porta se abriu e o agente Gallagher entrou na sala e colocou um copo descartável na frente dela, colocando a mão no bolso e tirando vários pacotes de creme e açúcar. Ele colocou junto com uma colher ao lado do copo. — Eu achei que você poderia querer um pouco.

Harper segurou o copo quente, o prazer do calor fazendo com que seus ombros relaxassem pelo menos um pouco. — Obrigada. Eu agradeço.

Demorou alguns dias para organizar a extração, mas o carro, confirmado como pertencente aos pais de Harper, foi transportado do fundo do cânion horas antes e transportado para Missoula. Uma equipe de investigadores tentaria determinar se o veículo havia falhado de alguma forma e se foi isso que causou o acidente.

Os restos mortais de seus pais haviam sido transferidos para o legista em Missoula, embora Harper não achasse, baseado no que vira, que houvesse algo para examinar, exceto ossos. Ela estremeceu com a lembrança do que restava das duas pessoas que mais amava no mundo.

Ela apreciou o esforço que havia sido gasto e os cuidados com os quais sabia que os restos de seus pais

seriam tratados. Naturalmente, o pai dela era um xerife e membro da comunidade muito respeitado, e ela sabia que a cidade como um todo iria querer que ele descansasse adequadamente.

Quanto a Harper, ela ainda não tinha certeza de como se sentia. Ela esperava se sentir aliviada, e ela estava, mas também esperava sentir algum encerramento, algum senso de que ela poderia finalmente começar sua vida. Ela não sentia nenhuma dessas coisas, mas eles só foram encontrados quarenta e oito horas atrás. Apenas quarenta e oito horas desde que Lucas a segurou naquele cânion frio e escuro. Apenas quarenta e oito horas desde que haviam percorrido a longa e silenciosa caminhada até a casa de Driscoll, onde ela havia telefonado para o agente Gallagher. Levaria tempo, ela imaginou. Uma semana... talvez duas, até que pudesse finalmente deixar a tragédia para trás e aceitar que eles nunca voltariam.

Estou sozinha neste mundo.

Não era que ela sonhasse ou esperasse que eles voltassem. Ela não tinha se enganado em acreditar que eles não estavam realmente mortos e desaparecidos. Era apenas... não ter provas de suas mortes, do fato de ela não ter simplesmente *imaginado* o acidente, o frio, a queda, que os tirou dela, a impediram de avançar emocionalmente.

Dizer as palavras para Lucas alguns dias antes, admitindo que ela estava *presa,* foi uma revelação importante para ela. A caça pelos destroços de seus pais a impediu de seguir em frente. Todos esses anos, isso a manteve presa de

um jeito emocionalmente imóvel. Olhando nos olhos dele, respondendo honestamente à sua pergunta perceptiva, tornou-se subitamente cristalino. Agora, ela *encontrou* sua família. Ela não precisava ficar perdida no tempo. Agora... agora ela poderia descobrir o que ela queria fazer com o resto de sua vida. Ela *queria*, ela tinha certeza disso. Somente... não naquele dia.

— Eu gostaria que você tivesse me dito antes de ir para a casa de Lucas. Eu teria ido com você.

Ela voltou ao presente, considerando o que o agente Gallagher disse quando se sentou em frente a ela.

— Eu sinto muito. Pensei em ligar para você, mas... pensei que estava maluca. Aquele medalhão... Fazia tanto tempo desde que eu tinha visto. Pensei que talvez estivesse imaginando coisas.

O agente Gallagher observou-a por um momento. — Então, Lucas encontrou o carro de seus pais em algum momento e pegou o colar de lá?

Harper assentiu. — Ele disse que encontrou anos atrás.

— Ele disse por que usava?

Harper encolheu os ombros. — Eu não perguntei. Percebi que era apenas algo interessante para ele. Eu não sei. — Talvez ele gostasse da foto de uma família dentro dela. Algo que ele não tinha. Ela pensou sobre a maneira como ele a segurou enquanto chorava, gentil, mas rigidamente, como se não soubesse exatamente como abraçar outra pessoa. Ela se perguntou se alguém já o havia abraçado, e seu coração doeu

quando achou que a resposta provavelmente era não. Ou pelo menos... não por muito tempo.

— O carro foi encontrado a cerca de quinze quilômetros da casa de Lucas. E longe da estrada entre Missoula e Helena Springs. Você consegue pensar em uma razão pela qual seus pais podem ter desviado da rodovia para estradas secundárias de terra? Por que eles teriam ficado tão longe da estrada?

Harper sacudiu a cabeça devagar. — Não. Meu pai tinha ido de Missoula para Helena Springs centenas de vezes. Ele conhecia a rota como a palma da mão. — Harper procurou em sua mente por qualquer coisa sobre aquela viagem para casa, qualquer coisa que pudesse esclarecer essa nova informação. Mas como sempre, quando chegou ao acidente, não havia nada. Nada, exceto a sensação do carro caindo e então a aterrissagem com ossos rompendo no fundo do desfiladeiro. Então... escuridão. — Faz sentido porque a equipe de busca não encontrou o carro — ela murmurou em voz alta. Eles procuraram por semanas antes de desistir. Não é de admirar que sua busca nunca tenha produzido resultados. Ela estava procurando por quilômetros e quilômetros de onde o acidente realmente aconteceu.

— Você tem alguma memória de sair daquele cânion?

Harper franziu a testa. — Não... realmente. — Breves flashes talvez. *Suas mãos estendidas, segurando. Então... nada.* — E essa é a parte estranha — ela continuou. — Depois de sobreviver a um acidente quase fatal no tempo gelado, não tenho ideia de como consegui sair daquele

buraco. Eu *devo* ter escalado, mas... — Ela balançou a cabeça, sua testa se aprofundando. — Talvez a adrenalina... eu não sei. Eu fiquei em coma por semanas depois e minha memória é tão... — Ela massageava as têmporas como se pudesse consertar seu cérebro assim, ajudá-lo a recuperar as horas perdidas.

— Talvez seja melhor que você não lembre — o agente Gallagher disse suavemente. Ele inclinou a cabeça. — É possível que você tenha sido jogada do carro, Harper? Antes de passar pela beira daquele desfiladeiro?

— Sim. Eu acho. Estaria usando meu cinto de segurança, é claro. Mas, poderia não ter funcionado? Talvez eles encontrem algo em Missoula. — Ela balançou a cabeça. — Eu não consigo lembrar. Mas estava machucada e ferida e tinha ossos quebrados e ferimentos internos. Eu sempre achei que meus ferimentos vieram de *dentro* do carro. Mas, acho que se fui jogada antes que rolasse naquele desfiladeiro, poderia ter sofrido aqueles ferimentos então. — *Poderia ter me levantado e andado... para vagar para onde os excursionistas me encontraram.*

O agente Gallagher assentiu. — Acho que é mais provável. — Sua queda tinha sido *do* carro, em vez de dentro dele. O que deve ter significado que ela sabia que ia cair, ou um dos pais dela percebeu e a avisou... Ela massageou as têmporas novamente. Ela nunca teria as respostas para essas perguntas. Não havia como saber a sequência exata dos eventos.

Ela havia sido encontrada horas depois, vagando na neve, encharcada e à beira da hipotermia. Graças a Deus, os excursionistas perdidos a haviam encontrado e tinham os meios para fazê-la secar e voltar à civilização com rapidez suficiente para que ela não congelasse até a morte. Semanas depois, ela acordou para um novo mundo, um que ela não reconheceu, e ela estava tentando navegar desde então.

— Harper — começou o agente Gallagher, parando e parecendo considerar suas palavras. — Eu sei como é ter o tapete arrancado debaixo de você. Eu não posso imaginar isso acontecendo quando você era apenas uma criança, com mecanismos de enfrentamento limitados.

Ela olhou para ele, observando sua boca, o modo como seu olhar estava cheio de empatia. Compreensão. Ele sabia. Ela se perguntou que tapete proverbial tinha sido arrancado debaixo de seus pés. Perguntou-se se ninguém tinha os mecanismos de enfrentamento para a perda de todo o seu mundo, se você tivesse sete ou setenta anos. — Obrigada — ela disse, e ela quis dizer isso.

— Posso perguntar quem te criou depois que você perdeu seus pais?

— Eu fui colocada no sistema de assistência social. — Ela olhou para baixo, cutucando suas unhas por um momento. — Meu pai era um pouco mais velho que minha mãe e, no momento do acidente, meus avós paternos viviam em um asilo. Eles já se foram. Minha mãe era distante de sua família, então nunca os conheci. Eles não vieram para me reivindicar quando ela morreu. — Harper fez uma pausa. —

Minha mãe tinha um irmão, mas ele não estava disposto ou não era capaz de me acolher. Então... — Havia muita coisa pendendo naquela pequena palavra de cinco letras, mas ela não queria entrar nos seis movimentos, o salto de um lar adotivo para outro, a solidão, o medo, a maneira como a porta rangia algumas noites naquela primeira casa, o jeito que ela fingia estar dormindo e rezava para Deus que ele fosse embora. A maneira como ela se afastou completamente e lutou para se comunicar por vários anos. A forma como ninguém se esforçou para romper as suas paredes e criar laços com ela. A maneira como foram os livros, não as pessoas, que finalmente permitiram que ela saísse de sua própria mente o suficiente para processar sua dor e sair de sua concha. Não, havia muita coisa em que ela não queria entrar, muito menos ponderar. Especialmente naquela época.

— Não havia ninguém na cidade que poderia acolhê-la?

Harper sacudiu a cabeça e o agente Gallagher parou por vários segundos. — Isso é... triste.

Ela apontou o medalhão agora pendurado em volta do próprio pescoço, visualizando a foto lá dentro, a feliz família que uma vez tinha sido dela. — Sim, é apenas o jeito que era. — Ela balançou a cabeça. Ela não podia ficar nessa vibe. — Obrigada por recarregar minha bateria do carro, a propósito. Espero que minha ida para perguntar a Lucas sobre o colar não tenha... atrapalhado sua investigação de alguma forma.

— Não, não. Minha investigação é um assunto separado. Foi um bom pressentimento de sua parte, e estou feliz que ele tenha sido capaz e esteja disposto a ajudá-la. — Ele sorriu

gentilmente. — Qual é a sua impressão de Lucas agora que você passou mais tempo com ele?

Harper encontrou seus olhos, considerando sua pergunta. Lucas. Confuso. Reservado. Silencioso. Resiliente. *Seguro.* — Eu nunca me senti ameaçada por ele. — Ela fez uma pausa. — Na verdade, ele parece... bem, carinhoso. Ele estava preocupado com as raposinhas que eu praticamente atropelei. — Ela olhou para o agente Gallagher, o embaraço por seu comportamento descuidado afetando-a novamente. — Acidentalmente. E... ele nunca pareceu ameaçador. Estava preparada, se não fosse esse o caso — acrescentou, querendo fazer uma careta com o que deve ter parecido para Lucas, aparecendo em sua porta praticamente segurando um rifle nele e exigindo respostas. — Sua linguagem é... simples, suponho, mas ele é obviamente inteligente. Ele parece confuso com certos termos... ele tem esse olhar em seu rosto... mas não admite quando não sabe uma palavra. Você pode literalmente *vê-lo* trabalhando nisso. Isso... De qualquer forma, ele é cauteloso, mas engraçado às vezes. Quero dizer, sem querer. E... Por que você está me olhando desse jeito?

O agente Gallagher sorriu. — Você gosta dele.

Harper riu. — Dele? Não. Quero dizer, claro. Ele é... interessante. — Ela sentiu suas bochechas esquentarem e queria levar as mãos para elas, mas resistiu.

O sorriso do agente Gallagher desapareceu e um olhar de preocupação surgiu em seus olhos. *Paternal.* Isso fez com que o peito de Harper se apertasse. — Apenas seja cautelosa. Nós realmente não sabemos nada sobre ele ainda. E neste

momento, ele é nosso único suspeito nesta investigação de assassinato.

— Eu vou. Quero dizer, não tenho mais motivos para interagir com ele afinal.

— Parece coincidência que você foi chamada para ajudar no caso Driscoll, e que uma pessoa que trouxemos para responder a perguntas, acabou sendo capaz de ajudar a resolver o mistério de onde o carro de seus pais estava todos esses anos.

— Não achei que os policiais acreditassem em coincidências — ela disse, dando ao agente Gallagher seu primeiro sorriso genuíno desde que chorou naquele desfiladeiro.

O agente Gallagher riu. — Nós não acreditamos, como regra geral. É nosso trabalho encontrar explicações que vão além do destino. — Seu sorriso cresceu. — Mas neste caso, parece que é puramente um golpe de sorte.

Golpe de sorte. Lucas não tinha dito algo parecido quando ela disse a ele sobre ser encontrada pelos excursionistas perdidos? Ela sempre se considerou *azarada.* Talvez uma das pessoas mais azaradas que conhecia. Mas talvez ela estivesse olhando para isso do ângulo errado. Sim, tinha sido uma tragédia terrível que seus pais tivessem sido levados quando ela era tão jovem, uma tragédia que moldou sua vida de inúmeras formas negativas. Mas... mas ela também experimentou incríveis golpes de... sim, *sorte.* E talvez ela pudesse aprender a encontrar o lado positivo em sua vida agora também se parecesse forte o suficiente.

— Eu sei que tem sido longos, duros dias, mas posso fazer uma pergunta rápida sobre algo relacionado ao crime no Larkspur?

Harper esfregou os olhos, feliz por voltar sua mente para outra coisa por alguns minutos. — Sim, claro.

O agente Gallagher tirou uma foto do caderno e entregou a ela. Era uma pilha de livros sobre o que parecia ser uma mesa de cabeceira. — Você pode ver os títulos nas lombadas. Eles são todos livros para jovens adultos. O que eu estou querendo saber é sobre os adesivos que foram, obviamente, retirados. Eles ainda estavam grudentos em alguns pontos, como se tivessem sido feitos recentemente.

Harper aproximou a foto, seu olhar se deslocou para os lugares nas lombadas que pareciam ter sido raspados com a unha de alguém.

— Eu pensei que eles poderiam ser de uma livraria usada na cidade, ou algo assim, mas não há nenhuma em Helena Springs. Pensei na biblioteca, mas a biblioteca de Helena Springs usa adesivos brancos para a localização do livro.

— Sim — Harper concordou. — O mesmo acontece com a biblioteca de Missoula. Mas a biblioteca em Missoula também usa adesivos amarelos em alguns de seus livros — Harper disse. — Estive lá recentemente. Isso poderia ser uma parte do adesivo amarelo. A parte de baixo diz a localização do livro, e a parte superior informa quantos dias está disponível. — Harper devolveu a foto.

O agente Gallagher franziu a testa. — Eu me pergunto por que alguém tiraria adesivos de livros que pegou emprestado.

Harper encolheu os ombros. — Talvez ela não estivesse pensando em devolvê-los.

— Sim. Talvez. Obrigado, Harper, isso é útil. Vou te dar uma carona para casa — ele disse, em pé. — Você deve estar exausta. — Ele se virou, encontrando os olhos dela, a mesma empatia que tinha visto alguns momentos antes, de volta ao seu olhar. — Espero que enterrar seus pais, ter um lugar para visitá-los, ajude a encontrar algum consolo.

— Eu também espero — ela disse calmamente. — Eu também espero. — Porque ela sempre ansiou por um lugar para levar sua tristeza e perda. Um lugar para dizer adeus.

Capítulo 17

Jak não comia há três dias. Sua barriga doía, roía a si mesma, a fome fazia com que ele se sentisse fraco, sonolento. Mas ele não conseguia dormir, não se quisesse viver. *Viver! Pup* havia saído várias vezes durante as longas horas, mas até ele, um caçador natural, não teve sorte. O tempo estava miserável lá fora, os animais escondidos nas tocas, cobertos de neve ou bloqueados pelo gelo. Muitos deles morreriam ali antes do fim do inverno. Ele se perguntou se morreria também.

O coração de Jak parecia lento, como se estivesse se preparando para parar. *Thump, thump*. Talvez sim. E quem se importaria? Ninguém. Ninguém saberia.

Ele tinha comida suficiente para durar quatro dias da tempestade que ainda continua a vir, mas não mais. Tinha acabado há uma semana.

Jak tentou pegar um peixe, mas não conseguiu romper o gelo grosso, mesmo depois de martelá-lo com uma pedra afiada por horas. Ele havia esperado na água, esperando que um cervo saísse para tomar uma bebida, mas o frio ficou tão doloroso que Pup começou a choramingar, um som baixo de dor que Jak entendeu melhor ainda do que seu amigo coberto de pele. Ele não teve escolha senão voltar para dentro, morrendo de fome e de mãos vazias.

— Temos que tentar de novo, Pup — ele disse, e o animal levantou a cabeça, olhando para Jak por um minuto e

depois abaixando a cabeça novamente, como se dissesse, de *jeito nenhum*.

— Precisamos — Jak argumentou. — Quanto mais ficarmos aqui, mais fracos ficaremos. — Às vezes, Jak se perguntava se era uma maldade manter Pup ali dentro com ele, imaginando se seus instintos de lobo diminuiriam... se ele nem sempre tivesse que usá-los. Pup deveria ter uma alcateia, uma família de lobos que poderiam ajudar uns aos outros a sobreviver. Em vez disso, Pup só tinha Jak, mas Jak ainda precisava dele para ajudar a pegar comida e principalmente... *principalmente,* ele precisava de sua amizade. Pup era seu único amigo em todo o mundo, e ele sabia que não iria querer viver a guerra por tanto tempo sem ele. Jak poderia querer desistir, mas por causa de Pup, ele não iria. Pup salvou sua vida naquela noite horrível e aterrorizante, e muitas vezes desde então, e agora Jak manteria Pup seguro e alimentado, ou morreria tentando.

Jak vestiu as roupas mais quentes, peles de animais que ele costurou e alguns itens que trocou com Driscoll. Ele teria sofrido com a caminhada até a casa de Driscoll se tivesse algo para trocar por comida, mas não só não tinha nada de que pudesse abdicar, mas Driscoll havia lhe dito que esse era um item que ele não conseguia obter. Não havia muita comida na cidade, e até mesmo Driscoll tinha dificuldade em conseguir o suficiente para se alimentar. Jak se perguntou se a guerra continuaria por muitos mais invernos e a comida diminuiria cada vez mais, se as pessoas

da cidade começassem a caçar animais e a coletar os outros alimentos que a floresta poderia dar.

Mesmo agora, quando ele pensava na guerra e nas pessoas que Driscoll disse que estavam matando as crianças, aquela voz profunda repetindo em sua mente: *Sobrevivência é o seu único objetivo.*

Um pequeno tremor que não tinha nada a ver com a tempestade correu por Jak quando saiu, olhando para longe do frio ardente que queimava sua pele.

Agarrou o canivete nas mãos envoltas em pele, pronto e disposto a matar qualquer pequeno animal ou pássaro que visse. A floresta ainda estava calma, silenciosa, até as aves de inverno estavam com frio demais para cantar.

Jak parou no topo de uma pequena colina, Pup alguns passos atrás, e viu o que parecia ser um cervo deitado no meio de uma área aberta.

Os olhos de Jak se arregalaram e por um minuto ele simplesmente olhou. Teria o animal congelado até a morte exatamente onde estava? Mas não... ele podia ver seu sangue encharcando a neve. Ele se moveu em direção a ele. Outro animal o matou e depois o deixou lá sem comer? Por que quando a comida era tão difícil de conseguir?

O estômago de Jak se encheu de fome e ele acelerou os passos. Ele não se *importava* porque o animal estava deitado lá. Ele só se importava que *estivesse* e que isso tiraria as dores que gritavam em seu estômago.

— Afaste-se da minha comida — ele ouviu, e se agachou, girando em direção à voz, erguendo o canivete em

direção à ameaça. Pup soltou um grunhido baixo, agachando-se também para atacar. Era outro garoto como ele, seu cabelo loiro passando por seus ombros, em uma posição de luta, seu braço esquerdo estendido e algo brilhante em sua mão. Por um minuto, Jak ficou em silêncio, e então seu coração começou a pulsar em seu peito, batendo em sua cabeça. Eles se entreolharam, os olhos do outro garoto brilhantes e... loucos, seu rosto torcido em ódio. *Violência.* Ele veio até Jak, a perna esquerda arrastando atrás dele. Havia algo errado com ela.

Jak levantou as mãos rapidamente, tentando deixar o garoto saber que ele não era uma ameaça. Seu estômago se encolheu de dor novamente. — Você matou esse cervo? — ele perguntou, sua voz trêmula.

— Afaste-se — o menino rosnou, movendo-se para frente, acenando o que Jak podia ver agora era uma faca de caça para ele.

Jak deu um salto para trás, escapando da lâmina. Pup rosnou, avançando. — Pup, não — ele disse em voz alta, sem saber se Pup iria ouvir ou não. Ele precisava fazer alguma coisa. E rápido. — Uau. Espere, espere. Ouça-me, podemos compartilhar. Estamos com fome e há o suficiente para dois. Mais do que suficiente. — Ele pensou em oferecer sua cabana, o cobertor, um lugar para secar e se aquecer, mas ele não sabia quem era esse garoto, ele poderia estar do lado do inimigo, e ele não tinha certeza se era seguro oferecer-lhe qualquer coisa. Ele parecia louco e Jak não tinha certeza de que suas palavras estavam sendo ouvidas.

Mas de qualquer forma, ele não iria deixá-lo levar toda a carne no chão entre eles. Ele poderia morrer se fizesse isso. Pup poderia morrer também.

— Vamos dividir — Jak disse novamente, mais alto, tentando fazer contato visual. Mas os olhos do menino ficaram na carne, um olhar tão doloroso em seu olhar que Jak sentiu todo o caminho até sua própria barriga dolorida. — Vou ajudá-lo a esfolar e cortar a carne. Fazer tudo isso é trabalho longo e árduo. Eu farei a maior parte disso — ele ofereceu. — Podemos nos unir. — Ele procurou as palavras certas, palavras para fazer o menino *ouvi*-lo, concordar, mas o menino parecia indiferente sobre o que ele estava dizendo. — Qual é o seu nome? — Ele perguntou, tentando de um lado diferente. — Eu sou Jak, eu...

O menino avançou de novo muito rapidamente, apontando a faca e Jak se inclinou para trás, a lâmina errando. Pup pulou para frente e o garoto soltou um grunhido, balançando a lâmina no ar, de um lado para o outro. Um de seus golpes pegou Pup na perna e Pup gritou de dor, o sangue jorrando no chão branco enquanto ele mancava para trás, ainda rosnando, mas não se movendo em direção ao garoto ainda balançando novamente.

— Fique para trás, Pup! — Jak berrou, segurando o canivete na direção do garoto, tentando mais uma vez convencê-lo do que estava fazendo. — Eu sei que você está com fome. Estou com fome também. Eu não estou tentando pegar sua carne. Eu só quero dividir. Nós dois podemos comer. Nós podemos trabalhar juntos...

O menino soltou um grito de guerra e se jogou em Jak, e uma dor incandescente cortou sua bochecha. Jak gritou, saltando para trás e levando a mão ao rosto ardendo. Sua mão com luva de pele saiu emaranhada e escura de sangue. Raiva e medo misturaram-se dentro de Jak quando ele desistiu da ideia de falar em vez de lutar. Esse menino não lhe deixou outra escolha senão defender sua própria vida. O próximo golpe pode estar em sua garganta. O menino na frente dele estava lutando para matar.

Os dois circularam um ao outro, suas respirações saindo em pequenas nuvens brancas de ar. Eles estavam perto o suficiente agora que qualquer golpe de faca poderia ser fatal. Algo quente cravou através de Jak, seu coração como trovão em seus ouvidos. *Talvez se eu puder afastar a faca dele...*

O outro garoto atacou, o corpo dele batendo em Jak com um alto *ruído,* e os dois caíram no chão, o som rangendo do topo de neve quebrando abaixo deles. Cada um gritou e então eles estavam rolando, grunhindo, enquanto Pup rosnava e latia ao fundo, distante, ou assim parecia a Jak. Ele só podia ouvir seu próprio coração batendo forte e os suspiros de respiração enquanto os dois lutavam para se segurar, lutando para ser o primeiro a usar sua arma.

Eles rolaram novamente e o latido de Pup ficou mais perto, o cheiro forte dele no nariz de Jak. — Afaste-se! — Ele gritou para Pup, rolando de novo, fazendo malabarismos com a faca, tentando com tudo o que tinha para arrancar a faca do outro garoto. Mas seu breve chamado para Pup deu ao

garoto a vantagem e ele voltou e se abaixou, pegando Jak no braço com a lâmina antes que Jak pudesse rolar.

Jak gritou de dor ardente e terror, jogando seu corpo para frente e apunhalando sua faca no garoto. Diretamente em seu coração.

Tudo parou. O menino congelou em seu movimento, seus olhos se arregalaram e depois fecharam. O sangue caiu do lado de sua boca, escorrendo pelo queixo e no casaco rasgado e muito pequeno que ele usava.

Jak agarrou o garoto. *O que eu fiz? Ele não pode morrer. Não com uma única facada. Não!* Os olhos do garoto encontraram os dele, a névoa louca neles desaparecendo. Seus olhares se uniram, a respiração se misturando, embora a respiração do menino estivesse ficando mais fraca, mais longe uma da outra. O coração de Jak disparou quando, num instante, o outro garoto pareceu... feliz. Ele sorriu antes de seu corpo ceder, e os dois caíram na neve.

Jak soluçou, saindo de baixo do menino morto, o corpo do garoto caindo no chão. Jak ficou de pé, trêmulo sobre o corpo, chocado, fazendo o mundo parecer muito brilhante, irreal. Um sonho. Um pesadelo. Ele matou uma pessoa. Ele sentiu algo quente em suas bochechas e percebeu que estava chorando. Ele limpou a umidade antes que as lágrimas misturadas com sangue pudessem congelar.

Ele olhou para o menino, seus olhos se movendo sobre as roupas rasgadas, até a perna torcida e o pé enegrecido, descalço, agora que o sapato feito à mão tinha saído durante

a batalha. Jak fechou os olhos por um segundo, seu coração apertando.

Eu teria compartilhado com você, ele sussurrou abatido por dentro.

Jak olhou para o rosto do menino, que já não parecia louco, a morte fazendo-o parecer mais jovem. E com um sobressalto, ele o reconheceu. Ele era o garoto loiro que tinha ido ao penhasco com ele naquela noite. Ele estava morando aqui todo esse tempo também.

E o que quer que ele tenha passado, tinha-o enlouquecido.

Não! Será que ele passou por ele na floresta uma ou duas vezes, se escondendo do som de passos porque achava que poderiam pertencer a um inimigo? O pensamento era terrível demais para Jak.

Em vez disso, virou-se para Pup, que agora estava deitado na neve, uma grande mancha de sangue ao lado de sua perna machucada. Seu coração, que desacelerou, começou a correr novamente. Jak tinha que levá-lo para casa e tratar sua lesão, se pudesse. Jak pegou a afiada faca curva do menino, colocou-a no cós da calça e foi rápido até Pup, pegando o animal grande e o erguendo por cima do ombro.

Jak caminhou de volta para o menino morto, enxugando as lágrimas que escorreram de novo pelo rosto, tentando encontrar palavras para dizer sobre o corpo do menino. Sua baka tinha rezado, mas ele não se lembrava de nenhuma das palavras que ela sussurrou enquanto segurava as contas nas mãos.

Pup gemeu baixinho e Jak moveu-o um pouco, tentando tomar cuidado com sua lesão. — Luz das estrelas, estrela brilhante — Jak finalmente disse, as palavras chegando rapidamente, sabendo que a rima não era uma oração, mas não tendo mais nada a oferecer. — Primeira estrela que vejo hoje à noite. Eu gostaria de poder, gostaria de ter, esse desejo que desejo hoje à noite. — E então ele fechou os olhos e desejou que o garoto estivesse agora correndo pelos campos de flores sob o sol quente e celestial. Que ele estivesse curado, inteiro e não mais com fome.

O chão estava congelado demais para que Jak o enterrasse, então ele deixou o corpo do menino onde estava. O menino não precisava mais, e a floresta sim. Outras criaturas famintas se alimentariam e viveriam para ver outro dia.

Como Jak.

Embora ele pudesse sentir que uma parte dele havia morrido junto com o garoto deixado deitado morto na neve.

Com Pup sobre um ombro, ele agarrou a perna do cervo, puxando-a atrás deles, começando a jornada de volta para casa. Raiva e desespero rugiram através dele. A raiva aumentou quando ele atravessou o frio. Ele levantou o rosto e gritou para o céu cor de pedra, lágrimas o cegando novamente. Foi tudo culpa deles! Os homens que o levaram e o outro menino. Os homens que tentaram matar crianças. Os homens que transformaram um menino em um animal enlouquecido, desejando que estivesse morto.

Os homens que me fizeram um assassino.

Capítulo 18

Harper sentou-se na cama, os pés enrolados debaixo dela, olhando sem ver a parede branca eu tinha em frente. O chá que ela preparou esfriou e ela colocou a caneca na mesa de cabeceira, suspirando. Ela nem gostava de chá. Mas sempre pareceu algo que deveria acompanhar momentos de introspecção e profunda serenidade.

Pena que ela não tinha ido muito longe com o primeiro, e falhado completamente em alcançar o último.

Ela pegou o controle remoto, clicando na televisão e ligando em um programa de notícias. O meteorologista apontando para uma tela enquanto sua voz soava. Mais neve. Mais frio. Chocante.

Ela pensou em Lucas lá no meio do nada, neve empilhada até as janelas de sua pequena cabana enquanto ele estava dentro sozinho. Ele estava sozinho? Ele tinha que estar, não era? Ele era um ser humano com absolutamente ninguém em sua vida. Harper estava sozinha também, ela podia admitir isso. Mas pelo menos ela tinha amigos, e comunidade, livros, um telefone celular, uma televisão para dissipar o silêncio quando precisava da ilusão de companhia.

Foi por isso que ele pegou a revista? Ter algo para *fazer* naquelas noites solitárias no meio da floresta? Ela estremeceu apesar de estar quente, aconchegante e enrolada em um cobertor em sua cama. Apenas o pensamento do profundo isolamento, ele deve se sentir aterrorizado.

Porque ela entendia.

Não no nível que ele deveria, como ela poderia? Mas ela não conseguia se lembrar de uma época em que não sofreu de solidão, a sensação de estar à deriva, sempre tentando desesperadamente pegar algo, qualquer coisa, que a ancorasse. Sempre tentando, sem sucesso, recapturar o que havia sido arrancado dela tão repentina e inexplicavelmente. *Conforto. Casa. Amor.* Agora... ela encontrou o carro, seria capaz de enterrar seus pais, e ainda assim ela se sentia vazia como sempre. Meio que perdida como sempre. Sozinha. Porque o que ela realmente estava tentando recuperar não seria encontrado nos lugares que ela procurava.

Ele compartilhava os mesmos sentimentos de solidão? Ele também tinha sido abandonado. Deixado para se defender de uma maneira que ela provavelmente não poderia sequer imaginar.

E esquecer a solidão, embora isso em si parecesse, bem, catastrófico, como ele iria sobreviver sem ter como caçar, já que seu arco e flecha haviam sido tomados pelo xerife? Ela pensou na faca de caça que ele tinha amarrado na coxa, a que ele disse a ela que usaria para conseguir o *jantar.* Ela tinha ficado muda na ocasião e, mesmo agora, estava desconcertada. O que ele ia fazer? Avançar em um animal e, em seguida, cortar a garganta, a pele, desossar e... Ela puxou o cobertor mais apertado em torno de si, percebendo que estava fazendo uma careta e permitiu que seus músculos relaxassem. Ela não era estranha à caça, mas ninguém que

ela conhecesse queria envolver-se em uma matança de perto como aquela em que uma faca de caça seria exigida.

Pensando nisso, o que ele faria agora que não tinha uma boa arma de caça *e* nenhum contato com o mundo exterior desde que Isaac Driscoll foi morto? Ele disse a ela que tinha sobrevivido antes de Driscoll, e ele sobreviveria agora. E isso pode ser verdade. Mas e se ele precisasse de algo? E se ele ficasse ferido ou doente? Ele era isolado antes, mas agora... agora ele estava completamente exposto.

O que devo fazer?

Hmm. Você poderia amaldiçoar Deus, acho. Essa é geralmente a minha melhor solução. Faça isso bem alto e com grande indignação.

Funciona?

Geralmente não. Tudo que faz é me fazer sentir muito pequena e inútil.

Uma formiga, amaldiçoando Deus do cume de uma folha de grama.

Por que essas palavras soam tão *familiares?* E por que elas pareciam... mais sofisticadas do que ela esperaria de um homem que falava pouco e não tinha acesso a livros?

E, no entanto, ele estava citando alguém. Ou... alguma coisa. *Foi* por isso. Um livro ou um poema. Ela tinha certeza disso. Ela *conhecia* essas palavras de alguma forma. E logo depois de ter dito, ele parecia que gostaria de não ter feito. Ele rapidamente mudou de assunto.

Harper ficou de pé, o cobertor caindo na cama. Ela pegou o laptop e sentou-se novamente, entrando e abrindo o

navegador da Internet, digitando as palavras na barra de pesquisa. — Eu sabia — ela murmurou, seu coração batendo forte. Era uma das citações mais obscuras do *Conde de Monte Cristo*.

Seu homem das cavernas havia citado Alexandre Dumas.

Seu homem das cavernas? Não exatamente. Mas...

O homem das cavernas havia citado Alexandre Dumas.

Ela olhou para o computador por um momento antes de fechar os olhos. A imagem vaga de sua mãe passou por sua mente. Harper estava sentada em um banco com o pai e a mãe caminhava na direção deles, sorrindo. O pai dela disse algo que fez a mãe rir, e ela colocou a mochila azul-turquesa ao lado de onde estavam sentados e beijou-o antes de pegar Harper em seus braços e perguntar o que eles trouxeram para o almoço.

Aquela mochila turquesa. Ela usava para levar suas anotações de aula. Seu pai lhe disse rispidamente que a fazia parecer uma das meninas do ensino médio em vez de uma professora. Uma professora de Inglês, que sempre incluiu seu romance favorito como leitura de classe: *O Conde de Monte Cristo.*

Um toque distante rompeu seu transe e ela se sentou, a cabeça girando em direção ao som. O celular. Ela ficou de pé, sentindo-se um pouco desequilibrada, e correu para a bolsa onde a deixou pendurada na porta. Quando ela respondeu, ela estava um pouco sem fôlego.

— Harper, oi. É Mark Gallagher.

— Oh, oi — ela disse, voltando para a cama e sentando. — Como você está?

— Estou bem. Ouça, espero que você possa me ajudar com outra coisa. — Ela ouviu um ruído no fundo que soava como farfalhar de papel e o telefone se deslocando no ouvido do agente Gallagher.

— Sim claro. Você descobriu alguma coisa sobre esses livros e a biblioteca de Missoula?

— Eu estou realmente indo para lá em breve. Estava olhando as anotações no diário de Driscoll e algumas não fazem muito sentido para mim.

— Como assim?

— Bem, por exemplo, esta aqui: *Hoje de manhã eu vi o cervo de rabo branco comendo peixe cru no rio. Parece que ele é um sobrevivente natural que vai comer o que é necessário para viver, seja desagradável ou não.*

Harper franziu a testa. — Um cervo comendo peixe?

— É disso que estou confuso. Fiz uma simples pesquisa no Google e não consegui encontrar nada que dissesse que os cervos comem peixes.

— Não, são herbívoros — ela disse, tão confusa quanto o agente Gallagher.

— E em casos extremos como... fome ou um inverno extra longo, algo dessa natureza?

Harper mordeu o lábio por um momento. — Um animal vai comer qualquer coisa se estiver morrendo de fome, mas como no mundo um cervo pegaria um peixe?

— Talvez já estivesse morto, deitado na margem do rio?

— Isso tem que ser o caso, eu acho.

— Então, se um cervo estivesse morrendo de fome e encontrasse um peixe morto na margem do rio, ele poderia comê-lo.

— Os animais farão o que tiverem que fazer para sobreviver. Sim. Mas, em geral, não, o cervo não come peixe.

— Ok, queria verificar com você. Eu ainda estou trilhando meu caminho através dessa coisa, mas é... estranho. Parece quase como se Driscoll estivesse observando um gambá específico, um cervo específico e um lobo específico.

— Por que ele faria isso? E como ele saberia que era o mesmo?

— Eu não faço ideia. Caso se lembre de algo, você vai me avisar?

— Claro.

— Obrigado, Harper.

— De nada. — Ela parou por um momento. — Alguma notícia? — perguntou, sabendo que não precisava especificar o que estava perguntando.

— Ainda não. Eles estão um pouco atrasados, mas espero algo amanhã de manhã. Então eles serão capazes de liberar os corpos para que você possa fazer arranjos.

Harper ficou em silêncio por um momento enquanto digeria isso. Era o que ela esperava, por tanto tempo, a capacidade de deixar seus pais descansarem, mas a realidade iminente fez com que um nó se formasse em sua garganta. Ela precisava começar a pensar em enterro ou cremação, e

como pagaria pelo o que ela escolhesse. Ela precisava começar a fazer ligações e arranjos, mas tudo o que queria era ficar enterrada debaixo de um cobertor na cama, tomando chá de que não gostava.

— Harper? Você esta aí?

— Sim, desculpe. Eu também estava me perguntando se alguma coisa foi encontrada no carro ou no porta-malas? Especificamente, uma mochila turquesa? Era da minha mãe, e ela sempre jogava no porta-malas depois que as aulas terminavam. Eles haviam pegado o SUV da sua mãe naquela noite porque as estradas estavam geladas e o veículo da sua mãe tinha pneus novinhos em folha. Harper lembrou que, como gostava de andar no carro do xerife, seu pai dirigia e ela reclamava que não estavam nele naquela noite. O último passeio de carro que ela fez com seus pais e ela choramingou e ficou de mau humor sobre tudo naquela noite. Ela se lembrava *disso.* Para seu grande pesar e vergonha.

— Não. Não havia nada no porta-malas, a não ser um cobertor desintegrado.

Harper franziu a testa. Era possível que sua mãe tivesse deixado sua mochila em outro lugar, mas essa maldita citação continuava incomodando sua mente.

— Ok, obrigada. — Ela parou por um momento. — Agente Gallagher, posso perguntar se há uma atualização sobre a perícia naquele arco e flecha tirado de Lucas? Se você não puder me dizer, eu entendo...

— Traços de sangue foram encontrados em todas as flechas que pertencem a ele, mas é só sangue de animal.

Nenhuma matéria humana. E nenhum de seu DNA está nas duas flechas usadas nos assassinatos.

Harper soltou um suspiro lento. Ela se sentiu um pouco estranha com a súbita onda de alívio, mas não podia negar. Algo dentro dela estava torcendo por ele. Não só isso, mas ela não podia vê-lo como um assassino. Ele praticamente a empurrou para fora do caminho para fornecer assistência a uma toca de raposas, pelo amor de Deus. Ela nunca sentiu medo, e ele não se aproveitou dela mesmo que tivesse dormido sob o teto que mal conhecia o próprio nome quando acordou. Ah, e havia babado... *Por favor, Deus, não deixe que ele tenha visto a baba.*

— Também não parece haver nenhum DNA de Lucas na cena do crime na pousada também. Algumas impressões na casa de Driscoll pertencem a ele, mas isso era esperado desde que ele esteve lá ao longo dos anos. Nenhuma foi encontrada no quarto onde ocorreu o assassinato.

Harper soltou outro suspiro lento. — Então, ele não é mais um suspeito?

— Eu não diria exatamente isso. Mas... não temos nada para ligá-lo a nenhum dos crimes neste momento.

— Você descobriu alguma coisa sobre o passado dele?

— Não, mas tenho que ser honesto, não tenho nada para continuar. Lucas não parece *querer* descobrir nada sobre seu passado, e resolver os assassinatos deve ser minha primeira prioridade. Vou investigar mais quando tiver a chance, mas, por enquanto, descobrir o passado de Driscoll vem em primeiro lugar.

Harper se levantou quando ele respondeu sua pergunta e agora ela andava na frente de sua cama. — A coisa é — ela disse, virando-se e andando na direção oposta. — Fico me perguntando o que Lucas fará sozinho agora que Driscoll está morto e ele não tem acesso ao mundo exterior.

— Isso não é inteiramente verdade. Ele tem pernas. Ele poderia andar para a cidade se quisesse. Inferno, ele poderia se mudar se quisesse. De fato, se Driscoll não tivesse um testamento que deixasse aquela casa para Lucas, ele poderia ser forçado a fazê-lo.

— Caminhar até a cidade? Na neve e no gelo? — Harper perguntou, com um pouco de indignação penetrando em seu tom.

— Tenho a sensação de que Lucas está acostumado com a neve e o gelo.

Ela não podia discordar disso. — Ok, mas não há como ele ter dinheiro. Ele trocava com Driscoll usando peixes e peles de animais. E se eu pelo menos levasse algumas provisões para ele até ele pegar seu arco e flecha de volta e... e... as coisas ficarem mais claras quanto à sua situação de vida?

— Harper... escute, eu não sou seu pai... — houve um estranho engasgo na voz dele e uma ligeira pausa antes de ele pigarrear e continuar — mas você não conhece Lucas. E sair sozinha para a casa dele não parece ser a escolha mais sábia para uma mulher sozinha. Entendo porque você fez isso uma vez, mas talvez a repetição deva ser evitada.

Harper parou de andar, sentando-se na cama. — OK.

— Por que sinto que esse ok não significa o que eu acho que significa?

Contra a sua vontade, Harper soltou uma risadinha. — Agradeço por me manter atualizada sobre o caso. Alguma ideia de quando você pode querer procurar por esses marcadores de mapa?

— Quanto mais cedo melhor, mas a previsão do tempo não parece promissora. Eles estão dizendo que uma tempestade está se movendo.

— Só me avise então, ok?

— Eu vou. E Harper, por favor, leve minhas palavras em consideração.

— Eu vou. Eu prometo.

Eles se despediram e Harper desligou, jogando o telefone ao lado dela na cama. *Eles estão dizendo que uma tempestade está se movendo...*

Ela levou as palavras do agente Gallagher em consideração. Ela o respeitava. E *gostava* dele. Ela apreciava que ele compartilhava informações que não tinha que ver com ela, e que se importava em ajudá-la com sua situação também, uma situação que não era nem parte da razão pela qual ele estava em Helena Springs. Ele obviamente se importava com a sua segurança, e depois de uma vida inteira sem ter uma figura paterna, sua preocupação era um bálsamo para sua alma. Mas... mas... ele não passou uma noite e um dia com Lucas. Ele não teve tempo de desenvolver um senso da... bondade do homem.

Ela desejou poder ligar para Lucas e agradecer-lhe pelo que ele fez por ela, não só a levou para o carro de seus pais, mas a ajudou a encontrar o encerramento que ela estava procurando desde aquela noite de neve quando era criança. Ela desejou poder ligar e perguntar se ele precisava de alguma coisa agora que estava totalmente sozinho, um passeio até a cidade, alguma comida ou água... fósforos... Ela desejou que ela tivesse algum jeito de retribuir o favor que tinha feito por ela, mas ela não podia perguntar a ele sem ir pessoalmente.

Harper olhou para fora da janela para as nuvens escuras. *Entendo porque você fez isso uma vez, mas talvez a repetição deva ser evitada.* Ela entendia a lógica de Mark, mas ela precisava responder ao chamado de seu coração. Se ela ia juntar alguns itens e dirigir até Lucas, ela não teria muito tempo para ficar com devaneios.

Ela hesitou apenas mais um momento antes de pegar o casaco, o chapéu e as luvas, puxar as botas e dirigir-se para a porta.

Capítulo 19

O sol da manhã tocou os ombros nus de Jak. Caloroso. Suave. Bom. Uma mão invisível jogou brilho por toda a superfície do rio. Jak riu quando Pup se jogou na água, sua língua saindo e fazendo parecer que estava sorrindo. Ele veio até Jak, mancando menos. Havia melhorado de sua lesão, mas havia levado todo o inverno, e ainda permanecia mancando. Pup nunca seria o caçador que ele era antes. Jak era responsável por ele agora. Tudo bem. Pup cuidou dele por um tempo, mas agora era a vez de Jak e ele estava pronto para o trabalho. — Não vou decepcioná-lo, garoto — ele disse a Pup, tanto quanto a si mesmo. Dizer em voz alta, dizer para outro par de ouvidos ouvir também, parecia a promessa mais importante de todas, uma que ele nunca iria quebrar.

Pup era seu melhor amigo. E melhores amigos cumpriam promessas um ao outro. Isso era tudo.

Pup soltou um gemido e Jak sorriu, sabendo que Pup o havia entendido e sabia que ele não estava sozinho lá fora, mesmo que não tivesse uma *verdadeira* alcateia. — Eu sou sua alcateia e você é a minha — Jak disse, pegando um punhado de água e jogando em Pup. Pup se livrou da água, jogando as gotas de volta, e Jak riu quando ele virou a cabeça.

Foi um bom dia. O sol estava quente. A primavera estava acordando a terra. Ele tinha comida suficiente e logo a

floresta lhe daria mais. E ele tinha um amigo que amava. Os combates de guerra poderiam estar acontecendo em algum lugar próximo, mas lá, naquele momento, ele estava a salvo.

Ele olhou para onde as montanhas se tornaram o céu, um arrepio rolando através dele. O inverno sempre esperava. Pode parecer distante agora, mas estaria de volta antes que ele estivesse pronto. Ele voltaria para roubar sua esperança, de sobrevivência, de resgate, de ter uma família ou pessoas para amá-lo.

Talvez ninguém pudesse amá-lo agora. Não depois das coisas que ele fez.

O barulho da água o tirou de seus pensamentos sombrios e ele tentou ao máximo sacudir a sensação de... solidão. Seus sentimentos tristes por dentro eram todos diferentes, embora não tivesse nomes para todos eles. Mas a palavra que parecia se encaixar em cada um deles era *sozinho.*

Ele se abaixou e trouxe um pouco de água até o peito, usando a mão para lavar debaixo dos braços e depois ao longo dos ombros. Era bom estar limpo, bom sentir as gotas geladas deslizando por sua pele, lembrando-lhe que ele estava vivo. Não como o garoto que matou e deixou deitado na neve.

Pensar naquele menino ainda fazia um buraco escuro se abrir na boca do estômago, algo que parecia estar sempre vazio. Oco. Às vezes, quando pensava naquele menino, lembrava-se do quadro que tinha visto na casa de Isaac Driscoll, a dos homens que lutavam na sangrenta batalha

com lanças e flechas. Ele se perguntou se os buracos se abriam dentro deles a cada vez que tiravam uma vida, e pensava que, se sim, esses homens deviam sentir como se estivessem andando na escuridão.

No primeiro degelo, Jak tinha voltado onde estava os ossos do menino loiro, planejando enterrá-los na encosta onde uma árvore velha e curvada crescia com cem milhões de flores silvestres ao redor, do lado distante, parecia que arco-íris tocavam a terra. Havia um lago no final da colina, onde pares de cisnes brancos, companheiros para a vida, flutuavam, mesmo no inverno, quando a água estava gelada e quase congelada. Ele pensou sobre isso e decidiu que se alguém fosse enterrá-lo, esse era o lugar que ele esperaria que eles escolhessem. Mas os ossos do menino loiro tinham sumido, levados por animais, espalhados pela floresta.

Ele sonhava com ele às vezes, a cabeça sem corpo falando com ele do chão, pedindo a Jak para devolver o resto dele. Ele acordava gritando, Pup choramingando ao seu lado.

Jak pegou um graveto e jogou-o para Pup, que espirrou água, levando o pedaço de madeira em sua boca e devolvendo-o a Jak. Ele fez isso mais algumas vezes enquanto Jak lavava seu corpo, parecendo interessado em todos os lugares em que o cabelo brotava, espinhoso como a grama do fim do verão. Sua pele era áspera e cheia de cicatrizes, e ele podia sentir o modo como seus músculos haviam crescido enquanto ele passava as mãos sobre a pele nua. Ele cresceu tanto desde o inverno passado que suas calças agora eram muito curtas, e sua camisa rasgou nos ombros. Ele teria que

ver o que Driscoll levaria para algumas novas peças de roupa, embora o verão estivesse chegando, e roupas novas pudessem esperar. Ele rasgaria as calças muito pequenas em shorts e ficaria sem camisa por um tempo. Ele nunca estava ansioso para ver Driscoll, então viveria com o que tinha e faria tudo o que pudesse.

Quantos anos eu tenho agora? O tempo era uma linha nebulosa e ondulada que ele não conseguia segurar. Ele não fazia ideia se era segunda ou domingo, fevereiro ou março. Apenas os invernos se destacavam para ele, aqueles dias escuros e miseravelmente frios, quando até o sol saía cedo. Mesmo que ele tivesse abrigo agora, e calor quando conseguia ter fósforos de Driscoll, ele ainda tinha que sair para encontrar comida, e ele e Pup ainda estavam sozinhos quando o vento gritava e uivava e o telhado tremia, e parecia que o mundo estava acabando.

Dezesseis, ele pensou, contando em sua mente. *Eu acho que tenho dezesseis anos.* Ele viveu sozinho por dez invernos.

Jak começou a caminhar até a praia, assobiando para Pup, que não tinha voltado com o graveto que Jak havia jogado nas árvores há algum tempo. O maldito lobo provavelmente tinha visto um esquilo e foi atrás dele. Bem, bom para ele se ainda houvesse algumas coisas que não estava muito manco para caçar.

Jak usou a camisa para se secar, sacudindo o cabelo na altura dos ombros como Pup, gotas de água voando ao redor dele. A parte de trás do pescoço dele ficou arrepiada e ele levantou a cabeça, olhando para a floresta. Ele se sentiu...

vigiado. Ele sentia isso algumas vezes, como hoje. Os minúsculos pelos na nuca se levantavam, e ele tinha *certeza de que* alguém o estava olhando através das árvores.

Ele assobiou novamente, aquela sensação de estar sendo observado ficando com ele. Jak aprendeu a confiar em seus instintos, a contar com eles para sua sobrevivência, para não afastar a sensação. Ele se perguntava se o inimigo havia enviado espiões para a floresta para ver quem morava lá e descobrir o porquê. Ou talvez outros, como o garoto loiro, morassem perto e observassem Jak para descobrir se ele era bom ou ruim.

Jak vestiu a calça jeans, passando a mão no bolso para sentir a saliência dura do canivete ali e depois pegou a faca que pertencia ao garoto loiro, amarrando-a ao cós com um pedaço de pano velho de roupas que ele ficou grande demais para usar. Ele jogou a camisa úmida por cima do ombro e se dirigiu para a floresta para encontrar Pup.

Ficou mais frio assim que ele entrou nas árvores, feixes de luz entrando pelas aberturas no topo dos velhos gigantes da floresta. Ele falava com eles algumas vezes quando Pup estava caçando, ou quando Jak o deixava dormindo na frente do fogo. Às vezes ele ficava tão solitário, *precisava tanto de* outra pessoa, que fingia que as árvores eram velhos sábios que tinham respostas para milhões de perguntas e, se ele apenas ouvisse com atenção, eles sussurrariam o que sabiam. O jeito que eles sussurraram um para o outro profundamente no chão.

A mesma coisa, apenas diferente, como os sussurros dentro dele.

Talvez ele não devesse esperar que as árvores compartilhassem seus sussurros. Talvez se soubessem, ele saberia que começou a enlouquecer.

Talvez a floresta tenha feito todos que moravam lá enlouquecerem, porque Driscoll também não parecia certo na cabeça.

— Pup — ele chamou, empurrando um ramo de lado. *Onde ele está?*

Jak parou quando ouviu o que ele pensou ser um gemido, voltando-se para o som e se movendo mais rápido através dos arbustos apenas brotando folhas verdes pálidas. Foi quando ele o viu, deitado no chão da floresta em uma poça de sangue espalhando.

— Pup! — Ele gritou, correndo para ele e caindo de joelhos ao seu lado. Havia uma longa flecha de madeira saindo do pescoço de Pup, sangue saindo da ferida. O coração de Jak pulsou de medo. — Tudo bem, garoto. Está tudo bem — ele engasgou quando puxou a flecha e Pup fez um barulho horrível e estridente e mais sangue escorreu da ferida. Jak soltou um soluço sem saber o que fazer. Ele colocou as mãos em volta da flecha, tentando com tanta força parar o sangue correndo. Ele encontrou o olhar semicerrado de Pup e o lobo manteve contato visual por alguns momentos, sua língua cutucando o pulso de Jak, o sangue bombeando entre os dedos de Jak.

Jak soluçou de novo quando o corpo de Pup ficou imóvel, o sangue diminuindo em gotas. Lágrimas escorriam pelas bochechas de Jak quando ele tirou as mãos da flecha e pegou o corpo grande de Pup, balançando o animal gigante em seus braços. *Meu amigo. Meu amigo. Meu amigo.* Ele chorou, seus soluços se misturaram com o vento enquanto soprava através dos galhos das árvores que ficavam em pé, observando, sussurrando um para o outro, mas só isso.

— Eu pensei que ele era selvagem. Eu não sabia.

Jak sacudiu a cabeça e Driscoll estava perto, com um arco na mão, flechas amarradas à cintura. O olhar de Jak moveu-se lentamente do rosto de Driscoll para a arma que ele segurava e de volta novamente. O homem matou Pup. Raiva, mais quente que o sol, atravessou Jak e, lentamente, ele baixou o corpo de Pup para o chão, chegando a sua altura máxima, a sensação do sangue quente de Pup em seu peito nu. Ele abaixou a cabeça e rosnou baixo em sua garganta.

Os olhos de Driscoll se arregalaram quando ele olhou para ele e, embora parecesse assustado, havia algo mais brilhando em seus olhos. Aquele olhar que brilhava nos olhos de Baka quando Jak fazia algo de bom. Aquela excitação estranha que estava em seu rosto quando ele estava mostrando a Jak a foto em seu quarto.

— Eu vou te matar — Jak rosnou. O que significa. Ele ia arrancar sua garganta.

Driscoll assentiu, recuando enquanto levantava a mão. Jak foi em frente, tristeza e raiva fazendo-o sentir-se tonto como se a floresta tivesse começado a girar ao seu redor. Não,

ele não iria arrancar sua garganta. Ele ia pegar o arco e flecha de Driscoll antes que ele pudesse levantá-lo e enterrar uma daquelas flechas em *seu* pescoço. Seu coração. Os dentes de trás de Jak rasparam um contra o outro.

— Eu entendo como você se sente, mas ouça. Ouça — Driscoll disse, sua voz tremendo. — Eu posso conseguir um destes se você quiser. — Ele levantou o arco e acenou com a cabeça para as setas ao seu lado.

Driscoll levantou a mão novamente. — Se você me machucar, eles virão procurar. Meu amigo na cidade saberá que algo está errado se eu não aparecer para os suprimentos. E eles virão aqui e encontrarão você. Você quer isso?

Eles estão matando as crianças.

Só que Jak não era mais uma criança.

Mas ele também não era um homem.

Ele parou, aquele velho terror nadando em suas veias, misturando-se com a horrível tristeza de Pup morto atrás dele. Ele de repente se sentiu tão cansado que queria cair de joelhos. Isso doía por dentro. — Eu posso pegar um desses — Driscoll repetiu novamente. — Carne de porco vale muito dinheiro na cidade. Se você puder matar um, eu lhe trarei seu próprio arco e flecha. — Quando Jak ficou em silêncio, Driscoll acrescentou: — Vou incluir outra caixa de fósforos também.

Jak olhou de volta para o corpo de Pup, seu coração chorando pela perda. Que bem faria matar Driscoll agora? Não traria Pup de volta... e o arco e flecha iria ajudá-lo a sobreviver, especialmente agora que Pup tinha ido embora.

A dor dentro dele aumentou. Ele abaixou a cabeça. *Um porco.* Um daqueles porcos selvagens com as presas afiadas. Ele evitava aqueles porcos como se fossem filhos do diabo. Até mesmo Pup...

— Eu vou fazer isso — ele disse, afastando-se de Driscoll para reunir o corpo de Pup. Ele o enterraria no rio onde ele havia enterrado os pequenos corpos dos irmãos e irmãs de Pup, aquelas criaturas amadas que uma vez salvaram sua vida. E ele se despedia de Pup e se perguntava como andaria cada dia ainda mais sozinho do que já se sentia. Pup salvou *mais do* que apenas sua vida... ele lhe dera uma razão para viver.

Assim que Driscoll se foi, Jak ajoelhou-se ao lado de Pup, torcendo os dedos no pelo de seu amigo, erguendo a cabeça e uivando sua tristeza no céu vazio.

Capítulo 20

Cristais de gelo minúsculos. Espumante. Brilhando no vidro na última luz do dia. Lucas jogou mais lenha no fogo, estendendo as mãos dele por um minuto, agradecido pela maravilha do calor. Às vezes, ainda assim, as chamas pareciam... sagradas para ele, como a primeira vez que as sentiu depois de passar tantos dias e noites miseráveis de inverno com nada além de frio. Gelo. Sofrimento. Solidão.

Um estrondo o fez parar, inclinando a cabeça enquanto ouvia. Um veículo? Choque e medo passaram por ele. Ele caminhou rapidamente até a janela da frente, arregalando os olhos quando viu a mesma grande caminhonete que Harper dirigia, movendo-se devagar, com cuidado, pela floresta em direção a sua casa.

Ele observou quando parou e, um minuto depois, Harper desceu, uma bolsa de aparência pesada por cima do ombro, indo até o lugar onde a toca de raposa estava e olhando para ela. Quando se virou para a casa dele, ela tinha um sorriso no rosto.

Ele deu um passo para trás rapidamente, deixando seu corpo imóvel ao ouvi-la subir os degraus. Ele não deveria responder. *Porque ela está aqui? O que ela quer?* Ela bateu na porta e ele ficou parado, tentando não responder, mas no final, uma parte diferente dele ganhou. A parte que tinha ganhado vida com a visão de seu rosto, vendo que ela voltou.

A parte dele que sabia que ela era *dele,* mesmo se ele tivesse vivido uma vida não poderia fazer isso ser verdade.

Quando ele abriu a porta, ela sorriu para ele, movendo-se de um pé para o outro.

Ele esperou que ela lhe dissesse por que estava lá, sem saber o que dizer. *Oi? Olá? Por que você está aqui? O que você quer?* Ele pensou que essas perguntas poderiam parecer que ele não a queria lá, e talvez ele não quisesse, *não devesse*, embora ele soubesse que queria.

— Fui aconselhada a não fazer isso — ela finalmente disse.

Aconselhada. Fui... informada. Alguém disse para ela não fazer isso. Ele franziu a testa. — Fazer o quê?

Ela desviou o olhar e depois voltou. — Hum, vir aqui. — Suas bochechas ficaram rosa claro como as flores que de repente desabrocharam sob sua pele, e ela moveu a bolsa de um ombro para o outro.

Ele se inclinou contra a porta e os olhos dela se moveram para os braços dele enquanto os cruzava sobre o peito. Seus braços estavam nus e ele pensou que ela deveria estar olhando para as cicatrizes que atravessavam sua pele aqui e ali. Em toda parte. Isso o fez sentir... nu, embora fosse apenas seus braços. Essas cicatrizes contavam muitas histórias terríveis sobre a maneira como ele vivia. Histórias que ele não queria que fossem contadas. Nunca. — Por que você não ouviu?

— Transtorno desafiador de oposição? — Ela soltou uma risada pequena e desconfortável.

Essas eram três palavras que ele não conhecia e nada para acompanhá-las que o ajudassem a descobrir. Lucas inclinou a cabeça. — Eu não sei o que é isso — ele admitiu.

Ela sorriu. — Acho que é outra maneira de chamar uma pessoa de teimosa.

Ele olhou para ela. Lá estava novamente, três minutos em uma conversa com ela e ele já estava praticamente perdido. Uma rajada de vento soprou forte e ela segurou a bolsa com mais força, movendo os ombros e fazendo sua cabeça baixar contra o frio. — Entre — ele disse. — Está frio.

Ela parecia grata, não estava assustada como da última vez que ela entrou. — Nenhuma arma desta vez? — ele perguntou quando fechou a porta e caminhou de volta para o fogo, olhando dentro da pequena janela de vidro para se certificar de que havia madeira suficiente. Querendo mantê-la aquecida.

— Não. Eu... eu sinto muito por isso. Eu só...

— Eu não te culpo. Você não me conhece. Foi inteligente.

Ele se virou para ela e, por um momento, o tempo pareceu se estender, longo e fino. Quebrável. Como uma folha de grama sendo puxada com muita força. Ela mudou de posição novamente. — De qualquer forma, eu vim para dizer obrigada pelo que você fez. — Ela olhou para o lado por um minuto como se estivesse tentando encontrar palavras escritas em sua parede. — Você me ajudou com algo que foi muito, muito importante para mim e sou grata.

Ele olhou para baixo, querendo lhe dizer alguma coisa, mas sem saber se era certo dizer. Sem saber as regras sobre coisas assim.

— O que foi? — Ela perguntou, como se pudesse ler o rosto dele, conhecia seus pensamentos. Surpreendeu-o que ele gostasse da ideia disso.

— Eu queria que você soubesse disso... Eu os visitei. Eu... conversei com eles também. Eles não estavam sozinhos. — Ele não podia olhar para ela. Seu rosto queimava. Mas quando ele finalmente olhou, havia lágrimas nos olhos dela, e parecia que ele a deixou feliz.

— Obrigada — ela sussurrou. Ela balançou a cabeça. — Essas palavras parecem muito pequenas. Eu... você me deu um presente. Você me deu paz.

Lucas levantou a cabeça, sorrindo. Ele lhe deu um presente e isso a agradou. — Estou feliz que isso... te ajudou. A encontrá-los.

Ela soltou um suspiro. — Sim, hum. — Sua voz tropeçou, e ela limpou a garganta, acenando com a cabeça para a bolsa em seu ombro. — De qualquer forma, eu também trouxe isso para você. Um gesto de gratidão.

— O que é isso?

Ela tirou a sacola do ombro, passando por ele para colocá-la na mesa perto da janela de trás, e então se virou para ele. Ele deu alguns passos para ficar ao lado dela, esperando. Ela parou por um instante e depois deu um sorriso antes de abrir a sacola e retirar alguns itens. Latas. Ela as estendeu para ele uma de cada vez. — Sopa de

macarrão com frango e peras. — Ela as colocou sobre a mesa e depois tirou mais alguns itens, listando-os enquanto tirava. — Feijão cozido com presunto, oh. — Ela puxou outro item e segurou-o para ele como se fosse o melhor de todos. — Manteiga de amendoim — disse, baixando a voz para um sussurro.

— Eu me lembro de manteiga de amendoim — ele murmurou.

— Oh. Você lembra? Você gostava?

— Sim, eu gostava disso.

Seu rosto se iluminou tão intensamente que Lucas piscou. Cada vez que ela sorria, ele se sentia bem de uma maneira que não conseguia descrever. *Como se fosse um homem. Ela me faz sentir como um homem.* Ela tirou a tampa e tirou um pouco de papel prateado mostrando a comida suave que ele não via desde que era um garotinho. Ele se inclinou para frente, cheirando antes de mergulhar um dedo, puxá-lo e enfiá-lo na boca.

Oh Deus. Isso é bom. Seus olhos queriam rolar para a parte de trás de sua cabeça, mas ele os manteve colados aos de Harper, surpreso por seus olhos ficarem maiores enquanto ela o observava lamber a manteiga de amendoim de seu dedo. O jeito que ela estava olhando para ele... *Oh não,* ele estava fazendo algo errado, agindo... errado. Ele baixou a mão para o lado. Envergonhado.

— Bom? — Harper perguntou, e sua voz soava diferente do que era, mais profunda e um pouco mais lenta. Ela enfiou a mão na bolsa, puxando outra coisa dela. — Bolachas — ela

disse, a palavra correu enquanto jogava a caixa na mesa. — E algumas outras coisas. Comida. Trouxe-lhe comida porque estava com medo de ter dificuldade em sair para caçar sem o seu arco e flecha. E há uma tempestade chegando também, no caso de você não saber.

— Obrigado. Eu tenho o que preciso. Você não precisava se preocupar. — Ele disse isso, mas não disse que ela se preocupava com ele, porque significava que alguém lembrava que ele estava vivo. Isso não lhe fez bem, mas talvez ele ainda fosse parte humano. E isso importava para ele.

Ela inclinou a cabeça e olhou longamente para ele por um minuto, seus olhos se movendo dos olhos, para os lábios dele, ficando lá por um segundo e depois para seu rosto. Isso o fez querer passar a mão pela barba curta, para ter certeza de que ele não tinha manteiga de amendoim grudada nela. Mas ele ficou parado e deixou que ela o estudasse. Ela parecia gostar do que via e ele estava curioso, queria saber seus pensamentos, mas não tinha ideia de como perguntar.

O que eu pareço para você? Eu fui humano uma vez, mas agora sou parte animal. Qual você vê? E por que você não está com medo?

Ele rastejou.

Ele chorou.

Ele comeu lama, insetos e grama morta quando estava tão faminto que achou que morreria.

Ele implorou.

Ele *matou.*

Ela poderia perceber? Ela podia ver em seus olhos quão *baixo* ele foi para sobreviver? *Viver?*

— Estou feliz que você tenha o que você precisa — ela finalmente disse, virando a cabeça e olhando para a comida em sua mesa. — Eu vou deixar este material mesmo assim. — Ela olhou para ele. — Existe alguma coisa que você precisa? Fósforos? Ou... — Seus dentes brancos pegaram seu lábio inferior e deslizaram sobre ele, e isso fez seu corpo apertar com desejo, seus músculos preenchidos com o calor que o fez querer se *mover.* Para ela. — Eu não sei. — Ela encolheu os ombros, deixando escapar uma pequena risada.

Ele tentou o seu melhor para ignorar seu corpo. — Eu preciso de fósforos, mas não tenho nada para trocar. — Ele franziu a testa. — E sei que não é assim que as coisas funcionam...

— Oh, você não precisa me pagar de nenhuma maneira. Já te disse, você já me deu um presente. Deixe-me retribuir sua ajuda. Seu tempo.

Ele a observou, não gostando da ideia disso, mas incapaz de dizer por quê. Ele sempre trabalhou para as coisas que conseguiu. Ele não sabia como aceitar sem pagar. O jeito que ela estava olhando para ele, com aquela *coisa* iluminando seus olhos e seus lábios pressionados como se ela não respirasse até que ele dissesse sim. E ele *queria* dizer sim, não só pelos fósforos, mas porque queria que ela voltasse. — OK.

Ela sorriu, deixando escapar a respiração que ele sabia que estava segurando. — Ótimo. De que outros alimentos você gosta?

Ele olhou fixamente. Ele não conseguia lembrar. Sua baka cozinhava para ele. Carnes e legumes embrulhados em algo que ele não conseguia mais lembrar o nome. — Bebida alaranjada com bolhas — ele disse, sentindo-se tímido, pensando que provavelmente estava dizendo errado.

Mas os olhos dela se iluminaram. — Refrigerante de Laranja. Sim, isso é bom. Eu vou te trazer um pouco. E quanto ao pão? Você gosta de pão? — Ela sorriu feliz novamente e seu estômago revirou, todos os pensamentos de comida desaparecendo. Mas ela estava olhando para ele esperando, então ele fechou os olhos, tentando se lembrar do pão. *Pão.* Sim, ele gostava disso. Era macio e ele comia com manteiga de amendoim. — Sim.

— Certo, ótimo. Eu trarei para você refrigerante de laranja e pão e... oh, eu vou te surpreender. Que tal?

Lucas deu-lhe um pequeno aceno de cabeça sem entender. Ela disse a palavra *surpresa* com um sorriso, mas ele não gostava de surpresas. Para ele, as surpresas não eram boas. Surpresas vieram do céu azul claro e bateram em sua cabeça como um nocaute. Mas ela ainda estava sorrindo, então ele confiaria que sua surpresa realmente significava apenas comida, nada mais.

Harper olhou para as latas. — Eu posso aquecer isso para nós, se você não se importar de compartilhar?

Ele assentiu rapidamente e ela sorriu de novo, usando o pequeno anel na lata para abrir a tampa. Ele tinha uma panela que ele pegou, e ela começou a aquecer a sopa de macarrão de galinha no fogão a lenha. Lucas a observou enquanto ela se movia, seus olhos se movendo da curva de seu traseiro enquanto ela se curvava, para a forma feminina de suas pernas sob o jeans, a linha reta de suas costas. Ele amava a aparência dela, adorava ver todos os modos como o corpo de uma mulher era tão diferente do seu. Ele queria vê-la nua, despir todos os segredos escondidos sob suas roupas, queria saber como a pele de uma mulher se parecia contra a sua. Suas partes masculinas latejavam e ele se afastou dela, fingindo estar ocupado movendo as latas inutilmente para o outro lado da mesa.

Ele queria que ela saísse e queria que ela ficasse, mas ele não sabia o que deveria sentir. Ela *queria* compartilhar comida com ele. Ela gostava de seu peixe defumado também. E porque a menina que estava em seu fogão estava aquecendo a sopa para que eles compartilhassem, ele se sentia confuso, mas a única coisa que ele *não* sentia era solidão.

Capítulo 21

A Biblioteca Principal de Missoula era um prédio de tijolos relativamente indefinido, localizado no centro de Missoula. Mark pediu informações ao homem no balcão de circulação e seguiu para a área onde estavam guardados os livros para jovens adultos. Ele levou um tempo para examinar as prateleiras, observando os adesivos brancos na parte inferior das lombadas indicando o autor e a localização, e o adesivo amarelo perto do meio com um grande número, indicando quanto tempo o livro estava disponível para empréstimo. *Harper estava certa.*

Havia uma mulher em frente a um carrinho de biblioteca nas proximidades, recolocando os livros e Mark seguiu em direção a ela. Quando ele se aproximou, ela olhou para cima, removendo os óculos, e os largando de modo que pendessem na corrente em volta do pescoço. — Olá.

— Olá, senhora, Agente Gallagher do Departamento de Justiça de Montana. — Ele abriu a carteira e mostrou-lhe seu distintivo, que ela olhou rapidamente, seus olhos se arregalando. — Estou esperando que você possa me ajudar.

— Oh. Eu posso tentar. Com o que posso ajudá-lo?

Mark pegou o celular e mostrou as fotos que tirou dos livros que estavam na mesa de cabeceira do Larkspur. — Existe alguma coisa que você possa dizer sobre esses títulos e se eles podem ter vindo dessa biblioteca?

Ela estudou as fotos, passando entre uma das capas e a da lombada. Ela olhou para Mark e entregou-lhe o celular de volta. — Sim eles são. Ajudei a mulher a escolhê-los depois que ela pediu minha ajuda. Então, em vez de verificá-los, ela os roubou.

Mark enfiou a mão no bolso, trazendo seu caderno e a foto da mulher que o necrotério lhe enviou. — É ela?

A bibliotecária olhou para baixo. — Sim. — Ela levantou o olhar para Mark, os olhos arregalados. — Ela está *morta?* — sussurrou. Ela levou a mão ao estômago, parecendo doente.

— Lamento em dizer que sim. Qualquer informação que você possa me dar sobre o comportamento dela, ou algo que disse que parecia meio estranho, seria muito útil.

A mulher balançou a cabeça. — Hum, sim, bem, ela me perguntou se iria ajudá-la a escolher alguns livros para um jovem. Eu pedi uma idade específica, ou nível de leitura, e ela parecia não saber como responder a isso, e então escolhi alguns dos nossos títulos mais populares para jovens adolescentes. Ela parecia agradecida, mas depois percebi que os livros estavam faltando. Tive uma sensação estranha, você sabe, então chequei no computador e descobri que nunca foram devolvidos. — Ela fez uma pausa. — Você é capaz de me dizer o que aconteceu com ela, agente?

— Infelizmente, ela foi assassinada.

— Oh. Isso é terrível. Minha nossa... — Ela parou e Mark assentiu.

— Há mais alguma coisa que você possa dizer sobre ela?

— Oh, hum... ah sim, uma coisa. Ela usou o computador bem ali. — Ela apontou para alguns monitores. — Ela estava sentada no computador, na verdade, logo antes de me pedir ajuda, então foi por isso que percebi. Ela se levantou do monitor e veio em minha direção, onde estava guardando livros.

— A biblioteca tem câmeras de segurança?

Ela balançou a cabeça. — Não, não há câmeras.

Mark assentiu. — OK. O histórico ainda estaria naquele computador?

— Se ela estava usando a Internet, acho que sim. Ou, pelo menos, não excluímos o histórico regularmente. Isso foi o que... duas semanas atrás?

— Sim, algo assim.

A mulher saiu de trás da mesa e Mark a seguiu até o monitor do computador, onde se sentou e se conectou, atualizando a Internet e depois indo para o histórico do navegador. — Vamos ver — ela disse suavemente — isso foi na segunda-feira... não, terça-feira. — Ela sorriu para Mark. — Eu voltei do almoço com minha irmã mais cedo, e sempre temos a terça do Taco no fim da rua. — Ela se virou para o monitor. — Ok, hmm... não havia muita atividade neste computador, mas as visitas às páginas não possuem registro de data e hora. No entanto, parece que todas essas entradas estão relacionadas à China Antiga... provavelmente um artigo de pesquisa de algum tipo... e depois há uma visita à página de contato da Fairbanks Lumber Company e, em seguida...

para a página de contato do CEO da empresa, Halston Fairbanks.

— Você poderia imprimir todo o histórico?

— Eu posso tirar uma captura de tela e imprimi-la para você.

— Isso seria muito útil, senhora.

Dez minutos depois, Mark saiu do prédio, com a cópia na mão. Será que a mulher morta no Larkspur procurou as informações de contato de Halston Fairbanks, um executivo da empresa madeireira local? E se sim, por quê? Além disso, por que ela roubou livros da biblioteca que pareciam ser para um jovem? Ele não tinha nada para continuar com relação aos livros roubados, mas entraria em contato com Halston Fairbanks e peço a Deus, o homem fosse capaz de fornecer algumas informações que levariam este caso adiante.

Capítulo 22

Jak sentou-se sonolento, piscando ao redor da sala escura, os objetos que ele conhecia bem entrando em foco enquanto o sono desaparecia. Houve um som do lado de fora, um que ele não reconheceu como parte da floresta, um ruído estranho que deve tê-lo tirado de seus sonhos.

Ele tentou alcançar Pup, uma tristeza profunda apertando-o quando percebeu que não estava lá. Ele nunca estaria lá novamente.

Seus pés bateram no chão frio e ele se levantou, correndo para a janela de trás e olhando para a floresta coberta de neve à luz da lua. Uma luz brilhante de repente o cegou e ele se assustou, virando a cabeça e usando o braço para proteger os olhos. Ele se agachou, suas palmas batendo na madeira com força e fazendo-o grunhir com a dor.

Por um minuto ele se escondeu embaixo da janela, seu coração batendo alto em seus ouvidos, sua mente girando. *O que é essa luz? O que eu faço?*

O inimigo veio até ele?

Eles arrombariam a porta dele? Eles o dominariam? Machucariam? Matariam?

Você vai morrer hoje?

Não!

Jak reuniu sua bravura e levantou a cabeça, espiando por cima do parapeito enquanto a luz se apagava. Havia uma

pessoa, uma mulher, ele pensou, parada do lado de fora da janela, algum tipo de luz em sua mão.

Jak assistiu, com os olhos arregalados e tensos de medo, enquanto ela caminhava para a janela ao lado da que ele estava se escondendo abaixo e espiou através daquela. Ela bateu no vidro e, embora fosse suave, parecia ecoar através da floresta silenciosa, a batida de seu coração seguindo, alto e batendo em sua cabeça.

A mulher deu um passo para trás e ficou ao luar, olhando para a casa dele, parecendo tão assustada quanto ele. Jak se aproximou, tentando dar uma olhada melhor nela. Nenhuma arma, apenas uma grande bolsa pendurada no ombro. Ela olhou para um lado, depois para o outro, depois para trás, antes de voltar para a janela, que ele estava agachado, e bateu suavemente de novo.

Ele se virou, pressionando as costas contra a parede enquanto as batidas suaves continuavam. Por vários minutos ele simplesmente ficou sentado ali, esperando para ver se a mulher iria embora. Mas em vez disso, ela bateu de novo, desta vez chamando baixinho, mas alto o suficiente para ser ouvida pela janela. — Por favor, deixe-me entrar.

Ela parecia assustada. *E se ela precisasse de ajuda? E se ela estivesse perdida e sozinha como o garoto loiro?*

Ele ficou sentado por mais alguns segundos, nervoso, inseguro, antes de finalmente se levantar e olhar para ela através do vidro. Ela olhou de volta, levantando a mão. — O que você quer? — Ele chamou.

Ela deu um passo à frente, soltando um soluço e depois colocando as palmas das mãos no vidro. — É você. — Houve um pequeno som de batida quando ela deixou a cabeça cair para frente, de modo que estava contra o vidro. — Por favor, deixe-me entrar. Está tão frio aqui fora, e eu apenas quero... eu só quero falar com você. Por favor.

Ele parou por outro segundo, mas finalmente estendeu a mão, levantando a janela lentamente. — Quem é você?

A mulher sorriu, lágrimas brilhando em seus olhos enquanto se movia de um pé para o outro. Ela coçou o pescoço e fungou, depois limpou o nariz com a manga. Ela olhou para trás e depois subiu pela janela, embora ele não a tivesse convidado a entrar. — Você mora aqui sozinho?

Jak fez uma pausa, imaginando que ela estava preocupada que houvesse alguém dentro que pudesse machucá-la. — Sim. Sou só eu.

Ela assentiu, deixando escapar o fôlego. — Deixei o carro na estrada e andei até aqui. Cheguei aos fundos da casa para o caso de a frente estar sendo vigiada.

Vigiada? Ninguém estava vigiando ele. Essa mulher agia assim por causa da guerra?

Jak recuou e ela fechou a janela rapidamente, virando-se para ele, os olhos se movendo dos cabelos para os pés dele. Ela sorriu novamente quando encontrou seus olhos. Ela era bonita, com longos cabelos negros e pele lisa e bronzeada, mas seus olhos estavam vermelhos ao redor deles, e ela continuou coçando e se movendo como se houvesse algo errado com ela.

— Olhe para você — ela disse, com os olhos molhados, chorosos. — Você é tão bonito. Esperava que você se parecesse com ele, e você não se parece.

Jak franziu a testa, confuso e ainda nervoso. — Quem é você? — Ele perguntou novamente. — O que você quer?

Ela se aproximou e ele recuou, mantendo seu espaço, embora ele fosse maior e mais forte do que a pequena mulher à sua frente. Ela estendeu a mão, tentando tocar o rosto dele e ele se afastou. Longe. Uma lágrima caiu de seus olhos e ela baixou a mão. — Eu sou sua mãe.

O choque o fez ficar parado. — Minha mãe? Como... Eu não tenho mãe.

Ela se aproximou novamente e desta vez ele não se afastou. A *mãe* dele?

— Claro que você tem uma mãe. — Ela fez um movimento brusco novamente, e coçou o pescoço, e então balançou a cabeça como se estivesse tentando limpá-la. — Sou eu. Eu sabia, Deus, eu sabia que não deveria ter *te* dado a ele. Mas eu não tive escolha... — O rosto dela estremeceu e ela começou a chorar, mas depois se conteve. — Eu pensei que você estaria melhor com ele. E ele está cuidando de você, eu vejo isso. — Ela olhou para a cabana. — Você está seguro, certo? Abrigado?

Jak assentiu devagar. — Estou aquecido. Mas ninguém está cuidando de mim. — Ele cuidava de si mesmo.

A mulher, sua mãe, inclinou a cabeça, sacudindo e coçando o pescoço novamente. Seus olhos se moveram para o lugar que ela arranhava, e ele viu que ela abriu uma ferida e

que uma trilha de sangue estava se movendo lentamente ao lado do seu pescoço. — Mas ele lhe deu esta casa, certificou-se de que você tinha um lugar seguro e quente para viver.

— Driscoll? Sim, ele me deu esta casa... como você conhece Driscoll?

Ela balançou a cabeça novamente. — Foi um golpe de sorte que te encontrei. Vi Driscoll na cidade e o segui, mas perdi o carro. Eu pensei que estava perdida, mas depois vi a sua casa. É como se Deus me trouxesse até aqui, sabe? — Ela fungou, enxugando o nariz com a manga novamente. — Eu sei que não está certo, ele mantê-lo aqui fora. E vou consertar isso. Vou ficar limpa, prometo e vou encontrar um lugar. Uma bela casinha com girassóis no jardim. Você gosta de girassóis?

Girassóis? — Mas há uma guerra lá fora. Você não sabe disso?

Ela o encarou por um segundo antes de concordar, a cabeça sacudindo para cima e para baixo e os olhos se enchendo de lágrimas novamente. — Eu sei. Deus eu sei. Ninguém é confiável. O mundo inteiro está em chamas. Está sempre em chamas.

Ele assentiu. — Sim. Você não deveria voltar lá.

Ela sorriu fracamente. — Eu sou uma sobrevivente. Eu ficarei bem.

Ele olhou para ela, tentando entender essa visita confusa. Poderia ser verdade que ela era sua mãe e ela o deu a Driscoll para que ele estivesse a salvo da guerra? Mas e quanto a sua baka? Ele sentiu a sobrancelha se contrair

enquanto tentava entender tudo. Da maneira como ele poderia ter sido passado de pessoa para pessoa para que fosse mantido em segurança. *É possível?*

E se fosse... ele tinha família. Ele tinha uma mãe. Ele se adiantou, segurando o braço dela. — Deixe-me ir com você. Eu posso te proteger. Posso encontrar comida para nós e... e fazer roupas quentes para vestir.

Ela sorriu de novo, outra lágrima deslizou pela sua bochecha. — Doce menino. — Ela suspirou e depois balançou a cabeça lentamente. Tristemente. — Não. Eu não posso te levar comigo ainda. Em breve, prometo. Eu voltarei para você. Mas — ela disse, sua voz animando de um jeito que soava como uma mentira — Trouxe uma coisa para você. — Ela se afastou, trazendo sua bolsa de seu ombro e colocando-a no chão. Ela se ajoelhou e olhou dentro, trazendo alguns livros.

Ela se levantou, entregando os livros para ele. Ele os pegou, lendo os títulos: *A Verdadeira História dos Três Porquinhos* e *Boa Noite, Lua*.

— Disseram-me que são os livros mais populares para crianças. — Ela franziu a testa. — Eu sei que eles são para crianças mais jovens, mas... Eu não tinha certeza...

Ele olhou para ela sem expressão. Sua baka lhe disse que nunca deveria contar a ninguém que ela o ensinou a ler. Sua baka disse a ele que seria muito perigoso. Mas essa mulher era sua mãe, pelo menos era o que ela disse. Ele não teve que dizer a ela que podia ler, mas ele não teve que mentir e dizer que também não podia. — Obrigado — ele finalmente disse, mas não podia deixar de acrescentar: —

quando você voltar, você vai me trazer mais? — *Não livros de bebê,* ele queria dizer, mas não disse. Ele não queria que ela pegasse de volta os que estavam em suas mãos. Ele os segurou com mais força.

— Claro. Sim. — Ela soltou um suspiro, sorrindo e se afastando. Ela se inclinou, pegou a bolsa de novo e foi até a janela de trás. — Eu voltarei. Eu vou. — Ela sorriu novamente, dessa vez maior, mas havia dor no rosto e seu corpo estava ainda mais irregular do que antes. — Eu só preciso melhorar e depois volto. Até então, você se cuida, ok?

Jak assentiu e ela abriu a janela e começou a subir de volta para a noite de neve. — Espere — ele chamou e ela se virou. — Qual o seu nome?

— Meu nome é Emily. — Ela fez uma pausa, voltando-se para ele. — Mas você não pode falar de mim. Não conte a ninguém que estive aqui, ok?

Jak assentiu. Mas ele não entendeu. Para quem ele iria contar? E ele não entendia porque todos sempre queriam que ele mantivesse seus segredos. Ele não sabia quem o estava protegendo ou quem eram os homens maus. Ele estava todo distorcido por dentro e não sabia em quem confiar, ou se deveria confiar em alguém.

Ela se virou novamente, começando a se abaixar pela janela, mas depois parou. — Como ele te chama? — Ela perguntou por cima do ombro.

Ele sabia que ela estava falando sobre Driscoll, mas Driscoll não o chamava de nada. E ele não sabia se havia algum sentido em dizer qualquer coisa sobre sua baka, onde

quer que ela esteja agora. Por que Driscoll e sua mãe não sabiam como o outro o chamava? *Quem sou eu?* Ele se perguntou. — Jak — disse ele.

Ela assentiu, ainda se afastando dele. — Jak é um bom nome. Eu te chamava de Lucas. — Ela parecia muito triste. — Eu sei que não é o seu nome, mas quando eu estava te carregando, é como te chamava. Eu sinto muito que no final, nunca te dei isso. — Ela abaixou a janela então, aterrissando na neve com um ruído suave.

Ele viu quando ela acendeu a luz e caminhou para a floresta, a luz desaparecendo na escuridão, junto com a mulher que disse ser sua mãe, mas o deixou sozinho de novo.

Jak leu os livros, três vezes cada, memorizando as palavras, depois voltou para debaixo do cobertor na cama e ficou olhando para o teto. Mas os livros não faziam sentido. Os lobos eram bons, não maus. Pup tinha sido seu melhor amigo. Os lobos tinham famílias e companheiros com quem ficavam por toda a vida. Eles cantavam canções de amor para a lua e rolavam de costas, felizes pelo cheiro da chuva. Eram os porcos selvagens que eram maus e cruéis e gananciosos por seus cogumelos. Eles gostavam do cheiro de sangue e riam de coisas que ninguém mais podia ver. Ele estremeceu quando pensou neles, e a lembrança das palavras de Driscoll voltou. *Porco vale muito dinheiro na cidade. Traga-me um e te darei um arco e flecha.* Ele não havia encontrado nenhum porco ainda, não que tivesse procurado muito. Ele não conseguia se forçar a querer fazer muita coisa nos últimos meses. Ele perdeu Pup. Ele odiava o silêncio alto e vazio.

O outro livro, aquele com o garotinho e o balão vermelho, só o deixou mais triste. A velha senhora na cadeira o fez pensar em sua baka, fez com que ele soubesse que não havia ninguém sentado em uma cadeira em seu quarto, ou em qualquer outro lugar, cuidando dele. Ninguém para lhe fazer comida, ou ter certeza de que estava quente e feliz. A pessoa que disse ser mãe tinha deixado essa história e depois se afastado. Ele tinha a sensação de que ela não voltaria. Assim como quando deve tê-lo entregado a sua baka. Mas por quê? Quando? Ele não entendia nada sobre quem ele era.

Passou-se muito tempo antes que dormisse novamente naquela noite e, quando dormiu, imagens de um inimigo desconhecido com um rosto na sombra e olhos escuros cheios de maldade assombraram seus pesadelos.

Capítulo 23

Harper mexeu a sopa com uma das colheres de plástico que colocou na sacola com os itens enlatados que trouxe para Lucas. Um rápido olhar nas coisas na mesa disse a ela que ele tinha uma coisa de tudo: uma panela, uma tigela, uma colher e um garfo. Coisas pelas quais ele trocou com Driscoll? *O que o garfo lhe custou?* Quanto custou uma panela? Se era uma gentileza que Driscoll estava fazendo por ele, por que não parecia assim para Harper?

Algo estava errado em toda essa situação, e ela esperava que o agente Gallagher descobrisse o que era, embora ele não tivesse qualquer obrigação de compartilhar isso com ela. Mas ela poderia ser... ela procurou em sua mente a descrição mais adequada... amiga? Contato? Sim, um *contato* pelo menos. Ela poderia ser um contato com esse homem que tinha poucas opções para obter os itens necessários, depois da maneira como viveu sua vida até agora. Então, por que essa palavra não... a satisfez?

Enquanto mexia, ela pensou na expressão dele enquanto ele lambia a manteiga de amendoim do dedo, e um arrepio passou por ela, exatamente como naquela hora. Ela estava atraída por ele, não só por causa de sua aparência, mas pela maneira como seu olhar se aguçava com inteligência quando estava curioso sobre alguma coisa, por aquela expressão tímida quando estava preocupado se estava dizendo a coisa errada ou usando a palavra errada, o jeito

que sua voz soava e o modo como seu corpo se movia. Ele a atraía de uma maneira profundamente sexual que nenhum homem jamais atraiu, e isso a assustava, mas também vinha com uma ponta de excitação.

Talvez as regras e estruturas sociais com as quais ela cresceu não se aplicassem aqui. Talvez fosse mais fácil reconhecer seus instintos básicos em um lugar sem mercearias ou eletricidade, nada para mantê-la aquecida, exceto o calor de uma chama e o corpo de outra pessoa. Ele era um tipo de homem das cavernas, mas talvez *todos* eles fossem colocados no ambiente certo e forçados a viver apenas por instinto e destreza.

Ela deu uma olhada para ele. Sabia que também se sentia atraído por ela. Ela viu o jeito que ele a observava, a maneira como o seu sorriso era inocente, mas o calor em seus olhos era primitivo, a maneira como ele estudava seu corpo quando ele achava que ela não podia ver. Ela aprendeu a observar os homens por interesse indesejado, por um aviso de perigo iminente, um sinal vermelho de alerta que dizia para ela correr e se esconder.

E ainda assim ela não queria fugir dele.

E isso deveria assustá-la também. Mas isso não aconteceu.

A sopa estava borbulhando e então ela colocou em sua tigela e em sua única caneca, colocando-as na mesa e sentando-se nos troncos de árvores que funcionavam como bancos. Lucas os fez? Não, como ele poderia? Ele não parecia ter ferramentas. Ele tinha? Ela não queria perguntar e fazê-lo

sentir que tudo em seu mundo era estranho e questionável, mas parecia que havia uma centena de pequenas coisas que ela queria saber. Como ele se virava sem essas coisas todas do dia a dia que ela não valorizava?

Ele realmente caçava com nada além de uma faca e suas próprias mãos?

Como ele tinha feito as botas e jaqueta que usava? Que foram tão cuidadosamente costurados com... o quê?

Ele se sentia sozinho?

Assustado às vezes?

Ele tinha que estar. Ele era humano depois de tudo.

Ela sorriu para ele enquanto tomava uma colherada da sopa, observando como fazia o mesmo. Aquele olhar de prazer surgindo em sua expressão e seus músculos estomacais tremendo. — O que você acha?

Ele acenou com a cabeça quando colocou mais um Harper nunca tinha ouvido ninguém gostar de sopa de galinha de uma lata tanto quanto Lucas, e isso a fez sorrir, sentindo prazer em seu prazer. Embora ela tenha notado que ele estava empurrando todos os pedaços de carne de frango para o canto da tigela.

Eles comeram em silêncio por um momento antes que ela finalmente tivesse coragem de lhe fazer uma de suas infinitas perguntas. — Lucas, posso perguntar uma coisa? — Ele colocou mais sopa na boca e encontrou os olhos dela, cautela em sua expressão, embora ele assentisse. — Por que você pegou a revista da delegacia? — Ela levantou a mão,

apressando-se: — Não importa. Eu não direi nada. Quero dizer, não que alguém se importe, mas fiquei... curiosa.

Ele colocou a colher na mesa, e parecia que ele estava pensando em respondê-la ou não. Ou talvez ele tenha se surpreendido por ela tê-lo visto. Finalmente, ele deu de ombros. — Só para olhar... as imagens.

— As imagens? Oh. Então... você... você sabe ler? — Ela não considerou isso, mas... se ele tivesse sido abandonado em uma idade jovem, talvez nunca tivesse sido ensinado a ler. Talvez nunca tenha frequentado a escola. — Não fique envergonhado — ela disse quando ele não respondeu imediatamente. — Você pode aprender. Eu poderia te ensinar se você quiser. — Ela gostou da ideia. Inclinando-se sobre um livro com Lucas, com as cabeças juntas...

Mas ele estreitou os olhos e parecia estar em guarda, e de repente ela se arrependeu de arruinar o que tinha sido uma camaradagem fácil por alguns minutos. — Eu leio um pouco. — As palavras saíram estranhamente espaçadas como se ele estivesse relutante em liberar cada uma delas.

Ela balançou a cabeça. — Oh.

— Eu não sei sobre o mundo. Eu pensei que a revista poderia me ajudar a entender.

Harper soltou um suspiro. — Isso é compreensível. — Ela inclinou a cabeça. — O que a revista lhe disse?

Ele lhe deu um sorriso perplexo e ergueu as sobrancelhas enquanto passava a mão pelo cabelo grosso e entrecortado. Ele mesmo cortava. Sem um espelho. O pensamento combinado com a expressão de menino em seu

rosto masculino fez seu coração pular. — Que há muita comida lá fora. Quase todas as páginas eram uma imagem vendendo algo para comer.

Ela sorriu. Ela só podia imaginar o que ele pensava quando experimentou apenas uma dieta de carne e peixe e tudo o que ele poderia caçar. — Há algo novo que você queira experimentar?

Ele parecia inseguro. — Eu não sei. Pizza talvez. As pessoas que comiam pareciam felizes.

A maneira como ele pronunciava errado, sua expressão tão séria, fez Harper rir. — Então eu vou trazer uma *pizza para* você também. Adicionarei à minha lista de compras.

Lucas a observou por um momento, inclinando a cabeça naquele jeito interrogativo. — Por que você vem aqui, Harper? É porque você está ajudando a polícia?

— Não, não trabalho para eles nem nada. Eu tenho meu próprio negócio como eu disse a você, levando os amantes da natureza. Estou ajudando o agente a se locomover nos arredores e respondendo a perguntas que surgem. Honestamente, Lucas, você provavelmente seria melhor do que eu em ajudar o agente Gallagher a descobrir quem matou Isaac Driscoll.

Ele olhou para trás, para fora da janela na parede oposta. — Eu não me importo com quem matou Isaac Driscoll. — Ele encontrou os olhos dela e algo queimou neles. *Ódio*.

Harper ficou surpresa. — Eu pensei que você tivesse dito que mal o conhecia.

— Eu não o conhecia. — O fogo em seus olhos diminuiu, depois apagou, deixando para trás o que parecia desesperança.

— Eu não entendo.

Lucas olhou para ela. — Ele era um trapaceiro e mentiroso. Minha vida é mais difícil agora que ele se foi, mas não vou sentir falta dele.

Oh. Harper imaginou se ele havia insinuado aquilo para o agente Gallagher, ou se estava confessando isso para ela porque passou a confiar nela um pouco. — Se você tiver informações que podem levar a...

— Eu não tenho — ele disse. Ficou claro que tinha terminado de discutir sobre Driscoll.

— Se acontecer de você não poder ficar nesta terra, onde você vai morar?

Ele fez uma pausa, mas depois encolheu os ombros, embora realmente não pudesse estar tão despreocupado sobre o potencial de estar desabrigado. — Vou sobreviver.

O que isso significava quando se trata de hospedagem? *Sobrevivência por* si só parecia um objetivo sombrio. Ele não poderia estar planejando simplesmente encontrar uma... caverna ou algo assim. *Poderia?* Ela não podia deixar isso acontecer.

Harper sentiu-se no limite. Ela ainda sentia a bondade desse homem e passar mais tempo com ele só fazia esse sentimento crescer, mas não havia como negar que havia segredos em seus olhos. E ela não deixaria alguma tensão sexual atrapalhá-la fazendo as perguntas que ela achava

necessárias se ela realmente fosse ser... um contato. Ela mordeu nervosamente o interior de sua bochecha por um momento enquanto o observava olhando para o espaço, sua mente obviamente em outro lugar. — Para todos os males, existem dois remédios, tempo e silêncio.

Seu olhar foi para o dela, os olhos brilhando com reconhecimento enquanto seu corpo se acalmava. Tão rápido quanto isso, sua expressão se fechou desapaixonadamente. Mas ela tinha visto. Ele não tinha sido rápido o suficiente para se esconder dela.

— Lucas, você lê mais do que *um pouco*. Você lê tão bem quanto qualquer um. — Por que ele mentia sobre isso? Ele estava olhando para ela com cautela agora, como se esperasse que ela atacasse. — Acabei de citar Alexandre Dumas. Mas acho que você sabe disso. — Ela parou por um segundo, dois. — Você tem a mochila, Lucas? Era da minha mãe.

Ele permaneceu imóvel por mais alguns segundos e depois soltou um suspiro, parecendo chegar a alguma conclusão interna. Ele se levantou e caminhou até um lugar perto do canto da frente da cabana, ajoelhando-se e levantando uma tábua do chão. Harper observou, confusa, enquanto ele levantava algo da cor turquesa, fazendo-a colocar as mãos sobre a boca. *Eu tinha razão.* Ela lembrava corretamente. Ela se levantou rapidamente, depois se ajoelhou ao lado dele, pegando a mochila e abraçando-a contra o peito. — Obrigada — ela sussurrou. *Outro pedaço da minha mãe.*

Mas quando ele olhou para a mochila, houve um olhar de perda aguda em seus olhos... como se tivesse sido tão precioso para ele como era para ela. — Era da sua mãe. Você deveria ficar com ela — ele disse, como se estivesse se convencendo. — Sinto muito por não ter dado a você quando lhe dei o colar.

Ela percebeu a expressão dele, sentindo como se sua intenção fosse *dar* a ele, mas de alguma forma ela estava sempre *tomando* em vez disso. Ela lentamente abriu a mochila, retirando alguns papéis soltos e uma pilha de cadernos com espiral. Lágrimas encheram seus olhos enquanto folheava o caderno em cima, a letra de sua mãe imediatamente familiar, mesmo que tivesse passado tanto tempo desde que ela tinha visto.

Quando ela levou um momento para olhar através das páginas, percebeu que estavam enrugadas e com orelhas de cachorro, como se tivessem sido lidas repetidas vezes. Algumas frases foram apagadas como se um dedo tivesse passado por cima delas repetitivamente, sublinhando, talvez memorizando. Em muitos lugares, havia linhas idênticas escritas sob as palavras de sua mãe, como se alguém tivesse tentado recriar a escrita, ou talvez praticar a sua própria. Também havia desenhos nas margens: representações de árvores, folhas, um lobo e outros animais da floresta, todos conectados, entrelaçados, de modo que você tivesse que olhar de perto para destacar os elementos individuais. Enquanto Harper examinava, ela viu que as linhas de exercício de texto iam de infantil a mais polida, e a obra de arte rabiscada

melhorou também, mais nítida e mais realista. Ele não era Picasso, mas havia uma beleza na simplicidade de sua obra de arte. E ela sabia o que estava vendo: Lucas crescendo ali mesmo nas páginas. Seu peito estava apertado.

Perto do final, havia perguntas escritas em sua caligrafia. Ele havia repassado as anotações, as perguntas e as realizações de sua mãe sobre a vida e o amor, a amizade, a vingança, o perdão e todos os temas que Harper sabia que estavam no trabalho literário favorito de sua mãe.

Quando ela olhou para ele e encontrou seus olhos, ele estava corando, um olhar agudo de vergonha em sua expressão. — Desculpe — ele disse, com um tom de remorso, olhando para o lugar onde ele tinha desenhado um lobo uivando para a lua.

Ela balançou a cabeça. — Está tudo bem. Lucas, eu... Eu os amo. — Ela inclinou a cabeça. — O livro também estava aqui? — perguntou ela, olhando para a mochila vazia, vendo apenas algumas canetas que pareciam ter sido usadas até a tinta acabar.

Ele balançou sua cabeça. — Nenhum livro. Apenas suas anotações e canetas.

Harper ergueu os olhos para Lucas novamente, que se ajoelhou observando-a percorrer as páginas, o que certamente tinha sido uma forma de conexão humana quando ele estava muito sozinho. Era assim que os livros, *emoções com as quais ela podia se relacionar nas histórias de outras pessoas*, tinha sido para ela. Seu coração se retorceu, meio alegre, meio pesado quando percebeu que sim, a floresta

alimentara seu corpo, mas as palavras de sua mãe haviam nutrido sua alma.

Capítulo 24

— Venha até aqui, você — Rylee chamou, sacudindo a capa do salão de cabeleireiro rapidamente e jogando-a sobre as costas da cadeira. — Você não tem que cortar o cabelo para me ver. Eu teria ido a sua casa mais tarde.

Harper sorriu, envolvendo os braços na amiga e apertando-a com força. — Eu não pude esperar. E preciso cortar o cabelo. — Rylee levantou uma sobrancelha. Ambas sabiam que não era verdade, já que ela tinha vindo antes do casamento de Rylee duas semanas antes. — Como foi no México? Quero todos os detalhes sujos. — Ela sentou-se na cadeira do salão na seção de sua amiga e encontrou seus olhos no espelho, levantando um dedo. — Espere, talvez nem *todos* os detalhes sujos.

Rylee sorriu, pegando a capa e prendendo-a no pescoço de Harper. Ela moveu o cabelo de Harper para o lado e colocou as mãos nos ombros, olhando para ela no espelho na frente de onde Harper estava sentada. — Foi muito sujo. De todas as melhores maneiras. — Ela piscou. — E incrível. Eu quase não queria voltar.

— Mesmo eu estando aqui esperando por você?

— Você e cerca de três metros de neve.

— Bom argumento. — Harper sorriu. — Então a vida de casada está boa até agora?

— Sim, sim. — Ela acenou com a mão. — Mas nós vivemos juntos faz tempo. Dificilmente alguma coisa mudará agora que toda a excitação acabou. Enfim, chega disso. Eu não posso acreditar que só agora estou recebendo os detalhes sobre como encontrou o carro de seus pais. — Seus olhos se arregalaram e ela se inclinou ligeiramente para frente. — Como você está, Harper? Mesmo? Quero dizer, quase caí morta quando recebi sua mensagem. — Rylee olhou de volta para Moira, a dona do salão de cabeleireiro onde trabalhava e depois pegou um pente do balcão, passando-o pelo cabelo de Harper.

Harper suspirou. — Estou bem. Estou bem. — *Melhor do* que ela estava antes.

Rylee começou a dividir o cabelo de Harper e cortá-lo. — Eu simplesmente não consigo acreditar. Depois de todos esses anos. E como foi encontrado? Você não costuma sair procurando no inverno, não é?

Harper fez uma pausa, repassando rapidamente tudo o que havia acontecido desde que Rylee partiu em sua lua de mel. Era como se a vida tivesse virado de cabeça para baixo desde então. — Não, não fui eu quem encontrou. Fui levada até lá. — Ela fez uma pausa, pensando em por onde começar, percebendo todas as formas como a vida havia mudado no curto espaço de tempo em que sua amiga estive fora da cidade. — Você ouviu sobre o assassinato na cidade? No Larkspur?

Rylee franziu a testa enquanto cortava as pontas do cabelo de Harper. — Sim. Assim que voltei. Alguma mulher

passando pela cidade, certo? Ouvi dizer que alguém disse que era um namorado com quem ela poderia estar viajando ou algo assim? — Ela balançou a cabeça. — Seriamente horrível. Mas o que isso tem a ver com seus pais?

— Nada. Bem, meio que nada. — Tudo estava aparentemente ligado a Lucas, algumas em grandes aspectos, algumas em menores. Algumas de maneiras que ela possivelmente não entendia, porque ele não era o homem mais próximo. Mas Lucas ficou bem no meio de tudo o que aconteceu ou veio à tona nas últimas duas semanas. *O que isso significa? Tem implicações maiores do que...*

— Terra para Harper.

— Desculpe. — Ela começou a contar a Rylee sobre o agente Mark Gallagher, sobre Isaac Driscoll, sobre Lucas, e depois sobre o colar e como ele a levou para os destroços de seus pais, incluindo a mochila de sua mãe. Quando ela mencionou as anotações de sua mãe sobre *o Conde de Monte Cristo*, ela deixou de fora o modo como ele as tratou como se fossem o Santo Graal. Ela não tinha certeza do porque, simplesmente parecia algo que deveria permanecer entre eles. *Agora quem é a misteriosa, Harper?*

Mas Harper sempre teve segredos. Ela estava acostumada a mantê-los.

Rylee continuou aparando o cabelo, os olhos arregalados, um olhar de descrença no rosto quando Harper terminou. — Uau.

— Eu sei. É... loucura.

— Então, se o seu Tarzan foi descartado no momento, não há suspeitos em nenhum dos assassinatos?

Tarzan. Harper revirou os olhos. — Ele não é nada *meu*. E não, não tanto quanto eu sei, embora não esteja realmente a par de cada liderança que a polícia está trabalhando. O agente Gallagher tem sido legal o suficiente para me manter informada sobre o caso dos meus pais, e respondeu algumas perguntas que tinha sobre Lucas, mas não é como se estivesse realmente trabalhando em todos os ângulos da investigação.

— Mesmo assim... — ela sorriu — seu pai ficaria orgulhoso. — Ela usou a mão sem segurar a tesoura para apertar o ombro de Harper, seu sorriso diminuindo. — Eu sei que já mencionei isso antes, mas... meu pai ainda sente muito por não tê-la acolhido — ela disse suavemente. — Ele se arrepende. Eu posso dizer pela maneira como o humor dele muda sempre que pergunta sobre você.

Harper sacudiu a cabeça, fazendo um pequeno som de negação. — Vocês mal ganhavam o suficiente para viver. A perda de sua mãe ainda era recente, Rylee... Eu entendi. Entendo porque não era uma opção. Eu não o culpo. — Isso era verdade? Ela não tinha realmente trabalhado isso em sua mente. Ela não queria culpar ninguém, mas a verdade real? *Doeu.* Pelo que ela sabia dos relatórios da escola e coisas que seus pais sempre diziam sobre ela, ela não tinha sido indisciplinada. Ela tinha sido bem comportada. Subjetivamente, ela não conseguia entender como ninguém

em sua comunidade, pessoas que haviam conhecido e se importado com seus pais, estavam dispostas a ficar com ela.

Os anos que passou no sistema de assistência social eram às vezes aterrorizantes e solitários, e desejou com todo o coração que seus pais não tivessem sido arrancados dela, e que ela não tivesse que sofrer o trauma adicional de ser colocada na casa de um estranho, um estranho que era tudo menos confiável. Seu tio estava na faculdade, em seguida, começando a vida dele, depois ele não tinha conseguido oferecer a ela um lar, e sua melhor amiga havia perdido a própria mãe seis meses antes, deixando o pai para criar duas filhas sozinho enquanto lamentava a perda de sua esposa.

Algumas pessoas se sentiam culpadas, ela também sabia disso. Era por isso que Dwayne sempre oferecia seus serviços que surgiram na delegacia, por exemplo. Por que o pai de Rylee insistiu que ela ficasse em casa durante os verões no colegial e depois se ofereceu para ajudá-la a começar seu negócio de guia, mesmo conseguindo seus primeiros clientes, aqueles que tinham reservado com ela várias vezes.

Mas, ela entendia por que eles não se ofereceram para adotá-la depois do acidente, ela entendia. Ou pelo menos, a Harper adulta entendia. Ela só não sabia como explicar isso para a menina dentro dela que ainda sofria quando revisitava aquela época em sua vida. Em seu coração, ela ainda se sentia como a garotinha que ninguém queria.

Ela não gostava de pensar muito nos primeiros anos depois que seus pais morreram. Mas depois... bem, depois ela

foi colocada com uma mulher mais velha que tinha sido gentil com ela. Ela se estabeleceu em uma nova escola e... ela estava bem.

Rylee apertou os lábios, o olhar que sempre aparecia no rosto dela quando falava sobre Harper entrando no sistema de serviços sociais.

— De qualquer forma — Harper disse, querendo mudar de assunto — ainda estou esperando o médico legista liberar os restos mortais e depois vou fazer um enterro.

— A cidade inteira estará lá.

— Espero. — Harper sorriu. — Meu pai teria gostado disso. — Seu sorriso se alargou. — Minha mãe gostaria de ficar em casa lendo. — Harper era uma combinação dos dois, ela percebeu com satisfação. Ao ar livre como seu pai e uma amante de livros como sua mãe.

Rylee se moveu na frente dela, inclinando-se para frente e segurando as pontas do cabelo de Harper em ambos os lados do rosto para medir a uniformidade do corte que acabou de terminar. Ela encontrou os olhos de Harper e sorriu. — Ela amava seus livros, não amava? Eu me lembro dela me perguntando se sentia falta dos personagens quando eu disse a ela que tínhamos lido *Charlotte's Web* na aula. Eu não tinha ideia do que ela estava falando. Ela literalmente *sentia falta de* pessoas que não existiam. — Ela se endireitou, recuando para avaliar seu trabalho.

Harper sorriu. Sim, isso soava exatamente como sua mãe. Ela amava literatura. E ela inspirava outros a amar também. Esse pensamento trouxe Lucas à mente, o modo

como ele parecia tão triste quando entregou a mochila a Harper contendo as anotações de sua mãe, dando-as a ela para guardar.

Eu deveria tê-los deixado com ele.

Sim, claro que ela deveria. O que ela estava pensando? Bem, ela estava pensando que era outra peça preciosa do passado que estava desesperada para segurar. Algo tangível. Mas, parecia que essas anotações haviam sustentado Lucas quando para ela, elas eram uma lembrança especial. Teria ela acabado de fazer a mesma coisa a ele que havia sido feita com ela? Tirado alguma coisa querida que trazia luz? Seu coração partiu.

— Então o que vai acontecer com Lucas agora? — Rylee perguntou quando abriu o velcro e removeu a capa de Harper. — Ele vai ficar na floresta?

As sobrancelhas de Harper se juntaram quando ela novamente encontrou os olhos de Rylee no espelho. — Eu não sei se ele tem muitas opções. Quero dizer, o cara não tem família que ele conheça, sem educação formal ou experiência de trabalho... — Ela balançou a cabeça. — Eu não sei. Mas... há algo sobre ele... Deus, é difícil de explicar. Ele é essa combinação de selvagem e, eu não sei, inocente? Não, isso não está certo. Pensativo? — Ela balançou a cabeça, frustrada por não poder descrevê-lo com precisão, ou fazer justiça a ele. — Sensível.

— Seus olhos estão muito estranhos agora — Rylee observou e quando Harper olhou para ela, ela viu que sua

amiga estava olhando para ela com uma expressão que era meio confusa e meio divertida.

Harper revirou os olhos. — Tudo bem. Ele é um enigma.

— Bem, sim, claro que ele é um enigma. Ele cresceu na lama e neve e notas de aula de *O Conde de Monte Cristo*. Ele provavelmente está confuso como o inferno.

Apesar de parecer um tanto cruel, Harper riu. — Quem não estaria? — Ela perguntou, tentando defendê-lo, embora soubesse que Rylee estava brincando. — Você pode imaginar, Rylee? A solidão com a qual ele deve ter vivido todos esses anos? Não sei se poderia ter sobrevivido.

— Claro que você poderia. Você é a pessoa mais forte que conheço.

Harper deu um pequeno sorriso para Rylee. Ela apreciava o voto de confiança, mas se perguntava se alguém era forte o suficiente para sobreviver sem maiores efeitos. — De qualquer forma... — ela se levantou, dando alguns passos em volta da cadeira e dando um abraço na amiga. — Eu tenho que correr, mas obrigada por isso — ela disse, apontando para o corte que realmente não precisava, mas que tinha permitido que ela visitasse a amiga sob o olhar atento da dona do salão.

— Fique quentinha — ela disse, enquanto Harper lhe entregava o dinheiro para o corte e uma gorjeta, dobrando-o na mão para não tentar devolver a gorjeta como sempre fazia. — E deixe-me saber o que posso fazer para ajudar com os arranjos de seus pais.

— Eu vou. — Harper acenou aos outros cabelereiros que ela conhecia, o sino sobre a porta tilintando quando saiu.

Ela só andou até o final da rua quando seu telefone tocou. Ela tirou do bolso e, quando viu quem era, seu coração acelerou. Ela parou, andando perto do lado de um prédio, para não ficar no meio da calçada. — Alô?

— Oi, Harper. Eu estou ligando... bem, você está sentada?

A respiração de Harper ficou presa e ela se apoiou no revestimento de madeira da loja de ferragens. Agente Gallagher parecia alterado de alguma forma. — Sim.

— O legista me ligou. Harper, há evidências de que seus pais foram baleados.

— Baleados? — Por um momento a palavra não fazia sentido, como se ele tivesse falado em uma língua estrangeira que ela não pudesse compreender. — Eu não entendo.

— Eu também não, mas o caso deles agora está sendo tratado como um homicídio.

Capítulo 25

Drip. Plunk. Ping.

A neve estava derretendo ao redor dele, caindo da floresta. O chão bebendo, levando para baixo, onde as árvores, as plantas e as flores esperavam para voltar a viver. Jak pisou no chão macio, seus olhos procurando por alguns cogumelos, ou alguma outra coisa para encher sua barriga vazia. Logo haveria comida suficiente de novo, e esse pensamento trouxe uma alegria distante, embora a sensação pesada que o deixou para baixo desde que Pup morreu, parecera estar esmagando toda a felicidade, tornando-a menor, sem importância. O sentimento pesado era maior, sombreando tudo.

Pup.

Um nó subiu pela garganta de Jak e ele engoliu, seus passos diminuindo.

O vento se moveu, um cheiro terrível fez seu nariz enrugar, sua atenção girando logo antes de ouvir um grunhido baixo. Algo se moveu no mato à sua esquerda. *Um javali.* Ele agachou-se devagar, esperou que o medo viesse, mas isso não aconteceu. Esse peso dentro dele tornava isso pequeno também.

Porco está valendo muito dinheiro na cidade. Traga-me um e te darei um arco e flecha. Foi um inverno longo e duro sem Pup. Ele tinha passado fome com frequência. Assustado. Sozinho. Suas costelas podiam ser vistas facilmente sob sua

pele. Ele precisava de uma arma maior agora se quisesse viver. Não apenas para ter carne, mas para matar animais grandes o suficiente para retirar as peles que ele precisava para sobreviver ao frio congelante. E se ele não ia viver, então por que esperar a fome levá-lo, devagar e dolorosamente? Por que não deixar o javali fazer isso com uma pontada furiosa e estridente no estômago? Não seria melhor assim mesmo? Mais rápido?

Ele se ajoelhou ao lado de um tronco de árvore musgoso, ficando imóvel e esperando que o porco saísse do mato. Ele soltou a respiração lentamente. Água pingando. Fedor de porco. O grunhido baixo vindo de sua própria garganta.

Mas o bufar daquele porco selvagem não era suave. Eram guinchos, os que sempre assustaram Jak antes. Soava como um monstro, ou algo que pensava estar debaixo de sua cama quando era um garotinho. A coisa que ele pediu a sua baka para verificar, mas que ela dizia que ele deveria enfrentar se fosse um menino forte como ela pensava.

Ele fez isso então. Ele faria isso agora. Enfrentar o monstro. Mesmo que parecesse que já tivesse enfrentado muitos monstros.

E ele não conseguia descobrir se esperava ganhar contra este. Ou perder.

O porco saiu do mato. Um macho enorme que tinha que pesar mais de dez Jak. Pelos brancos espinhosos cobriam seu corpo preto e branco. Presas curtas e afiadas saindo de sua boca. Ele tinha o maior par de bolas que Jak já tinha visto

em qualquer coisa viva. Ele grunhiu quando viu Jak, soltando um daqueles guinchos altos e balançando a cabeça para trás e para frente.

Fedor de porco. *Louco* fedor. O cheiro de decomposição vindo de suas narinas como se seu cérebro estivesse apodrecendo. Tão louco e ruim como Jak nunca tinha visto antes.

Jak caminhou até ele, pegando o canivete, a lâmina pequena depois de muitos invernos e verões de usar e depois afiá-la de novo contra as pedras. Mas ele não sabia que estaria enfrentando esta fera hoje, e não trouxe a faca de caça.

O presente afiado da *vida* que o menino de cabelos escuros lhe dera há tanto tempo era tudo o que tinha. Isso o ajudaria a viver ou morrer. Qualquer um estava bem.

O porco levantou a cabeça, guinchando de novo, o grito de um demônio, e Jak sentiu o primeiro broto de raiva começar a crescer, envolvendo-o por dentro. Jak levantou a própria cabeça, soltando um grito que ecoou pela floresta. Ele riu, um som louco que veio do fundo de sua alma, uma mistura da perda e medo, mágoa e sofrimento pelos quais ele viveu. — Venha me pegar, seu maldito porco! — Ele gritou, raiva explodindo nele. — Faça o que você quiser!

Por um minuto, o porco ficou lá grunhindo, com a cabeça abaixada, e Jak pensou que ia virar na outra direção. Ele se inclinou para frente, pronto para persegui-lo, quando de repente avançou, pegando-o de surpresa. Ele se manteve

firme, plantando os pés na terra macia e dobrando os joelhos, a faca estendida na frente dele.

Medo correu pelo seu corpo, mas o mesmo deixou uma excitação selvagem. — Venha me pegar, sua coisa feia — disse, só que desta vez, em vez de gritar as palavras, ele grunhiu-as em voz baixa, com o queixo trincado. O javali abaixou mais a cabeça e acelerou, indo direto para Jak.

Jak teve um segundo de confusão, seus instintos gritando para ele *correr*, sua mente e seu coração dizendo *não*. A floresta estava quieta por um segundo, dois, como se todos os animais, folhas e galhos parassem para observar a fera e o homem/menino magro colidirem, olhos presos enquanto o animal corria para frente o mais rápido que seu corpo gordo deixava. E de alguma forma, aquele enorme animal se movia com a rapidez de um relâmpago.

Tudo explodiu em Jak quando o animal correu direto para ele, o corpo de Jak voando para trás e batendo no tronco de uma árvore enquanto o animal soltava outro grito de guerra e continuava vindo.

Jak se levantou apressadamente, lutando para encher seus pulmões com o ar que fora arrancado dele. Ele pulou para o lado quando o animal veio até ele novamente, o cheiro doentio o seguiu, mesmo que seu corpo fosse para o lado. Jak rolou e pôs-se de pé, no momento em que se aproximou e virou-se para trás, atacando-o de novo, com os olhos enlouquecidos, saliva voando da boca.

Jak ergueu a faca e rolou de novo, um grito profundo vindo de seu peito enquanto ele rolava para longe do porco e

estendia o braço, a lâmina rasgando o ombro do animal. Ele soltou outro grito demoníaco, desta vez de dor.

— Vamos, sua besta suja! — Jak gritou. — Isso é tudo? É o melhor que você pode fazer? Ele parecia tão enlouquecido quanto aquele porco. *Nada importava.* Ele morreria, mas primeiro, ele daria o maior número de golpes que pudesse. O javali queria matá-lo, mas Jak faria uma luta que essa coisa desagradável jamais esqueceria. Aquele monstro feio estaria dizendo a seus netos feios sobre Jak algum dia. Jak imaginou que ele tinha bolas grandes o suficiente para fazer pelo menos uma centena de crianças feias tão malcheirosas quanto ele. Ele riu como um louco, girando quando o enorme porco correu novamente.

Jak foi para o outro lado rapidamente, mas ele não se moveu rápido o suficiente desta vez. Quando ele jogou o corpo para frente, o pé bateu na raiz de uma árvore e ele caiu com força, o vento bateu em seus pulmões novamente quando a dor sacudiu seus ossos. Ele gritou, a dor fazendo-o enrolar-se quando a cabeça de porco o acertou onde ele estava deitado, a ponta da presa lhe cortando o braço. Jak agarrou a fera, apertando grandes punhados de carne peluda enquanto o animal gritava, seu peso caindo sobre Jak, esmagando-o, seu ar saindo de seus pulmões.

Ele lutou com o animal, lutando com toda a sua força. E*u não consigo respirar. Eu não consigo respirar,* era o único pensamento correndo através de sua mente agonizante. A floresta ao redor dele piscou por um segundo, manchas

escuras surgindo na frente de seus olhos quando o fedor do animal encheu seu nariz.

Vou morrer.

Sua cabeça caiu para o lado enquanto o porco mantinha seu grito, seus cascos apertando no corpo de Jak, suas presas raspando em sua carne, as feridas que ele abriu jorrando sangue. Jak abriu os olhos para ver o brilho da lâmina. Ele ainda estava segurando o canivete frouxamente em seu punho.

O menino de olhos escuros daquela primeira noite apareceu em sua mente como se estivesse bem ao lado dele.

Por que você está aqui? Jak perguntou, e o garoto não respondeu, mas ele olhou para o canivete que mal se mantinha na mão de Jak enquanto o javali continuava a rasgar seu corpo. *O que aconteceu com você?* Jak se perguntou. O garoto olhou para a faca de novo, como se dissesse: *eu te* dei *essa faca. Meu último presente.* Use-*o.*

O último surto de força de Jak veio do nada, de todos os lugares, da memória daquele outro garoto e do jeito que ele segurava a mão dele, e Jak lhe dissera para viver. Jak levantou a mão e, com as últimas forças, soltou um grito de guerra e passou a faca pela garganta do porco.

Mais tarde, ele se lembraria de sentir apenas nada enquanto arrastava o corpo do porco morto pela floresta, suas feridas amarradas com pedaços rasgados de sua roupa, mas ainda deixando gotas vermelhas na neve derretida. A aberta na lateral queimando como fogo.

Driscoll estava do lado de fora quando Jak virou a curva, e ele o olhava com os olhos arregalados, e a boca aberta. Quando Jak chegou até onde estava, largando o javali morto aos pés de Driscoll, ele jogou a cabeça para trás e riu. *Ele é tão louco quanto esse porco.*

Jak inclinou-se para o lado, agarrando-se e pressionando os dedos no ferimento aberto na lateral do seu corpo. — *Queromeuarcoeflexa* — ele disse, as palavras saindo todas juntas.

— Oh, você irá tê-lo — Driscoll disse. E com isso, Jak se virou e foi embora.

O próximo momento foi gasto em algum lugar entre a vida e a morte. O menino de olhos escuros não veio a ele novamente, mas sua baka sim, dizendo que ele era um menino forte e não desistiria. Jak queria desistir. Ele estava cansado de viver. Cansado de lutar. Cansado de sobreviver. E acima de tudo, ele estava cansado da solidão vazia e ininterrupta.

Mas o corpo de Jak não concordou que ele deveria desistir. Continuou lutando, mesmo que seu espírito não lutasse. Não havia sussurros por dentro, nenhuma vida profunda. Apenas silêncio. Sua alma morreu. *Junto com Pup.* Ele limpou suas feridas e colocou um pano limpo nelas, trocando os pedaços que tinha, lavando na água da bomba atrás de sua casa e secando-as no vento quente, para voltar para dentro para dormir novamente. Ele acordava apenas para beber água, limpar suas feridas e comer o pouco de comida que tinha.

***

Muitos, muitos dias se passaram. Ele não sabia o número, mas certa manhã acordou, notando que se sentia melhor, menos dolorido, menos cansado. Por muitos minutos ele ficou lá, olhando para o teto de madeira, um raio de sol da janela, dançando e cintilando diante de seus olhos. *Talvez eu esteja morto,* ele pensou. *Talvez aquelas luzes dançantes sejam anjinhos e eu esteja no céu.*

Uma torção de dor em seu lado se manifestou, dizendo que ele estava errado. Nenhum anjo, apenas pedaços de poeira, e duas coisas não poderiam ser mais diferentes que essas.

Sua barriga falou em seguida, dizendo-lhe que queria café da manhã. Ele se levantou da cama, se limpou, se vestiu e pegou sua faca de caça.

Outro dia. Muitos mais para seguir. Ele andou em um caminho diferente do que costumava fazer quando caçava. Talvez fosse em direção à cidade, talvez não. Talvez ele entrasse no meio do território inimigo. Talvez eles o matassem assim que o vissem.

Talvez... ele não se importava.

Ele se jogou na frente de um enorme porco selvagem com presas afiadas e viveu. Ele riria, só abriria a ferida novamente, e ele não teria nenhum pano limpo.

Ele não sabia se poderia fazer mais, o sofrimento constante. Os invernos sempre chegavam, a fome, a solidão

que parecia escuridão esculpida profundamente em seus ossos. Por que ele *deveria* lutar? Para quê? Por que ele deveria sobreviver? Ele entendia o olhar nos olhos do loiro agora. A *felicidade* de que isso finalmente acabou. Jak deveria ter morrido naquele penhasco naquela noite, com os outros dois garotos, talvez três. Mas ele lutou para viver. *Por quê?* Ele não queria mais lutar, e não havia porcos por perto.

Você poderia encontrar um urso com filhotes. Uma mãe ursa te rasgaria em pedaços se você se aproximasse demais dos bebês.

Mas isso levaria muito tempo. Ele não achava que queria viver, mas também não queria ser despedaçado por um urso durante um dia inteiro. Além disso, ele gostava de ursos. Ele não queria deixar um irritado.

Ele chegou a um desfiladeiro e parou na borda, olhando para baixo. Ele poderia pular de um penhasco. Mas não esse aqui. Este não era alto o suficiente para garantir que morresse, mas havia muitos outros que o matariam.

Enquanto permanecia lá pensando nas maneiras que ele podia ter certeza de sua morte, a luz do sol refletiu em algo através das folhas no fundo do desfiladeiro, cegando-o por um segundo.

A curiosidade fez com que ele parasse, o nevoeiro que pairava sobre ele se dissipou por um minuto, a necessidade de saber que objeto brilhante e grande estava escondido debaixo das folhas, uma centelha de... vida. Jak desceu o desfiladeiro devagar, não por ter cuidado, mas porque era tudo que podia fazer. Seu corpo ainda estava se curando; ele

podia sentir uma gota de sangue da ferida mal fechada, deslizando por sua pele.

Seus pés atingiram o fundo com um ruído e ele se moveu em direção ao brilho do que parecia metal azul daquele lugar mais próximo. Ele piscou surpreso ao mover as folhas grossas de lado... carro. Levou um minuto para juntar essa grande coisa daquele outro mundo, com o que ele vivia agora. *O que isso está fazendo* aqui?

Seria alguém tentando escapar do inimigo, que havia dirigido longe para a floresta e sobre a borda deste cânion? *Há quanto tempo está aqui?*

O vidro rangia sob seus pés e ele se inclinou, olhando dentro da janela quebrada, e se afastou quando viu os esqueletos lá dentro. Roupas penduradas nos ossos, e pela aparência, ele percebeu que a pessoa ao volante era homem e a outra mulher.

Outro raio de sol captou algo brilhante no assento, e Jak estendeu a mão, tirando-o do carro e abrindo a mão. Um colar de prata com uma pequena abertura na lateral. Jak usou a unha do polegar para abrir, mostrando uma pequena foto de um homem, uma mulher e um bebê dentro. *Uma família.* O estômago de Jak se encolheu de desejo enquanto ele olhava para os três rostos sorridentes.

Seus olhos percorreram as pessoas uma a uma, o homem com um pequeno sorriso, uma mão no ombro da mulher. O sorriso da mulher era grande e brilhante, seu cabelo loiro bonito e brilhante. Mas era o bebê que o atraiu. Era o bebê que o fez parar e olhar. Havia algo em seus

olhos... algo que fez seu coração acelerar e sua pele parecer suada. Ele agarrou o colar na mão e foi para a parte de trás do carro, onde o porta-malas estava aberto.

Ele empurrou, o metal rangendo quando subiu. Havia pilhas de folhas molhadas dentro, algo que parecia ter sido um cobertor, mas que havia apodrecido com a umidade. Ele empurrou isso para o lado e descobriu que, embaixo dele, havia uma bolsa azul, a maior parte não tocada pelo tempo.

Ele abriu o zíper e olhou dentro. Algumas pilhas de papel com escrita nelas. Ele queria saber o que diziam, mas se obrigou a esperar, colocando as coisas de volta na mochila, fechando-a e balançando-a por cima do ombro.

Algo que parecia excitação cantou dentro dele. Fazia tanto tempo desde que sua mãe deixou os livros daqueles meninos, os que ele podia dizer de cor. Os que ele ainda tirava muitas vezes ao dia para ler, para se lembrar de como eram as palavras. Como elas pareciam em sua boca e em sua mente. Talvez o que tinha na bolsa não fosse uma história, mas algo novo para ler... novas palavras... elas eram... luz no escuro.

Ele se virou para a parede do cânion e começou a subir. Ele poderia descobrir uma maneira melhor de morrer amanhã. Hoje ele tinha novas palavras. E ele não se sentia tão sozinho.

Capítulo 26

Harper bateu na porta que agora estava se tornando uma visão familiar. Ela deu um passo para trás, seu coração pulando, como parecia acontecer sempre que ela sabia que estaria em sua presença. A porta se abriu e ele ficou lá, olhando para ela com um olhar no rosto que era um pouco menos cauteloso do que nas duas primeiras vezes em que ela apareceu sem ser anunciada. Não que ela realmente tivesse algum jeito de se anunciar além do som de sua caminhonete alguns minutos antes de chegar, mas...

— Oi.

— Oi.

Ela enfiou a mão na bolsa grande que pendurou por cima do ombro e pegou os cadernos que pertenceram à mãe. — Estes são seus.

Surpresa cintilou em seu rosto. — Eles não são meus. Eu só os encontrei. Eles pertencem a você.

Harper sacudiu a cabeça e pegou o livro que ela tirou da bolsa. Ela entregou *o Conde de Monte Cristo* para Lucas e observou-o enquanto seus olhos queimavam com prazer surpreso. — Eu também pensei que você poderia querer isso para que a anotações possam fazer mais sentido.

Ele não tentou rejeitar o livro enquanto tentava rejeitar as anotações. Ele pegou e segurou no peito como se fosse precioso.

Harper olhou por cima do ombro para a luz da fogueira dançando nas paredes. — Posso entrar? Eu não vou ficar muito tempo.

Ele não respondeu, mas recuou e ela entrou, fechando a porta atrás dela. Ela colocou os cadernos na cama vazia mais próxima da porta e seu olhar permaneceu neles por um momento antes que encontrasse seus olhos novamente. — Eu *quero que* você mantenha as anotações da minha mãe.

— Por quê?

— Porque... Eu acho que elas foram feitas para você.

Ele franziu a testa. — O que você quer dizer?

Harper suspirou, aproximando-se dele. — Eu não tenho certeza do que quero dizer. Eu só... tenho essa sensação. — Ela balançou a cabeça. — E eu nem sempre sou alguém que segue meu instinto, ou minha intuição, ou como você quiser chamar isso, mas acho que esses cadernos pertencem a você, e isso é tudo. Não pensei nisso. Eu os trouxe até aqui e espero que esteja tudo bem. Além disso, encontrei algo esta tarde e queria... bem, queria perguntar a você sobre isso, para ver o que você pensa porque...

— Harper. — Ele disse o nome dela, nada mais, mas houve uma súplica gentil em seu tom, *desacelere, respire,* estou tentando entendê-la, era o que parecia dizer, e aquela palavra foi o suficiente para ela parar de divagar sem rumo e se recompor. Ela se sentia *vista* por ele de uma maneira que não era vista por ninguém há muito tempo, mesmo que ele nem sempre entendesse suas palavras.

— O agente Gallagher me ligou esta tarde e me disse que eles encontraram evidências de que meus pais foram atingidos.

— Atingidos[2]? Com uma... flecha?

— Não, não. Com uma arma.

— Pensei que eles tivessem morrido no acidente de carro.

Harper estava sentada na cama ao lado da dele, as molas de metal fazendo um rangido suave. — Eu sempre acreditei nisso. Sempre achei que nós três estivemos envolvidos em um acidente e o carro nunca foi encontrado. Eu acreditei nisso toda a minha vida. Apesar de a localização ser estranha... — ela franziu a testa — encontrar o carro no fundo do desfiladeiro foi a confirmação disso. Estou tão confusa e... eu não sei como me sentir. — Ela parou por um momento. — Você viu alguém perto dali? Ou sabe alguma coisa que possa explicar o que aconteceu com eles?

Lucas deu alguns passos para a cama e sentou, as molas emitindo um rangido mais profundo que as molas nas quais Harper se sentou. Ela ficou ainda mais consciente dele, com o joelho a apenas alguns centímetros do dela, seu tamanho parecia aumentar junto com a proximidade. — Eu não tenho nenhuma resposta para você. Eu desci o desfiladeiro um dia quando vi o sol brilhar em algo no fundo. Estava quase todo coberto de galhos e folhas. Quando olhei na janela eu... os vi lá dentro. O colar estava no assento. O porta-malas estava aberto e a única coisa lá dentro era a

[2] Em inglês **Shot,** que também significa **baleado**, **flechada** etc. Por isso a confusão do personagem.

mochila azul. Eu levei comigo e subi de volta. Voltei às vezes, não sei por quê. Talvez porque sua mãe parecia... real para mim. Eu queria... Eu não sei, Harper. Eu queria agradecê-la. Ela... as palavras... elas me fizeram querer continuar vivo.

Harper piscou, as lágrimas queimando em seus olhos. Ele disse a ela que era esse o motivo deles não estarem sozinhos, mas também era para que ele também não estivesse. *Você está partindo meu coração,* ela pensou com um suspiro. — Eu sabia que tinha razão.

— Sobre o quê?

— Que essas anotações devem ser suas.

Ele sorriu daquele jeito pouco habituado e Harper sorriu de volta, com o dedo traçando uma das molas descobertas. — O que você aprendeu com ela?

— De sua mãe? — Ele deu uma olhada pela janela por um momento, obviamente considerando sua pergunta seriamente. Quando ele olhou para ela, ele perguntou: — Você leu? O livro sobre o qual sua mãe estava dando aula?

— *O conde de Monte Cristo*? — Harper deu-lhe um sorriso. — Sim, duas vezes, e eu vi o filme também.

— Há um filme.

Ela sorriu. Ela gostava da maneira como ele formulava suas perguntas como mais uma declaração, como se reiterasse algo para si mesmo que acabou de aprender, em vez de pedir uma confirmação. — Sim. É muito bom na verdade, e isso nem sempre é verdade em livros transformados em filmes. Você já... já viu um filme? — Ela se sentiu estranha perguntando, mas queria muito saber sobre

ele, e nunca faria se não fizesse as perguntas que lhe viessem à mente. Ela passou bastante tempo com ele para saber que ele não oferecia informações livremente.

— Eu nunca vi um filme, mas ouvi falar deles quando era criança. E eu vi televisão.

Ela assentiu. — Um filme é apenas TV, mas em uma tela maior. — Como é *estranho* pronunciar uma frase como essa para um homem que tinha aproximadamente a idade dela, se estivesse presumindo corretamente. — Enfim, *o conde de Monte Cristo* é uma das minhas histórias favoritas. É sobre vingança, mas mais ainda, é sobre o perdão.

— Eu tive que tentar entender a história do que sua mãe escreveu sobre isso. E das perguntas que ela fez. Eu não conhecia essa palavra antes, vingança. Significa sentir-se louco e depois se vingar. Mas sua mãe era como você. Ela achou que a história era mais sobre perdão. — Lucas fez uma pausa. — Sua mãe achava que a maioria dos humanos é boa. Ela esperava que seus alunos pensassem nisso também.

— Você?

Seus lábios se inclinaram ligeiramente. — Sou um dos alunos dela?

— Claro que você é. Você provavelmente estudou seus pensamentos e ideias, seus valores, mais de perto do que qualquer um dos meninos ou meninas em suas salas de aula.

Isso pareceu agradá-lo. — Talvez. Mas... Não sei se acredito que mais pessoas são boas que ruins. Eu não acho que saiba o suficiente sobre o mundo fora daquele livro. E eu nem li ainda. Sua mãe, porém, ela me fez sentir...

Ele parecia estar procurando uma palavra e Harper tentou fornecê-la. — Esperançoso? — Ela perguntou suavemente.

Seus olhos encontraram os dela. — Esperançoso — ele repetiu. — Sim. Sua mãe me deu... esperança. Ela me ensinou que há tanto o bem quanto o mal no mundo. Antes disso, eu não sabia.

— O que significa que você só pensava que havia coisas más no mundo?

— Eu... não tinha certeza. Driscoll achava que sim.

— Driscoll? — Ela franziu a testa. — O que mais Driscoll achava?

— Eu não sei. Eu não me importava.

Ele virou a cabeça para o outro lado. Ele obviamente não estava interessado em falar mais sobre Driscoll. Depois de um momento, ele olhou para ela e Harper inclinou a cabeça, seu olhar se movendo sobre suas feições. Ele tinha belos olhos, azuis e dourados, azuis do pôr-do-sol e amendoados com cílios longos e cheios. Seus olhos contrastavam com a masculinidade do resto do rosto, a pele escurecida pelo sol, as maçãs do rosto salientes, o maxilar quadrado e coberta de pelos. E a masculinidade óbvia de seu corpo forte e musculoso. Mas ela não estava olhando para o corpo dele. Ela se recusou a fazer isso. Ela já estava bastante distraída como estava. Abalada. Confusa. Ele não queria falar sobre Driscoll, então ela não continuaria questionando Lucas sobre ele. — Em algumas formas... você pode conhecer minha mãe melhor do que eu. Ou pelo menos... um lado diferente

dela — Harper disse, voltando ao assunto que ele parecia confortável em falar. — Mas para mim, ela era conforto e lar, e as coisas que eu não tenho desde então. — Ela olhou atrás dele, considerando suas palavras. — Não sei, talvez tenha medo de que a leitura daquelas... — ela acenou com a cabeça em direção às anotações — diminuam de alguma forma minhas outras lembranças dela, e por isso tenho medo.

Ele a olhava e ela não pôde ler a expressão que se instalara em seu rosto. — O quê? Por que você está olhando assim para mim?

— Porque você é uma pessoa honesta. Eu posso dizer. Eu me perguntei... se eu poderia ser.

Harper não sabia exatamente o que aquilo significava, mas sentia que era um elogio. Mesmo assim, ele não estava completamente certo. — Eu nem sempre sou honesta — ela deixou escapar. — Eu mantenho as coisas para mim, às vezes. — Ela fez uma pausa. — Muitas vezes.

— Você mantém? — Ele parecia confuso sobre isso, e ela riu baixinho.

— Às vezes eu falo mais quando estou evitando um assunto ou guardando algo para mim.

Ele pareceu pensar sobre isso e então sorriu como se ela tivesse esclarecido algo que o confundia. Ele era muito doce, ele realmente era. — Manter seus sentimentos para si mesmo é diferente de mentiras. Não é?

— Eu suponho. O que você guarda para si mesmo, Lucas?

Ele soltou um suspiro que pode ou não conter uma risada. — O *que* eu *não* guardo para mim mesmo? Eu não tenho outra escolha.

Ela corou, fazendo uma careta levemente em sua insensibilidade. — Essa foi uma pergunta estúpida. Eu...

— Não foi estúpido. As árvores, os pássaros e todos os animais da floresta conhecem meus segredos. Eu saio e grito para as montanhas às vezes. Eles todos param para ouvir.

Ela riu baixinho. — Parece melhor expulsá-los? Até para a floresta?

— Sim. — Ele sorriu e o coração dela disparou. — Tente algum dia.

— Talvez eu tente.

Ficaram sentados, sorrindo um para o outro, o momento pesado com qualquer coisa que fluía entre eles. Química. Consciência. Profunda curiosidade. Todos os elementos da atração inegável que fluía entre homens e mulheres que se atraíam desde o começo dos tempos. Em bailes e em restaurantes. Nos bares e nos escritórios. Em cavernas e cabanas no meio da floresta escura e profunda.

— De qualquer forma — Harper disse, levantando-se e pegando a bolsa que deixou cair no chão ao lado da cama em que estava sentada. — Eu trouxe alguma coisa e espero que você me ajude? E um suborno para que você não diga não.

Suas sobrancelhas se abaixaram. — Um... suborno?

Ela sorriu. — Um pagamento. Mas estava apenas brincando. É mais um presente e sem segundas intenções. —

Ela puxou a garrafa de refrigerante de laranja da bolsa, sorrindo para Lucas quando a segurou.

Seus olhos se arregalaram, iluminando-se. — Bebida laranja com bolhas.

— Sim. — Ela torceu a tampa, devagar para não explodir, e entregou a ele. Ele olhou por um segundo e depois o inclinou para trás, tomando um grande gole. Ele abaixou, a expressão em seu rosto... menos do que impressionado. Ele segurou a garrafa diante dele, estudando-a novamente enquanto engolia com esforço óbvio, encolhendo-se levemente. Obviamente se revoltando.

— Não tão bom quanto você se lembra? — Ela perguntou, segurando uma risadinha.

— Não... exatamente.

Ela riu então. Ela não pôde evitar. Ela queria beijá-lo e provar a bebida em seus lábios. Ela afastou esse pensamento rapidamente. — De qualquer forma, sobre essa coisa que eu preciso de sua ajuda.

— O que é isso?

— É um mapa. — Ela andou até a mesa que eles tinham comido na última vez que ela esteve lá e sentou-se em um dos bancos, espalhando o mapa sobre a mesa e colocando uma caneta ao lado dela.

O crepúsculo tinha caído e Lucas aproveitou para acender as duas velas perto da janela, trazendo-as para a mesa para que pudessem ver melhor. Ele se sentou no banquinho ao lado dela e olhou para o mapa. — Com o que você precisa da minha ajuda?

— Eu pensei que poderia ser útil marcar isso para o agente Gallagher. Preciso fazer alguma coisa para ajudar a resolver os assassinatos de meus pais. — Um arrepio percorreu sua espinha. Ela ainda não conseguia acreditar que estava dizendo as palavras, ou que as palavras eram verdadeiras. *Meus pais foram assassinados.* Isso não fez exatamente a perda mais nítida, não a fez subitamente chorar mais do que antes. Mas acendeu um fogo embaixo dela. Ia responder à pergunta que esteve fazendo toda a sua vida, e agora ela tinha outras duas que ela não esperava: *quem* e *por quê?* Ela deu uma sacuda na cabeça, tentando voltar ao momento. — Mas, hum, gostaria de sua opinião antes de fazer.

— OK.

Ela pegou a caneta vermelha e levou para o mapa que estava dobrado para mostrar Missoula e as áreas ao redor. — Ok, então esta é a estrada de Missoula para Helena Springs. — Ela usou a caneta para traçar a estrada. Também havia cavernas sem nome a alguns quilômetros da estrada que ela sempre supôs serem as que os caminhantes estavam procurando, mas supôs que isso não era necessariamente preciso, considerando onde o carro de seus pais havia sido encontrado.

Ela moveu os olhos para outra área no mapa. — Esta é a localização aproximada da casa de Driscoll. — Ela desenhou um quadrado sobre a área verde da floresta. — E esta é sua — disse, desenhando outro quadrado perto da casa de Driscoll. Harper olhou para ele e ele tinha uma

pequena ruga entre as sobrancelhas enquanto se concentrava no que ela fazia.

— Tudo bem — ela continuou — este é o rio Owlwood. — Ela traçou a longa linha sinuosa que representava o rio, indo da estrada que ligava Missoula a Helena Springs, passando pela casa de Lucas e além. — E é onde o carro dos meus pais foi encontrado — disse, desenhando um X rio abaixo, perto da base de um grupo de cordilheiras.

— Ok — Lucas disse, trazendo a cabeça ligeiramente mais perto da dela. A luz da vela cintilou, e de repente pareceu íntimo, o modo como suas cabeças se curvavam juntas, o modo como falavam em voz baixa, do jeito que eram só eles e ninguém mais por quilômetros e quilômetros. Ela se perguntou como seus lábios se sentiriam se ele a beijasse, se perguntou se ele saberia o que fazer.

— Ok — Harper repetiu, sua voz emergindo em um sussurro que era muito mais ofegante do que ela pretendia. Ela limpou a garganta, o calor subindo lentamente pelo pescoço e depois varrendo seus membros com uma rapidez que a fez ter calafrios.

— Você está com frio? — Ele perguntou, quando ela esfregou os braços.

— Não. Não. Ah... — Ela se concentrou no mapa novamente, tentando entender o que eles estavam fazendo. — Tudo bem, então aqui em cima... — ela bateu na área da floresta entre a estrada que liga Helena Springs e Missoula e o Rio Owlwood — é onde geralmente faço meu trabalho de guia. E onde eu concentrei meus próprios esforços de busca

para o carro dos meus pais. — Ela colocou a ponta da caneta nos lábios, mordendo suavemente a ponta.

— Por quê? — Ele perguntou, e quando ela olhou para ele, viu que seu olhar estava focado em sua boca. Ela puxou a caneta de seus lábios, seus olhos se encontrando, se alargando ligeiramente antes que ele desviasse o olhar.

— Por quê? Ah, bem, porque é bom para acampar e caçar, mas também porque a estrada que supus que eles estavam viajando está por perto. — Os caminhantes que me encontraram não podiam dizer exatamente onde, mas as autoridades nos pegaram aqui — ela disse, tocando no mapa. — Tudo indicava que o carro dos meus pais estava nessa área. Eu nunca procurei mais do que isso porque o rio se desvia aqui — ela bateu de novo no mapa... — em Amity Falls. Eu obviamente não caí em uma cachoeira de noventa metros ou estaria morta. Os helicópteros concentraram sua busca inicial aqui também. — Harper bateu de novo a caneta contra os dentes, pensando. Depois de um momento, ela soltou um suspiro frustrado. — De qualquer forma, ainda não sei o que isso tem a ver com meus pais serem assassinados. Eu só pensei que talvez desenhar tudo pudesse ajudar de alguma forma.

Lucas estava quieto, seus olhos permanecendo no mapa à sua frente, a vela piscando sobre ele, lançando os picos e vales que poderiam conter respostas para as muitas perguntas que rodeavam os dois, em luz e sombra. Quando ele encontrou seus olhos novamente, sua expressão era grave, uma sugestão de apreensão na sua boca.

— Acho que vi os helicópteros que procuravam seus pais. E, se vi, fui deixado aqui na mesma noite em que seus pais foram assassinados.

Uma corrente de choque passou por Harper. — Como é que... Você tem certeza? Isso parece muita... eu não sei, coincidência?

— Eu nunca vi helicópteros novamente. E eles estavam voando sobre este ponto. — Ele apontou para o lugar no mapa onde ela disse que sempre pensou que o carro de seus pais havia caído.

O olhar de Harper permaneceu no local em que o dedo indicador dele tocou por um momento antes de olhar para ele. Ela estava completamente desnorteada. Como era possível que ambos tivessem terminado aqui na mesma noite? Ela resgatada. Ele... *não*.

— Eu, uh... — Ele apertou os lábios, os olhos profundos e escuros na luz bruxuleante das velas. — Eu estive mentindo para você. Mentindo para o agente.

Ela piscou. — Mentindo? — Ela sussurrou, o medo aumentando. — Sobre o quê?

— Sobre o meu nome. Meu nome não é Lucas. É Jak.

Capítulo 27

Harper piscou para Jak, seus lábios rosados tomando a forma de um O enquanto pegava a caneta entre os dentes. Ele estava nervoso, mas mesmo assim, seu sangue pegou fogo ao ver a boca dela entreaberta daquele jeito.

— Jak? Eu não entendo. Por que você se apresentou como Lucas? — Ela parecia preocupada, e isso o fez sentir... ele não conhecia a palavra, mas sabia que a última coisa que queria fazer era assustá-la quando estivesse sozinha com ele. *Especialmente* quando ficava pensando sobre os lábios dela e o quanto ele gostava de se sentar ao lado dela, inalando seu doce perfume de mulher e...

Ele se levantou rapidamente, afastando-se dela, encostado na parede perto da janela. — Eu disse a verdade quando falei que não sei meu sobrenome. Eu acho que uma mulher chamada Alma ou Almara ou Almina me deu esse nome, mas eu não tenho certeza. Ela me criou, até que eu tinha quase oito anos, e a chamava de Baka. Ela falava em uma língua diferente às vezes. Não sei qual, e não sei onde moramos ou por que fui tirado dela.

A boca de Harper ficou na mesma forma de O com surpresa, os olhos arregalados enquanto escutava. — O que você quer dizer com você foi tirado dela?

— Quero dizer, acabei aqui, e não sei como ou por quê. — Isso também era verdade. Ele não estava pronto para lhe dizer o resto, ainda não.

— Você acha que *ela,* sua baka, te deixou aqui?

— Eu... não sei.

Ela parecia tão confusa. — Não faz nenhum sentido. Quem era sua mãe? Seu pai?

Ele fez uma pausa. — Minha mãe me deu para minha baka, acho. Eu não sei. E... não sei nada sobre meu pai.

— Por que você mentiu? Você não quer ajuda para descobrir tudo isso?

Ele soltou um suspiro, passando os dedos pelos cabelos. Ele queria contar a ela sobre o precipício, e sobre a guerra que não existia, e como tinham mentido para ele, mas ele não sabia ainda o que era bom manter e o que era bom contar.

Não conte a ninguém que estive aqui, ok?

— Eu menti porque não sei em quem confiar — ele admitiu. Ele *queria* confiar nela, percebeu, e parte dele já sabia. Era o querer que o surpreendeu quando ele só confiava em si mesmo por tanto tempo. Mas ele queria, ele *queria* assistir seus grandes olhos escuros se encherem de... compreensão. Ele queria compartilhar suas preocupações e problemas com outra pessoa. Ele só não tinha certeza se deveria ser essa mulher, que o fazia se sentir inseguro, fazia seu sangue correr em suas veias.

A mulher que ele queria chamar de sua.

Seus olhos percorreram seu rosto como se ela pudesse ler as respostas para as perguntas que ela tinha apenas

olhando para ele. *Ainda não,* um conhecimento interior lhe disse. *Mas logo se você deixar.* Ele se virou, pegando uma lata de comida que ela trouxe da última vez e se virando. — Está com fome?

Ele não sabia se podia, ou deveria, confiar plenamente nela, mas poderia alimentá-la, mesmo que tivesse sido ela quem trouxe a comida.

Harper olhou para a lata e depois de volta para ele. — Sim — ela murmurou. — Lucas... Jak... qual você prefere?

— Eu vivi minha vida como Jak. Até... que fui a... delegacia.

Sua testa se enrugou. — Então... Jak, quero que saiba que pode confiar em mim. Eu gostaria de ajudá-lo se você me deixar. — Ela olhou para a lata que ele ainda estava segurando. — E sim, eu adoraria jantar.

Estava escuro lá fora agora e as velas estavam criando sombras nas paredes. Quantas vezes Jak se sentou a esta mesa, comendo uma refeição, e parecia fria e solitária? Especialmente depois que Pup morreu. Especialmente depois. Mas agora, ele sentia uma proximidade com outra pessoa que nunca sentiu antes. Isso o fez se sentir em paz. Isso o fez se sentir aterrorizado. Isso o fez pensar na família que havia sido tirada dele, ou que ele tinha visto ir embora, e as lembranças fizeram uma faca gelada passar lentamente por ele, cortando, rasgando, assim como todos os cortes e feridas que fizeram cicatrizes em sua pele. Ele não deveria se apegar a essa mulher, porque não queria sentir dor quando ela fosse embora.

Ela sorriu ao redor de uma colherada de comida.

— O quê? — Ele perguntou.

— Esta é uma primeira vez.

Ele inclinou a cabeça quando ela soltou uma risada feliz. — Um encontro de sopa e feijões à luz de velas.

— Um encontro?

Seu sorriso desapareceu. — Ah, sim. Não. Quero dizer, não que seja um encontro. Mas... Quero dizer, poderia ser. Eu não quero que você pense... Não nisso... assim, é bom o que quero dizer. — Ela baixou os olhos, mas depois olhou para ele.

Ele se lembrou do que ela disse. — Você está falando muito, o que significa que você não está dizendo alguma coisa.

Ela riu. — Talvez eu não devesse ter me entregado. — Mas os olhos dela estavam quentes e ela sorriu. — Eu gosto de passar tempo com você é o que estava tentando dizer.

— Por quê?

Ela piscou. — Por que eu gosto de passar tempo com você, Jak?

Ele sentou-se devagar. Ele adorava ouvir seu nome, seu nome verdadeiro, em seus lábios. — Sim.

Ela olhou para ele por alguns segundos, inclinando o queixo um pouco. — Porque eu acho você interessante e gentil. Você me surpreende, mas de um jeito bom. Eu gosto das coisas que você diz, e gosto de ver você descobrir coisas novas. Admiro como você sobreviveu aqui sozinho por todos esses anos. — Ela olhou para o lado. — Não, admirar não é

uma palavra forte o suficiente. Estou *impressionada* de como você sobreviveu aqui todos esses anos e tenho certeza de que não sei a metade disso. Espero que algum dia você confie em mim o suficiente para me dizer. Você valoriza a verdade, Jak, então é isso. Cem por cento.

Seus lábios se inclinaram. *Eu gosto de você,* ele pensou, espanto correndo por ele. Ele se lembrava disso, o sentimento de... carinho, era essa a palavra? Sim, ele pensou que fosse. O calor de outro humano, eles... gostarem de estar com você. Não um desejo de acasalar, embora isso também estivesse lá. A sensação de... afeto era bom, um gostar que não podia ser levado embora. Ficaria se ela quisesse ou não. Isso o fez se sentir bem sabendo que havia outra coisa que ninguém poderia roubar dele.

Ele gostava dela. Era dele. Isso era tudo.

Ao mesmo tempo, ele sentiu culpa. Como ele poderia valorizar a verdade como ela disse, e também ser um mentiroso? Ele tinha tantas perguntas sobre o mundo, sobre a vida e os humanos, tantas coisas que o confundiam. Ele acreditava no que disse quando disse a ela que manter informações de alguém era diferente de mentir? *Havia* alguma diferença? *Não,* ele pensou. Ele sabia que não havia, porque ambos tinham sido feitos para ele e, no final, a dor era a mesma.

Tantas dúvidas e perguntas rodaram dentro dele. Sua mente era uma maré alta, os pensamentos correndo para cá, para lá, para fora, indo em círculos. Tão rápido que ele não conseguia o equilíbrio. Esses novos sentimentos que só

vieram porque ele se importava com o que essa mulher pensava. Sentimentos *humanos*. Questões humanas. Ele queria sua confiança. Ele queria que ela gostasse dele. — O que você valoriza?

— Eu?

— Sim. Acima de tudo — ele disse, repetindo suas palavras.

Ela ficou quieta, parecendo que estava pensando muito sobre a sua pergunta. — Estabilidade eu acho... amor. — Suas bochechas ficaram mais rosadas e ela desviou o olhar.

Ela estava envergonhada de querer amor? Ele se perguntou por quê. Ela havia perdido pessoas que amava também. Se ela ainda queria, era corajosa. — Você tem isso em sua vida... amor?

Ela soltou uma risada. — Você é muito direto quando quer ser.

— Estou fazendo as perguntas erradas? — Ele sentiu vergonha. Ele não sabia como fazer isso, falar sobre as coisas dentro dele com outras pessoas. Às vezes ele nem sabia como falar sozinho.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não. Suas perguntas não estão erradas. Sim, tenho amor na minha vida. Eu amo meus amigos, e eu amo as crianças no orfanato que eu trabalho. — Ela sorriu de novo, mas algo triste veio em seus olhos também.

— Você ama um homem? — *Por favor, diga não.*

— Não. — Sussurrou, seus olhos encontrando os dele. — Não.

Ela se levantou de repente e se inclinou perto da janela. — Oh meu Deus — ela disse, chamando a atenção para o clima lá fora. A neve caía rapidamente, os flocos grandes e fofos que significavam nevar por um longo tempo, e cristais de gelo grudavam no vidro. Jak tinha visto isso antes, muitas vezes. Ele sabia o que era. — Isso parece ruim.

Ele se levantou, indo para a porta da frente e abrindo-a. Um sopro de vento gelado atingiu seu rosto e ele recuou. — É uma tempestade de gelo. — Ele sabia disso assim que viu aqueles flocos macios misturados com o brilho gelado.

Harper aproximou-se dele, estendendo o braço dela contra o vento forte e fechando a porta. — Deus, isso surgiu rapidamente. Eu devo ir antes que fique muito ruim.

Jak se virou para ela. — Já está muito ruim.

Ela encontrou os olhos dele. — Eu perdi a noção do tempo. — Ela olhou para a janela, balançando a cabeça, sua expressão nervosa. Ela pegou o telefone do bolso, olhando para ele. — Nenhum serviço aqui, mas consegui serviço nesta floresta antes. Às vezes é uma questão de estar no lugar certo.

Ele não sabia do que ela estava falando, ele sabia o que era um telefone, mas não como funcionava. A coisa na mão dela era um mistério para ele, mas não questionou. A última coisa que queria era que ela o visse como criança.

— Eu preciso ir até minha caminhonete — ela disse, agarrando sua jaqueta.

— Eu vou com você.

— Não, está tudo bem. Eu volto já.

— Eu vou com você — ele disse novamente, não querendo deixá-la sair sozinha para o vento uivante. Ele vestiu seu casaco e botas rapidamente e abriu a porta, apertando os olhos contra o gelo que queimava seu rosto. Era muito fácil se perder em tempestades de gelo. Um passo errado, e de repente você não sabia onde estava e mal podia ver uma árvore bem na sua frente antes de entrar nela. Ele usou seu corpo para protegê-la enquanto caminhavam na direção onde sua caminhonete estava estacionada, incapaz de vê-la até que estivesse bem na frente deles.

Ele já esteve perdido em uma tempestade de gelo como esta uma vez. Ele se escondeu com Pup e quase... Mas ele afastou seus pensamentos. Ele não queria pensar nisso agora.

Harper deu um passo à sua volta, a cabeça inclinada, o vento acelerando em velocidade e som, arrancando o capuz da cabeça, o cabelo indo a todas as direções. Ela riu, mas era alto como um pássaro assustado.

Ela subiu em sua caminhonete e ele entrou atrás dela, batendo a porta e escapando do vento que batia na caminhonete, esgueirando-se entre as rachaduras, tentando o seu melhor para alcançá-los. Suas respirações misturadas saíram ofegantes. O som do vento diminuiu, embora a caminhonete sacudisse, a casa estivesse invisível através do vidro da frente.

— Bom Deus — ela disse, empurrando o cabelo para trás, cristais de gelo brilhando como joias na luz fraca vinda do telefone que ela trouxe do bolso novamente.

Ela fez um som de infelicidade e, em seguida, ergueu o telefone no ar, movendo-o de lado a lado. — Pronto. Droga... ah. Merda. — Ela fez isso por mais um minuto, finalmente deixando cair no colo. — Não vai pegar um sinal. — Ela se virou para ele. — Eu não acho que deveria dirigir isso. Eu provavelmente bateria em uma árvore tentando chegar à estrada, e mesmo que não, essa estrada tem uma queda de ambos os lados. Eu poderia apenas esperar aqui. Tenho certeza de que isso vai diminuir um pouco. — Ela olhou para ele, os olhos arregalados enquanto esperava que ele dissesse... alguma coisa.

Ele franziu a testa. Ela estava tentando se afastar dele? Ela *queria* sentar em sua caminhonete fria em vez de com ele? — Por que você iria querer congelar aqui, quando você pode ficar quente lá dentro?

— Eu simplesmente odeio continuar aparecendo e forçá-lo a ficar comigo.

Forçá-*lo?* Ele era maior do que ela. Mais forte. Ela não podia forçá-lo a fazer nada. Ele poderia esmagá-la se quisesse. Ele não ia, mas podia. Ele franziu a testa. Não entendia quando ela dizia coisas que realmente não diziam nada. Ele não sabia o que dizer de volta. — Se eu quisesse que você saísse, eu diria para você ir.

Ela soltou um suspiro que foi tomado pelo som do vento lá fora. — Eu estava tentando ser educada. — Ela balançou a cabeça e fez um som indefeso. — Acho que isso em si é uma besteira não é? — Ela respirou. — Uma estúpida na maioria das vezes.

Jak pensou sobre isso. — Então, ser educado é dizer algo que você não quer dizer, então a outra pessoa tem que dizer o que você quer dizer.

Ela riu, de um jeito suave que ele gostava. — Basicamente. — Ela se virou para ele. — Então. Jak, eu gostaria de entrar e me aquecer em vez de ficar sentada sozinha na minha caminhonete fria. Está tudo bem com você?

— Eu disse a você que estava.

Harper riu. — Certo. Você disse. Obrigada. Então vamos voltar para dentro.

Capítulo 28

— Sra. Cranley?

— Sim. Quem está falando? — A mulher do outro lado da linha tinha uma voz estranhamente profunda que tremia ligeiramente. Uma fumante, Mark adivinhou.

— Oi, senhora. Aqui é o agente Mark Gallagher. Estou com o Departamento de Justiça de Montana.

Houve uma breve pausa e algum farfalhar, e então a Sra. Cranley disse: — Do que se trata?

— Senhora, lamento muito informar que seu irmão foi encontrado morto.

Outra pausa, mais longa desta vez. — Isaac?

— Sim, senhora.

— Ele deixou algo para mim em seu testamento?

Bem, isso foi abrupto. Mark foi pego de surpresa por um momento. — Na verdade, parece que Isaac não tinha um. Mas você está listada em vários documentos como parente mais próximo.

— Bem, eu sou. — Mark ouviu mais algum farfalhar e então a voz abafada da Sra. Cranley gritando para alguém no fundo — Então, Isaac morreu e não deixou um testamento. Sou a parente mais próxima dele.

— Quando foi a última vez que você falou com Isaac, Sra. Cranley?

— Você pode me chamar de Georgette. E eh... talvez doze anos atrás no funeral do nosso pai. Eu e Isaac não nos damos muito bem. Acho que isso não importa agora. Ele era um idiota, verdade seja dita.

Mark pigarreou. Aparentemente, essa mulher não tinha problema em falar mal dos mortos. Fez seu trabalho mais fácil afinal. — Como assim, senhora? Georgette?

Mark ouviu uma inspiração profunda como se a mulher tivesse acabado de acender um cigarro. — Ele apenas *era.* Ele estava sempre observando todo mundo com esse olhar estranho no rosto. Dava-me arrepios e ele era meu próprio irmão. Ficou pior quando ficou mais velho. Fiquei feliz quando eu e Lester mudamos para Portland, e eu não tinha mais motivos para vê-lo.

— Entendo.

— Claro que eu percebi quando fui para a casa dele em Missoula, oh... Acho que já faz dezoito ou dezenove anos e havia uma senhora idosa vizinha na casa dele com o neto, eu acho. O garoto era apenas uma criança. Isaac continuava olhando para ele com esse olhar em seu rosto. — Ela fez um som que deu a Mark a ideia de que acabou de ter um arrepio exagerado. — Bem, foi quando eu disse, ah, bingo. Isaac é um pervertido. Tudo fazia sentido.

Mark sentiu-se subitamente doente. Ele limpou a garganta. — Mas você nunca viu nenhuma evidência dele abusando de crianças?

— Não. Apenas esse olhar. Mas as mulheres *sabem* das coisas, entende? Intuição. — Ele a ouviu dar outra tragada de seu cigarro.

— E isso foi em Missoula, você disse? — Mark puxou o arquivo de Isaac Driscoll para mais perto e notou que seu último endereço conhecido tinha sido em Missoula, provavelmente um prédio de apartamentos. Ele estava na unidade A.

— Sim. Eu não tenho mais o endereço, mas esse é o último lugar que o vi.

— Pelo que entendi, seu irmão trabalhou como voluntário em várias agências de serviços sociais da região.

— Bem, aí está. Deu-lhe acesso.

Mark limpou a garganta novamente. Ele havia falado com várias pessoas nas agências voluntárias pelas quais Driscoll trabalhara, mas ninguém havia dito nada depreciativo sobre ele. Ele fez uma anotação para ampliar a rede de pessoas para entrevistar quem poderia ter conhecido Driscoll como voluntário.

— Esta mulher na casa do seu irmão todos esses anos atrás, você pode me dizer alguma coisa sobre ela?

— Sim, ela era muito difícil de entender. Tinha um sotaque forte. Ela saiu bem rápido com o garoto, mas não o suficiente para eu ver como Isaac olhava para ele. Pensei em ir até o apartamento dela e avisá-la para se afastar de Isaac, mas imaginei que as pessoas deviam aprender suas próprias lições, entende?

Mais uma vez, Mark foi pego de surpresa. Talvez toda a família Driscoll seja estranha. — Hum, certo. Bem, estou ligando por outro motivo. Seu irmão possuía uma extensa área de terra fora de Helena Springs. Como parente mais próxima, o terreno irá para você, mas Isaac permitia que um jovem permanecesse em uma cabana na propriedade.

Ela fez um pequeno som ofegante. — Sim, aposto que sim.

— Não há evidências de qualquer tipo de abuso. O homem tem vinte e poucos anos. Parece que Isaac deixou que ele ficasse lá depois que seus pais o abandonaram, e o homem cresceu sem qualquer exposição à sociedade.

Georgette riu, um som baixo cheio de catarro. — Então Isaac estava criando um homem da montanha? Esquisito.

— Eu não posso dizer que Isaac fez muito coisa na criação dele. Mas como eu disse, ele o deixou ficar na propriedade. Quando a propriedade for liberada para você, você permitiria que ele permanecesse em sua cabana até que descobrisse o que fazer? Suas opções são muito limitadas.

Georgette tragou outra vez e Mark fez uma careta em nome de seus pulmões. — Não, não. Eu não quero nada com a estranheza de Isaac, não quando estava vivo e especialmente agora que está morto. Não, aquele homem da montanha tem que ir. Quanto antes melhor.

Mark suspirou. — Se você reconsiderar, senhora...

— Eu não vou. Ele precisará desocupar imediatamente. No que me diz respeito, ele está caçando em *minha* terra.

***

A Internet estava cheia de informações sobre os Espartanos e, durante cerca de quinze minutos, Mark foi pego na pesquisa. Ele precisava limpar a mente depois de falar com a irmã de Isaac Driscoll e seus pulmões enegrecidos, e é triste dizer que histórias de guerra e carnificina eram mais atraentes no momento.

Esparta, na Grécia, era uma sociedade guerreira centrada no serviço militar. Aparentemente, começou na infância, quando as crianças eram inspecionadas quanto à força, e então, aos sete anos, os soldados vinham e tiravam a criança do guardião, cuja influência gentil e afetuosa era considerada negativa, e os abrigaram em um dormitório com outros meninos soldados. A criança espartana, em seguida, suportava dura disciplina física e privação para aprender a ser forte e confiar em sua inteligência. Em seus vinte e poucos anos, ele tinha que passar por um teste rigoroso e só então, tornava-se um soldado espartano.

Parece brutal. Mark poderia ser grato por uma coisa: ele não havia crescido na Grécia antiga.

Ele procurou a Batalha das Termópilas, um encontro militar com os persas, que superava em muito os espartanos. Ele estudou a imagem online e, assim como na primeira vez, enviou um estranho arrepio pela espinha. Era definitivamente a presença de arcos e flechas nas mãos dos guerreiros, que obviamente não podiam ser ignorados com base na arma usada nos dois assassinatos, mas era outra coisa também.

Algo que ficou fora de alcance. Talvez não algo na pintura, mas uma peça de quebra-cabeça que unisse tudo isso. Que fizesse *sentido*.

Uma mulher misteriosa, assassinatos, arcos e flechas, um menino abandonado, uma irmã que achava que seu irmão era um, pervertido, estudos sociais administrados pelo governo... Driscoll estava tentando criar... um espartano moderno? Mas *por quê?* Ele estava completamente louco? Ou ele realmente acreditava que estava ajudando Lucas?

Ele vasculhou os arquivos do caso em sua mesa na frente dele. Fotos da cena do crime, informações obtidas sobre as flechas usadas nos assassinatos, uma marca popular vendida em centenas de lojas de artigos esportivos, tanto localmente quanto na internet. Todos os becos sem saída no momento.

O toque em seu telefone o alertou para um e-mail, mas desde que estava sentado na frente de seu computador, ele o abriu lá. — Bem, isso é interessante — ele murmurou para si mesmo quando viu que era do Dr. Swift. Quando abriu, havia uma nota muito curta e anexada, o estudo final que Isaac Driscoll tinha trabalhado no Rayform. Mark leu. Era um estudo sobre a incidência de prisão em detentos criados por mães solteiras. Havia muitas estatísticas e gráficos, nenhum dos quais parecia ser um bom argumento para a maternidade solteira, embora Mark soubesse que, em qualquer bom estudo psicológico, outras variáveis precisavam ser explicadas, ou pelo menos mencionadas como fatores contribuintes. O estudo fez isso, citando baixa renda, armas e

violência de gangues na área onde o preso crescia, e coisas dessa natureza. Pintou um quadro sombrio, e Mark percebeu que era principalmente porque o trabalho simplesmente oferecia números e estatísticas, não soluções. O que, claro, era o que os estudos deveriam fazer. Eles não eram projetados para resolver problemas, simplesmente identificá-los. Ele podia ver por que Isaac Driscoll, ou qualquer um que trabalhasse nessa área, poderia se tornar cínico sobre a sociedade depois de realizar tais estudos ano após ano.

Sua porta se abriu, e sua esposa espiou em volta, seu sorriso hesitante. Ele se recostou na cadeira, oferecendo-lhe um em troca. — Eu fiz o almoço se você estiver com fome.

Mark passou a mão pelos cabelos. — Obrigado. Estou meio envolvido nisso. Você guarda um pouco para mim?

Ele não perdeu assim que seu sorriso sumiu, mas também não reconheceu. A verdade era que se perdera em seu trabalho, perdido no quebra-cabeça do caso à sua frente, e ele ansiava por isso. Deus, ele ansiava por isso. Uma fuga que não fosse só para ele, mas para duas pessoas mortas contando com ele por respostas. *É assim que você está se justificando, Gallagher?* Ele ouviu sua voz interior sussurrar a pergunta, mas a afastou. Talvez tenha *sido* uma justificativa, mas também era verdade.

— Precisa de ajuda? — Seu sorriso cresceu, mas ele podia ver o nervosismo em seus olhos. Ele a conhecia. Ele ainda conhecia, percebeu. Sabia suas expressões e sua linguagem corporal. O que mudou foi seu desejo de responder ao que ele sabia que ela estava pedindo. *Inclusão.* Mas ele a

procurou pela mesma coisa, durante os momentos em que ela não estava disposta a deixá-lo entrar. Parecia que eles continuavam sentindo *falta* um do outro emocionalmente. Ele tinha que se *concentrar,* no entanto. No passado, ela tinha sido a sua ouvinte, a pessoa que ele refletia ideias se estivesse preso, a pessoa que o ajudou tantas vezes quando ele não conseguia conectar A a B. Agora, tê-la por perto o distrairia em vez de ajudá-lo.

Isso levará tempo. Ele ficava *dizendo a* si mesmo e de alguma forma continuava a soar vazio, mas não sabia o que mais esperar. — Não, obrigado. Não neste. Estarei lá em breve.

Seu sorriso desapareceu, mas ela assentiu e se virou, fechando a porta suavemente atrás dela. Ele soltou um suspiro, massageando suas têmporas, tentando mover sua mente de volta ao caso.

Mas seu foco se foi, pelo menos por enquanto. Quando estava fechando o estudo que o Dr. Swift havia lhe enviado, ele anotou não apenas o nome de Isaac Driscoll, mas seu assistente que havia trabalhado no estudo: Kyle Holbrook.

Ele ligou para Rayform e descobriu que o homem ainda estava listado no diretório, mas sua mensagem de voz atendeu quando Mark discou. Deixou uma mensagem e, em seguida, bateu a caneta sobre a mesa, o cheiro de queijo e sopa de tomate à deriva sob a sua porta, enquanto ele estava sentado olhando para a parede.

Capítulo 29

A neve brilhava sob o céu cinza-prateado, flocos grandes flutuando e derretendo na pele de Jak enquanto deslizava pelo campo aberto. Os compridos sapatos baixos que ele fez, facilitavam a caminhada sobre o chão de crosta de gelo sem afundar na neve fofinha e macia embaixo. Ele desejava ter pensado em fazer algo assim há muito tempo. Mas como poderia? Ele aprendeu o melhor que pôde, imaginando novas e melhores maneiras de sobreviver. Esses sapatos não eram... qual era a palavra? Ele não *precisava* tê-los, mas eles eram bons de ter.

Sua mente vagou, as palavras da mulher na foto girando em sua cabeça. Ele conversava com ela às vezes, fazia perguntas, tentava adivinhar quais seriam as respostas dela.

Às vezes, como hoje, quando sua mente queria se afastar do frio do inverno, ele dizia as palavras que lhe davam paz. Ele as dizia repetidamente até que seu coração se acalmasse, e ele pudesse encontrar algo de bom sobre o dia. Sobre a vida. Sobre a sua presença em um mundo que só fazia sentido de maneira física. Para Jak, as escritas da mulher eram seus amigos, *ela* era o padre da história que ele nunca realmente leu, e sua professora. Ele a amava, mesmo que nunca a tivesse conhecido. Ele a visitava às vezes também, no fundo daquele desfiladeiro. Ele se sentava do lado de fora do carro onde ela morreu, dizia palavras para ela e para o homem. Ele se perguntava se eles teriam morrido

imediatamente ou se sofreram. Ele se perguntava onde estava sua filha, a garota. Ele sentia muita tristeza. Ele desejava que pudesse salvá-los. Desejava que eles estivessem vivos e ele pudesse conhecê-los. Ele fazia à mulher todas as perguntas em sua mente e coração. Ela tinha muito mais palavras do que ele sabia.

Em seu fingimento, ela respondia. Ele fechou os olhos e a ouvia falar, mais claro agora que a voz fraca de sua baka.

Fazia cinco invernos desde que encontrou o carro e a bolsa azul e, embora nunca dissesse que era fácil viver, os escritos que encontrou havia... melhorado as coisas. Ele não sabia exatamente por quê. Ele só sabia que os escritos haviam mudado sua mente sobre querer morrer. Ele realmente queria morrer? Não. Ele queria que a dor acabasse, a solidão. Os escritos o fizeram se importar com a vida.

Suas pernas musculosas empurravam uma tábua para frente, depois a outra, deslizando pela neve, a respiração ficando branca na frente dele por apenas um breve segundo antes de ser arrebatada pelo vento.

Um movimento chamou sua atenção e ele diminuiu a velocidade, seus músculos se contraindo enquanto avistava uma pessoa bem à sua direita. Oculta? Furtiva? *Não.* Ele se agachou enquanto colocava uma flecha em seu arco, olhando pela mira.

Isso era... uma mulher?

Jak abaixou o arco e a flecha, levantando-se, o rápido batimento cardíaco diminuindo, perguntas circulando em sua mente. *Medo.*

A mulher estava caminhando rapidamente em direção a ele, dando grandes passos na neve, afundando e depois com muita dificuldade, levantando o pé de novo e de novo. Jak ainda estava chocado e confuso. Quando ela se aproximou, Jak viu que ela não estava usando roupas de inverno e muito de sua pele estava aparecendo. E ela parecia estar chorando, grandes gemidos que se aproximavam de onde Jak estava parado.

Jak deu dois passos na direção da mulher no mesmo segundo em que ela o viu. Ela parou, e então se moveu em direção a ele novamente, continuando seus passos, tropeçando e voltando para cima. — Socorro! — Ela chamou. — Socorro!

Jak se moveu para ela rapidamente, e ela tropeçou novamente, levantando-se, seus lamentos ficando mais claros quanto mais perto ela chegava. — Por favor, por favor! — Ela chorou. — Eu preciso de ajuda!

— O que aconteceu? — Jak perguntou quando a mulher desabou em seus braços, tremendo e chorando, sua pele vermelho-púrpura e coberta de arrepios. Seus olhos arregalados se moveram sobre seu rosto, seus lábios tremendo com tanta força, toda seu queixo tremendo.

— Perdida... o inimigo me perseguia... — Outro tremor a atravessou, interrompendo suas palavras, e a pele de Jak se arrepiou de desconforto. O inimigo? Ele olhou para trás, de onde ela tinha vindo. Ele sempre se sentia mais seguro de outras pessoas nesta floresta, a salvo da guerra e do que quer que esteja acontecendo no mundo. *A natureza* tinha sido sua

inimiga... qualquer outro perigo que pareça muito distante. Mas agora... aqui estava uma mulher fugindo desse inimigo que ele só pensava como a voz estrondosa atrás dele dizendo que o único objetivo era a sobrevivência.

— Por favor, *ajude* — ela chorou baixinho olhando para ele de uma maneira estranha. Jak tirou sua jaqueta de pele de animal, a que ele mesmo fez, junto com longas tiras das partes duras e rígidas entre o músculo e o osso de cervo que ele descoloriu e secou ao sol. Ele envolveu a jaqueta na mulher enquanto seus joelhos cederam, mas ele a pegou, levantando-a facilmente em seus braços e indo em direção a sua cabana.

Quando ele chegou lá, ele a colocou na frente do fogão a lenha aberta, envolvendo o cobertor nas suas pernas nuas e jogando mais lenha no fogo para que ele saltasse e crescesse, o calor viajando mais para dentro do quarto.

A mulher começou a se mexer, afastando os longos cabelos ruivos do rosto e se sentando devagar. — Onde estou?

— Minha cabana. Quem está te perseguindo?

Ela balançou a cabeça, os olhos voando para a janela. — Eu não sei quem são eles. Acho que os perdi, mas... — o seu olhar se moveu rapidamente para o lado —... uh, eu me virei e então continuei andando.

Jak tinha uma sensação estranha sobre a mulher. Era como se... ele sentisse perigo, mas... isso era estúpido. Essa mulher tinha metade do tamanho dele. Não era uma ameaça.

Mas ele sentia... não estava certo, e ele não tinha certeza do porquê. — O que aconteceu com suas roupas?

— O inimigo levou antes que eu fugisse.

Jak franziu a testa. — Conte-me sobre o inimigo.

Ela piscou. — O quê?

— Eu... — Ele passou a mão pelo queixo, tentando descobrir como explicar as coisas para ela. — Eu não sei nada sobre a guerra. Eu moro aqui desde que era jovem. — Ele sentou-se na beira da cama ao lado de onde ela estava sentada contra a parede. — Você pode me dizer o que está acontecendo? Alguém fala sobre quando isso pode acabar?

Ela olhou para ele por um minuto, uma linha entre seus olhos. — Eu também não sei muito. Eu sou... — ela fez aquela estranha coisa com os olhos dela de novo —... de outro lugar.

— Um lugar onde a guerra não está sendo travada?

— Certo.

— Você sabe *por* que estamos lutando? E com quem estamos lutando? Houve um tempo em que eles estavam matando crianças. Isso ainda está acontecendo?

— Ouça, eu não sei mais nada, ok? — Ela soou meio que... louca.

O casaco que Jak colocou sobre os ombros escorregou, mostrando a pele branca do seio e a respiração de Jak parou. Ele nunca tinha visto o corpo de uma mulher antes e queria tirar o casaco de seus ombros, e o cobertor de suas pernas, e olhar para ela nua, estudar como ela era diferente dele. De repente, ele não estava pensando em guerra ou no inimigo,

ou em qualquer outra coisa fora de sua cabana. Seu corpo estava quente e tenso.

Mas *esta* mulher, ela tinha acabado de fugir de um inimigo que tinha sido ruim para ela de alguma forma. E estava confiando nele para ajudá-la. Ele ficou de pé, virando as costas para ela e andando até a janela, onde olhou para fora. A neve brilhava, branca e cinzenta e não tocada, exceto pelas pegadas solitárias que levavam à sua porta. Suas próprias. Pelo menos se alguém viesse aqui, eles pensariam que era só ele. Ele poderia protegê-la. Ele olhou para o lugar onde guardava o arco e flecha que Driscoll havia lhe dado há muito tempo. Ele passou horas e horas ficando bom com a arma, tornando-se *tão* bom com ela que, quando a usava, parecia outra parte de seu próprio corpo. Ele atiraria para matar se precisasse. Suas flechadas eram fortes. Ele nunca errava.

Ele sentiu o cheiro dela se aproximando. Ela tentou ficar quieta, mas não estava. Ela não era lobo. Ele esperou... tenso e sentiu mãos ao redor de sua cintura. Ele se virou rapidamente, a mulher muito perto de onde ele estava. Ela deixou o casaco e o cobertor no chão e agora estava nua diante dele. Ele estremeceu de surpresa, junto com uma sacudida de calor. Seus olhos se moveram sobre o corpo dela, a confusão subindo como alfinetadas no interior de sua pele. *O que ela esta fazendo?*

— Qual o seu nome?

Ela pareceu surpresa por ele ter feito a pergunta, mas depois de uma segunda pausa, ela disse: — Brielle. Qual é o seu?

— Jak.

Ela se aproximou, dando-lhe um pequeno sorriso enquanto passava as mãos pela frente da camisa dele, sobre os músculos do peito dele. — Você é diferente do que eu pensava — ela disse tão baixinho que ele quase não ouviu.

— Diferente? O que... você quer dizer? Como você sabe sobre mim?

Seu olhar disparou para ele e ela riu nervosamente. — Quero dizer, desde quando te vi pela primeira vez na neve. Eu pensei que você fosse selvagem, mas você não é.

Selvagem.

Ele não entendeu. E ela ainda estava em pé na frente dele nua, e embora estivesse fazendo seu corpo se sentir muito aquecido, sua mente foi capaz de ficar longe como ele aprendeu a fazer quando espreitava e caçava. Era fácil para ele agora.

Uma mulher nua o estava tocando, mas aquele sussurro de confusão não deixava seus pensamentos em silêncio.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou, seu olhar se movendo sobre sua nudez novamente, vendo as pontas rosadas de seus seios, a forma como sua cintura era fina, os pequenos pontos pretos entre as pernas que mostravam que ela havia removido os pelos lá. Ele se perguntou por que ela faria isso. É aí que estava o cheiro que dizia ao homem se ele queria acasalar com a fêmea ou não. Aqueles cheiros diziam

ao macho se os sussurros falavam entre si, se a descendência deles seria saudável e forte, e outras coisas que Jak não sabia, porque ainda não havia cheirado sua companheira.

— Estou agradecendo por me resgatar — ela disse, pegando a parte de baixo de sua camisa em suas mãos e puxando-a para cima e sobre sua cabeça. Seus olhos percorreram seu peito, seu olhar parou em cada cicatriz, uma por uma. Algo surgiu em seu rosto e ele não sabia o que era. Ela engoliu em seco e deu um passo para trás, estendendo a mão para passar o dedo pela pior delas, a pele feia e levantada do lado dele, proveniente da presa do javali, a que quase o matara. Ele observou-a como se fosse uma cobra, e ele não tinha certeza se iria rastejar ou atacá-lo.

Seu dedo se moveu lentamente e ele soltou um suspiro, a sensação de ser tocado por outro humano pela primeira vez desde que era uma criança fazendo-o querer cair de joelhos. Ele queria afastar esta mulher, essa estranha que ele não confiava, e queria implorar para que ela não parasse. — Você já esteve em uma batalha — ela disse.

Ele olhou para ela, levando seu próprio dedo e passando ao longo da cicatriz rosa sobre o cabelo removido entre as pernas e depois levantando os braços dela, onde cicatrizes atravessavam a pele no interior de seus braços. — Assim como você.

Seus olhos se encontraram e seu rosto ficou mais claro. Ela parecia triste. Ela baixou as mãos. — Eu... Sim. — Sua voz saiu embargada, e o sorriso que ela usava parecia uma mentira. Ela respirou fundo e avançou novamente,

retornando a mão para sua pele nua. — Você me quer, Jak? — Antes de esperar por uma resposta, ela se adiantou e colocou os lábios nos dele, passando a língua ao longo do lábio inferior. Ela segurou a cabeça dele com as mãos, passando as unhas pelo cabelo dele. Ele queria se afastar, mas não sabia por quê. Ele deveria querer isso. Acasalar. *Ele não deveria?*

A sensação de sua língua macia e molhada em sua boca enviou um raio entre suas pernas, fazendo-o inchar e endurecer. Mas mesmo que seu corpo *quisesse*, havia algo errado no modo como ela cheirava. Ela cheirava a frutas silvestres, mas que estavam maduras demais e já haviam caído no chão. *Muito doce. Demais.* Ele não gostou. Ele não queria se acasalar com ela. E ela estava tremendo de novo, mas não havia arrepios em sua pele, e sua cabana estava quente do fogo.

Algo estava errado. Muito errado.

Ele envolveu seus dedos em seu pequeno pulso, tirando sua mão dele e seus lábios se afastaram dos dele. — Eu não sou como eles — ele disse, sua voz áspera, tomando-a pelos braços e afastando-a. Ele trouxe o cobertor para ela, envolvendo-o em seus ombros novamente e cobrindo sua nudez. Ele não sabia exatamente quem eles eram, mas qualquer inimigo que ela tivesse fugido tirou suas roupas e a deixou assustada o suficiente para correr quase nua para a neve, fez com que ela oferecesse seu corpo para ele embora não tivesse pedido isso, ou feito qualquer coisa para fazê-la

querer dar a ele. Ele não a alimentou, nem caçou para ela, nem lhe trouxe presentes que a fizesse dançar.

Ela olhou para ele e ele viu lágrimas brilhando em seus olhos. Ela assentiu e caminhou até onde tinha deixado suas roupas. Ele pegou uma calça jeans e uma camisa que não cabia mais nele há muito tempo e entregou a ela. — As costuras sumiram em alguns lugares porque usei o fio, mas elas vão mantê-la aquecida. Você pode ficar aqui por um tempo se precisar. Eu tenho armas.

Ela sorriu e, para ele, parecia triste. — Você lutaria por mim, não é? Uma estranha.

— Sim.

Ela sorriu novamente e usou a mão para tocar sua bochecha. — Você é muito atraente, sabia? Não apenas aqui... — ela virou a mão e passou pelo rosto e pelo osso do seu maxilar —... mas aqui. — Ela deu um tapinha no lugar onde seu coração batia sob sua pele.

Jak não sabia o que dizer para ela, não sabia por que ela parecia tão triste de repente. Ele estava confuso sobre tudo isso. Parte dele queria que ela saísse imediatamente para que as coisas voltassem ao normal, e a outra parte dele odiava o normal. — Você acha que eles podem precisar de mim para lutar na guerra? Eles estão procurando por soldados?

— Não, eu acho que não. Eu realmente tenho que ir. Minha família vai me procurar.

Ele franziu a testa, não entendendo como ela de repente sabia o caminho de volta quando eles nem tinham saído de

sua casa, mas antes que pudesse perguntar, ela disse: — Você não é nada selvagem, Jak. Nunca deixe ninguém te dizer que você é, ok?

Ele não respondeu. Para quem ele iria contar? Tanto quanto ele sabia, ele poderia passar a vida inteira sem nunca falar com ninguém, exceto Isaac Driscoll novamente.

— Deixe-me levá-la para...

— Não. — Ela deu uma rápida olhada ao redor do quarto em que estavam, seus olhos se movendo sobre o teto como se ela estivesse procurando por algo. — Estou bem agora. — Ela caminhou até a porta da frente e a abriu, virando-se depois que ela pisou em sua varanda. Ele ficou na porta, observando-a. Ela deu-lhe um sorriso trêmulo, estendendo a mão. Ele olhou para aquilo, sem saber o que ela queria. — Aperte minha mão, Jak. Isso é o que as pessoas fazem.

Ele estendeu a mão e pegou a dela, e ela segurou a mão dele, segurando e movendo os olhos para cima e para o lado como se ela estivesse dizendo para ele olhar em algum lugar com os olhos. Mas antes que ele pudesse imaginar o que ela estava lhe dizendo para olhar, ela o puxou para ela, e quando ela o abraçou, ela sussurrou: — Há uma câmera naquela árvore atrás de mim. Não deixe claro que você sabe que está lá. Eu vi uma no rio também quando estava vindo até você.

Vindo até mim? — Câmera? — Ele sussurrou. Uma câmera tirava... fotos. Ele lembrava. Ele se lembrava daquela palavra.

— Você está sendo vigiado. Por favor, não conte a ninguém sobre mim.

Antes que pudesse lhe perguntar qualquer coisa, ela se virou e saiu correndo, atravessando as árvores em direção à estrada, não muito distante.

Ele a observou até que ela desapareceu, seu coração batendo forte. *Eles estão te vigiando.* O que *isso* significa? Vigiado por quem? *Eu vi uma no rio também.* Uma câmera. Uma câmera.

Jak fechou a porta e depois se sentou em sua cabana, fazendo as contas que sua baka lhe ensinara há muito tempo, enquanto tentava clarear sua mente e diminuir o ritmo do coração. *O que está acontecendo?* Ele contou até mil, duas vezes, e então pegou seu arco e flecha e seu casaco e voltou para fora. Ele deu alguns passos na neve e depois se abaixou como se estivesse consertando algo em sua bota, mas enquanto suas mãos se moviam em um laço, ele olhou para cima através de seu cabelo que escondia seu rosto.

Ele não sabia o que estava procurando e, alguns minutos antes, viu um pequeno lampejo de algo escuro que não era um material encontrado na floresta no alto dos galhos da árvore. Ele se levantou, colocando seu arco e flecha em suas costas novamente e andando em direção ao rio.

Seus pensamentos rolaram e saltaram como um fluxo descendente enquanto tentava entender o que estava acontecendo com o que era pouco conhecimento.

Ele deveria perguntar a Driscoll? Talvez ele também estivesse sendo observado. Mas Jak afastou o pensamento.

Ele odiava o homem, e estava negociando com ele por menos e menos conforme os invernos haviam passado. Jak tinha descoberto como lidar sem as coisas que tinha conseguido antes de Driscoll, ou aprendeu a fazê-las usando coisas que poderia encontrar na floresta.

Por tudo o que sabia, Driscoll era quem o observava. Sua pele arrepiou. *Driscoll é ruim.* Ele sabia disso, no entanto, percebeu isso há muito tempo. Mas... O que Jak tinha a temer da *maldade* de Driscoll, o que quer que fosse? Jak era muito mais forte do que ele agora, embora nunca tivesse tentado ferir Jak, mesmo quando era pequeno.

O rio subiu, o rugido baixo da água gelada caindo sobre as pedras e em volta de pequenos pedaços de terra no meio do rio turbulento. Ele apostaria que havia um nome para isso, mas ele não sabia o que era. Apostaria que havia um nome para *tudo,* se ele soubesse onde poderia encontrar as respostas. As anotações deram a ele muitas novas palavras, as quais ele tinha que descobrir o significado de como elas eram usadas. Mas ele era bom em descobrir as coisas, ele sempre foi.

Jak tirou o arco e flecha de suas costas e sentou em uma árvore caída. Ele pegou uma das flechas e uma pedra plana do chão e começou a fingir afiar a flecha enquanto seus olhos se moviam ao redor, olhando aqui e ali, de uma maneira que alguém o observando não podia dizer.

Demorou muito tempo até que ele visse o pequeno lampejo de algo que não pertencia ao lugar. Estava em outra árvore ao lado da margem do rio. Ele nunca teria visto se não

estivesse procurando. Estava alto em um dos pinheiros, como o que ficava na frente de sua casa, que ficava verde o ano todo, de modo que nunca seria descoberto por folhas caindo.

Sua cabeça girou. *O que isto significa?*

Capítulo 30

Harper abriu os dois olhos, piscando. Realidade filtrando em pequenos pedaços. Uma tempestade de gelo. Sem sinal. Tempo perdido. Lucas *Não, Jak.* — Droga — ela sussurrou, a preocupação tirando-a totalmente do sono e levando-a a sentar e olhar ao redor. Sua cabeça virou-se imediatamente para a cama onde Jak dormiu na noite anterior, mas estava vazia.

Por que ela sempre dormia tanto ali, quando não conseguia mais do que algumas horas em casa? *Porque você está sozinha. Ouvindo o... perigo.* Tudo bem, então ela sabia o problema, só não como consertar. Aparentemente seu subconsciente não sentia nenhum perigo aqui, e ela dormia profundamente. Havia um pedaço de pele no chão debaixo dela, e ela foi mantida aquecida por seu cobertor mais uma vez, enquanto ele dormia sem ele. Ela tentou resistir a pegar o cobertor, mas Jak simplesmente sacudiu a cabeça e empurrou para ela. Ela aliviou qualquer culpa dizendo a si mesma que ele estava bem perto do fogo. E ele *era* maior que ela. Muito maior.

Onde ele *estava*? Harper se levantou, colocando as botas e a jaqueta e abrindo a porta da cabana dele. Ela deu um pequeno suspiro enquanto observava o ambiente: um mundo cintilante e aparentemente feito inteiramente de gelo.

Ela deu um passo hesitante para fora, impressionada com o reluzente chão da floresta e os galhos de árvores

cobertos de pingentes de gelo. Parecia um paraíso, e uma faísca de prazer infantil explodiu dentro dela. Ela deu os passos devagar, segurando o corrimão, tomando cuidado para não escorregar. Seus pés esmagaram a fina camada de gelo que cobria a neve enquanto caminhava ao lado de sua casa, indo em direção às instalações, ao ar livre.

Quando ela deu a volta na casa, ela parou imediatamente, seus olhos se arregalando quando sua boca se abriu em uma súbita entrada de ar. Jak estava de pé na neve, sem camisa, o jeans ainda desabotoado e descansando em seus quadris, esfregando um pedaço de pano sobre o cabelo molhado. Ele levantou a cabeça ao pequeno som de surpresa, o pano que ele segurava abaixando enquanto seus olhos azuis a atravessavam.

— Desculpe — ela disse sem fôlego. — Eu não sabia... — ela levantou a mão, indicando seu meio estado de nudez —... que você estava, hum... — Ela tentou desviar o olhar, ela realmente tentou, mas seus ombros eram tão largos, seu peito tão lindamente esculpido, cada músculo definido, sua pele avermelhada pelo frio, seus pequenos mamilos planos...

— Tomando banho?

— O quê?

Ele olhou para ela confuso, as sobrancelhas unidas. — Eu estava tomando banho.

— Na *neve?*

Ele se aproximou e a surpreendeu que ela não sentisse nenhum impulso de se afastar. — Preciso, se quero ficar limpo no inverno.

— Sim. Ah, claro. É apenas... parece muito... uh.. uh...

— Frio? — Ele abaixou a cabeça, o lábio inclinando-se um pouco, provocando.

— Hã?

Ele franziu a testa novamente, seus olhos passando sobre ela. Ela estava obviamente confundindo-o. Ela estava apenas meio que... boquiaberta e impotente, com ele parado ali daquele jeito. Um guerreiro da neve seminu, com cicatrizes e exalando tanta testosterona que deve estar confundindo seu cérebro. Por vontade própria, seu olhar desceu para a linha esparsa de cabelos escuros em sua barriga lisa, seguindo lentamente para baixo. — Você pode usar isso...

Seu olhar disparou para o dele, arregalando os olhos. — O quê?

— Eu mantenho pingando para que não congele. — Ele acenou com a cabeça por cima do ombro para onde o cano corria pela lateral da casa.

Certo. Ela olhou para o cano ainda gotejando e se perguntou se ele estaria nu debaixo dele momentos antes. Ela engoliu em seco. *Claro que sim, Harper. Quem toma banho de calça?* — Não. Quero dizer... Eu... não acho que aguentaria. Eu morreria de frio. Eu congelaria como um pingente de gelo.

Ele sorriu devagar, aquele sem prática que era infantil e doce e totalmente em desacordo com sua aparência. Ela deu um passo atrás. Longe daquele sorriso que fazia seus músculos do estômago dançarem.

— Eu vou apenas me lavar.

— Ok. — Ele deu um passo em torno dela, e ela se virou para vê-lo sair, deixando escapar um suspiro quando viu suas costas. Ele parou, virando a cabeça.

— O que aconteceu com você? — ela perguntou, aproximando-se e passando o dedo por uma longa cicatriz irregular que ia da parte inferior das costelas até o meio das costas. Ele também tinha outras cicatrizes nas costas, mas essa era de longe a pior.

Ele se virou para ela. — Um porco. Ele tentou me matar.

— Um porco? Um daqueles javalis? — Ela estremeceu internamente. Ela odiava essas coisas. Eles eram loucos e imprevisíveis, e ela tinha ouvido histórias horríveis sobre pessoas sendo horrivelmente mutiladas ou até mesmo mortas por eles quando inesperadamente encontravam um.

— Ele era selvagem. Mas eu também. — Algo surgiu em seus olhos, algo desafiador, embora ela não tivesse certeza se o olhar tinha a ver com a lembrança de ter sido atacado pelo javali, ou um aviso que estava emitindo para ela.

Ela levantou o queixo, encontrando seus olhos. — Claramente ele não levou a melhor sobre você.

Ele a observou por alguns momentos, e então soltou um suspiro, virando-se. Por cima do ombro, ele disse: — Eu estarei lá dentro.

Ela ficou lá por um momento, observando-o caminhar sem esforço pela neve, sabendo que ele havia feito isso milhares de vezes, sob mil céus de inverno diferentes. Por que ele fez questão de comentar sobre ser selvagem, ela se perguntou virando-se e dirigindo-se desajeitadamente para a

bomba de água a alguns metros de distância. Foi um aviso? Por quê? Será que ele queria que ela se fosse porque ela o incomodava interrompendo o modo de vida com que ele se familiarizou e não desejava mudar? Ela pensou sobre o que havia dito na noite anterior. Como alguém o tirou de sua baka e o deixou lá fora. Ela supôs que não era muito pior do que o que ela já pensava entender: seus pais o abandonaram. Mas ele não queria respostas para as perguntas de *quem* e *por quê?* Quem foi cruel o suficiente para fazer isso com um garotinho? E *poderia* ser uma coincidência que ele viu os helicópteros procurando pelos pais dela na mesma noite em que foi deixado lá?

Ela refletiu sobre o pouco que sabia do mistério enquanto jogava água fria no rosto, deixando escapar um grito agudo quando atingiu sua pele. Ela passou a água pelos cabelos, enxaguou a boca e usou o dedo para limpar os dentes da melhor maneira possível. Ele tinha uma escova de dente em um copo ao lado da bomba de água, mas não tinha pasta de dentes. Nenhum produto. Aparentemente, ele não estava disposto a negociar com Driscoll por xampu. Ela usou as outras comodidades rústicas antes de voltar para dentro.

Quando ela chegou à porta dele, ela bateu, sentindo-se desconfortável em apenas abrir e entrar. Jak abriu, agora com a mesma camisa de mangas compridas. Ela gesticulou por cima do ombro. — Parece um país das maravilhas de inverno lá fora.

Ele olhou por ela por um momento, seu olhar se suavizou. — As coisas nem sempre são... como parecem.

Ela entrou e ele fechou a porta. — Sim. Eu sei. Quero dizer, é lindo, mas não menos severo. É isso que você quer dizer?

— Sim. — Ele se virou.

Enquanto removia o casaco e as botas, notou duas tábuas longas e planas encostadas na parede no canto. Ao observá-las, ela percebeu que elas tinham tiras feitas à mão. Ele havia criado sua própria versão de sapatos de neve com pedaços de madeira? Ela ficou impressionada. Ele realmente era... incrivelmente engenhoso. Era humilhante ter um vislumbre pessoal de como ele sobrevivera.

Ele colocou algo em sua tigela e caneca sobre a mesa e Harper caminhou até onde estava, sentado em um dos bancos. Ele abriu uma das latas de peras que ela trouxe e colocou um pouco do peixe defumado ao lado. Ela sorriu, agradecida, e ele pareceu satisfeito quando se sentou ao lado dela. — Obrigada, Jak. Eu aprecio sua hospitalidade.

Suas sobrancelhas fizeram aquela coisa engraçada onde uma subia e uma descia. Ela estava começando a reconhecer as expressões que ele fazia quando estava tentando colocar uma palavra que ele não conhecia no contexto. Ela resistiu em definir hospitalidade. Ele era claramente inteligente, e possivelmente mais bem educado do que algumas pessoas andando por Helena Springs, conduzindo vidas perfeitamente bem sucedidas, então ela lhe permitiria deduzir o significado das palavras que ele não conhecia. Ou ele poderia perguntar a ela. — Falando em hospitalidade, espero que você esteja bem se ficar um pouco mais. — Ela lançou um olhar um

pouco embaraçado. — Minha caminhonete está sob uma camada de gelo e não consigo imaginar essas estradas secundárias sendo limpas. Elas estão muito longe da cidade.

Seu olhar estava agora focado em uma pera enquanto ele cheirava desconfiado e, em seguida, aparentemente feliz com o cheiro, colocou em sua boca. Seus lábios se curvaram enquanto mastigava, seu olhar encontrando o dela. O estômago de Harper revirou com a pura alegria contida em sua expressão. Seu sorriso cresceu e ele disse com a boca cheia: — Você pode ficar aqui o tempo que precisar.

— Obrigada.

Depois que ela deu algumas mordidas, ela se virou para ele, limpando o suco de pera do canto da boca. — Jak, o que você disse lá fora sobre ser selvagem. Você sabe, não é nada para se sentir envergonhado. A maneira como você cresceu não foi sua culpa. Você fez o que tinha que fazer para sobreviver. A maioria das pessoas não teria conseguido.

— Sobrevivência é o maior treinamento de todos — ele murmurou, com a testa franzida.

Sua declaração a confundiu. — Treinamento? Para quê?

Ele balançou a cabeça como se estivesse voltando para o momento. — O que aconteceu depois que seus pais morreram?

— Comigo? Eu... cresci em um orfanato em Missoula.

— Orfanato?

Ela balançou a cabeça. — Sim. É um programa estatal para crianças que não têm ninguém para cuidar delas. Orfanatos ou residências particulares.

— Qual deles você estava?

— Uh, ambos. Eu me mudei algumas vezes.

Ele a observou de perto, e ela se remexeu por um momento, sentindo-se exposta. Algo preso em sua garganta.

— E agora você trabalha em um?

— Sim. Quero dizer, em tempo parcial, principalmente para fazer algo para preencher o meu tempo durante os meses mais frios, quando o meu negócio desacelera. Eu ajudo com as crianças lá.

— Mas você trabalha à noite quando eles estão dormindo.

Ela piscou para ele. Ele não perdia nada, não era? — Bem, sim. — Ela sentiu como se estivesse em um terreno instável muito de repente. — Eles também precisam de trabalhadores noturnos.

— Você os observa enquanto eles dormem? — Ele inclinou a cabeça, os olhos passando pela expressão dela, *lendo*-a. Desvendando-a, da mesma forma que ele descobria palavras e costumes, e coisas que ele não sabia nada até que os encontrou no novo mundo em que ele foi empurrado. Ou, mais especificamente, tinha sido empurrado *sobre* ele na forma *dela*, aparecendo em sua casa uma e outra vez.

— Você também sobreviveu, Harper? — ele perguntou, seus olhos azuis a perfurando.

Ela engoliu em seco. Ela nunca foi totalmente sincera sobre seu tempo em um orfanato para seus amigos e outras pessoas que conhecia. Mas com ele, ela não sentia

necessidade. Ele a chamou de honesta e ela queria ser. Não só com ele, mas consigo mesma. Talvez afastar sua experiência durante todos esses anos *como nada demais* prejudicou seu próprio espírito. — Sim. Eu tive que sobreviver também. De maneiras diferentes, mas... sim.

Seus olhos se encontraram e um entendimento se moveu entre eles. — Essas são as coisas que você guarda por dentro? As coisas que você não fala para as pessoas?

Harper assentiu, dando-lhe um pequeno sorriso antes de espetar sua última pera. Ela se sentiu perto das lágrimas. O jeito que ele estava *olhando* para ela... como se ele conhecesse todos os momentos de medo e solidão que ela experimentou, como se ele estivesse lá. Ela engoliu a pera com esforço. Se ela continuasse sentada ali, as emoções que enchiam seu peito iam transbordar. Elas *precisavam* transbordar. Elas estavam exigindo que fossem libertadas. Ainda não... Não com os olhos dele sondando-a daquele jeito.

Ela se levantou tão de repente que o banquinho pesado balançou para trás antes de se acomodar no chão. Seu rosto se encheu de surpresa quando ela o pegou pelas mãos. — Vamos. Eu quero experimentar aquela coisa que você me contou.

— Que coisa?

— Gritar meus segredos para o topo das montanhas.

Ele deu-lhe um olhar perplexo, mas não resistiu quando ela o levou até onde seu casaco e botas estavam jogados no chão perto da porta.

Vestiram o equipamento de inverno e desceram os degraus, enquanto caminhavam para a parte de trás da casa novamente. O sol estava mais alto no céu agora e o gelo brilhava dourado em vez de branco prateado. Pássaros de inverno gorjeavam nas árvores, e os sons da água pingando podiam ser ouvidos por toda parte. De repente ela se sentiu boba. O ar fresco fez com que ela se sentisse melhor, ajudou-a a acalmar as emoções e agora hesitava. *O que eu estou fazendo?*

Mas assim que o pensamento passou por sua mente, ela avistou uma pedra saindo da neve. *Bem... por que diabos não?* Ela respirou fundo e subiu, olhando para as montanhas cinza-azuladas à distância. Como se toda e qualquer tristeza exigisse liberação, redemoinhos de emoções brigaram pelo primeiro lugar em sua mente. Ela colocou as mãos em volta da boca e gritou: — Estou tão magoada e... e com raiva que ninguém na cidade quis me acolher quando meus pais morreram! Às vezes quero me mudar para longe desta maldita cidade e nunca mais olhar para trás!

Ela soltou um suspiro enorme, observando os cumes daquelas montanhas, imaginando que podia ver o vapor de suas palavras, a verdade de longa data, flutuando para longe de seu corpo para se fixar naqueles picos escuros. Ela se virou, afastando-se cuidadosamente da rocha, onde Jak estava olhando para ela, pensativo.

— Melhor? — Ele perguntou.

Ela respirou fundo, seu peito subindo e descendo. — Sim. Eu acho que sim. — Ela fez uma pausa. — Sim. Você estava certo. Isso ajuda. Eu me sinto melhor ag...

— Continue.

Ela fez uma pausa, mas então acenou com a cabeça uma vez, subiu de volta na rocha e se virou para as montanhas. — Às vezes eu odeio Deus por tirar meus pais de mim! Eu... — Um soluço subiu por sua garganta, mas ela tentou impedi-lo de escapar. — Às vezes eu gostaria de ter morrido naquela noite também. — Sua garganta ficou tensa, enquanto instintivamente tentava resistir a palavras mais dolorosas que saíam de sua alma cansada e faminta por amor, e simultaneamente fez o esforço para forçá-las a sair. — Estive tão assustada e sozinha. — E isso era tudo que ela podia fazer. O soluço que escapou foi seguido por um pequeno lamento enquanto tentava desesperadamente controlar suas emoções. Voltou-se para Jak, mas depressa demais, escorregando na rocha coberta de gelo, perdendo o equilíbrio e mergulhando para frente.

Jak a pegou, seus braços envolveram sua cintura enquanto ela chorava. — Você não está sozinha — ele sussurrou. O gemido morreu em seus lábios quando ela abriu os olhos para o rosto dele diretamente na frente da dela, a boca a poucos centímetros da dela. Seu coração disparou, inchou. Por um momento suspenso, suas respirações aceleradas se misturaram no ar entre eles. Ela piscou surpresa, seu corpo se acalmando. Ele olhou para os

seus lábios, seu olhar se aqueceu e seus braços a apertaram um pouco mais. *Beije-me,* ela pensou. *Por favor, me beije.*

Ela podia ver a indecisão em seu rosto, mas sabia que *ele* tinha que ser o único a avançar o que quer que isso fosse entre eles. Por um momento, a floresta inteira parou. O mundo inteiro esperou. E então, tão rápido quanto isso, suas bocas se encontraram, e Harper exalou um suspiro de alívio e alegria pelo repentino e irresistível prazer de sua boca contra a dela. O conhecimento de que ele a havia *escolhido*. E ela o escolheu.

Por um segundo, os dois ficaram quietos, então ele soltou um pequeno som, uma combinação entre um grunhido e um gemido quando ele abriu a boca um pouco e a esfregou sobre a dela. Apesar da natureza completamente impraticada do beijo, faíscas atravessaram suas veias, seu sangue aquecendo. Ela não queria assumir o controle do beijo. A espera, a descoberta do que ele faria instintivamente, era mais excitante do que qualquer coisa que ela já tivesse experimentado.

Ele estava segurando-a do chão facilmente com os braços em volta da cintura, e ela procurou ainda mais proximidade com ele. Envolvendo as pernas no corpo dele, juntando seus núcleos. Respirou fundo, mas não desconectou os lábios dos dela. O encontro de seus corpos pareceu lhe dar mais confiança em seu beijo, e ele inclinou a cabeça, seus lábios separados da respiração escapada. Sua língua tocou a dela e ela não pôde evitar, segurando o rosto dele e encontrando a língua de Jak com a dela, mostrando-

lhe o que fazer. O que ela estava praticamente morrendo para ele fazer.

A respiração dele vacilou novamente e então suas línguas estavam torcendo e dançando, e os gemidos que eles estavam fazendo ecoaram no silêncio da manhã coberta de gelo.

— Leve-me para dentro, Jak — ela conseguiu dizer.

Capítulo 31

Ele chutou a porta da sua cabana para abrir, seu chute tão forte que a porta bateu contra a parede, saltando para trás e acertando-o no ombro antes que pudesse levar Harper para dentro.

Um grunhido soou em algum lugar. Deve ter sido ele porque ela respondeu com um dos seus próprios, envolvendo as pernas com mais força em sua cintura.

Ela estava em todo lugar. Toda ao redor dele, dentro dele. O perfume. Calor. E*la.* Ele sentiu a selvageria, a coisa que ele tentava tanto não ser, rasgando-o por dentro, gritando para ceder a ela. — Jak — ela sussurrou entre beijos. O som de seu nome em seus lábios fez seu peito apertar com tanta força que teve que inalar. Ele não podia acreditar nisso. Ela estava aqui. Com ele. Deixando-o toca-la e beijá-la. Quente. Linda. *Dele.* A selvageria avançou, assumindo o controle.

Ele a jogou na cama, e ela soltou uma risada surpresa quando saltou uma vez, depois duas vezes. Ela se acalmou e seus olhos se arregalaram quando ela olhou para ele, mas não com o medo que ele achava que veria. Ele não tinha certeza se estava contente com isso ou não. Ele precisava que ela lhe dissesse se o que estava fazendo era certo ou errado, porque ele não sabia como fazer isso. Tudo o que conhecia eram seus instintos, aquele lobo selvagem dentro dele, e

seus *instintos* queriam *tomar*, queriam que ele perdesse o controle, alimentasse a fome que pulsava em suas veias.

— Você está tremendo — ela disse, tão suave que ele quase não a ouviu pelo barulho do sangue em sua cabeça. Ela pegou a mão dele e puxou-o para baixo, levando uma mão a sua bochecha e traçando-a. Ele fechou os olhos pela felicidade chocante dessa mulher que o tocava... doçura. — Você já se viu em um espelho? — Ela perguntou, alisando uma longa mecha de cabelo da testa dele.

Ele balançou a cabeça, incapaz de falar, seu mundo voltando a ser apenas imagens, apenas sentimentos e cheiros, do jeito que começou a se tornar antes de encontrar o carro, as palavras. Os cadernos que o tornaram humano novamente. Antes que a mãe dela o trouxesse da escuridão.

Ela sorriu, uma curva lenta de seus lábios, os que estavam inchados e rosados de beijá-lo. Ele sentiu orgulho em seu peito que ele a fez parecer daquele jeito. Ele. Ele a reivindicou. Ele desejava que outros machos pudessem ver. *Soubessem* que ela era dele. — Você é lindo.

— Lindo? — Ele franziu a testa. Achava que era uma palavra usada para mulheres, e não sabia se isso significava que ela pensava nele como uma mulher. Isso definitivamente não era o que ele queria.

Harper riu, passando o dedo pela cicatriz novamente. — Bonito. Sexy. Lindo de um jeito masculino. — Era como se ela soubesse o que ele tinha pensado, e isso o fez se sentir feliz. A luz da janela fez sua pele parecer dourada e seus olhos brilharam. Ela era a linda. Ele se inclinou para frente e a

beijou porque podia. Aquele fogo em suas veias ficou mais quente novamente e quando ela soltou um gemido, isso fez um pouco de seu controle escorregar. *Aguente. Aguente.*

Ele precisava sentir o cheiro dela. Em toda parte.

Ele moveu o nariz para o pescoço dela e inalou, e naquele local ele podia sentir o cheiro dela, não as coisas que usava em cima de seu cheiro, mas o cheiro de sua pele. Ela e apenas ela. O cheiro que trouxe os sussurros se movendo rapidamente através de seu sangue. — Eu gosto do jeito que você cheira — ele disse contra sua garganta. Ela soltou um pequeno som que poderia ser uma risada, mas do tipo bom. E ela colocou os dedos no cabelo dele, as unhas arranhando o couro cabeludo. Ele rosnou baixo e depois baixou, parando no topo do suéter dela.

— Você pode tirá-lo — ela sussurrou.

Ele não parou, deslizando o material por suas costelas e acima de sua cabeça, enquanto ela se levantava para ele. Seu sangue disparou quando jogou a peça de lado, mas então franziu a testa quando viu que ela estava vestindo outra coisa por baixo, algo branco que cobria seus seios. Ela riu novamente, mas quando olhou para cima, seus olhos estavam felizes. Ela colocou as mãos atrás da cabeça dele e o trouxe até ela.

Eles se beijaram por mais algum tempo, seguindo a liderança e aprendendo rapidamente o que ela gostava pela forma como ela gemia e pressionava seu corpo contra o dele. Ele amava o gosto da língua dela. O jeito que era macia e molhada e misturada com a dele. Ele amava a sensação dela,

muito menor e mais delicada do que ele. Isso o fez querer protegê-la e lutar por ela.

Ele queria fazer o que ela mandasse. Desde esse momento até a eternidade.

Ele baixou a cabeça entre os seios dela e inalou, seu verdadeiro cheiro ainda mais forte. Isso fez sua cabeça ficar tonta. Isso o fez querer ser mais rápido e pegar.

Ele deixou seus instintos guiá-lo, não pôde evitar. Tirou as roupas dela, necessitava conhecê-la, cheirar todos os seus lugares secretos, tê-la. Ele não queria que ela guardasse segredos dele. Queria conhecer todos eles. Tomar e depois tomar mais e mais e mais. Alimentar-se até que finalmente estivesse cheio e depois dormir e se alimentar um pouco mais. Nela. *Instinto animal,* ele lembrou. *Eu poderia assustá-la. A mulher é sagrada,* ele sussurrou em sua mente, a citação das anotações que a mãe dela escreveu sobre o livro que ele ainda não tinha lido.

Sagrado. Algo que era um tesouro. Para ele, ela era. E ele ainda estava com fome dela. Ele não sabia como equilibrar os dois lados de si mesmo. Não quando ela estava deitada debaixo dele, fazendo sons doces e passando os dedos por seus braços, através de seu cabelo.

— Jak, sim — ela gemeu quando ele tirou as botas e, em seguida, o jeans, deslizando pelas pernas e jogando no chão. Ele veio sobre ela novamente e seus olhos mostraram um vislumbre de medo então. Ele hesitou, tremendo. *Por favor, não me faça parar.* Mas ela estendeu a mão para ele, trazendo-o de volta para ela.

Ele se moveu pelo corpo dela, cheirando todos os lugares que queria conhecer, voltando por cima da barriga dela quando ela ofegou. Ele lambeu sua pele, saboreando o doce e o salgado, beliscando levemente para que seu traseiro saísse da cama.

Ele podia sentir o cheiro do lugar entre as pernas dela, e o cheiro disso tão perto de seu nariz o fez rosnar com a *dor* do prazer pelo modo como seu corpo inchava e endurecia como nunca antes. Ele passou o nariz sobre o monte feminino sob o tecido de sua calcinha e ela agarrou o cabelo dele, puxando. A necessidade de sentir o cheiro dela era uma fome que ele não podia ignorar e com um movimento rápido, ele trouxe o material para baixo de suas pernas e jogou no chão.

Ele a acariciou com o nariz e a boca, inalando, aprendendo o cheiro dela, para que se tornasse parte dele, e ela estremeceu quando o nariz dele esfregou o local abaixo do monte dela.

Ela cheirava a *vida,* como água doce, como terra fértil e frutas perfeitamente maduras que tirariam a dor da fome. Seu perfume feminino era o começo de tudo e o lugar onde ele queria dar o último suspiro. Ela era feita para ele, sabia disso agora. Nenhuma outra mulher. Somente ela.

Ele fez uma pausa, o nevoeiro limpando o suficiente para que pudesse se concentrar em seus sons, o jeito que ela agarrava seu cabelo, e se levantava para encontrar seu rosto. Ele se moveu mais devagar, abaixando-se, respirando, sua língua se lançando para saboreá-la, lamber sua doçura.

Minha, minha, minha, os sussurros cantaram baixo e velho como o tempo e a terra. Ela fez um som profundo em sua garganta e agarrou o cabelo dele com mais força, e então ele a lambeu novamente. *Novamente. Novamente.* Ele amava o gosto dela. Falava com os dois lados dele, tanto o animal quanto o homem. Naquele minuto, o fez acreditar que poderia ser ambos, que não tinha que escolher qual parte dele afastar.

Seus gemidos ficaram mais altos e mais próximos até que finalmente ela gritou seu nome, suas coxas apertando ao redor de sua cabeça e depois soltando lentamente, suas mãos soltando seu cabelo.

Ele sabia o que tinha acontecido porque aconteceu com ele, aquela explosão de prazer que fazia sua pele arrepiar e estrelas explodirem em sua mente. E ele fez isso acontecer com ela. Ele se sentiu orgulhoso. Ele sorriu contra sua coxa, esfregando os lábios em sua pele sedosa.

Ela o puxou e ele subiu pelo corpo dela, deitado ao seu lado na cama. Ela se virou, seus olhos meio abaixados e um sorriso pequeno e feliz em seus lábios. Ela empurrou a camisa dele e ele a removeu, jogando-a no chão, prendendo a respiração. Ela passou a mão pelo cabelo e rosto dele. Ela levou a boca à dele e o beijou lentamente e por vários minutos não havia nada além de seus lábios, sua língua, o sangue bombeando através de seu corpo, o estalar do fogo agonizante e a luz baixa da cabana enquanto o sol se movia em outro lugar no céu. Sua pele morna estava pressionada contra a dele e Jak nunca sentiu nada melhor. Nunca.

Sem tirar a boca da dele, ela desabotoou sua calça jeans, e deslizou a mão para dentro, agarrando-o, esfregando. Ele gemeu, seus lábios se separando dos dela quando abriu os olhos. Ela o estava observando e, por um minuto, seus olhares ficaram fixos enquanto sua mão continuava se movendo. Era quase muita, muita... proximidade quando ele não tinha nenhuma, muito prazer quando ele só tinha dado a si mesmo. *Demais, demais.* Ele não podia acreditar que isso era real. Ele pensou que deveria ser um sonho. *Por favor, não termine. Por favor, não termine.* Ele interrompeu o olhar, apertando os olhos enquanto ela continuou acariciando-o, para cima, para baixo até que ele estremeceu, o prazer explodindo sobre ele como se fosse uma das mil estrelas cadentes, correndo em direção à terra abaixo. Mas ele queria cair, porque quando ele abriu os olhos, ela estava esperando.

Sua respiração diminuiu, o mundo voltou a se juntar em pequenos pedaços, o crepitar do fogo, a luz, a umidade fria de seu prazer, a sensação da mão de Harper subindo por seu estômago. Ele abriu os olhos e ela sorriu para ele, beijando-o uma vez, suavemente, rapidamente.

Eles acasalaram... mas não tinham. Ele sabia que não haviam feito o que os animais faziam quando montavam e empurravam. O jeito que ele empurrava em sua própria mão quando pensava em acasalar com uma mulher que ele queria chamar de sua.

— O quê? — Ela perguntou. — O que você está pensando?

Por um minuto ele não tinha certeza se podia falar, então tomado pelo que eles tinham feito, pelo jeito que eles ainda estavam juntos, a maior parte dela nua, sua mão se movendo sobre as cicatrizes em seu peito. — Humanos... acasalam de tipos e maneiras diferentes?

Ela sorriu, um sorriso doce, sua mão se movendo para outra cicatriz, seu dedo ao longo dela. — Sim, suponho que sim. Não é chamado de acasalamento para humanos. Chama-se sexo. Ou fazer amor. Há termos diferentes também, mas esses são os melhores para começar, eu acho. — Então seu sorriso se transformou em uma careta, quando seu dedo se moveu para a parte da cicatriz em suas costelas que o porco selvagem tinha feito. Ele não queria que ela pensasse nele lutando com porcos selvagens naquele momento, ou nunca na verdade, e então ele se virou um pouco para que o dedo dela se afastasse daquela cicatriz. Seu olhar encontrou o dele e ela disse: — Nós não fizemos amor embora. Isso é... — seus olhos se moveram para o lado e depois de volta para o dele —... diferente. É quando...

— É quando um macho monta uma fêmea e empurra dentro dela. — Ele parou por um momento. Ele se perguntou se ela queria fazer isso, mas não tinha certeza se deveria perguntar. *Ele* queria. Ele podia sentir seu corpo endurecendo só de pensar nisso. Isso nunca tinha acontecido com ele antes, ficar duro logo depois que ele sentiu a onda de prazer que fazia sua semente explodir de seu corpo.

— Sim, está certo. — Um rubor subiu por seu pescoço, e isso o confundiu depois do que eles acabaram de fazer. *Eu*

disse as coisas do jeito errado, é por isso, ele pensou e se sentiu um pouco mal, mas esse sentimento não era tão forte quanto a felicidade que sentia em tê-la em seus braços, de sussurrar um ao outro enquanto suas mãos corriam sobre a pele dele. — Nós não fizemos amor, mas nos tocamos intimamente, e isso é uma coisa muito especial. Para mim, é de forma alguma. — Ela olhou para baixo, para que ele não pudesse ver seus olhos e aquele rubor que subiu por seu pescoço, permanecia em suas bochechas agora. Ele não conseguia entender por que ela estava sendo tímida *falando* sobre isso, quando eles acabaram de fazer isso. Isso parecia... retrógrado. Outra regra que ele teria que descobrir.

— É especial para mim também — ele disse. — Eu quero fazer isso de novo com você. E... de novo.

Ela riu, um som feliz, os olhos brilhando quando ela encontrou o olhar dele. — Eu também. Mas primeiro, me alimente, Jak. Estou com fome.

Ele sorriu. Ele poderia fazer isso. Ele poderia alimentá-la. Nada lhe traria mais felicidade.

***

Eles passaram o dia revezando-se lendo em voz alta *O Conde de Monte Cristo*. Jak lia devagar, com cuidado, e parava quando chegava a uma palavra que não conhecia, seus olhos se movendo várias vezes antes de tentar dizer em voz alta. Nove em cada dez vezes, ele dizia corretamente na

primeira vez. *Ele é inteligente,* Harper pensou repetidamente. *Mais que inteligente.* Se ele se aventurasse no mundo, ele descobriria a sociedade moderna em questão de semanas. Enquanto liam, ele levantou questões que eram ao mesmo tempo sofisticadas, considerando como ele tinha vivido, e extremamente perspicazes. Ele era uma dicotomia completa, selvagem e sensível, sem instrução e astuto, e ele a fascinava sem fim.

Sua pele corou quando ela pensou sobre o que eles tinham feito, a luxúria que tomou conta quando eles se beijaram de uma forma que a luxúria nunca a tinha controlado antes. Desde que ela se formou no colegial, ela tinha a ideia de que experimentar sexo com parceiros de sua escolha e, em seguida, controlar esses relacionamentos, era a chave para sua cura. Ela tomaria de volta seu poder, ela pensava. E, no entanto... ela sempre sentia... longe de seus parceiros. Emocionalmente decepcionada com o resultado. Sozinha como sempre. Então, nos últimos dois anos, ela abandonou completamente o sexo. Ela sabia *por* que tinha problemas sexuais, é claro, mas o conhecimento nunca alterou sua reação a um homem que a tocava. *Até agora.*

Algo sobre isso havia parecido tão... decadente. Era engraçado que aquela palavra em particular lembrasse uma cabana de madeira escassa no meio da floresta, sem um pedaço de luxo a ser encontrado. Mas sim, essa descrição parecia certa. Deitada ali com ele, tocando a pele um do outro na luz dourada da tarde parecia a coisa mais decadente que já havia experimentado. Seus *corpos* estavam decadentes, ela

percebeu. Eles foram feitos para serem assim. Foi uma revelação.

Ela gostava de sua alegria desinibida ao tocá-la. Ela gostava de suas perguntas francas. Elas a despertaram. Excitavam-na.

Jak era obviamente inexperiente, mas havia algo incrivelmente erótico em vê-lo seguir seus instintos quando se tratava de sexo, tocar seu corpo, sentir prazer sozinho. *Eu poderia me apaixonar por esse homem,* ela pensou, mas deixou a ideia de lado. Havia muitas perguntas, muitas incertezas quando se tratava de como um relacionamento com ele poderia dar certo. E de alguma forma seria... injusto pensar muito sobre seus próprios desejos quando se tratava dele. Ele havia vivido uma vida de conflitos e lutas, e tinha muito mais, embora de um tipo diferente, à sua frente. Seria um desafio, para dizer o mínimo, aprender as muitas coisas que sua vida até agora não havia lhe ensinado.

Mas, no momento, esses eram tópicos muito vastos e distantes para se pensar. Pois naquele momento, havia Jak, com a cabeça inclinada para a dela, a testa franzida em concentração, seus belos lábios pronunciando uma palavra que nunca dissera antes. Havia o calor do fogo e o mundo brilhante, reluzente e gelado do lado de fora da janela. Congelados. Assim como o tempo parecia estar aquele dia. Havia a maneira dolorosamente doce que ele sorria timidamente para ela quando o pegou encarando. A maneira como as peras enlatadas faziam-no lamber os lábios de prazer e a forma como os seus beijos se tornavam mais

ousados, mais praticados, mais deliciosamente curiosos à medida que o dia passava.

Eles percorreram os poucos quilômetros até a antiga estrada madeireira, não obscurecida pela espessura da floresta, e Harper conseguiu um sinal. Ela ligou para o orfanato e explicou por que ela não tinha feito o seu turno, e então ligou para Rylee e deixou uma mensagem quando ela não respondeu. Ela pensou em ligar para o agente Gallagher, mas ele não deixou uma mensagem para ela, e ela sabia que ele teria se tivesse alguma informação nova sobre seus pais.

Um pássaro gritou, um belo som que ecoou pelas árvores e Harper sorriu. Jak chamou sua atenção e levantou o rosto, colocando as mãos em volta da boca e imitando a música. Foi tão exato que a boca de Harper se abriu. — Como você fez isso?

Ele sorriu, encolheu os ombros. — Prática. — Ele parou por um momento. — Eu gostaria de saber os nomes das coisas — ele murmurou, quase para si mesmo. — Sei como são e o que fazem, mas não como são chamadas.

— Eu posso ajudar com algumas — Harper disse, — mas eu não sei o nome desse pássaro em particular.

Eles caminharam lentamente de volta pela floresta até sua cabana, uma raposa vermelha os avistando, olhando com os olhos arregalados e se afastando. Harper sorriu, imaginando se a mãe estava caçando para seus bebês.

— As raposas ficam juntas para sempre — Harper disse. Ela sempre gostou disso.

— Nem todas — Jak respondeu.

Harper virou a cabeça. — O quê? Sim, elas ficam.

Ele balançou sua cabeça. — Onde você aprendeu isso?

— Em um livro.

— O livro mentiu. *Algumas* raposas ficam juntas para sempre. Mas nem todas. Eu vi esse cinza com quatro fêmeas no verão passado. Elas estavam em três direções diferentes. Esse cara estava sempre correndo em algum lugar.

— O que ele estava fazendo?

— *Acasalando.*

— Aquele *diabo.*

Jak riu, a risada mais aberta e honesta que ela já ouviu, e o estômago de Harper revirou. — Então, o que uma raposa fêmea deve fazer? Como ela separa as raposas monogâmicas dos solteirões crônicos?

Jak lançou um sorriso, obviamente entendendo o que significava monogâmico e o que era um solteirão crônico. — Todos os homens precisam... se defender. Por que uma mulher deve escolhê-*lo?* Eles fazem isso de maneiras diferentes. Pássaros cantam ou sacodem suas penas. Alguns animais andam extravagantes ou dançam ao redor. — Ele atirou-lhe outro sorriso brincalhão. — Os machos têm cem maneiras de implorar. Mas cabe sempre à fêmea dar o sinal de que ela o escolhe. Até esse momento, ele... circula.

Harper passou por cima de uma rocha que se projetava da neve. — Não no mundo humano. Lá, os homens tomam o que querem — ela murmurou. Ela não tinha planejado dizer isso, mas ela estava perdida no momento e escapou da sua língua.

Jak deu-lhe um olhar curioso e depois parou, virando-se para ela. Ela também parou. — Você quer dizer eu?

Ela balançou a cabeça. — Ah não. Por favor, não pense isso. Não. Eu... — Ela respirou fundo e depois soltou. A floresta estava silenciosa ao seu redor, as árvores acima cortando o azul do céu. Parecia um mundo diferente, em algum lugar ela poderia ser diferente também. Parecia um lugar que manteria seus segredos seguros. E ela descobriu que não *queria* manter segredos dele. Ela queria que ele a entendesse, a *conhecesse*. — Depois que meus pais morreram, a primeira casa em que fui colocada pertencia a uma mulher com um filho adolescente. Ele entrava no meu quarto à noite e... me tocava.

Jak olhou para ela por um momento, sua expressão ficando sombria. — Te tocava? Como... eu te toquei?

Harper assentiu, mordendo os lábios, lutando para manter contato visual. Não era culpa dela, ela *sabia* disso, e ainda, Deus, por que ainda havia tanta vergonha?

— Mas... você era uma criança.

Harper balançou a cabeça novamente. — Sim. Algumas pessoas têm doenças que carregam dentro de si. Doenças de sua alma. Aquele menino tinha.

Ele a estudou atentamente por outro momento, e ela pôde ver as engrenagens do entendimento girando em sua mente. — Seus pais não estavam lá. Você estava sozinha.

— Sim — ela respirou. — Quero dizer, teria sido difícil em qualquer circunstância, mas sim, sem ninguém a quem recorrer... — ela abaixou a cabeça, sacudiu —... foi... horrível.

— A última palavra morreu em seus lábios e Jak se adiantou, embora hesitante. Ele ergueu os braços, sua expressão incerta antes de envolvê-la em seus braços, puxando-a para seu peito grande e sólido, o peito que continha a prova de que ele próprio havia *sangrado* e *machucado* tantas vezes. Sozinho de uma maneira que ela realmente não tinha noção, apesar de seus próprios sentimentos de perda e abandono.

Ele a segurou com força, e ela sentiu a tensão saindo de seu corpo, de sua alma, talvez se isso fosse possível. Ser abraçada... quando foi a última vez que ela simplesmente foi abraçada assim? Não de uma forma romântica, mas com o único propósito de proporcionar consolo? Por sua mãe ou pai, ela supôs. E, oh, há quanto tempo isso aconteceu. Parte dela queria chorar com a doçura disso, do jeito que parecia tão *necessário,* quando ela não sabia o quão desesperadamente ela precisava. E a outra parte dela se maravilhava que esse homem soubesse fornecer a ela. Quando *ele* tinha sido confortado pela última vez, se ele se lembrava? E se ele não lembrava, isso era um ato instintivo? Da mesma forma que ele descobriu, *com bastante habilidade,* como agradar o corpo dela?

Ela o apertou de volta, dando a ele, ela esperava, a mesma coisa que ele estava dando a ela.

Depois de outro minuto ela se afastou, inclinando a cabeça e olhando para ele. — Obrigada.

Ele assentiu, soltando-a e ela sentiu a perda do calor do corpo dele, o modo como ele se sentia tão forte e sólido contra ela, imediatamente.

— Você acha que eu posso ser normal? — Ela virou a cabeça e viu que ele estava olhando para longe, na direção de Helena Springs. Civilização.

— Claro que você pode ser normal, Jak. Você já *é* normal. Seria uma adaptação viver entre as pessoas... se adaptar à sociedade, mas não acho que isso levaria muito tempo.

Ele olhou para ela, sua expressão cheia de vulnerabilidade. Ele poderia esconder sua expressão se quisesse, mas, senhor, quando ele não tentava, era um livro tão aberto, cada pensamento deslizando tão transparentemente através de seus belos traços. — Você acredita em mim.

— Sim. — Ela apertou a mão dele. — Eu acredito em você.

— Eu acredito em você também.

Ela riu e ele sorriu, como se o som lhe desse alegria. Verdadeiramente, suas palavras a fizeram se sentir poderosa. Ele tinha cicatrizes internas e externas, e ela também. Mas ambos se adaptariam, ambos superariam, ambos prosperariam. Naquele momento, ela acreditava em cada fibra de seu ser.

O sorriso de Jak se desvaneceu e ela viu preocupação em seus olhos. — Não sei por onde começar.

— Eu vou te ajudar. — Sua mente girou. Ele precisaria de uma identificação primeiro. Ela apostaria que o agente Gallagher seria capaz de ajudar com isso. Ele precisaria... Ela interrompeu seus pensamentos desordenados. Ele precisaria

de ajuda, orientação, sim, e ela teria que considerar o tamanho do papel que ela deveria desempenhar nisso, mas em qualquer caso, ela poderia colocá-lo na direção certa. Ela tinha fé que ele poderia seguir a partir daí. Ela *quis dizer* isso quando disse que acreditava nele. — Eu vou te ajudar a se ajudar. Você pode fazer qualquer coisa quando souber por onde começar.

Essa mesma preocupação e vulnerabilidade apareceram em sua expressão.

Harper parou, curvando-se e pegando um longo galho em cima da crosta de neve. Ela formou um círculo e depois gesticulou para que Jak se curvasse. Ele fez, um olhar de curiosidade em seu rosto, seu olhar atento. A respiração deles misturava-se, a química chiava como de costume, quando eles se aproximavam daquele jeito, e ela colocou a coroa improvisada sobre a cabeça dele. — Pronto — ela disse, um ligeiro tremor em sua voz. — Eu, Harper Ward, o nomeio Rei do seu próprio Destino deste dia em diante. Que você possa governar seus súditos com dignidade, bondade e... paciência.

Ele ficou de pé em toda a sua altura e, em seguida, removeu a coroa de sua cabeça, colocando-a sobre a dela. — E eu, Jak, nomeio-te Rainha do teu Próprio Destino deste dia em diante. Seja boa para seus súditos. — Ele sorriu um pouco timidamente e Harper riu quando ele colocou a "coroa" sobre a cabeça dela.

Ela pegou a mão dele novamente, e eles andaram pela floresta cheia de neve de mãos dadas. Ela não tinha ideia do

que estaria o futuro deles. No dele. No dela. Mas ela nunca se sentiu assim... abraçada. E naquele momento, com o branco do inverno em torno deles, ela não sentia frio. Porque nem Harper nem Jak estavam sozinhos para enfrentar o que viria a seguir.

Capítulo 32

Mark ergueu a aldrava ornamentado de ouro e bateu na porta maciça esculpida, olhando de volta para o portão de segurança pelo qual ele atravessou, o nome da propriedade escrito em letras cursivas acima: Thornland. A porta se abriu e um homem de uniforme de mordomo parou diante dele. Ele inclinou a cabeça. — Senhor, por favor, entre. O Sr. Fairbanks está esperando por você na sala de estar.

Mark entrou, sentindo como se tivesse acabado de entrar num jogo de Detetive, e a senhorita Scarlet ia deslizar pela grande escadaria curva a qualquer momento com um candelabro.

O mordomo seguiu o caminho, estendendo o braço em direção a outra grande porta que Mark imaginou levar à sala de visitas onde morava o dono dessa propriedade e os muitos hectares de terras ao redor da fazenda. Ele ligou para o número de contato do site que a mulher da biblioteca visitara e falou com a secretária de Halston Fairbanks. Ele tinha saído do escritório na época, mas Mark havia recebido uma ligação algumas horas depois, dizendo que Fairbanks poderia se encontrar com ele em sua casa fora de Missoula.

— Obrigado — ele disse ao mordomo quando entrou na sala. Um homem mais velho estava de pé ao lado de um carrinho de bar perto da janela e se virou quando a porta se fechou atrás de Mark.

— Sr. Fairbanks — Mark disse, caminhando até o cavalheiro alto e de ombros largos e estendendo a mão. — Agente Mark Gallagher. Obrigado por me receber.

Deu um forte aperto de mão no Sr. Fairbanks, seus olhos avaliando. — Agente Gallagher.

— Por favor, me chame de Mark.

O Sr. Fairbanks assentiu quando se virou, voltando para o carrinho do bar. — Me chame de Halston e temos um acordo. Estava apenas me servindo uma bebida. Para o happy hour, o que você me diz? — Ele sorriu, grandes dentes brancos e retos brilhando. — Junte-se a mim?

— Não, senhor, obrigado. — Eram apenas quatro horas e Mark não bebia no trabalho, mas ele achava que aquele homem era rico o suficiente para designar o happy hour a qualquer hora que ele escolhesse.

— Há quanto tempo sua família mora aqui em Thornland? — Mark perguntou, enquanto ouvia o gelo caindo em um copo.

— Está na família Fairbanks há quatro gerações agora. Quase um milhão de hectares de terras nobres de Montana, que se estendem por seis condados. — Mark conhecia essa parte porque tinha procurado antes de chegar lá. Ele também sabia que a família Fairbanks ganhara sua riqueza substancial como uma das dez maiores madeireiras dos Estados Unidos. O atual CEO da Fairbanks Lumber virou-se, sorrindo e girando um copo de cristal de líquido âmbar. — Mas tenho certeza de que você não está aqui para discutir Thornland. O que é que posso fazer por você, agente? — Ele

inclinou a cabeça para um grupo de assentos e Mark se sentou em uma das cadeiras de veludo azul, Halston sentado à sua frente enquanto tomava um gole do copo.

— Sr. Halston, estou aqui porque uma mulher foi encontrada morta em Helena Springs há pouco mais de duas semanas e tenho motivos para acreditar que ela entrou em contato com seu escritório um dia antes de morrer.

— Morrer?

— Sim senhor.

Halston Fairbanks olhou Mark por cima do copo, tomando outro gole e colocando o copo de lado. Ele soltou um suspiro. — Emily Barton.

Mark foi pego de surpresa. — Ainda não sabemos o nome da vítima. Recuperamos algumas impressões, mas até agora...

— Era Emily Barton. — Halston suspirou, esfregando o olho. — Como ela morreu? Overdose?

— Não. Foi um homicídio.

Isso pareceu surpreender Halston, e por um momento ele simplesmente olhou para Mark. — Assassinada? Por quê?

— Nós não sabemos disso ainda.

A cor tinha sumido do rosto de Halston e, por um segundo, ele simplesmente abriu a boca antes de pegar o copo de novo e engolir o líquido restante.

— Ainda estamos reunindo informações sobre a vítima e o crime. O nome que você forneceu, se correto, irá nos ajudar muito a fazer isso. Você pode me dizer como a conheceu?

Halston recostou-se na cadeira, parecendo precisar de um momento para se recompor. Mark deu a ele, olhando ao redor da sala, observando as paredes com painéis, as cortinas caras, os dois conjuntos de móveis de luxo, o piano de cauda no canto. Ele não podia imaginar acordar todos os dias em um lugar como este. Seria como viver em um museu.

— Emily Barton — Halston murmurou. — Ela é a mulher que arruinou a vida do meu filho. E minha, embora tenha a maior parte da culpa por isso.

Mark se inclinou para frente. — Acho que você precisa me contar sobre Emily.

Halston suspirou, encontrando o olhar de Mark. Ele parecia cansado de repente, mais velho do que aparentara. — Meu filho, Hal Junior, envolveu-se com Emily Barton quando ele tinha apenas dezoito anos de idade, toda a sua vida pela frente. Eu disse a ele para deixá-la. Ela era bonita de se olhar, mas lixo é lixo. Eu não sei quantas vezes disse a ele para não deixar uma prostituta de segunda com cifrões nos olhos prendê-lo. O garoto não deu ouvidos. — Halston fez uma pausa, olhando para o passado, sua expressão definida, profunda tristeza nos olhos. — Não demorou seis meses antes que ele a engravidasse, o idiota. Eu lhe ofereci dinheiro para sair da cidade. Disse a ela que nunca conseguiria um centavo de outra forma. Como esperado, ela aceitou.

Quando Halston ficou em silêncio novamente, Mark perguntou: — O que você acha que ela fez com o bebê? — *Seu neto. Seu sangue.*

— No momento? Eu não me importava, desde que ela não desse a ele ou a ela nosso nome. Eu nem estava convencido de que o bebê era do meu filho. Garotas assim... Bom, de qualquer forma. Agora? O tempo e as circunstâncias mudam as coisas, não é? — Ele fez uma pausa e, quando começou a falar novamente, sua voz ficou embargada. — Hal nunca foi o mesmo depois que ela saiu da cidade. Imaginou-se apaixonado por ela, suponho. Ele se envolveu com substâncias ilegais, graças a ela, mas quando ela desapareceu sem dizer uma palavra, ele começou com coisas mais pesadas. — Ele balançou a cabeça, seus ombros cedendo. — Ele foi morto em uma corrida de alta velocidade, heroína em seu sangue.

Mark respirou fundo, seu coração indo para o homem. — Sinto muito pela sua perda. Eu também perdi uma filha. Eu conheço a agonia.

Halston Fairbanks encontrou seus olhos, uma compreensão piscando entre os dois homens que sobreviveram ao que não se pode sobreviver. Apesar da diferença na maneira como Mark lidaria com a situação de que Halston Fairbanks falou, a perda de um filho era algo que Mark não desejaria a ninguém. Ele fez a oferta que levou Emily da cidade e talvez tenha levado ao declínio do filho, mas Emily Barton aceitou.

Mas agora? Halston Fairbanks parecia um velho cheio de arrependimento. — O que ela fez com o bebê?

— Eu não sabia até duas semanas atrás. Acontece que o menino estava a menos de uma hora de mim toda a sua vida.

Emily o entregou a um homem que o criou fora do radar, longe da sociedade. Ele cresceu na floresta fora de Helena Springs.

O menino. Criado fora do radar. Mark ficou em choque por um momento, digerindo a informação.

Lucas.

Santo Cristo. Lucas tinha família. Lucas era um *Fairbanks.* A mulher na pousada com uma flecha na garganta era sua *mãe.* Mas se ela o deu para adoção, legalmente ou não, por que, no mundo, ela optou por entregá-lo a Driscoll em vez de uma boa família nos subúrbios? Teria sido simplesmente uma questão de dinheiro? Ele se encolheu internamente, imaginando algumas das coisas impensáveis que viu as mães fazerem aos filhos por drogas ao longo de sua carreira.

Halston Fairbanks tinha acabado de fornecer várias respostas e introduziu uma série de novas perguntas.

— Isaac Driscoll.

— Desculpe?

— Esse é o nome do homem cuja propriedade ele está vivendo. Embora dizer que 'ele o criou', é um exagero. Lucas, esse é o nome do seu neto, disse que ele mal tinha um relacionamento com o homem. E Isaac Driscoll foi encontrado morto uma semana depois de Emily Barton, assassinado da mesma maneira.

Mais uma vez, Halston Fairbanks ficou boquiaberto, mas depois balançou a cabeça, soltou um grunhido. — Não posso dizer que sinto muito.

Mark entendeu isso. Agora que estava ficando claro que Driscoll tinha muito mais a ver com Lucas vivendo sozinho na floresta do jeito que estava, e que seus motivos eram mais que nefastos de alguma forma que Mark ainda estava tentando entender, ele não podia também sentir muita simpatia pelo homem morto. Lucas era um assunto diferente. Lucas nunca teve a chance de viver uma vida normal. Mas *por quê?*

— Hoje é a primeira vez que você está ouvindo o nome dele? Você não sabia nada sobre ele antes de duas semanas atrás?

Ele balançou sua cabeça. — Nenhuma coisa.

— Você sabe qual poderia ter sido a conexão de Emily com Driscoll? Ela lhe deu alguma indicação de por que ela entregou o bebê?

— Porque ela era viciada. Ele provavelmente pagou a ela. Quem sabe?

Ambos ficaram em silêncio por um momento, Mark tentando juntar essa nova informação. Ele ficou surpreso que as impressões digitais da vítima não estivessem no sistema. Era raro que uma pessoa com uma vida de dependência, se Halston estivesse certo, evitasse pelo menos uma ou duas brigas com a lei. Ela teve sorte. Em uma frente pelo menos.
— O que Emily queria na noite em que ela ligou de Helena Springs?

— Dinheiro. Ela sempre quis dinheiro.

Mark franziu a testa. — Por que ela acha que você daria a ela? — O filho dele estava morto. Foram duas décadas. Com o que ela poderia ameaçá-lo?

— Para dar uma vida para ela e o menino — ele disse. — Ela gastou todo o dinheiro que lhe dei originalmente e o dinheiro que ela poderia ter ganhado com a adoção, e cedeu ao seu vício de novo. Ela voltou para a cidade antes, pediu dinheiro, mas não me deu nenhuma informação sobre a criança, exceto que ele tinha sido adotado. Duas semanas atrás, ela me contou como ele havia sido criado, se é que você pode chamar assim, na floresta como um maldito animal. Mas não por quem. — As palavras surgiram através de dentes cerrados, o último soando embargado. Halston Fairbanks baixou a cabeça, respirando fundo várias vezes, os ombros tremendo com o movimento. — Ela disse que pegou uma carona de um amigo e só tinha dinheiro suficiente para pagar uma semana de estadia na cidade, mas não mais. Disse que era *minha* culpa que as coisas tivessem saído do jeito que tinham. Foi por minha causa que ela foi forçada a fazer as escolhas que fez. Eu a encurralei em um canto e agora vidas estavam arruinadas. Ela disse que estava de volta para corrigir os erros, e eu poderia fazer o mesmo se desse a ela e ao menino o suficiente para começar uma nova vida. — A última palavra de Fairbanks emergiu em um sussurro quebrado e Mark deu-lhe um momento para se recompor.

Depois de um minuto, Mark perguntou: — Lucas está com vinte e poucos anos, se estou fazendo as contas corretamente. Você sabe por que Emily queria construir uma

vida para eles *agora?* Por que ela esperou tanto? Ele é um adulto.

Halston encolheu os ombros. — Porque no passado a garota não conseguia se limpar. Desta vez, ela me disse que estava limpa há um ano, embora não acreditasse nela. Ou se ela estivesse, não iria ficar por muito tempo. Quanto a Lucas, ele é um adulto, sim, mas que perspectivas ele tem para fazer uma vida para si mesmo? O menino deve ser completamente selvagem. — Ele parecia derrotado, não como um homem que construiu um império.

— Ele não é. Eu o conheci. Ele... viveu uma vida incomum, sim, mas ele não é um animal.

Halston olhou para Mark, algo que parecia o brilho de esperança que entrava em seus olhos.

— Qual é a probabilidade de ele viver uma vida normal?

— Normal? Eu diria que depende da sua definição. Eu não sou psicólogo, Halston, e não posso começar a adivinhar que tipo de dano psicológico veio a ele depois do severo isolamento que ele experimentou. Mas ele é inteligente. Ele é obviamente um sobrevivente. Eu arriscaria um palpite de que ele poderia se adaptar à sociedade se quisesse fazer isso.

Halston suspirou, olhando para o lado novamente, parecendo estar imerso em pensamentos.

Mark se inclinou para frente. — Você se arrepende de ter rejeitado seu neto? Deixar Emily desistir dele para adoção?

Halston Fairbanks pressionou os lábios. — Eu agi apressadamente, com motivos egoístas em mente. Eu...

Suponho que ele nunca será realmente um de nós, mas o mínimo que posso dar a ele é o nome dele. Se ele escolhe aceitar, depende dele. Qual o sobrenome dele agora? Barton ou Driscoll?

— Nenhum. Apenas Lucas. Ele nunca teve um sobrenome. Ele está sozinho há muito tempo.

Halston juntou os dedos e murmurou uma maldição.

— Junto com um nome, você acha que poderia lhe dar um lar também?

Halston Fairbanks olhou para cima, parecendo surpreso. — Um lar? Tinha entendido que ele tinha uma casa.

— A cabana onde ele viveu a maior parte de sua vida pertencia a Isaac Driscoll e agora pertence a uma irmã que é intransigente em permitir que Lucas fique lá.

— Entendo. — Ele apertou os lábios, olhando Mark nos olhos. Por vários segundos, ele não disse nada e, em seguida: — Se o menino aceitar, ele tem uma casa aqui em Thornland.

Capítulo 33

O carro branco que ele havia visto estacionado ao lado da casa de Driscoll tinha sumido, o que significava que Driscoll também. Jak observou a casa da luz fraca da floresta por alguns minutos, certificando-se de que ele não visse o movimento através de uma das janelas empoeiradas. Seu olhar se moveu para as árvores, apertando os olhos para a luz enquanto olhava de perto para aquilo também, procurando aquele pequeno flash de algo que não pertencia ali. Ele não viu, mas o dia estava nublado e cinzento e não tinha certeza se veria uma câmera, mesmo que houvesse uma.

Ele teria que se arriscar.

Ele passou os últimos dias repassando as coisas que a mulher ruiva lhe dissera, a maneira como ela o fez sentir, as perguntas que ela trouxe à sua mente. Ele sentiu que ela estava mentindo para ele, e ele não tinha compreensão suficiente do mundo para entender isso. Mas ele sentiu em seu íntimo que isso levava a Isaac Driscoll.

Isaac Driscoll era o único que dava informações a Jak. Isaac Driscoll era o único que explicava o que acontecia no mundo fora da floresta, o que era seguro, o que não era e quem e o que ficar longe. Ele deu abrigo a Jak, fogo, então ele não precisava sair.

Mas e se Isaac Driscoll fosse louco?

E se *ele* estivesse mentindo?

Mas por que ele iria? Jak não conseguia descobrir uma razão, então ele se perguntou se a pergunta fazia *dele* o maluco. Ele não achava.

Ele pensou em tentar andar na cidade, à distância, no entanto muitos dias ou semanas poderiam levar. Seu velho medo sobre o inimigo matando crianças poderia estar por trás dele agora. Ele não era mais uma criança. Ele era um homem. Seu corpo era forte e musculoso. Ele sabia usar uma arma. Ele poderia lutar. Ele poderia matar se precisasse.

Sempre que ele pensava nisso, sempre falava a si mesmo para ficar longe. Mesmo que estivesse sozinho, encontrou alguma paz em sua vida, e não parecia haver uma boa razão para se afastar de tudo o que sabia em uma guerra. Ele ainda lutava porque não havia nada com o qual pudesse contar sempre além da natureza, mas aprendera a se preparar para os invernos o melhor que podia, e era o mestre de seu pequeno mundo. Por que arriscar?

Mas agora...

Agora as coisas mudaram e Jak precisava saber.

Ele se moveu rapidamente de uma árvore para outra, um lobo nas sombras, enquanto continuava procurando por câmeras ou qualquer outra coisa que pudesse não pertencer ao lugar, algo que ele nunca procurara quando ia ver Driscoll antes. Depois de observar a casa por um tempo, ele colocou os sapatos baixos e saiu para a neve como se tivesse vindo trocar alguma coisa. Ele não achava que Driscoll estava em casa, mas ele preferia ter certeza antes de entrar.

Na bolsa pendurada nas costas, ele tinha um chapéu feito de pelo macio de coelho que diria a Driscoll que queria trocar por fósforos se o homem *estivesse em* casa.

Ele deu um passo para o lado enquanto subia os degraus, não removendo os sapatos baixos para não fazer pegadas. Ele bateu na porta, suas mãos enluvadas fazendo o som suave, mas não o suficiente para que Driscoll não ouvisse se ele estivesse dentro. Jak esperou um minuto antes de bater de novo para ter certeza. Quando ainda não havia resposta, ele tentou a maçaneta, mas estava trancada. Ele ficou lá por um minuto, tentando descobrir uma maneira de abrir a porta, além de quebrá-la. Sem saber, ele desceu os degraus com cuidado e caminhou ao redor da casa, tentando cada janela ao longo do caminho. A segunda janela do lado escorregou quando ele empurrou com força. — Sim — ele murmurou. Ele tirou os sapatos e os deixou no chão. Em um minuto, Jak estava de pé na sala de estar de Driscoll.

Ele andou pela sala, não fazendo nenhum som. Jak sabia como ficar em silêncio, rápido. Sua vida dependia disso. Não havia ninguém na sala principal e a área da cozinha estava vazia. Jak soltou um suspiro e começou a olhar em volta. As coisas pareciam do jeito que sempre estiveram quando estava lá para negociar. Exceto... Ele viu uma pilha de cadernos em uma pequena mesa ao lado da cadeira. Ele abriu a que estava em cima e uma pilha de fotos caiu no chão. Jak começou a tirar suas luvas de pele de cervo quando parou, o rosto olhando para ele do lado direito de seu pé... familiar. Ele o tinha visto antes, olhando para ele de um local

de água clara. E ele conhecia as roupas. Ele estava usando elas agora. Chocado, ele pegou a foto, virando alguns dos outras e congelando quando viu que eram todas *dele.*

Ele se levantou devagar, olhando através das fotos, insetos começando a zumbir em sua cabeça enquanto sua pele esfriava. Em uma delas ele estava arrastando um cervo pela floresta, um longo rastro de sangue deixado atrás dele, em outro ele estava sentado em uma pedra na margem do rio tirando escamas de um peixe. Ele passou por elas mais rápido, piscando. Elas voltaram para quando ele era apenas um garoto, ainda no mesmo jeans que usava na noite em que foi levado e acordou na beira do penhasco. Pup estava na maioria. Driscoll sabia que ele não era selvagem. Ele *sabia* que pertencia a Jak. Ele o matou de propósito.

Jak segurou as fotos, confusão profunda e raiva agitando-o. Ele as colocou de lado e começou a ler o diário no topo da pilha... sobre um gambá e um cervo e um lobo. Todos os diários eram os mesmos. Ele leu algumas das inscrições, um nó encheu sua garganta. Ele colocou as fotos no bolso, elas eram *dele,* prova de tudo que ele fez para sobreviver. Olhar para elas o trouxe de volta àqueles tempos e o fez se sentir tonto. Doente.

Ele colocou os diários de volta onde estavam, e então ficou de pé, segurando o cabelo nas mãos. Driscoll tinha visto. Ele viu e ele não ajudou. Sentiu um grunhido na garganta, mas engoliu, parou em vez de destruir a casa, quebrar móveis...

Ele ouviu um barulho vindo do quarto e ficou agachado, um rosnado baixo saindo de sua garganta, suave demais para qualquer um ouvir. Ele virou a cabeça para que as orelhas ficassem para cima, cheirou o ar.

Ele soltou um suspiro lento. Apenas um pássaro distante.

Ele se levantou devagar, caminhou até o quarto com pernas que pareciam rígidas como troncos de árvores. O quarto estava vazio. Jak foi até a cômoda, abrindo as gavetas, procurando o que não sabia. Ele abriu a gaveta da mesa ao lado da cama. Havia um pedaço de papel com algumas formas desenhadas nele... três quadrados, dois Xs, uma linha ondulada e uma palavra no fundo que ele não conhecia. Ele achava que sabia o que o desenho poderia ser, mas ele não pensou mais sobre isso naquele momento, mesmo que a doença tivesse surgido em sua garganta.

Havia um pequeno pedaço de papel ao lado do mapa que tinha o nome *Peg's Diner* no topo. Listava ovos e bacon e tinha um preço próximo a cada coisa. *Peg's Diner?* Os locais que tinham comida estavam abertos durante as guerras?

Jak não achava.

Ele fechou a gaveta com tanta força que a mesinha quase caiu.

Ele olhou ao redor do quarto, tentando entender *alguma coisa* quando viu a foto sobre a cômoda de Driscoll, aquela sobre a qual ele havia falado. Jak lembrou-se de seus olhos e de como eles tinham se enchido de tanta... excitação. Ele caminhou em direção a ela lentamente, em pé na frente dele,

um homem agora, quando a última vez que ele viu, ele era um menino, não muito mais alto do que a cômoda.

Seu olhar percorreu os lutadores que seguravam lanças e escudos e... arcos e flechas. O que Driscoll disse há tanto tempo?

Sobrevivência é o maior treinamento de todos.

Seu cérebro estava zumbindo de novo, e ele não conseguia manter seus pensamentos. Ele olhou em volta novamente, mas não viu mais nada. O que ele já tinha era o suficiente. O suficiente para dizer-lhe que algo terrível estava acontecendo. Algo que poderia virar seu mundo inteiro de cabeça para baixo.

Novamente.

Ele saiu de casa da mesma maneira que veio, fechando a janela atrás dele e caminhando para a estrada. Ele sempre ficou longe dela porque Driscoll havia dito a ele. Driscoll contou-lhe muitas coisas. Muitas coisas. Sua cabeça doía e sua pele coçava por toda parte, mas ele ignorou os sentimentos, puxando seu pesado casaco em torno de si e andando. Ele encontrou a estrada e a seguiu, andando por horas, até chegar a outra estrada e depois outra. Nenhum carro passou por ele, mas ele estava pronto para se esconder se eles passassem.

Essa terceira estrada levou a uma estrada maior que era feita de material duro. Deixou os sapatos encostados a uma árvore, abaixando-se atrás dela enquanto um carro se aproximava, saindo depois que era apenas um ponto

distante. Ele caminhou novamente, se escondendo quando ouvia um carro vindo e depois saindo quando ele se foi.

Depois de um tempo, os carros passavam a cada poucos minutos, e Jak avistou os topos dos prédios ao longo de uma colina.

Ele estava com fome e sede, e estava andando por horas, mas se moveu em direção a esses edifícios, seu coração batendo rapidamente em seu peito como se estivesse caminhando em direção à morte. Talvez ele estivesse. Sua alma parecia que estava morrendo a cada passo, cada carro que passava, os motoristas não parecendo assustados, nem mesmo rindo.

Jak entrou na cidade de Helena Springs quase à noite, as luzes da cidade piscando e brilhando. Ele se perguntou se talvez estivesse sonhando. Se ele tivesse adormecido na margem do rio sob o sol quente e depois acordasse, Pup lambia seu rosto e dizia que era hora de caçar.

Helena Springs, ele repetiu em sua mente enquanto lia a placa. Parecia que conhecia há muito tempo, talvez, mas não tinha certeza. Ele morou em Missoula com sua baka. E Missoula estava em Montana. Montana estava nos Estados Unidos. Os Estados Unidos estavam no... mundo. Isso é tudo o que ele sabia. Sua baka havia lhe dado um globo uma vez, e ele sabia sobre alguns outros lugares, sabia que o mundo era redondo, mas principalmente, ele não se lembrava.

Ele entrou por uma entrada escura, olhando do outro lado da rua para o lugar chamado no pequeno pedaço de papel na casa de Driscoll: *Peg's Diner.* Era brilhante por

dentro e uma mulher em um vestido rosa com um avental estava atrás de um balcão, servindo algo para as pessoas sentadas na frente dela. Ao lado, havia uma caixa de vidro cheia de... tortas. Seus olhos se moviam lentamente, sua visão turva. Sentada em uma mesa na janela havia uma mãe e um garotinho, o menino levando um pouco de comida para a boca. *Um hambúrguer.* Ele sabia o que era, *lembrava-se de* comer um deles, e, mesmo enquanto a cabeça dele nadava, seu corpo não se aquietava e seu estômago roncava alto. A mãe do menino sorriu para o que ele acabara de dizer, pegando sua própria comida e dando uma mordida.

Jak estava com fome. Com fome, sofrendo e sozinho.

Assustado. Confuso.

Um som surgiu na garganta de Jak, algo que ele nunca tinha feito antes.

Um casal passou pela lanchonete, de mãos dadas e conversando, o homem jogando a cabeça para trás e rindo de algo que a mulher disse.

Não havia *guerra.*

Nenhum inimigo.

Era uma cidade tranquila em uma noite cheia de paz.

Haviam mentido para Jak.

Enganado.

Por que, por que, por quê?

O mundo começou a girar.

Ele caiu no chão, segurando a cabeça enquanto seu corpo começou a tremer. T*udo* tinha sido uma mentira.

Capítulo 34

Jak estava cheio de uma mistura de felicidade e medo. Ele tinha alguém em quem confiar, alguém que poderia ser capaz de se abrir. Talvez não sobre tudo, mas a maior parte. Alguém que se importasse e fosse gentil, uma mulher que fazia seu coração disparar no peito e fazia o sangue correr mais rápido em suas veias. Uma mulher que ele queria em todos os sentidos.

Ele não queria que ninguém soubesse todas as coisas terríveis sobre as maneiras que sobreviveu, mas ele poderia contar a ela a maioria. Mesmo *ele* tentando esquecer algumas partes, estremeceu quando uma lembrança veio a ele sem que tentasse. Estava com medo de que Harper ficasse... repugnada se soubesse tudo que ele tinha feito para viver, mas ele também estava com medo que ela pensasse que ele era uma criança estúpida que poderia ser enganado do jeito que foi. Toda a vida dele... uma mentira, e ele ainda não sabia *o motivo*.

Ele saberia agora que Driscoll estava morto? Isso importava? Ele era quem ele era. Isso era tudo.

Harper ficou na frente do fogo e esfregou as mãos, as aquecendo. Ele deixou seus olhos se moverem pelo corpo dela, querendo puxar sua calça, se ajoelhar atrás dela e colocar sua língua entre as pernas naquela posição. Ela deixaria? Seus joelhos tremeriam? Ela o tocaria de novo do jeito que ela tocou antes? Ele queria fazê-la tremer e gritar

seu nome novamente. Animais machos deixavam saber o que queriam e esperavam que a fêmea desse um sinal de que ela também queria. Mas como um *homem* pedia algo assim? As palavras a fizeram corar antes, e ele ainda não sabia exatamente o porquê, mas ele não achava que pedir com as palavras era a coisa certa a fazer.

Ele deveria apenas... tocá-la? Ela gostaria disso?

Os animais tornavam mais fácil do que as pessoas.

Ela se virou, dando-lhe um sorriso por cima do ombro, arregalando os olhos quando captou o olhar dele como se tivesse lido os pensamentos em seu rosto. O som quieto de passos na neve chamou sua atenção, suave, mas chegando mais perto. Ele se virou de Harper, indo em direção à porta. Ouvindo. Esperando por um perfume. O som chegou mais perto, então alguém subiu seus degraus. Um homem. Isso foi seguido por uma batida.

Jak ficou tenso, um grunhido subindo em sua garganta. Quando ele viu que Harper estava olhando, ele fechou a boca, fazendo seu corpo relaxar.

Ele se aproximou da porta quando uma voz masculina chamou: — Lucas, é o agente Gallagher.

Lucas.

Ele já havia esquecido esse nome.

Ele franziu a testa enquanto ia até a janela e espiava para fora. O homem estava de pé ao lado da porta, com uma enorme jaqueta, e botas com pelo no topo que vinha de um tipo de animal que Jak nunca tinha visto na natureza.

Nenhuma arma e... sem carro, o que significava que de onde veio, ele andou.

— Você pode confiar nele, Jak — Harper disse, aproximando-se e colocando a mão no braço dele. — Eu confio.

Ele percebeu quão tenso seu corpo estava e encontrou seus olhos, assentindo. Quando abriu a porta, o olhar do agente foi rapidamente atrás dele para onde Harper estava de pé. Ele soltou um suspiro. — Bom, você está aqui. — Ele olhou para Jak. — Posso entrar?

Jak abriu mais a porta e o agente entrou, olhando ao redor da cabana enquanto tirava o casaco grande. — Eu estava preocupado — ele disse, novamente para Harper, dando a Jak um olhar que ele sabia que significava que não confiava nele o tempo todo. Jak podia entender isso, mas ele não gostava que esse homem se preocupasse com a mulher que ele já estava pensando como sua. Ele queria que esse fosse seu trabalho.

— Estou bem — Harper disse, pegando a jaqueta e pendurando-a no gancho na parede ao lado de onde ela havia pendurado a dela. Jak gostava que ela já conhecesse a casa dele, gostava que ela estivesse agindo como se vivesse ali. — Você estava procurando por mim?

— Sim. Eu te liguei várias vezes. Quando você não respondeu, fiquei preocupado. Lembrei que você disse que estava pensando em vir para cá.

Harper franziu a testa. — Oh, eu não vi que tinha ligações perdidas. O sinal é tão irregular aqui fora. Talvez

suas mensagens não tenham passado antes de eu me mudar para um local onde não havia serviço.

O agente deu a Jak outro olhar que tinha algo no qual Jak não sabia o nome. Não era uma boa olhada embora. Dizia a Jak que o agente se perguntara se Jak machucara Harper e viera resgatá-la se ela precisasse de resgate. Jak achou que ele tinha olhos bonitos no prédio do xerife, mas agora não gostava dele.

— Eu meio que falhei no trabalho que me pediu para fazer, já que você dirigiu até aqui. — Harper olhou para trás e para frente entre o agente e Jak com um sorriso nervoso no rosto como se ela quisesse que eles fossem amigos.

O agente riu brevemente. — Não, está tudo bem. Entendo porque você ficou aqui. Pedi que o policial me deixasse na estrada próxima e depois caminhei. É como uma floresta de gelo lá fora.

— Oh. — Harper franziu a testa novamente. — Eu odeio que você teve que fazer isso por minha causa. Obrigada pela sua preocupação. — Ela olhou para Jak. — Mas realmente, estou bem. — Ela sorriu para ele e depois corou. Jak olhou para o agente, esperando que ele tivesse visto e soubesse o que isso significava.

— Estou realmente feliz por ter dirigido. — Ele deu um pequeno sorriso para Jak. — Ou caminhado conforme o caso. Eu queria falar com você. Descobri algumas coisas que acho que você deveria saber. E espero que responda a mais algumas perguntas.

— Você quer se sentar? — Harper interrompeu, levando o agente até a mesa de Jak. Ele os observou por um minuto quando Harper apontou para um dos bancos, certificando-se de que estava confortável. Foi onde Jak sentou-se com Harper e sentiu algo estranho borbulhando em seu peito. Não, não borbulhando... mas... ele odiava que não pudesse explicar para si mesmo como se sentia de minuto a minuto. Talvez se pudesse explicar como se sentia, poderia se convencer disso. Assim, tudo o que tinha eram os sentimentos. Nada mais.

Depois que os dois se sentaram, Jak caminhou lentamente até a mesa, juntando-se a eles. O agente estava olhando para ele, o olhar em seu rosto não significava nada e Jak olhou de volta. Ele sabia que, se outro homem olhasse para ele, ele não poderia ser o primeiro a desviar o olhar ou mostraria medo. O agente também sabia disso, ele sabia.

— Lucas...

Harper pigarreou, dando uma olhada em Jak.

— Estou perdendo alguma coisa aqui?

Jak suspirou. Ele disse a Harper seu nome e não queria que ela precisasse mentir para ele. — Eu menti sobre o meu nome. Meu nome é Jak. Eu disse a verdade quando disse que não sabia meu sobrenome.

O agente inclinou a cabeça. — Por que você me deu um nome falso?

— Eu não sabia se podia confiar em você. — *Eu ainda não sei.*

O homem olhou para ele por um momento, dois, mas depois assentiu. — Eu entendo. — Jak observou-o, acenou de volta. — Jak então... pode me dizer de novo o que você lembra sobre ter sido deixado por seus pais?

— Eu... não me lembro de nada, exceto ficar sozinho e precisar... sobreviver.

— Isso é tudo? Nada mais? Nada sobre... ser deixado aqui? Nada antes disso?

Jak sacudiu a cabeça, sem olhar para Harper. Ele odiava mentir na frente dela. Isso o fez se sentir mal por dentro depois que eles compartilharam a verdade, depois que ela contou a ele seus segredos. Ele lutava dentro de sua própria mente, sem saber o que fazer, tentando explicar as razões pelas quais deveria dizer a verdade, e as razões pelas quais não deveria.

O agente Gallagher suspirou e todos ficaram em silêncio por um minuto, algo no ar que deixou Jak... inseguro. O homem mais velho entrelaçou os dedos, as mãos na mesa. — Jak, posso te dizer por que me mudei para Montana? Por que peguei um novo trabalho aos cinquenta e quatro anos, em vez de ficar na Califórnia em um emprego que amava? Na casa em que minha esposa e eu tínhamos trabalhado tanto? O lugar onde nós criamos a nossa filha?

Jak tentou esconder sua surpresa. Ele assentiu devagar. Harper também pareceu surpresa ao observar o agente.

O agente Gallagher soltou um longo e lento suspiro. — Nossa única filha, Abbi, morreu de leucemia há três anos. Ela tinha vinte anos. Ela lutava contra a doença desde os

dezessete anos e era formada no ensino médio. Nós... — Sua voz falhou então, e Jak pôde ouvir a tristeza quebrável, como o estalo distante de algo longe que você não podia nomear, mas sabia que tinha perdido um pedaço de si mesmo. — Nós a enterramos e tentamos encontrar uma razão para continuar vivendo. — Ele parou por um longo tempo, olhando para as mãos.

Jak notou que Harper tinha o mesmo olhar de tristeza no rosto dela como o do agente Gallagher. *Eu entendo você,* seu olhar dizia. Ela era gentil. Boa. Isso fez Jak se sentir... gentil com ela.

— Um dia, minha esposa e eu estávamos na mercearia e nos deparamos com uma das melhores amigas de Abbi, Ella. Nós não a víamos desde o funeral e... bem, ela estava grávida de seis meses, animada por estar grávida pela primeira vez. Nós dissemos todas as coisas certas, suponho. Sorrindo. Mas... nos quebrou. Minha esposa e eu fomos para casa e ficamos lá sentados... — ele balançou a cabeça —... foi como perdê-la de novo. Perder o que teria sido. Nós vivíamos em uma comunidade pequena. Sabíamos que assistiríamos, mesmo que à distância, que todos os amigos de Abbi se casariam, teriam filhos e isso... parecia insuportável.

Ele olhou para Jak e Harper, dando-lhes um sorriso triste. — A irmã de Laurie mora em Montana e está criando dois filhos sozinha. Ela foi um grande apoio para Laurie, e Laurie foi um grande apoio para ela quando se divorciou, mas estava longe. Eu pensei que estava fazendo a coisa certa quando me candidatei ao Departamento de Justiça de

Montana. Eu pensei... um novo começo é o que precisávamos. Em algum lugar as memórias não nos esmagarão a cada esquina. Em algum lugar nós temos família. E... — ele respirou fundo —... tudo isso tem sido bom. Mas o problema é que ainda nos olhamos e tudo o que vemos é Abbi. Tudo o que vemos são aqueles quartos de hospital, nossa filha morrendo, e depois isso... caixão.

Ele ficou quieto novamente e então olhou para Jak. — Isso é o que me trouxe para Montana, Jak. Estou aqui porque estava fugindo, mas não cheguei longe o suficiente. Estou aqui porque a coisa que mais amava neste mundo, minha família *completa*, não está mais nela, e não consigo entender como seremos felizes de novo. Estou perdido e acho que você também está. E não tenho certeza do que pode ser feito sobre minha própria situação, mas espero que você me deixe ajudá-lo com a sua.

Uma lágrima escorregou pela bochecha de Harper e ela enxugou-a rapidamente.

— Sinto muito — ela sussurrou, e o agente Gallagher assentiu, dando-lhe um sorriso triste.

Jak soltou um suspiro, passando a mão pelo queixo, ainda confuso, mas sentindo... como se ele tivesse duas pessoas que poderiam... que poderiam estar do seu lado. Uma brisa soprou através dele, carregando felicidade. Medo.

— Acordei à beira de um penhasco. Havia um homem. Ele me disse que poderia ser o dia em que iria morrer — ele disse, as palavras caindo umas sobre as outras como se

fossem uma pilha de gravetos represados por um longo tempo e finalmente foram liberados.

Os olhos de Harper se arregalaram e ela inclinou a cabeça, surpresa tão evidente em seu rosto. Ele apertou os lábios, sem afastar os olhos dos dela. — Mas um enorme pedaço de gelo se moveu, fazendo a neve deslizar. Eu... caí. — Ele desviou o olhar. Ele não contaria sobre as outras crianças. Se eles soubessem sobre eles, descobririam que ele matou uma delas. Eles descobririam todas as outras coisas ruins que fez. E se eles descobrissem tudo isso, ele ficaria naquela pequena gaiola com os maus cheiros. Ele morreria lá. Sozinho.

O rosto de Harper havia perdido a cor e seu corpo estava rígido. — Eu não entendo.

O agente Gallagher deu-lhe um olhar que Jak não entendia. Mas as palavras dentro dele estavam se movendo, a represa quebrara. Ele nunca disse essas palavras para outra pessoa viva.

— Eu também não entendia. Eu ainda não entendo. Eu sei que Driscoll sabia... de alguma forma, mas ele não era o homem no penhasco. Driscoll me disse que havia uma guerra.

— Uma guerra? — o agente Gallagher perguntou, e Harper pareceu perder mais cor.

Jak desviou o olhar dela. Ele odiava o olhar no rosto dela, incrédulo. Ele não sabia se ela não podia acreditar no que foi feito para ele, ou se ela não podia acreditar que ele tinha caído nisso. Talvez ele não quisesse saber. Pela

primeira vez desde que começou a falar, ele não tinha certeza se deveria continuar. Mas não parecia haver uma maneira de voltar agora.

— Jak — o agente Gallagher disse e Jak olhou para o homem em vez de Harper. Isso tornou mais fácil. Ele queria muito que ela pensasse coisas boas dele. Mas ele não queria que ela saísse também. Ele queria que ela o conhecesse, entendesse.

Talvez não tudo. Não aquela parte selvagem que ele mantinha escondida por dentro. A parte que tinha surgido quando ele estava morrendo de fome e sofrendo, a parte que ele nunca mais queria que surgisse de novo. Mas principalmente. Tanto quanto ele poderia deixá-la e ainda assim ela o quisesse.

Jak contou ao agente sobre Isaac Driscoll, sobre a guerra, sobre o inimigo e sobre o que manteve Jak sozinho durante todo esse tempo.

— Você sabe por que ele faria isso? Mentir para você desse jeito?

Jak sacudiu a cabeça, a raiva aumentando como uma onda. — Não. Embora ele estava me observando. Havia câmeras nas árvores.

— Câmeras? — O agente Gallagher inclinou-se para frente, pondo as mãos na mesa. — Onde?

— Eu não posso mais vê-las. Elas se foram. Acho que Driscoll as tirou. — Ele deve ter notado que Jak havia roubado as fotos. Percebido ele esteve em sua cabana. Percebido que ele descobriu a verdade.

O agente Gallagher franziu a testa. — OK. Você tem alguma ideia de para onde as gravações estavam indo?

Gravações? Jak não sabia o que aquela palavra significava. — Eu pensei que elas tirassem fotos. Não sei onde estão as fotos — ele mentiu. Ele as rasgou em pedacinhos e as jogou no rio, observando-as flutuarem.

O agente fez uma pausa. — OK. OK. E o homem no penhasco, você nunca mais o viu?

Jak sacudiu a cabeça.

— Jak, você pode me dizer o que lembra antes disso?

Jak olhou para Harper, a visão dela ao seu lado, ajudando-o a se sentir corajoso. — Uma mulher me criou até os oito anos — Jak disse. — Eu não sei o nome dela. Acho que era algo que começava com A. Ela dizia palavras diferentes das pessoas na TV e ela me disse para falar como eles, não como ela. Eu a chamava de Baka. — Ele contou ao agente Gallagher como ela o ensinara a ler e a contar, e a acreditar que ele era forte. — É tudo que lembro. Não a vejo desde a noite em que adormeci na cama e depois acordei... lá fora.

Harper parecia triste e o mesmo aconteceu com o agente Gallagher quando ele assentiu. Eles ficaram quietos por um minuto antes de ele dizer. — Obrigado, Jak, por me contar a verdade. Você me deu muita informação boa para trabalhar. — Ele parou por um segundo. — Uma das coisas que preciso lhe dizer é que a mulher assassinada na cidade, aquela que te questionamos? Jak, ela era sua mãe.

Harper soltou um pequeno suspiro. A mãe dele. *A mãe dele.* Os pelos do pescoço de Jak se arrepiaram. — Minha mãe? — ele perguntou, esfregando as mãos em suas coxas. Elas pareciam frias e suadas. Sua mãe estava *morta?* A mulher que lhe trouxe livros e disse que voltaria para ele? O gelo correu por sua espinha.

— Sim. Jak, você sabe alguma coisa sobre sua mãe?

— Eu... — Ele olhou para Harper e sua boca estava aberta. Sua mãe estava morta. Ninguém poderia machucá-la agora. — Ela veio aqui. Eu nunca a conheci antes disso.

O agente Gallagher apertou os lábios, as sobrancelhas se aproximando uma da outra. — Quando ela entrou em contato com você e como?

— Ela veio me ver cinco... anos atrás. Ela me disse que estava tentando encontrar um lugar para nós morarmos. Ela me trouxe livros infantis. Ela prometeu voltar e me trazer mais livros. Ela me disse para não contar a ninguém sobre ela.

O agente Gallagher franziu a testa novamente. — Entendo. E ela indicou por quê?

— Não. Eu pensei... — Ele olhou para Harper. — Eu pensei que era algo sobre a guerra. A guerra que Driscoll me disse estar sendo travada. — Ele olhou para o agente. — Eu disse algo sobre isso, a guerra, e ela concordou, ou... — Ele franziu a testa, olhando para longe, tentando lembrar o que ele disse e o que ela disse de volta. — Ela disse que sim, o mundo está pegando fogo.

Todos ficaram em silêncio por um minuto antes que o agente Gallagher perguntasse: — Você acha que sua mãe estava trabalhando com Isaac Driscoll de alguma forma?

Trabalhando? Ela teria um emprego com Driscoll? É isso que o agente quis dizer? Jak pensou sobre isso. — Eu não sei. Ela não parecia gostar dele. Ela disse que o seguiu da cidade. Mas... havia outra mulher também... Ele manteve o olhar no agente em vez de olhar para Harper, sentindo o calor subir em seu rosto. Ele não queria contar a eles sobre a mulher ruiva, mas sabia que precisava. Ele disse ao agente e Harper sobre pensar que a mulher estava ferida, sobre trazê-la de volta para sua cabana, e depois sobre ela oferecendo seu corpo para ele. Ele não olhou para Harper enquanto contava a história, não querendo saber se ela estava com raiva, ou pior, se ela não se importava que ele tivesse tocado outra pessoa. Ele não era como a raposa cinzenta, ele queria dizer a ela. Ele só queria tocar nela.

E ele sabia agora porque a outra mulher parecia errada. *Cheirava mal.* Ela não foi feita para ele. Ela não era Harper.

— Você teve a sensação de que a ruiva estava envolvida com Driscoll de alguma forma? E se sim, por que ela contaria sobre as câmeras?

Jak sacudiu a cabeça. Ele não tinha ideia. A maior parte dele esperava que o agente pudesse juntar as coisas, encontrar respostas. Mas outra parte só queria que tudo acabasse. Driscoll estava morto, sua vida era melhor sem ele, e ele queria descobrir para onde ir agora.

— Ok, Jak, obrigado. Eu aprecio toda sua honestidade. Eu vou tentar descobrir o que estava acontecendo. Eu vou fazer o meu melhor, ok?

Jak assentiu com a cabeça, passando a mão pela queixo, a pergunta que ele não tinha certeza se queria que uma resposta saísse de seus lábios. — Quem era ela? Minha mãe? — Ainda fazia com que a mágoa ecoasse através dele quando pensava naquelas palavras, *minha mãe.* Ela nunca tinha sido uma mãe para ele embora. Ela nunca voltaria.

— Ela era uma jovem problemática, Jak. Ela fez muitas escolhas muito ruins, mas acho que ela estava tentando fazer as coisas certas. Acho que ela se importava com você e sentia muito arrependimento.

Jak não sabia como se sentir sobre isso. Ele não tinha certeza de que poderia sentir falta de alguém que nunca conheceu. Ele não tinha certeza de que poderia estar com raiva de alguém que nunca conheceu.

Quando Jak olhou para cima, o agente Gallagher estava olhando para ele, uma expressão preocupada no rosto. Mas quando ele encontrou os olhos de Jak, ele deu um pequeno sorriso. — Há algumas outras coisas que eu descobri sobre o seu passado e para onde você pode ir a partir daqui.

Jak sentiu uma pontada de medo. — Eu tenho que deixar a cabana que eu moro agora?

O agente Gallagher suspirou. — Temo que sim. Falei com a irmã de Isaac Driscoll, que é sua parente mais próxima, e ela não estava disposta a deixá-lo permanecer na terra. — Por que ele parecia irritado? O que importava a ele

se Jak não pudesse mais morar em sua cabana? Na verdade não era dele mesmo. Talvez ele devesse ter saído no segundo em que descobriu que Isaac Driscoll o observava, *mentiu* para ele. Mas ele não queria que o homem soubesse que havia descoberto o que estava fazendo, pensou que poderia esconder isso, então agiu normalmente... tentou entender o que fazer. E depois... Driscoll estava morto.

E agora, ele não podia se arrepender de ter tido um lugar para estar com Harper. Se ele não tivesse essa cabana, ele não seria capaz de protegê-la do frio.

Leve-me para dentro.

Na memória das palavras, a pele de Jak ficou vermelha.

Mas agora... agora a cabana não seria mais sua.

Ele voltaria para a floresta. Ele havia sobrevivido antes. Sobreviveu com menos conhecimento do que ele tinha agora. A única coisa que fez seu coração acelerar e sua garganta secar era a mulher sentada ao lado dele, a mulher que ele queria chamar de sua. A mulher que ele *nunca* deixaria visitá-lo em uma caverna na floresta. Quando ele pensou nisso, sentiu vergonha. Ele podia sentir os olhos dela no lado do rosto, mas ele não olhava para ela.

— Quanto tempo ela deu a Jak para desocupar a terra? — Harper perguntou, e ele também ouviu raiva em sua voz. Ambos pensaram que aquela mulher deveria deixá-lo ficar. Mas... agora que ele estava realmente pensando nisso, talvez ele não quisesse ficar. Não em um lugar onde ele tinha sido enganado, vigiado. Ele não queria viver em uma caverna na

floresta, porque isso significaria deixar Harper, mas... ele não queria morar na terra de Driscoll também.

— Uma semana — Mark disse.

Harper ofegou quando levou as mãos à boca. — Uma semana? Que tipo de *bruxa* horrível ela é?

Mark Gallagher riu, mas não parecia uma risada normal. Não havia felicidade nisso. — Classe A.

— Acho que sim. Ela sabe o que o irmão dela *fez?*

— Eu não acho que ela se importava. Eles não eram chegados. Ela está interessada em seu pagamento e é isso.

Harper estava quieta, mas ele podia ver os dentes dela rangendo. Ela estava brava *por* ele. Isso deu uma sensação calorosa em seu peito. — Ok — ele finalmente disse. O que mais ele poderia dizer?

— Tenho outras novidades para você — o agente Gallagher disse. — E são boas. Ou, pelo menos, espero que você veja dessa maneira. — Ele fez uma pausa, franzindo a testa. — Você tem um avô, e ele quer que você venha morar com ele.

— Um avô?

— Sim. O pai do seu pai. Infelizmente, seu pai faleceu muitos anos atrás.

Jak sentiu um aperto no peito. Mas ele não conhecia aquele homem. — O pai do meu pai — repetiu, tentando imaginar pessoas desconhecidas que faziam parte dele.

— Sim. Ele sabe como você está vivendo, sabe sobre Isaac Driscoll. Ele gostaria de lhe oferecer para viver com ele pelo tempo que você quiser ficar.

Jak não sabia se deveria confiar nisso. Ele continuou tentando dizer a si mesmo que não havia guerra, nenhum inimigo, e então, ele tinha que dizer a si mesmo que nem *todos* estavam mentindo para ele. Se ele não pudesse, como conseguiria enfrentar o mundo?

— Quem é ele? — Jak perguntou. — Meu... avô?

— Acontece que sua família é muito bem sucedida. Eles moram fora de Missoula e são donos da Fairbanks Lumber Company.

— A Fairbanks Lumber Company? — Harper repetiu, surpresa em sua voz. — Isso é... aquilo é enorme. Espere, o *pai* de Jak era um... Fairbanks? Ela olhou para Jak. — Então isso significa que você também é?

— Um Fairbanks? — Jak perguntou. — Companhia madeireira? — Ele franziu a testa, a cabeça girando. — Eu não quero viver com estranhos. Eu não os conheço.

— Você vai conhecê-los. E... se não gostar da companhia deles, pode ir embora. — O agente fez uma pausa. — Jak, acho que esta é uma oportunidade muito boa. Acho que... bem, ter a família do seu lado, especialmente uma família como a Fairbanks, vai abrir muitas portas para você.

Gostar da companhia deles.

E portas abertas? Que portas?

Harper mastigava o lábio, uma pequena ruga entre os olhos. — Você não acha que eu deveria morar com eles, Harper?

Seus olhos encontraram os dele. — O quê? Não, quero dizer... Eu acho que o agente Gallagher está certo. Eu... eu

sei o que é se mudar para uma casa com estranhos, isso é tudo. Mas Jak, você é um adulto e o agente Gallagher está certo. Se você não gostar, pode ir embora.

Ele se sentiu triste por ela. Quando ela era uma garotinha, Harper teve que se mudar para uma casa de pessoas que ela não conhecia. Ela estava com medo. *Mas ela era uma garotinha. Como se eu era um garotinho quando perdi minha baka.* Isso o lembrou de como estava com medo. Queria voltar no tempo e protegê-la. Queria arrancar a garganta do homem que tinha feito coisas ruins com ela. *Se você não gostar, pode ir embora.* Harper não pôde ir embora.

Havia tantas palavras que ele não entendia do Agente Gallagher, e seu coração parecia que estava batendo rápido demais. Ele precisava de ar. Ver o céu. Ele queria observar enquanto o sol se punha atrás das montanhas e as estrelas saíam, uma ou duas, por dez, cem, depois mil, e um número infinito que ele nunca poderia contar, mesmo que aprendesse todos eles. Ele queria esvaziar sua mente e descobrir o que poderia estar esperando por ele no mundo. *Uma família,* seu coração sussurrou. *Sua própria alcateia. Não,* pessoas *para chamar de minhas.* Ele poderia aprender a confiar neles? Ele poderia aprender como ser um deles? Eles queriam que ele fizesse isso?

— Jak, escute, você têm hoje à noite para pensar sobre isso. Eu coloquei muita responsabilidade sobre você, e você me deu mais algumas pistas que eu preciso acompanhar. No entanto, recomendo que aceite o convite de seu avô. — Ele olhou para Harper. — Você estava pensando em ficar ou...

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eu preciso voltar. Posso te dar uma carona. Acho que o gelo derreteu o suficiente para que seja seguro dirigir. — Ela olhou para Jak, suas bochechas ficando rosadas. — Que tal eu voltar logo de manhã e podermos dirigir para Helena Springs? Eu posso te mostrar por aí. Talvez você tenha tomado uma decisão e possamos ligar para o agente Gallagher.

Jak assentiu. Ele não queria que ela fosse, mas ele precisava de tempo sozinho. Ele precisava pensar. Ele precisava decidir. Sobre a sua vida. Uma vida que ele nunca conheceu que fosse possível para ele.

— Há mais uma coisa — Harper disse, e então ela contou-lhe sobre os helicópteros, sobre Jak tê-los visto na manhã seguinte depois de ter sido deixado no penhasco.

O agente Gallagher franziu a testa, parecendo confuso. — Isso não pode ser uma coincidência — ele murmurou. — Dois mistérios começando na mesma noite? Na mesma floresta?

— Bem — Harper disse, levantando-se e pegando o mapa que ela havia marcado com Jak — eles ocorreram muito longe um do outro, mas, sim. — Ela colocou o mapa na frente dele e ele olhou por alguns minutos. — Posso levar isso comigo?

Harper assentiu. — Claro. Eu desenhei na esperança de que seria útil.

— É — ele disse, — se por nenhuma outra razão isso me ajudar a imaginar onde tudo ocorreu. Obrigado.

O agente Gallagher olhou entre eles por um minuto e depois colocou as mãos sobre a mesa à sua frente, os olhos fixos em Jak. — Há mais alguma coisa que você precisa me dizer? Qualquer coisa que possa ajudar na investigação?

O coração de Jak acelerou. Ele desviou o olhar, balançando a cabeça. Havia coisas que ele não podia... não diria. Se dissesse, quem o desejaria como parte de sua família? Parte da sociedade? Eles o trancariam. Eles o chamariam de animal. Uma fera. E talvez ele fosse. Ou pelo menos, ele poderia ser. E isso tinha que ser seu segredo. Isso foi tudo.

O agente assentiu. — Tudo certo. Tudo isso é muito — ele disse. — Você está bem?

Bem? Naquele momento ele estava. — Sim. Estou bem.

O agente Gallagher sorriu. — Bom. Pense em tudo isso e depois conversaremos. — Ele olhou entre Jak e Harper novamente. — A propósito, o que vocês dois irão fazer no Natal?

Harper olhou para Jak. — Natal? — ele sussurrou.

— Você se lembra do Natal, Jak? — Harper perguntou suavemente.

Ele balançou sua cabeça. — Não sei o que é o Natal.

Algo triste entrou no olhar de Harper. O Natal deve ser muito bom. Muitas coisas devem ser muito boas que ele nunca conheceu antes. — É o feriado do nascimento de Jesus.

— Jesus?

Tanto Harper quanto o agente Gallagher riram, mas a risada deles era do tipo legal, os olhos de Harper dançando. Jak sorriu também. — Não importa por enquanto. — Ela olhou para o Agente Gallagher novamente. — Eu costumo ir para a casa da minha amiga Rylee. Mas é o primeiro Natal dela com a família do novo marido... então eu não tenho planos.

— Bem, então, está resolvido — disse o agente Gallagher, de pé. — Vocês vão ficar comigo e com minha esposa. Eu insisto.

Capítulo 35

A velha espiou pela fresta da porta, olhando para Mark, os olhos semicerrados de suspeita.

— Olá Senhora. Almina Kavazović?

— Sim.

— Agente Mark Gallagher. Eu gostaria de fazer algumas perguntas se me permite.

— Sobre o quê? — Ela exigiu em uma voz com forte sotaque, sem abrir a porta nem um centímetro.

— Um homem que morava no apartamento ao lado. Isaac Driscoll?

Seus olhos se arregalaram quase imperceptivelmente. *Quase*. Mark entendeu e sabia que seu palpite estava certo quando conseguiu a lista de inquilinos no prédio que a irmã de Driscoll havia mencionado, e encontrou o nome Kavazović nele.

— Driscoll? O que tem ele?

— Senhora, esta conversa seria muito mais fácil se você me deixasse entrar por alguns minutos. Eu tenho...

A trava da corrente soltou-se com um ruído suave e a porta se abriu antes que Mark pudesse terminar sua frase. A mulher se afastou para permitir a entrada dele, uma senhora de vestido florido, o cabelo preso em um lenço escuro enrolado na cabeça. — Eu sabia que esse dia chegaria — ela disse, sua voz de repente não escondia a suspeita, apenas a resignação. Ela se virou e ele fechou a porta, seguindo-a até a

sala de estar onde ela já havia sentado em uma poltrona que dava para um sofá florido. A mobília era bem gasta, mas a sala era limpa e arrumada, com paninhos de rendas sobre quase todas as superfícies planas. Mark sentou-se e esperou que ela falasse.

— O que ele fez? — ela perguntou.

— Ele está morto, senhora.

Ela encontrou os olhos dele, embora não parecesse chocada. — Sim — ela disse com naturalidade — é para o melhor então.

— Você vai me contar sobre o Dr. Driscoll? Como você o conheceu?

Ela suspirou, um som cansado que chacoalhou em sua garganta. — Ele era meu vizinho, como você diz. Eu não o conhecia muito, apenas que sabia que trabalhava para o governo. Vim da Bósnia nos anos noventa durante a guerra. Minha família tenta[3] vir, mas eles... — Ela parou por um momento e Mark esperou até que ela continuasse. — Eles não conseguem.

Mark não pediu a ela para elaborar sobre isso, e ele podia imaginar as razões pelas quais sua família tinha tido problemas para imigrar. Burocracia... assaltos... finanças inadequadas... Ele se perguntou como ela tinha conseguido, mas isso era um pouco irrelevante.

— Eu vou ao Dr. Driscoll, pergunto se ele pode ajudar, já que tinha um emprego no governo. No começo ele diz não. Ele não pode ajudar. Então ele volta mais tarde e diz sim. Ele

[3] Ela conjuga os verbos no presente, uma linguagem bem mecânica. Não é erro de tradução tá :D

pode me ajudar se eu aceitar um emprego para ele, seguir suas regras e não contar a ninguém.

— Que trabalho foi esse, senhora? — ele perguntou, seu coração disparando, imaginando que já sabia o que ela ia dizer.

— Cuidar do bebê. Cuidar dele até que o Dr. Driscoll está pronto para treiná-lo.

Treiná-lo? Mark esperava que ela lhe dissesse sobre criar o bebê, mas não sobre... treinamento. Ele se lembrou de suas próprias perguntas sobre o interesse de Driscoll pelos espartanos. Ele franziu a testa. — Que tipo de treinamento?

— Ele não diz. Ele apenas me diz que eu não devo mimar o menino ou estaria fazendo um desserviço a ele. Ele me diz para alimentar o menino e cuidar dele, mas não mais. Não mimar — ela repetiu. — Isso é muito importante, ele diz. É a melhor maneira.

— E em troca disso, ele ajudaria a trazer sua família para cá?

Ela balançou a cabeça. — Sim, e me consegue o visto para que eu possa trabalhar. Eu costurar as rendas e vender em pequenas lojas. Agora na Internet também, mas não tanto, já que as mãos não funcionam tão bem.

Mark olhou para as mãos enrugadas, entrelaçadas no colo, as juntas brancas.

— Entendo... E ele te pagou para cuidar do menino?

— Apenas despesas.

— E ele providenciou para que sua família viesse para cá?

Ela balançou a cabeça, olhando para longe dele. — Ele não consegue, no fim das contas. Eu descubro depois que eles foram mortos em guerra.

— Eu sinto muito.

Ela não prestou atenção, os ombros rígidos. — Mas eu recebo minha papelada. Eu sou cidadã dos EUA agora.

Mark esperou um momento e então perguntou: — Então você criou esse menino até que ele tivesse quantos anos?

— Sete, quase oito.

— E então Driscoll o levou para começar este treinamento?

— Sim — ela disse, sua voz travou, e onde não chorou ao falar de sua família morta em seu país de origem, seus olhos brilharam quando falou do menino.

— Você sabe se Driscoll estava trabalhando com outra pessoa?

Ela balançou a cabeça. — Não. Ninguém mais. Só ele.

— Você tem alguma ideia do que esse tal treinamento implicava?

— Não. Eu não sei. Dr. Driscoll vir aqui à noite quando o menino dorme. Eu tento impedi-lo. Eu... não quero deixá-lo ir. Eu vou criá-lo, eu digo. Mas Driscoll me empurra. Ele diz que vai revogar meu visto de trabalho. Eu vou morrer de fome sem trabalho. Nenhuma família. — Ela baixou a cabeça. — Ele dá o remédio para o menino, então ele não vai fazer barulho e, em seguida, o leva. — O olhar em seu rosto era tão triste que, apesar do que ela tinha feito, Mark não pôde deixar de sentir uma pontada de simpatia pela velha na

frente dele. Sem país. Sem família. Largada para viver com as escolhas terríveis que ela fez por desespero. Ficou sem saber o que havia acontecido com o garoto que ela obviamente amava, apesar de ter sido instruída a não amá-lo.

— Você sabe o que aconteceu com o menino? — Ela perguntou, não encontrando os olhos de Mark, seu corpo tenso e imóvel, como se ela estivesse segurando a respiração enquanto esperava por sua resposta.

— Ele está vivo. Ele teve uma educação muito dura como você provavelmente imaginou. Mas ele é um sobrevivente. Ele é muito forte.

Ela assentiu com a cabeça, uma lágrima escapando de seus olhos e percorrendo sua bochecha enrugada. — Sim. Forte. É por isso que eu chamo de Jak. Significa forte na minha língua. — Ela parou por um momento, obviamente se recompondo. — Ele é muito esperto. Bom menino. — A expressão em seu rosto era de orgulho quando ela disse isso. — Driscoll se muda daqui, ele diz que está construindo uma bela casa para criar Jak em breve. Ele diz que sem escola, interfere com o treinamento. Mas eu ensino o menino a ler e ensino a ele números em inglês. Eu digo a ele para não falar como eu, mas como a TV. Ele é muito inteligente e aprende rápido. Eu digo que as palavras são muito importantes. Eu tento ensinar-lhe o que posso com livros sobre fazer nós e construir coisas. O que eu acho que vai ajudá-lo. E eu o faço ficar fora de casa muitas horas todos os dias, então ele sobe em árvores e constrói fortalezas, e fica ainda mais forte. Eu tentei... Eu tento dar a ele o que posso.

O que ela deveria ter feito era chamar a polícia e denunciar Driscoll. Mas... Jesus, sempre havia tantas nuances envolvidas nos casos em que ele trabalhava, tantas histórias, tantas situações que a maioria das pessoas nem imaginava existir. — Pelo que sei, o que você fez o ajudou.

Ela assentiu com a cabeça. — Bom. — Ela fez uma pausa por apenas um momento antes de perguntar: — Ele matou Driscoll então? Meu Jak?

— Ele diz que é inocente do crime e não há provas para dizer o contrário. O assassinato de Driscoll não está resolvido no momento.

Ela pareceu vagamente surpresa com a resposta dele, como se tivesse pensado que Jak o matara. Inferno, depois de descobrir o que descobriu, ficou surpreso que Jak *não o tivesse* matado. Se isso viesse a ser verdade. E embora não houvesse provas contra ele, ele tinha um inferno de um motivo. O homem não apenas tinha observado como Jak havia sofrido, mas também o enganou sobre haver uma guerra. *Inimigos.* Ele plantou o medo nele quando era apenas uma criança, então era tudo que ele conhecia. Era realmente um milagre que Jak não estivesse completamente louco.

— Ele... lembra de mim?

— Ele lembra, sim.

A velha assentiu com lágrimas nos olhos novamente. — Você vai dizer a ele que Baka sente muito? Muito, muito mesmo.

— Sim, senhora. Claro que eu vou.

Assim que ele se despediu e deixou o pequeno apartamento da mulher que Jak certa vez chamara Baka, Mark desceu os degraus, caminhando devagar até o carro, uma das peças do quebra-cabeça da vida de Jak se encaixando.

Ele girou a ignição e sentou-se por um momento, olhando para o prédio de apartamentos onde Jak havia sido criado, inconscientemente sendo preparado para um programa de treinamento planejado por uma mente doente e maligna. O que diabos isso significa? Qual teria sido o objetivo de Driscoll? Por que ele fez o que fez com um garoto inocente? Ele olhou para o que podia ver atrás do prédio. Uma vasta extensão de floresta... o lugar em que Jak brincou pela primeira vez no que se tornaria sua única existência.

Jak era o denominador comum em tudo isso. *Como? Por quê?* Quem mais sabia o que Driscoll tinha planejado, além da mulher encontrada assassinada na cidade? A mãe de Jak. Realmente havia câmeras nas árvores? Se sim, quem as removeu? Driscoll? Quem era o homem no penhasco? Ou será que, na verdade era Driscoll e a mente jovem de Jak havia se confundido?

Ele refletiu sobre tudo o que sabia e o que acabou de saber, sua mente voltando para Harper Ward e como seus pais também haviam sido assassinados. Driscoll estava particularmente incomodado com o sistema de assistência social, dissera o Dr. Swift. Harper Ward cresceu em serviços sociais. Isso significa alguma coisa? Os dois casos eram aleatórios e desconectados? Eles poderiam muito bem ser,

mas Mark tinha a sensação de que eles estavam entrelaçados de alguma forma sinistra que ele ainda não conseguia entender.

Um calafrio o percorreu quando ele saiu do estacionamento do complexo de apartamentos, a velha do apartamento que ele tinha acabado de visitar encarando-o da janela. Quando começou a investigar os homicídios, ele acreditava que eles eram crimes de ódio. Ele encontraria o criminoso e depois passaria para o próximo caso. Mas a cada semana, com mais e mais peças de quebra-cabeça surgindo, ele ficava cada vez mais perturbado. Jak foi levado, maltratado e provavelmente quase morreu enquanto tentava sobreviver. Uma mulher tinha sido manipulada para acreditar que, ao receber um bebê, encontraria alegria em uma reunião com sua família. Famílias desfeitas. Pais de luto. *Mas como tudo estava relacionado? Qual aconteceu primeiro? Quem foi o responsável? Alguém pagaria por esses crimes de crueldade?*

E havia um panorama maior que ele ainda não estava vendo?

PARTE II

Capítulo 36

A casa de Mark e Laurie Gallagher era um charmoso rancho no final de uma entrada curva, com bosques espalhados ao redor. Harper parou na frente e desligou o motor, olhando para Jak, que estava sentado ao lado dela, com as palmas das mãos apoiadas nas coxas. A primeira vez que ela o viu na delegacia, o que agora parecia ser uma década atrás, ele estava sentado do mesmo jeito. Ela agora reconhecia pelo que era, linguagem corporal nervosa. Ele estava paralisado.

Ela estendeu a mão e colocou sobre a dele, entrelaçando os dedos. — Vai ficar tudo bem.

Ele deu-lhe um sorriso nervoso. — E se eu fizer algo errado? Não sei nada sobre ir à casa de alguém para jantar.

— Jak, essas pessoas sabem disso. Elas querem você aqui. Elas não vão julgar suas maneiras à mesa. Apenas faça o que todo mundo faz.

Ele assentiu, mas ainda parecia duvidoso. Ela apertou a mão dele e depois pegou as sacolas que havia colocado no banco de trás. — Vamos. Estou com você.

Ele olhou para as sacolas da mesma maneira que olhou pela primeira vez, uma mistura de curiosidade e desconforto, mas seguiu seu exemplo quando abriu a porta da caminhonete e saiu.

Harper sorriu quando pisaram na varanda, decorada com dois arbustos verdes em vasos, ladeados por luzes

brilhantes de cada lado da varanda, e uma grande guirlanda na porta da frente. Ela bateu e, em seguida, pegou a mão de Jak na dela novamente, dando-lhe outro sorriso encorajador. Se ele ia começar a sair para o mundo, tinha que começar em algum lugar, e o melhor lugar, ela pensou, era o lar de pessoas que entendiam sua situação e se esforçariam para tornar as coisas confortáveis para ele.

Até agora, a única coisa que ele fez foi andar pela cidade enquanto ela apontava para as diferentes lojas e empresas. Ela sabia que ele tinha um milhão de perguntas, podia ver em sua expressão que se transformava de choque em perplexidade, para deleitar-se, de volta ao choque. Ele não perguntou nada, e ela percebeu que ele estava absorvendo tudo, tentando descobrir as coisas sozinho, ou talvez trazer de volta memórias do que já sabia e colocá-las de volta ao contexto. Não só isso, mas ele também tinha que estar dificuldade sobre o fato de ter sido abandonado, usado, enganado de maneira que ela ainda não entendia. Havia tantas perguntas não respondidas sobre o que aconteceu com ele. Sem mencionar o que aconteceu com sua mãe e Driscoll. Era tudo *muito.* Ela não queria apressá-lo. Ele tinha que estar completamente sobrecarregado.

A porta se abriu e o agente Gallagher ficou ali, sorrindo para eles. — Entrem. Jak, Harper. Feliz Natal.

— Feliz Natal, agente Gallagher — Harper disse, passando pelo limiar, Jak atrás dela.

— Feliz Natal — Jak imitou, e o agente Gallagher sorriu mais amplamente, dando-lhe um daqueles tapinhas de ombro masculinos quando entrou em sua casa.

— Por favor, vocês estão em minha casa. Nenhum Agente Gallagher. — Ele sorriu. — Me chame de Mark. E venham conhecer Laurie. Ela está na cozinha.

Eles seguiram Mark pelo vestíbulo e por um pequeno corredor. — Eu colocarei estes debaixo da árvore bem rápido. Esperem. — Ele pegou os pacotes da mão de Harper e entrou na sala de estar, uma árvore bem decorada e bem iluminada no canto, e depois os encontrou novamente no corredor. — Por aqui. — Ele sorriu e os levou para uma grande cozinha aberta no final do corredor. Uma mulher bonita, de cabelos lisos e retos na altura dos ombros, usando um avental vermelho, estava tirando algo do forno e se virou, colocando a bandeja no balcão e sorriu ao vê-los.

— Laurie, esses são Harper e Jak — Mark disse, quando Laurie tirou a luva do forno e deu a volta na ilha.

— Sra. Gallagher — Harper disse, pegando a mão dela. — Obrigada por nos receber em sua casa.

— Obrigada por vir, querida. Estamos tão felizes em receber vocês. — Ela apertou a mão de Harper e estendeu a mão para Jak, que a pegou timidamente. — Feliz Natal. Por favor, me chamem de Laurie. — Ela sorriu de novo, e embora seu sorriso fosse brilhante, havia uma tristeza em seus olhos que era inconfundível, um leve toque de vermelho que fez Harper pensar que tinha chorado recentemente.

— Posso pegar algo para vocês beberem? — Mark perguntou. — Fiz um montão da minha gemada especial.

— Claro — Harper disse. — Eu adoraria um pouco.

— Também adoraria — Jak disse, parecendo inseguro. Harper pegou sua mão discretamente entre eles e apertou.

— Vocês três vão para a sala enquanto eu termino os aperitivos — Laurie disse.

— Posso ajudá-la com alguma coisa? — Harper perguntou.

Laurie hesitou, olhando de volta para o balcão. — Ah, claro, se você não se importar. Eu só preciso colocar algumas coisas nas bandejas.

— Ótimo. Eu definitivamente posso lidar com isso.

— Venha comigo, Jak — Mark disse. — O carrinho de bebidas está na sala de estar. Harper, o seu estará esperando.

Jak olhou para trás enquanto seguia Mark para fora da cozinha e uma onda de ternura a envolveu com o olhar incerto no rosto. Ele se sentia confortável com ela acima de qualquer outra pessoa. Qualquer outra pessoa no *mundo,* ela percebeu, e o pensamento causou um sentimento de profunda honra a enchendo.

Laurie disse-lhe o que precisava fazer e conversaram com facilidade, se conhecendo, e Laurie contou a Harper como estava indo a adaptação entre a ensolarada Califórnia e a nevada Montana. Laurie Gallagher era calorosa e gentil, e Harper gostou imensamente dela depois de apenas dez

minutos. Seu coração se partiu ao saber que uma mulher tão maternal perdeu sua única filha.

Cada uma carregava duas bandejas de aperitivos na sala de estar, onde Mark e Jak estavam de pé junto à árvore de Natal, ambos segurando um copo de gemada. Mark ajudou a colocar a comida na mesa e depois lhes entregou um copo. — Feliz Natal. Obrigado a ambos por se juntarem a nós e iluminarem nossa casa. — Ele olhou para a esposa e um lampejo de tristeza se moveu entre eles antes que ambos sorrissem, erguendo os copos. Harper e Jak também levantaram os copos e, em seguida, Harper tomou um gole da bebida gostosa e cremosa, com um leve toque de álcool. Ela estava feliz por ter sido sutil. Ela não bebia muito, e qualquer outra coisa, teria sido forte demais para ela.

Enquanto abaixava o copo dos lábios, olhou para Jak, que acabara de tomar um gole. Um olhar de puro horror atravessou seu rosto antes que ele cuspisse, um spray de gemada saindo de sua boca enquanto tossia, cuspia e tentava recuperar o fôlego.

Harper pegou o copo dele, quando Mark começou a dar tapinhas nas costas e Laurie se adiantou com um guardanapo. Ele pegou, limpando a boca enquanto lágrimas de tosse enchiam seus olhos. — Oh querido — Laurie disse. — Você está bem? Deixe-me pegar um pouco de água. Você deve ter engolido pelo tubo errado.

Ela saiu correndo e Mark parou de bater nas costas de Jak quando ele tossiu mais uma vez, respirando fundo. — O que *é* isso? — Jak perguntou, olhando os copos nas mãos

de Harper como se ela estivesse segurando duas grandes taças de veneno que ele tinha acabado de beber.

— Apenas creme e ovos e bem... — Harper olhou impotente para Mark, que olhou para ela, envergonhado.

— Eu deveria ter percebido que isso poderia ter um gosto que você não está acostumado — Mark disse. Laurie voltou para a sala e entregou a Jak um copo de água, que ele pegou, um olhar agradecido em seu rosto antes de incliná-lo, bebendo tudo em três goles rápidos. Jak deixou escapar um estremecimento final quando Harper colocou os dois copos na mesa, olhando as bandejas de comida com novos olhos. Havia uma variedade de queijos, mas havia também legumes e bolachas e algumas nozes e frutas secas. Ela soltou um suspiro de alívio. Ele tinha muitas opções de alimentos que não faziam com que seu estômago protestasse. Esperançosamente. Ela não era uma profissional médica, mas sabia que sua dieta era limitada e seu corpo provavelmente reagiria mal a coisas que não estava acostumado.

Porra, eu deveria ter pensado nisso antes, ela se repreendeu. Pelo olhar no rosto de Mark, ela poderia dizer que o mesmo pensamento estava cruzando sua mente.

— Por que não abrimos alguns presentes antes que a irmã de Laurie, Pam, e seus filhos cheguem aqui — Mark disse, levando-os à árvore e, Harper sabia, tentando garantir que Jak não se sentisse constrangido por cuspir a gemada. Ele não parecia exatamente constrangido, embora, mais ofendido por todos terem tentado envenená-lo no Natal. Mas

Jak era autoconsciente e, assim que tivesse um momento para pensar se teria reagido de maneira errada, pensaria. Não que ele *tivesse* feito algo inapropriado, considerando *que* deveriam ter pensado em algumas coisas, mas independente disso, Jak se perguntou e ela estava feliz por Mark estar indo rapidamente para outra coisa.

— Excelente ideia, Mark, Laurie disse, dirigindo-se a um grupo de sacolas embaixo da árvore perto dos fundos.

Harper pegou a pilha de presentes que ela trouxe e, quando foi entregar a Jak o presente que comprou para ele, ele estava parado diante da árvore, um olhar de perplexidade no rosto enquanto esfregava as folhas da árvore falsa entre os dedos. Ele se inclinou para frente e tentou cheirá-la.

— Não é de verdade — ela sussurrou, inclinando-se para ele.

Ele olhou para ela. — Não é de verdade?

— Certo, é uma, feito de... — *Plástico? Nylon?* Harper na verdade não fazia ideia.

A testa de Jak franziu, mas depois seus dedos encontraram uma das luzes brilhantes e ele a tocou de leve, como se achasse que poderia queimá-lo. — Elas são como pequenas estrelas, frias o suficiente para segurar em sua mão — ele murmurou. Ele pareceu satisfeito por elas e os lábios de Harper se inclinaram enquanto ela o observava. Ela olhou para ele, estudando o olhar de admiração infantil em seu rosto forte e bonito. *Estou apaixonada por ele,* ela pensou. Era rápido demais, rápido demais, arriscado de muitas maneiras também... ah, *tantos* demais, mas era verdadeiro e

real. *Eu te amo,* ela pensou enquanto ele olhava para a árvore falsa, um olhar de admiração e perplexidade se misturando em sua expressão. A força desse sentimento quase trouxe lágrimas aos seus olhos.

Quando isso aconteceu? Ela se perguntou, tentando identificar o momento exato em que ela havia se apaixonado. Deveria ter sido... *memorável,* não era verdade? Mas não, ela percebeu sonhadoramente, não tinha sido um único momento. Foi uma bela sequência de momentos, cada um abrindo seu coração, pouco a pouco. E esse foi um deles. Observar Jak sob as luzes cintilantes de sua primeira árvore de Natal, ficou claro de repente. Às vezes, milagres, como o amor, chegavam devagar. Suave. Sem alarde. Sem um raio. Pois verdadeiros milagres não precisavam de tal coisa. Seus olhos se encontraram e seu coração cantou. *Eu te amo,* ela pensou novamente. E foi tão simples e tão maravilhoso quanto isso.

— Aqui — ela sussurrou, e seu olhar se moveu para baixo quando ela colocou um presente embrulhado em suas mãos.

Ele piscou para ela, então considerou o pacote embrulhado em papel brilhante vermelho, amarrado com um laço branco e vermelho, um olhar de puro deleite passando por seu rosto. — Obrigado — ele disse. — Eu amei.

Ela riu baixinho. — Há algo dentro.

— Dentro? — Ele o virou.

— Você nunca recebeu um presente antes, Jak? Mesmo quando você era criança?

Ele balançou sua cabeça. — Não.

Seu coração se apertou, até ela, uma criança adotiva, recebeu alguns presentes de Natal, mas não queria que ele se sentisse estranho e sorriu. — Estou honrada por estar te dando o seu primeiro então. Vamos sentar e você pode abri-lo.

Laurie pegou as sacolas e sentou-se no sofá, e os outros se juntaram a ela, passando presentes. Jak os observou, o primeiro indício de incerteza surgindo em seus olhos. Harper sabia o que ele estava pensando, ele não tinha nada para dar a eles. *Eu deveria tê-lo ajudado com a coisa toda do presente*. Ela não previu que ele se sentiria mal por não retribuir. Deus, ela realmente precisava começar a considerar mais a situação dele. Considerando que ele observava tudo tão de *perto,* que queria muito se encaixar. Ela estava realmente começando a conhecê-lo, mas ela deveria ter percebido *isso.*

— Isso é meu e de Jak — ela disse rapidamente, entregando o presente que trouxera para os Gallaghers. Era um livro de mesa de café lindamente fotografado de Montana, feito por um fotógrafo local.

Laurie passou a mão por cima dele. — Ah, Harper, Jak, é adorável. É o complemento perfeito para a nossa nova casa. Obrigada.

Ela sorriu. — No verão, se você quiser, ficarei feliz em mostrar alguns desses pontos. Há uma linda cachoeira a uma curta distância daqui. Você pode ver uma foto dela ai.

Laurie olhou para Mark e Harper pensou ter visto algo que parecia esperança nos olhos da mulher mais velha. Será

que o presente dela a deixara contente, mesmo que por um momento, de terem mudado para Montana? Oh, ela esperava que sim. — Nós absolutamente amamos isso.

Harper se virou para Jak. — Abra o seu — ela disse suavemente.

Jak olhou para o presente em seu colo e, lentamente, muito devagar e com cuidado, removeu o laço e depois o papel de embrulho, virando o livro que ela havia escolhido para ele. *O Guia da Vida Selvagem de Montana.* — Eu... pensei que você poderia procurar os nomes das coisas que conhecia — ela disse suavemente.

Jak olhou o livro, tocando-o com carinho antes de olhar para ela. — Obrigado — ele disse, e a alegria absoluta e plena em seu rosto fez seu coração acelerar.

— De nada.

— Eu... não tem nada para você.

Ela pegou a mão dele, apertando-a. — Ah, Jak, você já me deu tanto. Você me deu a minha vida de volta. — Ela sorriu para ele, com lágrimas nos olhos, e ele sorriu de volta, tão docemente que partiu seu coração. Este homem grande, forte e competente estava tão fora do seu elemento.

Os Gallaghers deram presentes para Harper e Jak em seguida, lindos cachecóis feitos à mão cada um, que Jak tocou deliciado e depois colocou em volta do pescoço, sorrindo para eles e não os removendo. Todos sorriram e depois conversaram e riram e comeram os aperitivos por um tempo antes que a campainha tocasse e Laurie saltasse. —

Oh, meu Deus, o tempo passou. Essa deve ser minha irmã, e preciso checar o peru. Mark, você vai atender a porta?

Assim que ficaram sozinhos por um momento, Harper segurou a mão de Jak na dela e se inclinou, beijando-o rapidamente na boca. — Você está bem?

Ele assentiu com a cabeça, seu olhar demorando em seus lábios e fazendo-a desejar que eles pudessem sair naquele exato segundo. Ela o queria. De um jeito que ela nunca quis alguém antes. E a antecipação alegre de fazer amor com ele desencadeou uma explosão de fogos de artifício em sua barriga.

As luzes cintilantes brilhavam mais intensamente, as velas da lareira brilhavam tão calorosamente e a alegria brilhava e dançava dentro de Harper.

Este Natal foi o primeiro em muitos anos que ela sentiu a verdadeira felicidade, algo que ela não tinha pensado que sentiria novamente. Ter esse tempo com os Gallaghers também estava alimentando outra parte de sua alma. *Família. Pais.* Não os dela, não os de Jak, mas uma casa em que ela se sentia tão bem recebida.

Ficou assustada com seus pensamentos quando um grupo de três pessoas invadiu a sala, a mulher que parecia uma versão um pouco mais nova de Laurie falando exuberantemente enquanto dois garotos a seguiam, também falando animadamente. — Não deveria nevar hoje, e eu mal podia ver pelo para-brisa dirigindo aqui. Eu juro, aquelas pessoas do tempo deveriam... — Todos se acalmaram quando viram Harper e Jak sentados na sala de estar, mas depois de

um momento de pausa, eles se apressaram, apresentando-se. Jak e Harper se levantaram e Pam deu a cada um deles um grande abraço, sufocando-os contra o peito por um momento antes de soltar, e fazendo Harper rir de surpresa com a demonstração de afeto entusiasmado.

Os dois meninos, ou melhor, rapazes, Oliver e Benji se apresentaram, sorrindo e dando a Jak olhares curiosos enquanto se moviam para o lado. Oliver parecia estar no final da adolescência, e Benji parecia ter onze ou doze anos. Ambos tinham o cabelo loiro da mãe e sorrisos abertos.

Mark levou todo mundo para beber e depois conversaram por vários minutos, rindo e se conhecendo. Pam era tão gentil quanto Laurie, mas com uma personalidade mais extrovertida e alegre, e seus filhos eram educados e amigáveis. Os Gallaghers obviamente lhes falaram um pouco sobre a situação de Jak, porque contornaram questões introdutórias que teriam sido estranhas. Mas depois que eles estavam conversando por um tempo, Benji obviamente não se conteve e soltou: — Você realmente viveu na *floresta* a vida toda?

Houve um momento de silêncio quando todos os olhos se voltaram para Jak. Jak assentiu, parecendo um pouco tenso, mas Benji soltou uma risada e disse: — Isso é tão legal. Foi legal?

Jak assentiu com muita seriedade antes de responder: — Sim, nos invernos sempre foi muito legal.

Harper queria ao mesmo tempo rir e verter uma lágrima, e pelos olhares dos outros rostos dos adultos, eles sentiam o

mesmo. Benji balançou a cabeça e pareceu um pouco confuso, embora seus olhos ainda brilhassem com interesse. — Mas você fez amizade com lobos e tal?

Um olhar que Harper não conseguiu ler passou pelo rosto de Jak, mas, tão rápido quanto o viu, desapareceu, antes de responder. — Sim. Meu melhor amigo era um lobo. Seu nome era Pup.

— Pup — Benji repetiu, com uma nota de admiração em seu tom. — Você vai me contar sobre Pup?

Jak fez uma pausa, parecendo lutar com a decisão antes de finalmente responder: — Sim, vou lhe contar sobre Pup. — Benji sorriu e, em seguida, Pam fez uma pergunta a Harper, e sua atenção foi afastada de Jak.

Quando Laurie entrou na sala dez minutos depois para dizer a todos que o jantar estava pronto, Jak e Benji ainda estavam juntos, Jak falando devagar e com seriedade, e Benji olhando para ele com uma expressão tão flagrante de idolatria que Harper quase riu. Mas de felicidade.

Todos ajudaram a trazer pratos da cozinha e colocá-los na grande mesa de mogno da sala de jantar e depois juntaram as mãos quando Mark fez uma oração. Harper ficou com os olhos um pouco enevoados quando ergueu o copo, desejando a todos Feliz Natal.

Todos começaram a conversar novamente enquanto os pratos passavam, Harper servia fatias grossas de peru, purê de batatas, molho e...

Ela parou, com uma colher cheia suspensa no ar quando Laurie soltou um som de aflição. Ela olhou para Jak,

cujo garfo também estava congelado na frente dele. E quando ela olhou para o prato dele, seus olhos se arregalaram quando ela tentou entender o que ele estava comendo, entendendo o que Laurie havia feito. Em seu prato estavam as entranhas de peru cruas pela metade.

— Eu... deixei esses de lado para os cães — Laurie disse, impotente. *Oh Deus,* Harper percebeu, no burburinho do esforço do grupo de trazer a comida da cozinha para a sala de jantar, Jak trouxe o prato de carne crua.

Harper engoliu em seco. A mesa ficou quieta enquanto todos ficavam congelados, olhando para Jak. E então, de repente, uma risadinha irrompeu. Benji riu e os olhos de Jak voaram para o menino e Harper viu Pam olhar fixamente para ele também. Mas então o lábio dela tremeu enquanto ela tentava conter uma risada, e de repente mais risadas se juntaram, e foi tudo tão ridículo que Harper sentiu uma risadinha subindo em seu próprio peito. Jak olhou em volta mais uma vez e então seu próprio lábio se curvou para cima e ele começou a rir, suavemente a princípio, mas depois mais alto, sua risada profunda enchendo a sala, aquecendo o coração de Harper enquanto todos desmoronavam em um ataque de risos.

— Bem, o que diabos? — Oliver disse, quebrando uma perna de peru. — Se ele pode comer isso, vou pegar a perna. Ninguém está me dizendo não este ano. — E com isso, ele levou-o à boca e deu uma grande mordida, sorrindo para todos e eles apenas riram mais.

Duas horas depois, depois de comer, e mais risos e conversas, Pam e os meninos saíram com abraços por toda parte. Harper pediu licença para usar o banheiro antes que ela e Jak saíssem e, quando voltava para a sala de estar, viu um retrato pendurado no corredor. Ela parou, olhando para a linda garota loira que se parecia tanto com sua mãe.

— Abbi — Laurie disse, chegando por trás dela. Harper se virou, um pouco embaraçada, embora não soubesse por quê. — Ela morreu de leucemia.

— Sim. — Harper assentiu. — Agente... Mark nos contou sobre sua filha. Eu sinto muito mesmo.

Laurie pareceu surpresa, mas depois assentiu. — Nada é o mesmo sem ela.

Harper ouviu a pequena falha em sua voz e as palavras ressoaram com ela. Quantas vezes ela teve o mesmo pensamento sobre seus pais. *Nada,* toda a sua vida, seria a mesma se seus pais ainda estivessem com ela.

— Mark estava um pouco preocupado em ter Jak aqui. — Ela balançou a cabeça. — Não por causa da vida que ele levou, mas porque estava preocupado sobre como isso poderia parecer no caso. Nós conversamos sobre isso. — Ela fez uma pausa por um momento e uma felicidade surgiu em seus olhos que fez Harper se perguntar se ela tinha visto a conversa como um movimento de volta em direção a sua conexão como um casal. Lembrou-se de Mark dizendo o quão longe eles tinham ficado, e ela esperava muito que estivesse certa sobre isso ser um pequeno passo. — Decidimos que não importava. Nossos corações, nossas almas não permitiriam e

não poderiam permitir que uma pessoa sem família experimentasse a solidão quando podíamos impedir.

O coração de Harper se aqueceu com as palavras. Eles a salvaram da solidão também, quando ela se sentia sozinha tantas vezes em sua vida, e ela estava agradecida. Ela mais uma vez olhou para a foto de Abbi, observando o sorriso da linda garota na parede que ainda era muito, muito amada.

— Você pode saber, por causa do trabalho do seu marido, que eu perdi meus pais quando eu tinha sete anos.

— Sim — Laurie disse, pegando a mão de Harper e apertando-a. — Eu sinto muito.

Harper deu-lhe um sorriso triste, assentindo. — Eu só estava me perguntando se talvez... — Ela balançou a cabeça, de repente se sentindo boba quando começou a colocar seu pensamento em palavras. Sentindo-se como se ela estivesse passando dos limites para dizer o que tinha entrado em sua mente. No coração dela.

— O que, querida? — Laurie apertou a mão dela novamente, estimulando-a, olhando para ela com olhos esperançosos.

— Bem... Eu acho que parece meio fantástico, mas você acha que se as pessoas se encontram aqui na terra, as pessoas que amamos e perdemos também se encontram, porque estão cuidando de seus entes queridos? Isso faz algum sentido?

Lágrimas vieram aos olhos de Laurie, mas havia felicidade, *esperança*, em sua expressão. — Sim. Sim, gostaria muito de acreditar nisso.

Harper soltou um suspiro aliviado. — Bom, porque os meus pais, eles foram maravilhosos, e eu realmente gostaria de acreditar que eles encontraram Abbi agora e a fizeram se sentir tão bem-vinda com eles como você me fez sentir aqui com você esta noite. — Ela corou, esperando que a mulher não entendesse o que estava dizendo como uma tentativa desesperada, e talvez indesejada, de fazê-la convidar Harper de volta ou algo assim. Ela riu, sentindo-se desajeitada. — Eu espero...

— Oh, minha querida menina. — A voz de Laurie quebrou quando ela puxou Harper para ela em um grande abraço. — Eu não posso te dizer o quanto você encheu meu coração dizendo isso. Obrigada.

Então elas voltaram para a sala, chorosas, mas sorrindo, onde os homens estavam esperando por elas, ambos com olhares igualmente perplexos em seus rostos, aos quais Harper e Laurie responderam com outro surto de risos.

Capítulo 37

Por causa da neve recém-caída, e de que os limpadores não saíam no Natal, a viagem até o apartamento de Harper era lenta e silenciosa, embora agradável. Harper estava contente por ter passado o Natal mais feliz do qual ela podia se lembrar, e Jak parecia feliz também, um pequeno sorriso curvando seus lábios enquanto observava a neve em sua janela.

Eles pararam na frente da casa onde ela alugava um quarto, e Harper pegou a mão dele, rindo enquanto corriam da caminhonete, a neve uma enxurrada branca ao redor deles. Ela destrancou a porta e eles entraram, Harper levando o dedo aos lábios enquanto subiam as escadas na ponta dos pés.

A velha casa foi convertida em um duplex e a senhora que morava no térreo era uma parente distante dos proprietários originais que haviam construído a casa. O apartamento alugado por Harper subia por um lance de escadas traseiras e contava com uma sala principal, uma pequena cozinha e um banheiro, nada mais. Mas funcionava para as necessidades de Harper.

Ela destrancou a porta no topo da escada e eles entraram em seu apartamento, removendo casacos e cachecóis, embora Jak tenha deixado seu novo cachecol. Ele não tirou desde que o recebeu. Harper adorou o quanto ele

valorizava o presente. Ela tinha certeza que ele manteria isso indefinidamente.

Harper observou enquanto ele olhava em volta, movendo-se da pequena árvore com luzes brilhantes na frente da janela, para a cama dela, feita com uma colcha antiga e artesanal que ela comprou em uma venda de móveis no último dia, quando os preços restantes os itens haviam sido reduzidos, os itens de mobília que custaram centavos e ela pintou. Ele passou a mão sobre a pilha alta de livros em sua mesa de cabeceira e então espiou a minúscula cozinha e depois o banheiro. Ela o observou, seus olhos se movendo em todos os lugares com interesse. Ele parecia... impressionado, e ela não pôde evitar o sorriso que inclinou seus lábios.

Jak caminhou até a janela que continha uma pequena varanda falsa e abriu o trinco. Havia um pórtico acima da janela que impedia a neve de entrar, e assim, embora o vento sacudisse a cortina, a neve caía um pouco além deles.

— Não pise na varanda — ela avisou, chegando ao lado dele. — Não é seguro.

Ele olhou para ela e sorriu, e então voltou para a neve, observando enquanto ela girava e caía, as luzes da cidade cintilando além, dando a tudo um brilho sonhador. — É tão bonito aqui — ele disse, uma nota de admiração em sua voz.

Ela riu, colocando os braços em volta do bíceps dele e puxando-o para perto, descansando a cabeça no ombro dele e olhando para o branco cintilante. Ela tentou deixar sua pequena casa bonita, apesar de ter pouco dinheiro para gastar em coisas bonitas. Mas ela nunca a considerou *bonita.*

Caseira, sim. Dela, sim. Tão bom quanto ela poderia fazer com o pouco que tinha. Mas agora, ali de pé enquanto as luzes e a neve se embaçavam diante dela, o vento frio, mas o calor e o conforto do lar a poucos passos de distância, ela percebeu que *era* linda. Ela tinha tudo que precisava. Ela fez o melhor possível e estava orgulhosa por nunca ter parado de tentar.

— É, não é? — Ela sussurrou, uma pequena falha em sua voz na emoção que a noite inteira provocou. Ela queria mostrar-lhe outras coisas, experimentar tudo o que, para ele, seria novinho em folha, torta em lanchonetes à meia-noite, piqueniques em parques ensolarados, filmes de madrugada e mil outras coisas que as pessoas não valorizavam. Ela queria observar o rosto dele enquanto ele observava, para ver o prazer em seus olhos, a confusão, o entendimento. Ela queria ver como ele resolvia as coisas naquela mente rápida dele. E ainda outra parte dela o queria do jeito que ele era, sempre inocente, bonito, intocado, *dela.*

Ele fechou a janela contra o frio e se virou para ela, levando as mãos ao rosto dela e olhando para ela como se *ela* fosse a coisa *mais* linda que ele já tinha visto. — Você me faz ver beleza onde eu não a via antes, Jak — ela disse, virando o rosto e fechando os olhos enquanto beijava a palma da mão dele. — Você faz tudo novo. Até eu.

Ele inclinou a cabeça e, na penumbra da sala, sombras se projetavam sobre as linhas de seu rosto, seus olhos claros queimando os dela, o único fogo que ela precisava para

mantê-la aquecida. — Isso é bom? — Ele perguntou. — Que eu te faço nova?

— Sim, é muito, muito bom. — Ela estava se transformando, ela percebeu, e ela ainda não estava certa sobre todas as maneiras que ele estava ajudando-a a crescer, mas parecia certo. Pareceu certo. Desde que ele entrou em sua vida, mais perguntas surgiram, e ainda, finalmente sentiu como se ela estivesse descobrindo sua vida quando antes ela estava se debatendo. Talvez parte disso fosse a profunda gratidão que ele abriu nela. Talvez fosse a perspectiva dela sobre a própria vida e as dificuldades que enfrentou. Ela não tinha certeza ainda, mas tinha *tudo* a ver com ele. Ela se sentiu como uma flor desabrochando, abrindo gentilmente, suas pétalas alcançando a luz do sol que ela nem tinha percebido que estava lá porque estava enrolada tão firmemente, um botão protegendo-se da mesma coisa que ela precisava para florescer.

— Você gostou desta noite? — Ela sussurrou, seu dedo se movendo ao longo da lã de seu novo cachecol.

Ele assentiu. — Sim. Muito. — Ele pareceu pensativo por um momento. — Quando você estava na cozinha, o agente Gallagher me contou sobre a mulher que me criou. Ele... a encontrou. Ela era refugiada de uma guerra. Uma... de verdade. — Ele desviou o olhar por um momento. — Isaac Driscoll a usou. Ela foi enganada também. Mas por alguma razão, não posso odiá-la. Ela me deu o que pôde.

Harper olhou para ele, considerando sua bondade inata. Seu coração gentil. Ele. — Estou feliz que você esteja recebendo respostas, Jak. Você as merece.

Seus olhos encontraram os dela, vulnerabilidade preenchendo sua expressão. — Todo mundo me entregou. Ninguém me manteve.

Seu coração disparou, apertou. — Eu vou mantê-lo — ela sussurrou, as palavras que saíram de seus lábios fazendo-a se sentir tímida de repente. Ela olhou para baixo.

Ele cutucou o queixo dela com a mão para que seus olhos encontrassem os dele mais uma vez. — Promete? — Ele perguntou.

Ela assentiu, seus olhares fixos. E ela sabia que sim. Não importa o que o futuro reservasse. Não importa se *ele* decidisse mantê-*la* ou... não. Ele permaneceria parte dela. Para sempre. Ela o manteria. Ela nunca o deixaria ir porque não saberia como.

Eles ficaram parados na janela por mais alguns minutos, vivendo no momento compartilhado de vulnerabilidade, olhando para a noite escura. Ele traçou os dedos dela, as mãos dele subindo pelos braços dela, o calor dele ao redor dela. Sim, ela o queria. Queria a cada minuto da noite que se aproximava.

Ela se virou, beijando-o lentamente e ele gemeu, pressionando-se contra ela, seus corpos se encontrando, sua suavidade moldando-se à sua dureza, para que eles se tornassem uma, de duas partes perfeitas de um todo. Suas línguas emaranharam e dançaram, e ela se afastou, rindo e

puxando o cachecol dele. — Eu sei que você gosta disso, mas se eu vou te beijar corretamente, você precisa tirá-lo.

Harper nunca tinha visto um cachecol sair tão depressa.

Sua risada foi interrompida pela boca dele.

Eles se beijaram e beijaram, suas mãos vagando, ambos usando roupas demais. Harper sentiu a prova de seu desejo e se esfregou contra ele. Ele sussurrou um som de excitação torturada, seus lábios se separaram dos dela.

Ela correu um dedo pela cicatriz sob a maçã do rosto, olhando para ele, lindo e feroz e por um momento, mas apenas um momento, ela estava com medo da necessidade profunda que via em seu olhar. Ele queria levá-la, reivindicá-la, *acasalar* ferozmente e com abandono selvagem. Ela viu nos olhos dele, no seu queixo definido, mas então sua expressão se suavizou e a ferocidade em seus olhos diminuiu. A respiração dela se acalmou, seu batimento cardíaco desacelerou, mas algo no fundo disparou em resposta e depois imergiu enquanto desaparecia. Ela não sabia como chamar. Tudo o que sabia era que ela também o queria.

— Leve-me para a cama, Jak — ela murmurou. — Eu quero ficar com você.

Seus olhos se arregalaram, e ele deu um pequeno passo para trás, como se precisasse vê-la melhor, para ler a expressão em seu rosto para saber que ela queria dizer o que ele achava que ela disse. — Faça amor comigo — ela esclareceu.

— Sim — ele disse, e a simplicidade de sua resposta quando seus olhos queimavam tão brilhantes e seu corpo tremia, a fez sorrir.

Ele levantou a mão e depois deixou cair. — Por... onde devemos começar?

— Remover nossas roupas provavelmente é um bom lugar para começar.

Seu sorriso era doce e inseguro. *Juvenil.* Mas ele levantou as mãos e tirou a camisa, expondo seu lindo peito para ela, suas cicatrizes destacando-se brancas e erguidas na penumbra. Ela se inclinou para frente, arrastando a língua ao longo de uma e depois outra. Ele respirou fundo, levando as mãos ao couro cabeludo dela e passando os dedos pelo cabelo. Ela fez um som de ronronar, levantando a cabeça e arrastando os dedos corpo dele.

— Harper — ele gemeu, uma nota de desespero em seu tom.

— Sim — ela disse — Eu sei. — Isso não ia durar muito tempo. Mas depois dessa vez, eles teriam a noite toda. Os músculos entre as pernas dela apertaram com o pensamento.

— Isso pode... — Ele engoliu em seco, parecendo repentinamente inseguro, reunindo seu controle. — Nós podemos ter um... — Sua testa franziu e sua respiração parou. — Filho — ele terminou.

Oh. Ela exalou, seu coração se encheu de ternura. Ela balançou a cabeça. — Não. Estou tomando algo para que isso não aconteça.

Ele olhou para ela intrigado por um momento, mas depois assentiu, seus olhos se aquecendo mais uma vez quando ela começou a se despir.

Ela tirou as roupas enquanto ele observava, seus olhos devorando cada parte dela quando foi revelado, sua respiração liberando em suaves ofegos. Um olhar de tão profunda aprovação em seus olhos que ela se sentiu bonita. Adorada.

Ela pegou a mão de Jak e eles andaram os poucos passos até a cama. Ele tirou as botas e depois as calças tão rapidamente que uma risadinha borbulhou em seu peito, mas parou quando seu olhar foi para sua ereção, projetando-se em direção a ela, grande e avermelhada com a intensidade de sua luxúria. Por ela.

Ela engoliu em seco. — Você sabe como fazer isso? — Ela sussurrou.

Ele deu um passo em direção a ela, sua voz grave, grossa. — Eu... conheço o básico. O resto, você terá que me mostrar. Eu tenho... dúvidas.

— Como o quê? — Ela sussurrou. Por que ela estava enrolando agora? *Estou com medo?* Ela se perguntou. *Não dele, não disso,* ela percebeu. Só que ela nunca sentiu esse tipo de... *gravidade* quando se tratava de sexo. Talvez ela não quisesse. Talvez ela tenha evitado pela falta de controle que isso trazia. Mas agora, ela percebeu que havia se negado a mesma coisa que poderia ter ajudado a curá-la.

Quando ele moveu o dedo sob o seio dela, ele assistiu em fascinação extasiada quando o mamilo endureceu e ela estremeceu de prazer. — Avisarei quando surgirem.

Ele pegou a mão dela e agora a estava levando para a beira da cama, onde puxou os cobertores e a guiou para deitar ao lado dele. Puxou as cobertas sobre eles e por alguns minutos, eles simplesmente se gloriavam na sensação de pele nua contra pele nua, no calor que compartilhavam, na segurança de seu quarto, na esperança que se estendia diante deles. A longa e deliciosa noite que estava à frente. A pele de Harper arrepiou-se e um suspiro saiu de seus lábios quando a boca dele acariciou o volume de seu seio, movendo-se em torno dele. Ela o observou por um momento, percebendo que ele estava evitando seus mamilos. — Você pode me beijar lá — ela sussurrou, virando o corpo ligeiramente, oferecendo-se a ele. Ele pareceu brevemente intrigado, mas então seus olhos escureceram, luxúria queimando, e ele baixou a boca para o mamilo dela, sugando suavemente. Ela gemeu.

— Você gosta disso — ele observou, sua voz grave, admiração em seu tom.

— Sim — ela suspirou. Ele abaixou a cabeça novamente, passando longos minutos acariciando, rolando a língua em torno de seus mamilos, deixando-a louca de desejo, a vibração entre suas pernas aumentando para um tom febril.

— Jak — ela engasgou, puxando-o, precisando dele para preencher o vazio dentro dela.

Ele levantou-se sobre ela, uma sombra na escuridão, seus olhos brilhando com intensidade, e embora ela esperasse que seu coração parasse, seu desejo desaparecesse, na verdade, o oposto aconteceu. Seu corpo estava *emocionado.* Respondeu a ele de um modo primitivo que ela não conseguia definir. Ela sentiu uma onda de excitação e sua necessidade por ele a fez se contorcer, a pulsação quente entre as pernas causando uma dor doce. Ela abriu as coxas, dando-lhe convite, pedindo-lhe para tomar a parte mais sensível dela e torná-la dele. *Eu confio em você,* ela pensou. *Com cada parte de mim.*

Ela levou a mão e alinhou a ereção dele na entrada dela. — Devagar — ela sussurrou.

Ele fez como ela instruiu, mas ela poderia dizer que estava custando a ele, sua respiração saindo ofegante, seus membros tremendo quando ele entrou nela um centímetro de cada vez, esticando-a para que fosse uma deliciosa... dor de prazer. Seu corpo se ajustou, os músculos apertaram enquanto ele a penetrava ao máximo, grunhindo, um som animalesco de prazer profundo, de alegria, de alívio e surpresa e desespero, todos misturados.

Ela não teve que instruí-lo sobre o que fazer então. Seu corpo assumiu o controle quando ele se afastou lentamente e depois empurrou de volta, seus movimentos correspondendo a longos gemidos masculinos de êxtase e pequenos grunhidos de exclamação quando ele se enterrou dentro dela e depois se afastou novamente. Ele se movia com um foco tão singular, e os sons que ele fez a incendiaram. E *oh, Deus,* estava tão

bom, seu corpo grande, quente e duro, enchendo-a, sua pele áspera esfregando suas partes mais sensíveis, para frente e para trás, mas muito devagar. Dolorosamente devagar. — Mais rápido — ela gemeu, uma nota suplicante em sua voz. — Mais rápido, mais rápido, mais rápido — ela ofegou.

— Eu vou...

— Eu *sei* — ela disse. — Eu quero sentir isso. Eu quero *te* sentir. — Ela queria vê-lo enquanto ele se desfazia dentro dela pela primeira vez. Mal podia esperar.

Ela o sentiu hesitar, algo quase temeroso atravessou sua expressão, mas apenas por um segundo quando ele finalmente, finalmente, acelerou, seus quadris se contraindo quando ele começou a empurrar pra valer. *Sim, sim, sim.* Ela apertou as coxas ao redor dele, observando seu rosto, à espera do momento em que ficaria tenso com um prazer insuportável. Mas, para sua surpresa, foi seu *próprio* prazer intenso que a dominou, um orgasmo subindo tão rápido que a pegou desprevenida enquanto ela gritava, a felicidade pulsando explodindo e depois recuando.

Os olhos dele ficaram pesados, suas pálpebras meio fechando quando a boca se abriu e ele mergulhou nela, uma vez, duas vezes, um rugido animal de prazer irrompeu dele, quando jogou a cabeça para trás e pressionou nela uma última vez.

Com um último gemido, ele desmoronou em cima dela, rolando seu peso para o lado enquanto seus corações batiam juntos, suas respirações aceleradas se misturando, diminuindo, o suor esfriando em sua pele.

Ela sentiu o sorriso dele contra seu pescoço e isso provocou uma pequena risada dela enquanto usava seus músculos internos para apertar sua carne amolecida, ainda meio dentro dela. Ele grunhiu contra sua garganta, rindo, o movimento fazendo com que ele escapasse de seu corpo.

Ele rolou para o lado e se apoiou, olhando para ela, o olhar de alegria atordoada em seu rosto tão forte e claro que ela riu alto. Ela levantou-se e beijou-o uma vez, com força na boca.

— Vamos fazer de novo — ele sugeriu, sua voz lenta de satisfação.

Ela riu, beijando-o novamente, traçando seus lábios com o dedo. — Me abrace por um tempo primeiro.

Ele sabia, e ela sabia que ele apreciava a intimidade, sua alegria tão perto da superfície que ela podia ler cada nuance em seu rosto bonito. Sua alegria inspirou a dela, e ela nunca se sentiu tão contente em toda a sua vida, deitada ali com ele no calor de sua cama, compartilhando, tocando, fazendo amor de novo e de novo.

A noite se aprofundou, envolvendo-os, de modo que parecia que ninguém mais existia. Somente eles. — Isso. Aqui — ele inalou, olhando para ela com intensidade profunda, seus corpos conectados, seus corações entrelaçados.

— O quê? — Ela perguntou em um suspiro, o momento diminuindo, embora tudo físico nela estivesse correndo, acelerando.

— Isso enche minha alma. Você... você enche minha alma.

Ah, Jak.

Ele começou a se mover então e seus pensamentos sumiram, afastando-se quando o prazer a envolveu, alegria em espiral descontroladamente. *Você enche minha alma também,* seu coração sussurrou assim que seu corpo voou para as estrelas.

Eles sussurraram no escuro. Ele contou a ela sobre seu amado Pup e beijou suas lágrimas quando ela chorou por sua perda. Ela contou a ele mais sobre sua infância, o quão difícil tinha sido toda vez que ela tinha que fazer as malas e se mudar para outro lugar.

Quando o sol espreitava através de suas cortinas, eles mal haviam dormido. Seus músculos doíam e ela estava dolorida em lugares que ela nem sabia que existiam. E, no entanto, Harper nunca abriu os olhos para uma manhã que continha uma alegria mais exuberante do que aquela.

Capítulo 38

O avô de Jak morava em um castelo. Embora o agente Gallagher a tivesse chamado de propriedade. Essa era outra palavra para castelo, ele imaginava. Tinha que ser. Não poderia haver uma casa maior do que essa em que ele estava.

Ele apertou a mão de Harper e ela olhou para ele, com os olhos sonolentos e brilhantes. Seu sangue esquentou e ele queria acasalar com ela, não, fazer amor com ela, novamente, mesmo que eles tivessem feito quatro vezes, antes do agente Gallagher buscá-los. Harper perguntou se ele queria ir sozinho para conhecer o avô, mas ele a queria lá. Onde quer que estivesse, era onde ele queria que ela estivesse.

Com sons no chão e um segundo depois, um homem entrou na sala. Ele era quase tão alto quanto Jak, com cabelos grisalhos e roupas que pareciam um uniforme... só que não eram. Seu olhar se voltou imediatamente para Jak, o olhar em seus olhos afiados como uma águia. Ele andou até ele e estendeu a mão. Jak balançou, segurando firmemente como o agente Gallagher. A coisa de balançar, estava se tornando familiar. Era o que as pessoas faziam quando se encontravam ou se viam novamente.

— Meu Deus — o homem murmurou, seus olhos viajando por todo o rosto de Jak. Sua voz soou surpresa e triste e feliz tudo junto. — É estranho. Venha. — Ele se virou e fez um movimento de mão que Jak pensou que deveria segui-lo. Ele olhou uma vez para Harper, e ela deu-lhe um

aceno antes de seguir o homem mais velho. Ele caminhou até uma mesa e pegou uma foto, entregando-a para Jak. A foto era de um homem da idade dele, pensou, parado na frente de um carro e sorrindo.

Jak olhou para ele, tentando descobrir o que o homem mais velho estava mostrando a ele. — Esse é Halston Junior. Seu pai. — Os olhos de Jak se arregalaram e ele aproximou a foto, olhando para o rosto do homem que o havia criado. — Você se parece com ele — o homem mais velho disse. — Igualzinho a ele. Há mais álbuns da família na gaveta se você quiser examiná-los depois. — Jak olhou para a foto novamente, levando a mão ao queixo barbado, os olhos voltando para o homem da foto, curioso. Jak não tinha certeza se ele se parecia com o pai. Ele ainda imaginava seu próprio rosto olhando para ele da água ondulada. Ele não conseguia lembrar como ele era nas fotos que encontrou na casa de Driscoll, e, além disso, não gostava de pensar nisso. Ele apenas se olhou no espelho no banheiro de Harper. Ele não teve tempo de se estudar como queria. Mas queria voltar *mais* para a cama. Para ela. Ele devolveu a fotografia.

— Eu sou seu avô, filho. Me chame de Hal. Bem vindo. Bem-vindo à família. — Sua voz fez um estalo estranho e, em seguida, ele se adiantou, surpreendendo Jak envolvendo seus braços nele. Jak permaneceu rígido por um segundo, mas depois deixou o homem abraçá-lo rapidamente antes de dar um passo para trás novamente. — Bem, eu tenho certeza que você tem centenas de perguntas e nós podemos sentar e conversar depois que eu te mostrar sua nova casa. Como isso

te parece? — Ele pensou em sua verdadeira casa, sua *antiga* casa, ele continuou tendo que se lembrar. Neste momento, a floresta estaria cheia do barulho dos caçadores e coletores fazendo seu trabalho. O sol estaria mais quente. Se ele fechasse os olhos, podia sentir, cheirar, lembrar os tempos de paz quando sua mente estava quieta e seu coração calmo. Lá, ele se sentia conectado a todas as coisas vivas, quando os sussurros passavam por ele, envolvendo-o, e ele se tornou parte disso tudo. Sem fim. Sem começo. Ele desenhava o sentimento nas anotações da mãe de Harper. Ele se perguntou se teria esse sentimento novamente. Este novo lugar parecia o oposto disso.

O avô, Hal, sorriu para o agente Gallagher e Harper, que estava de pé ao lado dele com as mãos juntas na frente dela. — Obrigado por tudo — ele disse. — Nigel irá acompanha-los até a porta. — O homem chamado Nigel no uniforme preto e branco avançou da porta como se ele fosse uma sombra que acabara de ganhar vida.

— Obrigado. Jak, me ligue se precisar de alguma coisa — disse o agente Gallagher, dando-lhe um aceno de cabeça e começando a se virar.

O coração de Jak saltou e ele deu um passo em direção a Harper. — Você quer que eu fique? — Ela perguntou baixinho, inclinando-se para ele.

Sim. Ele queria. Mas ele lembrou que ela tinha presentes para as crianças no orfanato. Presentes em papel verde brilhante com laços vermelhos e brancos. Ela os colocou atrás do assento em sua caminhonete e disse que estava

longe deles por muito tempo. Ele queria que aquelas crianças sem pais, como ele e Harper, tivessem esses presentes. Soubessem que ela não se esqueceu deles.

Mas ele não queria ficar sozinho com esses estranhos naquele grande castelo que parecia frio e sem vida. Ele se sentia... preso. Ele olhou para Harper. Só seria por pouco tempo... — Você vai voltar?

Harper sorriu, mas parecia que ela estava se forçando a fazer isso. — Sim, claro que vou. Eu vou te ligar.

Ligar para ele? Ele ficou em pânico. Ele nem sabia como os telefones funcionavam, não sabia *qual* telefone ou onde...

— Agente Gallagher me deu o número daqui — ela disse, como se pudesse ler sua mente. — Eu vou te ligar.

— Tudo bem, então, está tudo resolvido — o avô disse. — Nigel.

Ele estendeu a mão para Harper, sentindo-se inseguro, querendo beijá-la. Ela parecia insegura também, mas ela se moveu para frente, abraçando-o rapidamente, apertando, e então ela estava se virando. Indo embora. Foi embora. *Harper. Eu deveria ter pedido para ela ficar.*

— Siga-me — disse o avô. — Eu vou dar-lhe um pequeno tour e, em seguida, podemos sentar e conversar antes do meu compromisso de uma hora. — *Tour. Compromisso.* Tantas palavras que ele não sabia. Sua cabeça doía. Jak seguiu o avô para fora da sala com todos os sofás e cadeiras e cores azuis e douradas, em uma enorme área aberta que era tão alta que Jak teve que dobrar o pescoço para ver o teto. Em toda parte havia pedra brilhante, branca

e cinza com listras e rios dentro dela. Jak queria estender a mão e tocá-la, senti-la sob as pontas dos dedos, como a rocha ficou tão suave? Mas não tocou, em vez disso, segurou as mãos atrás das costas, como o avô estava fazendo.

Havia tapetes com florestas inteiras sob seus pés, pássaros, árvores e flores em vermelho, azul, amarelo e preto sem estrelas.

O avô mostrou-lhe outra sala com móveis de assento, desta vez em tons de verde e branco, e então o levou até uma sala com estantes tão altas que chegavam ao teto. Elas estavam cheias de... livros. Os olhos de Jak se arregalaram e seu coração disparou. Tantos livros. Mais livros do que ele sabia estavam escritos no mundo. — Agente Gallagher disse que você sabe ler.

— Sim — Jak murmurou, seus olhos incapazes de se mover das prateleiras para o homem falando com ele.

— Bem, pode pegar qualquer um desses. Deus sabe que ninguém por aqui os lê.

Jak sentiu as sobrancelhas se arquearem. — Ninguém lê isso? — Ele não conseguia entender. Seu coração estava pulando e acelerando com a notícia de que tantos livros existiam. Ele ainda estava na metade de *O Conde de Monte Cristo*, mas queria começar a olhar esses. Ele queria escolher seu próximo livro e o seguinte. Ele queria empilhá-los e começar a ler imediatamente.

— Muito ocupado, eu acho. Os jovens estão sempre em seus telefones. Só Deus sabe o que eles estão fazendo. Rede social, eu acho.

Jak não sabia o que era isso, então ele fez seu rosto parecer compreensivo e assentiu. O avô o levou para fora de lá, mas Jak olhou ao redor do grande salão para ter certeza de que poderia encontrar o caminho de volta.

O avô o levou para uma cozinha tão grande que Jak ficou parado na porta olhando. Era maior que duas de suas cabanas, maiores que cinco das cozinhas de sua baka. Tinha mais da pedra brilhante, um fogão de prata brilhante e uma geladeira que parecia uma pequena casa. Jak engoliu em seco. Havia muita comida. Bem ali, para pegar. Ele se virou, algo sobre isso fazendo a tristeza apertar seu peito. Ele fingiu que não se sentia assim. Ele nem sabia o que sentia.

— Jak, esta é Marie. Ela é nossa chef e qualquer coisa que você queira comer, é só avisá-la. — *Uma chef?*

A mulher redonda de bochechas vermelhas sorriu e estendeu a mão. Jak a sacudiu. — Eu faço a comida aqui — ela disse, piscando os olhos. — Alguma favorita que eu deveria saber, Jak?

— Uh. — Ele procurou em sua mente. Ele sabia que tinha feito a coisa errada quando comeu a carne crua nos Gallaghers. Ele deve comer carne cozida a partir de agora, ele entendeu isso. Entendia que o contrário seria pouco *civilizado*. Exceto sushi, Harper lhe dissera. Ele não sabia o que era isso, mas se era cru, ele achou que gostaria. — Sushi.

As sobrancelhas de Marie fizeram uma coisa estranha, mas ela sorriu de novo. — Eu vou ter certeza de adicioná-lo ao cardápio então.

— Muito bom — disse o avô, e então levou Jak para fora da cozinha, outro corredor. Jak não sabia como ele encontraria sua saída se decidisse que queria ir embora. O avô abriu um grande conjunto de portas com vidro no topo e Jak sentiu o cheiro dos pássaros antes de ouvi-los. Ele parou, confuso. O avô riu. — Ouviu o canto? Adorável, não é? Está vindo do aviário, — ele disse. — É onde minha esposa, Loni, estará. Venha comigo.

Aviário? Os gritos de pássaros ficaram mais altos e o coração de Jak disparou. Eles não eram como qualquer língua de pássaro que ele já tinha ouvido antes, e os pássaros que ele estava ouvindo não estavam cantando... eles estavam... chorando. *O que está acontecendo?*

Ele seguiu o avô para outra grande sala com grandes árvores que não cresciam no chão, mas sim em... vasos ao redor dos lados. Ele se perguntou como elas sussurravam uma para a outra daquela maneira, quando não tinham lugar no fundo para se encontrar. No meio da sala havia três gaiolas gigantes que quase chegavam ao teto. Castelos de pássaros feitos de barras. Dentro havia centenas de pássaros em cores que Jak nunca tinha visto antes. — Pássaros de flores — Jak murmurou, com os olhos arregalados, seus gritos torcendo seu coração.

Uma mulher vestida de branco saiu de trás de uma das gaiolas e estendeu a mão para Jak. Seus olhos se moveram sobre ele, e ele teve a mesma sensação que costumava sentir quando pensava que alguém o estava observando. Os pelos da nuca se ergueram. — Olá — ela ronronou como uma

raposa quando estava comendo sua presa. — Olhe para você. Você é tudo que pensei que você seria.

— A mesma imagem de Hal Junior, não é?

A mulher olhou para o avô. — Mmm — ela ronronou novamente. — Eu sou Loni.

— Ela é sua avodrasta — Hal disse, e ela deu a ele um olhar como se estivesse com raiva porque o que ele disse não era verdade. Ela parecia muito mais jovem que o avô. Ela estendeu a mão e Jak a pegou, notando que suas unhas eram compridas, afiadas e rosadas. Ela usou uma delas para fazer cócegas na palma dele enquanto ele puxava a mão. Talvez ela estivesse tentando fazê-lo rir, dizer que era tudo uma piada. Ele esperava que sim... — O filho dela, Brett, e a filha Gabi, moram aqui conosco também. Você os encontrará mais tarde hoje à noite.

— Você deve ser um amante dos animais, Jak — Loni disse. — Nós temos isso em comum. — Ela acenou com a mão para os pássaros chorando. — Eu não posso esperar para descobrir o que mais temos em comum.

Jak não tinha ideia do que dizer para a mulher pássaro com garras, então ele simplesmente olhou.

— Você me avisa se precisar de alguma coisa para se instalar, entendeu? — Loni piscou para ele, mas era diferente da piscadela que Marie lhe dera, e ele não sabia como, mas era.

Ele assentiu, querendo se afastar da mulher que gostava de fazer as coisas bonitas chorarem.

Ele se apressou atrás do avô, finalmente tomando fôlego quando os gritos dos pássaros desapareceram. Eles entraram em uma sala menor com dois sofás e duas cadeiras. Esta sala era amarela, em diferentes tons. Jak sentou na cadeira que o avô apontou. — Posso pegar algo para você beber?

— Não quero gemada, por favor.

O avô riu. — Não é fã, né? Nem eu. — Ele lhe entregou um copo de água e Jak tomou um gole agradecido.

— Tenho certeza que você tem perguntas, Jak. O que eu posso responder para você?

— Eu gostaria de ouvir sobre meu pai — ele disse. — O agente Gallagher me contou o que aconteceu com ele e com minha... mãe, mas... como ele era? Quem era ele?

Ele tinha uma expressão triste no rosto e Jak se perguntou se tinha sido errado da parte dele perguntar, mas então os lábios do avô se inclinaram para cima e ele se recostou na cadeira. — Inteligente — disse. — Todos diziam isso desde o minuto em que ele nasceu. Ele aprendia tudo rapidamente, era bom em tudo o que se propunha a realizar. Ele tinha muito... — Sua voz desapareceu e então ele endireitou-se e sua voz soou forte novamente. — Potencial.

Potencial. Seu pai era esperto. Ele aprendia as coisas. Ele tinha... potencial. Esperança. Esperança... para uma vida boa. Jak guardou a palavra. Ele gostava dessa palavra. E ele se perguntou se ele também tinha potencial. Talvez ele tivesse herdado isso de seu pai, junto com os traços de seu rosto. Ele passou a mão pelo rosto.

— Você vai querer se barbear, imagino, assim que se instalar em seu quarto.

Jak assentiu lentamente, inseguro. Ele manteve a barba curta com o canivete, mas não raspava o rosto desde que crescera. Isso o mantinha aquecido no inverno. Dizia aos outros que ele era um homem que podia acasalar e ter seus próprios filhos.

Mas os homens que ele tinha visto na civilização até agora tinham rostos barbeados. Ele imaginou que as mulheres na civilização achavam que outras coisas eram mais importantes do que acasalar e gerar filhos. Jak passou os dedos pela queixo de novo, imaginando o que Harper gostaria.

— De qualquer forma — o avô suspirou — seu pai era um bom homem. Ele teria levado uma vida boa se essa mulher... — Ele pareceu apertar os dentes por um momento, e então levou a própria mão ao queixo, esfregando-a antes de prosseguir. — Bem, basta dizer que queria que as coisas tivessem sido diferentes, mas aqui estamos.

Aqui estamos.

O avô não parecia feliz com isso e, de repente, Jak se sentiu ainda mais deslocado. Fique *quieto, não se mova. Não se torne presa.* Ele sabia que não era a palavra certa, mas era a melhor que ele tinha. Animais farejavam confusão e medo, e eles se aproveitaram disso. Os humanos faziam o mesmo, ele sabia, mas não podiam sentir o cheiro. Eles usavam seus olhos e seus cérebros.

Ainda não sabia se o avô era bom ou ruim, e esperava que fosse bom, mas até que soubesse com certeza, ele o observaria. Esta casa o fazia se sentir estranho com suas paredes grandes e frias, e seus lindos pássaros engaiolados, e as pessoas que deram olhares estranhos e disseram coisas que o fizeram pensar que estavam dizendo uma coisa querendo dizer outra, se ele soubesse como escutar direito.

— Falando de seu pai, Jak, a ruína dele começou por causa de uma mulher. — Ele parecia irritado. — Eu odiaria ver a mesma coisa acontecer com você.

Jak recostou-se, olhando para o velho. *Harper.* Ele estava falando sobre Harper. Uma pontada de raiva fez seu peito apertar. — A mulher que você trouxe aqui hoje, obviamente não é da nossa classe.

Jak tinha alguma ideia do que o homem estava dizendo, mas ficou quieto. Esperando por todas as palavras para que ele pudesse colocá-las juntas em sua mente. Compreendo. — O nome Fairbanks vem com muito privilégio, mas também vem com sua parcela de dificuldade. Ou seja, os outros vão querer usá-lo para o que você pode fazer por eles. É por isso que seu pai acabou nesse caminho. — O avô deu-lhe um olhar e suspirou. — Você sabe o que é uma escavadora de ouro, Jak?

Escavadora de ouro. Alguém que gosta de ouro? Mas ele não achava que o avô queria dizer isso. Ele balançou a cabeça lentamente.

— É uma mulher que quer você por seu dinheiro, filho.

— Eu não tenho dinheiro — ele disse lentamente.

— Você *não* tinha dinheiro. Mas você é um Fairbanks agora. Tudo isso... — ele balançou a mão no ar —... está ao seu alcance.

— O quê?

— O que está ao seu alcance? Ora, esta casa, as oportunidades que o nome Fairbanks abre para você, talvez a propriedade Fairbanks algum dia, Jak. — Ele se inclinou para frente, parecendo pensativo. — Eu vou te ensinar o básico. — Ele levantou uma sobrancelha. — E algum dia talvez... você possa contratar pessoas boas para lidar com os detalhes do negócio. — Ele se sentou mais ereto, parecendo mais... esperançoso. — Algum dia você terá seu próprio filho e tudo isso irá para ele. É assim que as propriedades funcionam, Jak. É assim que o nome de uma família continua.

Jak passou tudo o que o avô lhe dissera em sua mente. O avô acreditava que a mãe arruinara a vida de seu pai. Ele achava que Harper também arruinaria a vida de Jak. Que ela era uma *escavadora de ouro* que o queria por seu dinheiro. Mas Harper, ela o beijou antes que ela soubesse que ele tinha alguma coisa. Antes que ela soubesse que ele era um Fairbanks. Antes que ele tivesse um sobrenome.

Além disso, ele confiava nela. Ela era honesta e doce, e chorara por Pup porque Jak o amava. E ainda mais que isso, ele a cheirou. Ela era sua companheira. Isso era tudo.

O avô ficou em pé. — De qualquer forma, você deve estar cansado. Podemos falar sobre isso em outro momento. — Ele olhou para o relógio em seu pulso. — Eu tenho que ir.

Deixe-me mostrar-lhe o seu quarto. Tomei a liberdade de pedir à nossa governanta, Bernadette, que comprasse algumas roupas e tudo o mais para você. — Jak ficou de pé também. Ele o seguiu quando saiu da sala, levando-o a uma escada tão grande e larga que ele poderia ter morado ali.

Seu quarto ficava em um longo corredor com carpete tão macio que parecia grama de primavera sob seus pés, mesmo através de seus sapatos. Ele pulou de leve enquanto caminhava e o avô lhe deu um olhar que o fez parar. — Espero que você se sinta confortável aqui, Jak — disse o avô quando Jak o seguiu até um grande quarto com uma cama enorme no meio, não apenas com um cobertor, não apenas três como a cama de Harper, mas tantos que parecia que Jak estaria dormindo em uma nuvem.

Jak entrou lentamente. — O banheiro fica atrás daquela porta. Suas roupas novas estão no armário. Apenas deixe suas velhas no chão e a empregada... cuidará delas. — Jak se voltou para o avô, cujo rosto parecia ter comido algo ruim, mas depois mudou para um grande sorriso que só movia os lábios. — Bem-vindo a casa, Jak. — Então o avô saiu, fechando a porta atrás dele.

Jak levou um minuto para olhar ao redor do quarto e depois dentro do banheiro, caminhando para o espelho. Ele ficou na frente dele, virando o rosto devagar para um lado e depois para o outro. *Ele* parecia o homem da foto? O pai dele? Ele não podia ver, mas o avô disse que sim. O rosto de Jak estava escuro do sol, tanto no inverno quanto no verão, mais escuro do que o do avô ou do agente Gallagher. Suas

bochechas estavam ressecadas pelo vento e sua barba era áspera e... desigual. Ele cortou usando apenas a sensação de seus dedos.

Jak tinha uma cicatriz sob a maçã do rosto, de onde o garoto loiro o havia cortado naquele dia terrível.

Ele parecia diferente de todos eles. *Estranho. Selvagem.* E isso é porque ele *era.*

Pensou nas coisas que fizera, algumas porque não tinha escolha, outras porque queria *viver.* Mas ele poderia ser diferente agora. Ele poderia ser como eles. Harper aceitou sua aparência e a parte de si mesmo que ele lhe mostrara, mas ela nunca pode saber a maneira como ele ficou e matou. Nunca ter que imaginá-lo do jeito que ele esteve em seus piores tempos. Nunca pode saber que essa parte dele sequer existia. Aqui... em Thornland, ele poderia deixar tudo isso para trás. Apenas Driscoll sabia sobre aquela parte dele e Driscoll estava morto. Ele poderia ser. . . civilizado. Ele poderia ser um homem, *todo* homem, *apenas* homem, para que Harper nunca vislumbrasse aquela fera dentro dele.

Ele pegou uma lata de algo que dizia espuma de barbear, olhando para as outras garrafas na prateleira sobre a pia, engolindo em seco quando ele viu as coisas que viveu sem por tantos anos. Tudo parecia... grande. *Cheirava demais.* Tudo isso era *enorme,* maior do que ele lembrava, mais brilhante, *mais. Muito.* Ele voltou para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Bem-vindo a casa, o avô dissera.

Então, por que ele ainda se sentia perdido?

Capítulo 39

— Entre — Mark chamou, tirando as mãos do teclado e recostando-se em sua cadeira. Laurie espiou para dentro.

— Estou indo para o supermercado. Alguma coisa específica que você queira para o jantar? — Ela sorriu. — Acho que terminamos oficialmente todos os restos das festas.

Mark riu. Eles tinham comido peru no café da manhã, almoço e jantar nos últimos dias, e novembro trouxera seu quinhão de peru também, e tinha visto o suficiente desse pássaro em particular. — Que tal bife hoje à noite?

— Parece bom. — Ela se virou para sair e Mark se inclinou para frente.

— Laurie?

Ela se virou, sua expressão surpresa, questionando.

— Uh. — Jesus, ele tinha esquecido como fazer isso? Como falar com sua própria esposa? Eles tiveram algumas conversas ao longo das últimas semanas, as formais, mas contava também, mas ainda estavam sem prática. — Além da óbvia falta de conhecimento de Jak sobre coisas comuns, o que você achou dele? — Já fazia vários dias desde que Jak e Harper tinham ido a casa deles, e embora tivessem conversado calorosamente sobre o feriado, ele não conversou com ela sobre os detalhes. Mas agora estava oficialmente de volta ao trabalho e, nas últimas horas, havia encontrado e-mails e quebrado seu cérebro sobre o caminho a seguir. Ele se recusou a deixar esses casos esfriarem.

Laurie voltou hesitante para a sala, como se ela estivesse com medo de ter ouvido mal ele perguntar sua opinião sobre um assunto de trabalho ou, de alguma forma, uma questão de trabalho. Ela franziu a testa por um momento enquanto pensava sobre a pergunta dele. — Ele tem uma doçura, uma... inocência... — Ela se sentou na cadeira em frente a sua mesa e vendo-a lá, aquele olhar pensativo em seu rosto, fez seu peito se contrair. — Embora ele seja claramente todo homem. — Ela lançou um olhar de sobrancelha levantada e ele riu. Ele imaginou que qualquer mulher teria notado isso. — Mas... eu não sei. Ele tem... segredos em seus olhos. Há quase alguma coisa... que ele *quer* esconder de todos os outros. Pode ser sua falta de confiança, mas... — ela balançou a cabeça —... ah, lá vou eu de novo, oferecendo minha intuição quando você está perguntando por fatos.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Não, eu estava procurando por sua intuição.

Ela olhou para baixo, um rubor vindo para suas bochechas enquanto ela sorria timidamente. E no olhar de felicidade em seu rosto, ele xingou a si mesmo. *Quando foi a última vez que você a fez parecer assim?* Ele não conseguia nem lembrar.

Ela olhou para cima. — E, oh, o jeito que ele olha para Harper, Mark. Ele a adora.

Ele entrelaçou os dedos. — Você acha que é uma coisa boa?

Ela encolheu os ombros. — Você quer dizer que eu acho que ele poderia fazê-la seu mundo inteiro quando deveria estar se concentrando em, bem, no mundo inteiro?

— Sim, exatamente.

Ela olhou para o lado, pensando novamente. — Talvez. Mas acho que Harper é uma garota intuitiva. Acho que ela vai ajudar a guiá-lo e recuar, se for esse o caso.

— Acredito que sim.

Ela assentiu. — Eu também.

Por um momento ficaram sentados, olhando um para o outro, ambos sorrindo, coisas precisando ser ditas, embora Mark não soubesse por onde começar, sem ter certeza se *queria* fazer isso. Ainda não. Agora não. *Então quando?* O toque de seu celular o salvou de ter que responder suas próprias perguntas internas.

— Você têm isso sob controle. — Laurie ficou de pé, parecendo ligeiramente aliviada pela interrupção também. — Eu volto em uma hora.

Mark balançou a cabeça, pegando seu telefone enquanto ela saía pela porta. Ele sentiu a perda dela, mas simultaneamente, estava feliz por ela ter ido embora. Embora isso tenha sido um passo em ambas as partes, e Mark estava feliz por isso. — Mark Gallagher.

— Agente Gallagher. Aqui é Kyle Holbrook, retornando sua ligação.

Ex-assistente de Isaac Driscoll. Mark ficou momentaneamente surpreso com o tom profundo da voz do

homem. Ele parecia muito mais velho, mas Mark sabia em seu portfólio on-line, que ele tinha trinta e poucos anos.

— Sim, obrigado por me ligar de volta, Sr. Holbrook.

— Claro. Eu teria ligado para você mais cedo, mas eu estava fora nas férias. Isso é referente ao Dr. Driscoll?

— Sim. Infelizmente, estou investigando um crime. Isaac Driscoll foi assassinado. Soube que você era seu assistente de pesquisa dezesseis anos atrás.

Houve um silêncio momentâneo do outro lado da linha. — Assassinado? Jesus. Eu não esperava isso. Presumi que você estivesse ligando porque ele fez alguma coisa... esquisita.

Esquisita? — Por que você pensaria isso, Sr. Holbrook?

Outra pausa. — Bem, para ser honesto, eu não pensava em Isaac há anos, então tive que pensar novamente quando ouvi sua mensagem. Mas ele ficou cada vez mais... estranho no final. Eu me sinto mal dizendo isso agora que ele está... morto. Mas, sinceramente, fiquei feliz em vê-lo partir. Ele estava sempre falando sobre guerra e como todos iríamos morrer porque as pessoas eram egoístas e estúpidas e não podiam pensar além de suas próprias necessidades. Mas o mais preocupante de tudo foi que ele tentou me convencer de que deveríamos começar a fazer pesquisas sobre *pessoas,* não apenas fazer com que elas preenchessem questionários ou pesquisas, mas sim, colocá-las em situações da vida real e ver como elas reagiriam. Mas, como todos sabem, não é assim que as ciências sociais funcionam. Ou até mesmo

estudo psicológico. Você não pode traumatizar emocionalmente os seres humanos por causa da pesquisa.

Mark assentiu com a cabeça, uma sensação fria se instalando em seus ossos. — Você tem algum motivo para acreditar que ele fez algo sobre essas conversas?

— Não. Na verdade, pensei que essa era a razão pela qual ele se aposentou cedo. Ele percebeu que o trabalho estava fazendo com que tivesse ideias pouco saudáveis. Mas quando ouvi você mencionar o nome dele na mensagem, temi que ele tivesse voltado ao trabalho em outro lugar e feito algo antiético, se não... imoral. Fico feliz em saber que esse não é o caso, embora lamente ouvir algo tão terrível ter acontecido com ele.

A mente de Mark estava acelerada. — Sr. Holbrook, se eu lhe enviar algumas fotos por e-mail, você pode me avisar se já viu alguma das pessoas nelas?

— Claro. Eu tenho meu e-mail aberto agora, se você quiser enviá-lo.

— Certo, ótimo. Vai levar apenas um segundo. — Mark escreveu um e-mail rápido e anexou as fotografias de Jak e Emily Barton, salvas em sua área de trabalho e pressionou enviar.

— Abri — Kyle Holbrook disse um segundo depois. Houve uma pausa e depois o homem voltou na linha. — Não, eu não conheço nenhum deles. Suponho que você não possa me dizer quem são eles?

— A mulher foi assassinada em Helena Springs de maneira semelhante ao Dr. Driscoll.

— Cristo. Dois assassinatos? — Ele parecia genuinamente chocado, mas é claro, Mark estava apenas ouvindo sua voz. — Esta outra fotografia que você me enviou, ele é um suspeito?

Mark hesitou em chamar Jak de suspeito, embora na verdade ainda fosse. *Ele tem segredos em seus olhos.* — Ele morava perto do Dr. Driscoll — ele respondeu.

— Ah. Bem, me desculpe por não poder ajudar mais.

— Não, você foi de grande ajuda. Se você pensar em mais alguma coisa, por favor, me ligue.

— Absolutamente. Boa sorte, agente Gallagher.

Mark desligou o telefone e depois ficou sentado olhando fixamente, sem ver, o computador por alguns minutos.

Ele tentou me convencer de que deveríamos começar a fazer pesquisas sobre pessoas.

Mark teve um pressentimento sobre o foco da pesquisa de Isaac Driscoll. Ou melhor, quem.

Criá-lo até que o Dr. Driscoll esteja pronto para treiná-lo.

Driscoll estava *estudando* Jak? Ou apenas, treinando-o? Ambos? Para qual finalidade? Ele encontrou as anotações sobre as estranhas observações de animais na cabana de Driscoll, mas nada mais. Ele voltaria e olharia sob todas as tábuas do assoalho, nas *vigas,* ele decidiu, antes de oficialmente limpá-la como uma cena de crime. Não, *tinha* que haver mais. Se Jak não estivesse enganado, o homem tinha câmeras montadas, pelo amor de Deus.

Jak... ele tem segredos em seus olhos.

— Que segredos você ainda guarda de mim, Jak? — ele murmurou para si mesmo. Ele sabia mais sobre o que Driscoll estava fazendo? Ou ele próprio fez algo de que tinha vergonha?

A imagem da Batalha de Termópilas que ele imprimira estava em sua mesa, meio obscurecida sob uma pilha de papéis. Ele pegou, olhando por alguns momentos, lembrando o que ele leu sobre os espartanos.

Eles treinaram seus filhos para se tornarem soldados, eles os fizeram suportar duros exercícios de sobrevivência para fortalecê-los, para descobrir seu valor.

Crianças... não *criança.*

Ele imaginou a cabana onde Jak morou, as camas não utilizadas. A instalação do dormitório que abrigava apenas uma pessoa. Se Driscoll montou o local assim, com quem mais ele pretendia que Jak o compartilhasse? E por que não compartilharam?

Mark tirou o mapa que havia sido encontrado na gaveta de Isaac Driscoll, olhando novamente para a única palavra impressa na parte inferior: *Obediente.*

Isaac Driscoll tinha sido fascinado com os espartanos, possivelmente estava fazendo seus próprios estudos sobre crianças, de alguma forma misturando os antigos rituais com o seu projeto atual, o que quer que tenha sido. A possibilidade era quase doentia demais para considerar, louca demais para contemplar os detalhes até que Mark tivesse mais respostas. Ele fez outra pesquisa no Google, desta vez procurando frases relacionadas à Termópilas e a

palavra *obediente.* Depois de alguns minutos, ele encontrou, um monumento que foi erguido para os soldados que tinham morrido em Termópilas: *Diga aos espartanos, estranhos que passam, que aqui obedientes às suas leis nós descansamos.*

Um monumento aos mortos. Soldados obedientes. Um mapa que marcava os lugares que eles estavam?

Uma sensação de frio passou pelos ossos de Mark. Ele pode estar errado. Era apenas uma *palavra.* Apenas um... palpite baseado em peças não conectadas ao quebra-cabeça que era este caso. Isso ia ser um tiro no escuro. Ainda assim... ele pegou o telefone, discando para o escritório, disposto a colocar sua bunda em risco. Seu sangue estava zumbindo daquele jeito quando sabia que estava em alguma coisa. Ele perguntou por seu chefe e quando ele atendeu, Mark foi direto ao assunto. — Acho que nós precisamos tirar alguns cadáveres das terras de Isaac Driscoll.

Capítulo 40

Ela quase não reconheceu o homem de calça cáqui e camisa de botão branca quando se aproximou dela, mas *era* ele. Ela sabia pelo passo, pelo jeito dele parecer não andar, mas *rondar.* E então ele sorriu, aquele sorriso juvenil cheio de prazer, e seu coração acelerou. Ela correu para frente e ele também, tomando-a nos braços, os dois rindo, como se não se tivessem se visto há meses, quando na verdade eram apenas três dias.

Ele a girou uma vez e ela riu, inclinando-se para frente para que ele pudesse beijá-la. Ele beijou, ambos suspirando quando suas bocas se encontraram. Quando o beijo terminou, ele a colocou de volta no chão de mármore do foyer Fairbanks.

— Você fez a barba — ela disse, levando a mão à bochecha lisa dele, apenas a nuance de barba por fazer sob sua pele. Ele era ridiculamente bonito, seu maxilar forte, suas maçãs do rosto altas e afiadas, mas uma parte dela lamentava. Era a primeira prova externa de sua *mudança.* Ela sabia que era inevitável agora que estava vivendo como parte da sociedade. Ela sabia que era bom e positivo. Ela sabia que ele aprenderia, cresceria e mudaria como deveria. Como ele merecia. Ela *sabia* todas essas coisas, mas ainda sentia a perda da parte dele que deixaria para trás para se tornar o homem que deveria ser.

Ele riu, soltando-a, seu olhar vagando sobre ela como se seus olhos estivessem famintos pela visão. — Você não me ligou — ele disse, e ela viu a dor em sua expressão.

Ela deu um passo atrás, franzindo a testa. — Eu liguei para você. Deixei quatro mensagens.

Jak franziu a testa também, olhando por cima do ombro. Ela olhou para trás. Ela tinha esquecido que o mordomo ainda estava de pé perto da porta da frente. Qual é o nome dele mesmo? Seu olhar estava direcionado para outro lugar, mas ela se sentiu momentaneamente envergonhada pela demonstração pública de afeição.

Jak pegou a mão dela, levando-a para fora do vestíbulo. — Ele é como uma doninha — ele disse em voz baixa, inclinando-se para ela enquanto olhava para trás novamente. — Sempre se *esgueirando* pela casa. — Ele colocou ênfase na palavra esgueirando como se fosse uma nova e ele a procurou especificamente para descrever o homem. Ele sorriu com orgulho e Harper riu, cobrindo a boca.

Ele abriu algumas portas largas de mogno que iam até o teto alto do corredor e a conduziu para dentro. Ela respirou deliciada enquanto olhava em volta para a impressionante biblioteca, estantes cheias de livros do chão ao teto. Havia uma luz de leitura no canto, ao lado de uma cadeira de veludo vermelho. — É onde você esteve? — Ela perguntou, apontando para a cadeira.

— Por três dias — ele respondeu, soltando a mão dela e afastando-se, o rosto inclinado para cima enquanto olhava

em volta para todos os livros. — Não é incrível? Eu levaria o resto da minha vida para ler todos esses livros.

— Oh, eu não sei, parece que você está fazendo um grande progresso. — Ela olhou incisivamente para as pilhas de livros ao lado da cadeira vermelha. — Você realmente leu tudo isso?

— Nem todos. Alguns eu não gostei tanto quanto os outros. A pilha na frente são os que eu quero ler novamente.

Ela riu. — Bem, se você está relendo, *pode* levar o resto da sua vida para concluir essa coleção.

Ele sorriu feliz. — Eu aprendi tantas palavras novas, Harper. — Ele olhou para cima, lembrando. — *Angustiado* e confuso. Ansioso. Aceito. *Indignado.*

Ela o estudou por um segundo, notando que as palavras que mais lhe importavam eram emoções. Seu coração deu um pulo. Ela se perguntava se ele tentara descrever os próprios sentimentos para si mesmo durante todos esses anos, mas sem sucesso. *Eu te amo*, ela pensou pela centésima vez desde que percebeu, e sim, foi tão simples quanto isso. Ela observou o sorriso dele enquanto ele olhava ao redor. — Você gosta daqui, Jak?

Ele sentou-se na beira da mesa atrás dele, cruzando os braços casualmente sobre o peito, os bíceps esticando o material. Naquele momento, ele parecia tão diferente do homem das cavernas que ela tinha visto naquela cela que parecia mil anos atrás. Naquele momento, ele parecia um... bem, como um Fairbanks. Ele pareceu pensativo e depois falou hesitante. — Eu gosto de algumas coisas... Eu gosto do

chuveiro. Ele sorriu. — E... eu gosto mais desta sala. Algumas das comidas são boas. Mas... não tenho certeza sobre as pessoas que moram aqui ou... os pássaros.

— Os pássaros?

— A esposa do meu avô é uma mulher de pássaro. Ela tem uma sala cheia de centenas de pássaros. Eles são chamados de *tropicais* e vivem em gaiolas. — Ele estremeceu.

— Ah. Um aviário. — Sim, ela podia imaginar que isso seria muito estranho para ele. Estranho e possivelmente triste ver pássaros engaiolados quando ele só os conheceu voando livremente. *Ela* achou triste.

— Aviário — ele repetiu. — Sim, essa é a palavra. — Ele se levantou de repente, movendo-se para frente, tomando-a nos braços e, embora parecesse um Fairbanks, ela estava feliz por ele ainda se mover como um caçador. — Eu senti sua falta — ele rosnou contra sua orelha, caminhando para trás até que a bunda dela bateu na borda de outra mesa. Ela se emocionou com as palavras dele, seu toque, o comprimento duro de seu corpo pressionado contra o dela. Ela abriu as pernas para que ele pudesse se colocar entre elas.

— Também senti sua falta. Quando não tive notícias suas, pensei que talvez... — Ela desviou os olhos dos dele, vulnerabilidade fazendo-a sentir-se tímida. Ele moveu a cabeça para o lado, alinhando os olhos novamente, então ela foi forçada a olhar para ele.

— O quê?

— Bem, só que você estava se familiarizando com sua nova vida... que...

— Que eu não queria te ver?

Ela corou. — Sim. — Ela balançou a cabeça, fazendo uma careta. — Não, eu entendo. — Ela soltou uma pequena risada desconfortável. — Quero dizer, você *deve* dedicar todo o tempo necessário para se familiarizar com sua nova vida.

Um vinco se formou entre os olhos dele. — Parece que tenho *mais* tempo agora. Eu não tenho que procurar comida e antes... eu vivia com o sol nascendo e se pondo, então eu estive muito... cansado aqui. — Suas sobrancelhas baixaram como se não estivesse satisfeito com a palavra que ele escolheu. — Os dias parecem... estranhos. Mas, Harper, *quero que* você faça parte dos meus dias. *Todos os* meus dias. Você quer que eu seja parte dos seus?

— Sim — ela respondeu, uma falha em sua voz enquanto assentia.

Ele sorriu e ela adivinhou que era isso. Ele se inclinou para frente novamente, esfregando os lábios em sua garganta, inalando o cheiro dela. Ela inclinou a cabeça para trás, oferecendo-lhe tanto acesso quanto ele precisava. — Eu preciso perguntar quem recebeu minhas mensagens — ele murmurou. — Então não perderei uma das suas novamente.

— Hum — ela cantarolou. — Estou feliz por ter tido a coragem de passar aqui.

— Eu também — ele sussurrou de volta, lambendo lentamente seu pescoço, fazendo-a ofegar, uma onda de umidade acompanhando um profundo pulsar entre as

pernas. Ela agarrou levemente as costas dele, e ele emitiu um rosnado baixo em sua garganta. A emoção e o medo corriam através dela como parecia acontecer quando ele fazia algo decididamente... animalesco. Outra pulsação a fez gemer.

— Jak — ela suspirou.

— Você me faz sentir exultante — ele respirou contra o pescoço dela.

Ela soltou uma pequena risada que foi parte choramingar quando ele beliscou sua pele. — Exultante?

— Hum — ele cantarolou, levantando a cabeça e encontrando os olhos dela, um sorriso provocando seus lábios. — Significa feliz, mas *mais.* Eu me sinto exultante quando estou com você.

Oh, Deus, ele era doce. E sexy. E... sim, ela também se sentia exultante.

Ele levou a boca à dela, beijando-a profundamente, completamente, o mundo desaparecendo ao seu redor. Ele tinha gosto de canela e cheirava a algo novo... um sabonete ou uma loção pós-barba, um produto que ele não tinha antes. Era sutil, e cheirava bem, mas ela se lembrava da noite celestial que haviam passado em sua cama, do jeito que seu perfume masculino ainda estava em sua pele na manhã seguinte, sexo masculino limpo... *ele.* Ela sabia que uma pessoa dificilmente poderia passar pela vida sem sentir o cheiro de algo diferente de si mesma, sabonete, sabão em pó, mas sentiria falta do jeito que ele cheirava antes de um milhão de produtos se apossar dele.

— Eu senti falta de te beijar — ele disse, arrastando os lábios por sua garganta novamente. — Eu senti falta de estar dentro de você, fazer amor. Eu quero estar dentro de você agora. — Ele pegou a mão dela e levou-a para sua ereção, dura, esticando o material de sua calça.

Uma onda de calor floresceu sob sua pele. *Ah, sim.* Ela também o queria. — Nós não podemos, Jak — ela gemeu. — Aqui não.

— Por que não? Ninguém vai entrar aqui.

Ela riu, e terminou em um gemido quando ele moveu seus quadris, esfregando sua ereção entre suas pernas abertas. Seus mamilos endurecidos roçaram seu peito e faíscas desceram até o lugar que estava ansiando para ele preencher. — Porque é a biblioteca do seu avô. É apenas... não é...

Ele se afastou um pouco, olhando para ela. — As pessoas só fazem amor em camas? — Perguntou, parecendo realmente interessado, talvez um pouco indignado. Isso a fez querer rir.

— Bem... não, não só, mas... usualmente. *Normalmente.* Quero dizer, as pessoas podem fazer isso onde quiserem, exceto em público. Mesmo assim... algumas pessoas fazem, apenas discretamente. Elas gostam da excitação de, ah, serem pegos.

Ele estava olhando para ela com grande interesse agora. Suas bochechas estavam coradas do jeito que ficavam quando ele estava excitado. — Excitação?

— Bem, algumas pessoas acham isso excitante.

— *Você* acha isso... excitante?

Ela riu e sacudiu a cabeça. — Não, geralmente não. Embora, sabe, não critique até experimentar e tudo isso.

— Não critique até experimentar — ele repetiu, franzindo a testa. Deus, ele era tão adoravelmente *sexy*. — Vou tentar qualquer coisa com você, Harper.

Ela gemeu, pegando o rosto dele em suas mãos e trazendo seus lábios de volta aos dela. Ele usou sua língua para sondar lentamente dentro de sua boca, imitando o mesmo movimento que ele estava fazendo com seus quadris, deixando-a louca, deixando-a no limite...

— Aham.

Harper soltou um suspiro surpreso, sentando-se corretamente, Jak saltando na frente dela. Ela saiu rapidamente da mesa, virando-se, endireitando a blusa e alisando rapidamente o cabelo.

O avô de Jak estava parado na porta, olhando para eles com lábios apertados em desaprovação. — Senhor — ela disse rápido demais, sem fôlego. — Uh, olá, Sr. Fairbanks, senhor, prazer em vê-lo.

Ele deu-lhe um olhar avaliativo, seus olhos dando uma rápida olhada nos dois. Ela se recusou a olhar para Jak, embora fizesse uma careta internamente, sabendo exatamente como Jak parecia na frente de sua calça cáqui previamente pressionada.

Embaraçado nem chega perto.

— O jantar está quase pronto — seu avô disse. — Toda a família está aqui. Eu queria ter certeza de que você se juntaria a nós, Jak.

Harper não perdeu a maneira como ele disse o nome de Jak, mas a deixou de fora. — Oh, bem, eu deveria ir...

— Harper vai ficar — ele disse, não quebrando o contato visual com seu avô. Jak pegou a mão dela. Por um momento tenso, eles se encararam. Ela estava perdendo alguma coisa? Ela percebeu que essa era uma situação embaraçosa, mas o avô de Jak só estava piorando dez vezes. Jak se inclinou para frente, cheirando o ar, franzindo a testa. — O que é isso? — Ele perguntou, um tom estranho em sua voz.

O avô de Jak alisou a frente de sua camisa, parecendo de repente culpado por algum motivo. — Ah, fumaça de charuto. Mau hábito. Prometi a Loni que pararia. — Ele olhou para Harper, dando-lhe um leve sorriso. — Perdoe minha grosseria. Fiquei surpreso ao descobrir que Jak tinha companhia. Claro, você pode se juntar a nós para o jantar.

— Oh. Um... — Jak apertou a mão dela e ela deu-lhe um rápido olhar, entendendo que ele estava dizendo que a queria lá, para não recusar o jantar. *Por favor,* seus olhos pareciam dizer. — Obrigada pelo convite para o jantar. Eu adoraria me juntar a vocês.

Ele deu a ela um sorriso que parecia meio genuíno. — Bom. Vejo vocês dois na sala de jantar em cinco minutos. — Com isso, ele se virou, saindo da biblioteca, e Harper afundou na mesa, colocando o rosto nas mãos. — Ugh — ela disse,

levantando o olhar para Jak. — Acabei de causar uma impressão horrível, não foi?

Seu rosto fez aquela coisa pensativa por um momento enquanto ele elaborava uma palavra. *Impressão*, ela imaginou e então ele balançou a cabeça lentamente. — O... *meu* avô... — Ele olhou para trás, parecendo estar escolhendo as palavras certas. — Eu acho que ele era uma pessoa diferente antes... do meu pai morrer. Uma pessoa melhor.

— O que te faz pensar isso?

— Seu sorriso nas fotos aqui... os antes e os outros... depois. É diferente.

Ela o estudou. Confiava em seu julgamento. Ele era perceptivo. Isso a fez se sentir meio que... honrada que ele a queria em sua vida. Ele a escolheu. Então, novamente, não era como se ele tivesse uma variedade de opções. *Pare com isso, Harper.* Ela tinha esse hábito de se convencer de que as pessoas só a escolhiam por falta de padrão. Talvez essa mágoa específica tivesse vindo de circunstâncias muito reais, mas em algum momento ela tinha que encontrar seu próprio valor e acreditar nela. Bem poderia ser agora.

Ela pegou a mão dele. — Vamos. Apresente-me à sua nova família.

Ao se aproximarem da sala de jantar, ela ouviu vozes, copos tinindo e uma risada de mulher. Havia um lavabo à direita, e Harper, sentindo uma explosão de nervosismo, parou. — Vou apenas me refrescar e te encontrarei lá. Vá em frente sem mim. — Ela acenou para a sala do outro lado.

— Ok — Jak disse, inclinando-se para frente e beijando-a rapidamente nos lábios. — Depressa — ele balbuciou, dando-lhe um olhar com olhos arregalados e inclinando a cabeça para a sala onde os outros esperavam. Ela colocou a mão sobre a boca para não rir em voz alta, e seu lábio se contraiu também antes de se virar e se dirigir para a sala de jantar.

Ela levou um minuto para se refrescar e respirar fundo algumas vezes, depois caminhou em silêncio na direção da sala de jantar. Quando ela se aproximou, ouviu a voz do Sr. Fairbanks dizendo seu nome e parou. Ele estava do outro lado da porta e estava dizendo algo sobre ela quando ela notou o tilintar de gelo caindo em um copo. — Eu sei que você é novo na vida civilizada, Jak, mas nós não somos como animais — ele murmurou, obviamente tentando manter a voz baixa. O coração de Harper disparou. *Oh Deus.* Era tão ruim quanto ela achava que era. A vergonha tomou conta dela.

— Eu não estava no cio — veio a voz de Jak, com naturalidade. — Eu estava fazendo amor.

Harper fez uma careta ao mesmo tempo em que teve o impulso de rir em voz alta. *Ugh. Jak.* Ela apertou os lábios, suprimindo um gemido. Ele era tão doce e tão inconscientemente inadequado às vezes.

O Sr. Fairbanks engasgou com o que soou como um gole de sua bebida, uma risada curta surgindo antes que ele limpasse a garganta. — Seja como for, ah, você tem coisas mais importantes para se concentrar agora. — Ele fez uma pausa e Harper achou que parecia ter bebido, o gelo

tilintando em seu copo. — Eu vi a pilha de livros na biblioteca. Planejando lê-los?

— Eu já os li.

Houve um instante de silêncio, *surpresa?* E então o Sr. Fairbanks disse: — Muito impressionante. Bom. — Ela ouviu o que soou como um tapinha no ombro. — Vamos acelerar mais ainda, meu filho. Você será um de nós em pouco tempo.

Harper recuou muito suavemente e depois se certificou de que seus passos soassem no chão de mármore quando entrou na sala de jantar, com um sorriso brilhante no rosto.

Jak veio em sua direção imediatamente, apertando sua mão e beijando sua bochecha. Ela sorriu para ele. — Harper — Fairbanks disse em saudação.

— Senhor, obrigada novamente por me receber.

Ele assentiu. — De nada. Posso lhe oferecer uma bebida? — Ele acenou com a cabeça por cima do ombro para o carrinho do bar em que obviamente estava quando Harper o ouviu.

— Não, obrigada. Apenas água para o jantar está bem.

As pessoas que estavam no canto oposto da sala se aproximaram. Uma mulher mais velha, com longos cabelos loiros e um vestido amarelo, tão bonita e penteada como Harper já tinha visto, estava à frente. A esposa do avô de Jak, a avodrasta de Jak, ela adivinhou. A mulher estendeu a mão perfeitamente bem cuidada. — Eu sou Loni Fairbanks. Você deve ser Harper.

— Sim, senhora. — Ela apertou a mão dela. A mulher tinha um aperto como um pássaro ferido. — É um prazer conhecê-la. Obrigada por me receber para jantar.

— Ah, claro. Acho é bom que Jak tenha uma amiguinha.

Amiguinha?

Ela olhou para Jak, e Jak olhava para ela com uma expressão que parecia ser meio hostil e meio confuso. Jak obviamente desconfiava da mulher pássaro. Na verdade, ela *parecia* um pássaro tropical. Colorido e afiado. Lindo, mas pode furar seus olhos se tiver a chance.

Uma segunda mulher se aproximou. Ela tinha mais ou menos a idade de Harper, com cabelos loiros até os ombros e as mesmas feições delicadamente afiadas de Loni. Ela sorriu com firmeza para Harper, seus olhos uma olhada nela que fez Harper querer se mexer e explicar por que ela estava vestida de maneira tão casual. *Eu não esperava ficar para o jantar. Eu não me vesti para o que é obviamente uma ocasião mais elegante do que na maioria das casas das pessoas.* Ela pensou brevemente na recepção calorosa que ambos haviam recebido dos Gallaghers, no sentimento imediato de inclusão, e sentiu uma pontada interna. *Eu gostaria que estivéssemos lá agora. Não aqui, com essas pessoas que obviamente me veem como uma estranha que não é bem-vinda.*

— Eu sou Gabi. — Ela estendeu a mão e deu a Harper o mesmo aperto suave que sua mãe, oferecendo-lhe um sorriso falso que ao mesmo tempo era entediado.

— Harper — ela disse. A jovem se afastou, seu sorriso desapareceu tão depressa quanto veio, seu rosto se transformando em uma expressão de suprema apatia.

— Bem, oi. — Um jovem avançou, estendendo a mão para Harper. Ela pegou. Finalmente, alguém que não parecia ter medo de tocá-la. Ele segurou a mão dela com força, sorrindo, seus dentes grandes e brilhantes e brancos. — Eu sou Brett. — Seus olhos fizeram uma varredura lenta e apreciativa que fez Harper querer se contorcer.

— Oi. Eu sou Harper Ward. Prazer em conhecê-lo.

— Brett e Gabi são filhos de Loni, e Brett trabalha para mim na Fairbanks Lumber — Fairbanks disse. — Vocês têm quase a mesma idade eu acredito. Tenho tentado recrutar Brett e Gabi para ensinar Jak o que ele precisa saber sobre tecnologia. Deus sabe que eu sou lamentavelmente inadequado quando se trata de qualquer um desses aplicativos que os jovens estão usando. — Ele sorriu para Brett e Gabi, e Gabi cruzou os braços e revirou os olhos dramaticamente. *Uau.* Ela era da mesma idade de Harper? Ela parecia mesquinha, mais como uma menina de doze anos. Por outro lado, Harper provavelmente se deparou com a cidade imunda. Todos mereciam uma segunda chance, certo? — Eu ficaria feliz em ensinar a Jak o básico. Não estou em muitas mídias sociais, mas posso mostrar como funciona. — Ela sorriu para Jak e ele pareceu aliviado, pegando a mão dela novamente. — Ele... provavelmente precisa de um celular, no entanto — ela disse, pensando tanto nele como em si mesma, e como ela se sentia como uma perseguidora,

ligando para ele repetidamente nos últimos dias sem resposta.

— É claro. — Fairbanks fez uma careta. — Eu não posso acreditar que me esqueci disso. Jak, minha secretária vai te dar um celular.

Harper apertou sua mão novamente, soltando.

Uma mulher de uniforme preto e branco enfiou a cabeça na porta, dizendo que o jantar estava pronto.

— Oh bom. Estou morrendo de fome — a senhora Fairbanks riu. Mas os olhos dela estavam em Jak e ela lambeu os lábios. Ela quis... ela *quis dizer* isso da maneira que parecia? Harper se deu um balançar de cabeça interno. *Certamente não.*

— Permita-me — Brett disse, tomando seu braço antes que ela pudesse protestar. Ele a levou até a mesa, puxando a cadeira e imediatamente tomando a que estava ao lado dela. O que estava à sua direita era a cabeceira da mesa e ela olhou para trás por cima do ombro, perturbada. O queixo de Jak estava apertada quando ele se moveu ao redor da mesa, tomando o assento em frente a ela. Ela lançou um sorriso impotente para ele.

O Sr. Fairbanks sentou-se à cabeceira da mesa, a Sra. Fairbanks ao lado de Jak e Gabi ao lado de sua mãe.

O primeiro prato foi trazido e o bate-papo centrou-se na comida. Harper tomou uma colherada do rico tomate bisque, deixando escapar um gemido apreciativo quando a sopa cremosa bateu em sua língua. — Oh meu Deus, isso é bom.

Brett se debruçou em direção a ela, sussurrando assim só ela podia ouvir. — Eu gosto do jeito que você soa quando você geme.

Espere o quê? O calor correu para o rosto de Harper enquanto ela tentava descobrir o que ele havia dito. Ela tinha que tê-lo ouvido mal. Ela deu-lhe um olhar chocado, e ele sorriu para ela, inclinando o queixo. Ela não tinha ouvido mal. Bom senhor, quem *eram* essas pessoas?

Você será um de nós em pouco tempo.

Deus, por favor, não.

Ela olhou através da mesa para ver Jak olhando friamente para Brett. Sua pele arrepiou. Um rosnado baixo saiu da garganta de Jak e suas unhas arranharam a mesa de madeira ao lado de sua tigela.

— Ele acabou de... rosnar? — Gabi perguntou em voz alta e incrédula, uma pequena risada borbulhando de sua boca. — Oh meu Deus, sim. Ele *rosnou.*

— Ele com certeza *rosnou,* não foi? — a Sra. Fairbanks ronronou, inconfundivelmente agradecida.

Harper não sabia se ria ou chorava. Ela nunca conheceu pessoas com tanta falta de classe. E ela cresceu no sistema de serviços sociais. Estes eram *Fairbanks*, pelo amor de Deus. Isso tudo era uma piada? Todos eles começariam a rir a qualquer minuto?

Os olhos de Brett se arregalaram quando ele percebeu a expressão de raiva de Jak, e se afastou de Harper, subitamente obcecado com sua sopa.

— Eu, uh... então... Sr. Fairbanks, essa pintura é linda — Harper disse, acenando para a pintura a óleo de um campo de flores pairando sobre o bufê. — Os que estão no corredor são do mesmo artista, não são?

— Você tem um bom olho — disse, dando-lhe um olhar avaliador. — Sim, a avó de Jak pintou aqueles. Ela era um talento incrível. — Tristeza tomou conta de sua expressão, e Harper pensou no que Jak dissera sobre ele ser um homem melhor... antes de sua perda. Mas, mesmo assim, por que trazer um grupo de barracudas para sua casa, ela se perguntou, olhando para Loni, Gabi e Brett.

— Ela era — Jak disse, olhando para a pintura, aparentemente tendo mudado de Brett e seus comentários lascivos. Harper deu um suspiro interno de alívio. — Ela fez as flores corretamente. A maneira como a luz do sol as atinge assim antes de desaparecer durante a noite. — Ele baixou os olhos, parecendo tímido, incerto sobre seu comentário.

— Bem, o menino da natureza saberia — Gabi murmurou entediada, tomando um gole de sua água.

A raiva tomou conta de Harper, apertando a mão em volta do guardanapo. — Sim. Ele *saberia*. Ele sabe coisas que nenhum de nós poderia aprender se estudássemos todos os livros já escritos. Ele é um *especialista em* natureza e seu conhecimento é algo que todos devemos reverenciar. Eu sei que sim. — Ela ergueu o copo de água para Jak, seu sorriso tímido, mas feliz, os olhos arregalados.

— Ouça isso — Fairbanks disse, erguendo o próprio copo, um olhar que Harper jurou ser respeito em seu olhar quando ela encontrou os olhos dele.

— Então, Harper, o que *você* faz exatamente? — a senhora Fairbanks perguntou, abandonando a colher na tigela de sopa ainda cheia. Ela não disse que estava morrendo de fome?

Harper largou o pão que ela estava prestes a passar com manteiga. — Eu comecei minha própria empresa há vários anos. Faço excursões pela natureza, levo turistas para acampar ou para caçar, ou às vezes apenas por um dia.

— Eu... entendo —a senhora Fairbanks disse, parecendo que Harper tinha acabado de lhe dizer que limpava banheiros químicos como meio de vida.

— Começou sua própria empresa, não é? E tão jovem. Muito empreendedor — Fairbanks disse, e ele parecia genuinamente impressionado. — Você gosta de fazer isso?

Ela sorriu. — Gosto. Mas não acredito que queira fazer isso para sempre. Eu pretendo começar as aulas em Missoula em breve.

O Sr. Fairbanks deu-lhe outro aceno de cabeça e depois pegou o copo mais uma vez, sorrindo em volta da mesa. — Bem, deixe-me propor um brinde. Para novos empreendimentos... — ele virou os olhos para Harper e sorriu — e por ter meu neto de volta. — Ele pareceu se emocionar por um momento, mas logo se recuperou. — Já faz muito tempo desde que um filho Fairbanks se sentou à mesa da família.

Todos levantaram os copos, Brett franziu o cenho, Gabi revirou os olhos novamente, e o olhar de Loni grudou em Jak. De repente, Harper desejou ter pedido algo mais forte que água.

O resto do jantar passou relativamente rápido, todos parecendo ansiosos para fugir. Pelo menos a comida era incrível, embora Jak parecesse desconfiado de tudo, e a senhora Fairbanks empurrou a dela ao redor do prato.

Harper notou Jak observando a comida sendo limpa e quando a mulher que estava pegando os pratos mais cheios passou, ele a parou, perguntando baixinho: — O que você faz com a comida?

Ela olhou para baixo. — A comida, senhor?

Jak recostou-se, falando mais baixo. — A comida que não comemos.

— Nós... — A mulher olhou ao redor impotente, mas ninguém além de Harper estava prestando atenção à troca. — Nós jogamos fora, senhor.

— Oh. — Jak virou-se, a expressão em seu rosto envergonhada e abatida. Ele engoliu e o coração de Harper doeu. Sentia-se envergonhada por cada pedaço extra de comida que ela própria jogara no lixo. Quantas vezes ele passou fome? Quantas vezes ele sentou em algum lugar da floresta, com fome e sozinho? Ver o excesso aqui, o desperdício impensado, deve ser tão incrivelmente angustiante.

Finalmente, o Sr. Fairbanks ficou de pé. — Obrigado por uma refeição adorável, pessoal. Eu tenho algum trabalho

para voltar, mas, Harper, foi bom ter você se juntando a nós. — Ele deu a ela um aceno de cabeça, e todos os outros também se levantaram.

— Obrigada, Sr. Fairbanks — ela disse quando ele saiu da mesa.

Jak deu a volta e pegou a mão dela, lançando um olhar ameaçador para Brett, que já estava se afastando. Ela pegou a mão de Jak ansiosamente e deixou que ele a levasse da mesa de jantar.

Ambos pareciam respirar aliviados enquanto caminhavam rapidamente pelo corredor até o vestíbulo. Nigel apareceu do nada e ambos se assustaram, cobrindo a boca com as mãos enquanto os deixava sair pela porta. Os dois retiveram suas risadas até que a porta se fechou atrás deles e então a risada explodiu, ambos se afastando rapidamente da casa enquanto tentavam em vão manter sua hilaridade abafada.

Jak a colocou sob o toldo da porta da garagem do outro lado da casa e eles cederam às risadas. Harper precisava da liberação e se sentiu cem vezes mais relaxada quando suas risadinhas se acalmaram. Tudo tinha sido tão *ridículo.*

Eles eram horríveis. Com talvez a exceção do avô de Jak. Mas até mesmo ele era obviamente crítico, mas não onde isso contava. Por que ele não fez esse julgamento sobre Loni e seus filhos malcriados e insuportáveis? Ainda assim... eles eram a família de Jak. Ele precisava deles se quisesse prosperar em sua nova vida. No mínimo, ele precisava do que eles poderiam fornecer para ele. O nome Fairbanks abriria

qualquer número de portas que nunca seriam abertas para meros mortais, como ela.

— O que você acha deles? — Jak perguntou uma vez que sua risada tinha desaparecido completamente. — Você... desfrutou da companhia deles? — Ele levantou uma sobrancelha.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso. — Eles não são os Gallaghers. — Ela estendeu a mão, movendo uma mecha de cabelo da testa. — Mas eles são sua família. Seu avô se preocupa com o seu bem-estar, posso dizer. Ele quer ajudá-lo a se adaptar. Aprender. Encontrar sucesso. Acho que você deveria deixar.

— Você acha?

Ela assentiu.

— Ok. — Ele entrelaçou os dedos com os dela. — Quando eu posso ficar sozinho com você? — Ele sussurrou perto de sua orelha e ela estremeceu. — Eu quero que seja agora.

Ela gemeu. — Eu sei. Eu também. Mas eu não quero ser um ponto de discórdia entre você e seu avô. — Suas sobrancelhas fizeram aquele movimento para cima e para baixo que significava que ele estava descobrindo uma palavra, e ela sorriu com carinho, ficando na ponta dos pés e beijando-o. — Venho buscá-lo amanhã e mostrar um pouco mais de Missoula. Nós vamos para o meu apartamento por um tempo depois. — Ela sorriu para ele sugestivamente.

— Não será suficiente. Eu quero a noite toda.

Ela riu. — Ok, ganancioso. Mas vamos nos contentar com o que temos por enquanto. Você não pode estar passando todas as horas acordando comigo. Você não pode passar todas as horas comigo. Você ainda tem cerca de dez mil livros para ler. — Ela piscou e ele sorriu, mas pareceu desapontado. *Essa separação também é difícil para mim, Jak.*

Ele suspirou, recuando. — OK. Algum dia eu vou ter uma casa própria e você vai morar lá comigo e nunca mais passar uma noite sozinha.

— Oh, Jak — ela suspirou, se aproximando dele, beijando-o, inspirando-o. Sua inocente simplicidade. Ele queria tanto agora. Mas ela se perguntou de novo como a mudança dele, sua fusão e mistura com a sociedade em geral alterariam quem ele era e o que queria. E ela sabia que não era justo não deixá-lo ir se, no final das contas, ele mudar significava deixá-la para trás.

Capítulo 41

A neve havia derretido, a terra era macia e esponjosa sob seus pés. Ao longe, ouviu o latido ocasional de um cachorro quando ela e o agente Gallagher atravessaram a área arborizada.

Ficou surpresa quando ele ligou para ela naquela manhã, pedindo carona para a casa de Isaac Driscoll, mesmo que as estradas estivessem notavelmente melhores do que na semana anterior. Harper presumira que sua carreira de consultora de polícia, pouco prestigiosa, chegara oficialmente ao fim. Mas o agente Gallagher havia lhe dito que ele não só precisava de uma carona, mas que ele poderia precisar da ajuda dela, bisbilhotando a floresta, como ele disse.

Harper havia sugerido que Jak fosse ajudar também, ou até mesmo em vez dela, afinal de contas, ninguém conhecia aquelas florestas em particular melhor do que ele. Mas o agente Gallagher dissera não, e ela achou que ele tinha agido com cautela, e lá estava ela, passando por cima de um tronco deteriorado enquanto estudava o pedaço de papel que Isaac Driscoll havia desenhado e aparentemente mantido em sua gaveta de cabeceira.

— Chefe? — Veio uma voz atrás deles.

— Sim — o agente Gallagher chamou, passando por ela até a borda da floresta onde o outro homem estava. Ela o reconheceu como um dos homens que seguravam um cachorro quando chegaram meia hora antes.

Harper olhou para o outro lado, estudando o mapa novamente. O agente Gallagher dissera-lhe que a palavra no fundo, *obediente*, tinha algo a ver com os espartanos. Aparentemente, Driscoll estava obcecado por eles. Harper soltou um suspiro frustrado. Sem qualquer ponto de partida específico, ela não tinha ideia do que procurar. Não havia nada que se parecesse com qualquer coisa que ela tivesse visto em um mapa tradicional antes.

— Dois corpos, senhor — a voz do homem ressoou até ela. Ela congelou, arregalando os olhos. *Dois corpos?*

Ela ouviu o agente Gallagher soltar um suspiro lento. — Crianças? — Ele perguntou e havia algo em sua voz que a fez pensar que ele já sabia a resposta.

— Parece que sim. Um muito jovem, o outro mais velho. O laboratório nos dirá mais.

— OK. Obrigado David. Os cães encontraram mais alguma coisa?

— Ainda não. Vamos ampliar a busca, voltamos amanhã, se necessário.

— Obrigado. Deixe-me saber imediatamente se você encontrar qualquer outra coisa.

— Certo.

Harper ouviu o homem chamado David indo embora, ouviu o agente Gallagher aproximar-se dela por trás e virou-se lentamente para encontrar seus olhos. Ele deve ter visto pelo rosto dela que ela ouviu a conversa deles, porque ele soltou um suspiro e disse, quase para si mesmo: — Eu esperava que não estivesse certo.

— Duas crianças? — Harper sussurrou, o horror disso tomando conta dela. Havia duas crianças enterradas lá fora. Filhos *de quem*?

O agente Gallagher assentiu solenemente.

— Eles encontraram duas — Harper disse. — Você... você acha que esse terceiro marcador é outra? — E se era, por que ele a *colocou* lá fora? Os cães pareciam estar à altura da tarefa.

— Eu não sei. Espero que não. Há dois vermelhos e um preto. — Se os vermelhos são a localização dos dois corpos, então o preto pode ser algo diferente. — Esta linha ondulada aqui que parece um riacho ou um rio, acha que podemos encontrá-lo agora que parte da neve se foi?

Ela engoliu, reunindo suas forças, sentindo uma... responsabilidade para com essas crianças. Se houvesse algo lá fora que fornecesse uma pista de como levá-los de volta para casa àqueles a quem pertenciam, então ela faria qualquer coisa que pudesse para ajudar.

Ela deveria pegar Jak em pouco tempo, e até onde sabia, ele ainda não tinha um telefone, nem necessariamente iria conseguir serviço lá fora, mas... ele entenderia. Quando ela contasse o que estava fazendo, ele entenderia o atraso.

— Podemos voltar e ver a localização dos túmulos? — Ela perguntou. Ela odiava até mesmo contemplar a palavra túmulos, mas o que mais ela poderia dizer?

O agente Gallagher assentiu e saíram da área densamente arborizada, caminhando para a parte de trás da casa de Driscoll. Os tratadores de cachorros se afastaram

mais, deixando os cachorros guiarem o caminho aparentemente, e de onde estavam, ela podia ver a localização das duas áreas que haviam sido desenterradas, homens e mulheres de roupas brancas e máscaras debruçados sobre ambos os lugares. Uma onda de tristeza tomou conta de Harper e ela fez o possível para ignorá-la. Por enquanto. Ela sabia o valor, o alívio, de finalmente ter respostas, e duas famílias iriam conseguir isso agora. Ela se concentraria nisso enquanto estivesse lá fora. Ela poderia chorar por aquelas crianças mais tarde.

Não é de admirar que Jak odiasse Driscoll, tivesse um mau pressentimento dele. As coisas que ele estava fazendo e por quê... ela estremeceu. Era impensável. *Monstruoso.*

E pela primeira vez, ela se perguntou se Jak não estava contando toda a verdade sobre seu relacionamento com Driscoll, se ele havia deixado uma parte da história de fora. Gostaria de saber se ele não apenas foi enganado, mas *usado* de uma maneira mais hedionda que ele tinha vergonha de falar.

Ah, Jak.

Ela levantou o mapa, alinhando os dois túmulos. Eles pareciam estar posicionados da mesma maneira que as duas caixas vermelhas foram desenhadas no mapa. Seu olhar se moveu para o lugar além, o lugar onde os cachorros estavam agora procurando.

— Há um rio nessa direção e alguns riachos também — ela disse ao agente Gallagher. *Se* a linha ondulada de fato indicava água. Ela pensou por um minuto. — Eu poderia

levá-lo para cada um deles, mas estão a quilômetros de distância. O que quer que Driscoll tenha marcado poderia estar em qualquer lugar. Embora... — ela estudou o mapa novamente por um segundo —... o marcador esteja desenhado bem na borda da linha ondulada. — Não que alguma coisa estivesse em escala. Harper soltou um suspiro. Isso era como caçar uma agulha num palheiro.

— Eu sei — ele disse. — É frustrante. Mas podemos ter alguns pontos de partida agora, e é mais do que nós tivemos. Vou dizer aos pesquisadores que estamos levando a caminhonete para nos aproximar desses rios.

Ela assentiu. Eles não podiam dirigir diretamente para nenhum desses córregos de água. Mas eles poderiam se aproximar e depois andar. Ela havia levado pescadores para um desses córregos algumas vezes que tinham um excelente local de pesca. — Esperarei aqui.

Ele se afastou, pisando cuidadosamente sobre o chão encharcado. Harper olhou para o mapa novamente, imaginando por que ela se incomodava. Era um desenho simples, com quatro formas e uma palavra. Ela já tinha memorizado.

O agente Gallagher estava conversando com um dos homens agora e ela olhou brevemente para o céu azul, cheio de nuvens brancas macias, imersas na paz do lugar. Coisas terríveis aconteceram aqui, mas essas coisas terríveis tinham sido feitas por humanos. Ela desejou que fosse deixado para os animais, e apenas os animais, mais uma vez.

Quando ela se virou na direção da velha cabana de Jak, a que ela invadiu não uma vez, mas duas vezes, um pequeno sorriso curvou seus lábios. Ela se lembrou de estar sentada à sua mesa, as cabeças inclinadas juntas, lendo com ele, beijando-o... Uma pontada de melancolia apertou seu peito com a lembrança daquela maravilhosa simplicidade, algo que nunca seria totalmente recuperado.

Quando ela começou a voltar na direção dos túmulos e do Agente Gallagher, seu olhar se fixou nas montanhas, nuvens baixas suavizando seus picos, fazendo com que parecessem mais como uma linha ondulada no céu do que picos afiados. Ela voltou. *E se...* Ela levantou o mapa. Os túmulos, as duas marcas, estavam atrás dela agora, mas e se as linhas onduladas indicassem as montanhas em vez de várias fontes de água na direção oposta?

O mesmo problema permaneceu embora. As montanhas estavam distantes ao longe, quilômetros, o terceiro marcador poderia estar entre os túmulos e a base.

A não ser que... Seus olhos se moviam da onda exata das linhas para os picos quase obscurecidos pela nuvem. Eles combinaram de uma maneira *muito* simplista. Porque era o mapa mais simplista possível. Então, com isso em mente, e se o quadrado desenhado embaixo da montanha simplesmente indicasse uma sensação visual de onde as montanhas tocavam a terra exatamente de onde ela estava?

O agente Gallagher ainda estava conversando com os outros homens, então ela caminhou ao redor da casa de Driscoll, indo em direção ao bosque de árvores na frente dela,

focada naquela área escura. Um bom esconderijo para... qualquer coisa, mesmo. Mas o quê? Se os dois marcadores vermelhos indicavam os corpos das crianças mortas, que outros horrores poderiam estar à espreita lá fora? Ela fez uma pausa, decidindo voltar. Ela esperaria pelo agente Gallagher.

Assim que ela começou a se virar, o sol atingiu o lado da floresta e ela avistou um grande grupo de rochas além de algumas árvores esparsas. Ela caminhou em direção a isso, entrando nas árvores, seus olhos se ajustando à luz fraca. Ela tinha visto outras áreas como esta, outras... *sim.* Era uma velha mina, uma porta embutida no lado da rocha. Seu coração começou a bater forte. Era *isso* que Isaac Driscoll havia marcado? E por quê?

Ela puxou a porta, esperando que estivesse trancada, mas com um rangido enferrujado, ela se abriu, a luz inundando o espaço. Ela se inclinou para dentro, o ar mais frio ali, o cheiro metálico e úmido. Com o ritmo cardíaco aumentando, ela ligou a lanterna do celular e iluminou o local.

Ela respirou fundo. A pequena sala, uma entrada para uma parte mais profunda da mina do outro lado bloqueada, tinha uma mesa, um monitor e fotos pregadas em cada parte das paredes.

Jak.

Em *todas elas.*

Oh Deus.

O que é isso?

Harper engoliu em seco, um pavor frio a penetrando.

Várias lanternas de querosene pendiam de vigas e ela caminhou lentamente em direção a mais próxima, ligando-a, iluminando o espaço. Ela sentiu como se estivesse em um sonho, um pesadelo, quando olhou de uma foto para outra, sua garganta se fechando.

Uma era de Jak, pois tinha que ser ele, todas elas pareciam ser, quando criança, com lágrimas escorrendo pelo rosto sujo, sentado na margem do rio cheio de neve, seus braços envolvendo suas pernas magras. Ele estava tremendo. Ela podia *dizer* apenas olhando e seu coração gritou. Ela não podia salvá-lo. Ele já se salvou. Não teve escolha, mesmo que um homem estivesse sentado fotografando sua miséria, sem ajudar. O mal quase a fez ficar de joelhos. *Que tipo de pessoa poderia fazer isso? Como?*

Havia outras fotos, centenas, fotos de Jak mordendo um coelho ensanguentado coberto de pele, o rosto magro, não mais do que dez. Ela se encolheu, olhando para longe. Quão faminto e *desesperado* esteve para morder um animal coberto de peles?

Na parede do fundo havia uma série de fotos e ela parou na frente delas. Lágrimas quentes escorriam por suas bochechas. Seu coração disparou com horror quando viu que Jak não estava sozinho nesta série de fotos. Ele estava lutando contra um garoto loiro, que era magro e obviamente morrendo de fome, doentio e... de aparência perturbada. Havia um cervo morto no meio deles e ela se perguntou se era por isso que eles lutavam. Cada foto era pior do que a

anterior, cada cena como um filme que ela queria desviar o olhar, mas não conseguia. E o fim... ela soluçou quando olhou para a foto de Jak, um lobo, *era seu amado Pup?* Por cima do ombro, o cervo sendo arrastado atrás dele, o menino morto deitado numa poça de sangue na neve. A expressão no rosto de Jak... é de extrema devastação.

Oh Deus. Era horrível de suportar. Jak havia matado as duas crianças naqueles túmulos? Outro soluço surgiu em sua garganta e agora ela estava chorando.

Ela se virou, em meio a um nevoeiro, avistando um arco e flecha encostados na parede no canto, uma flecha claramente ausente do lugar. Ela balançou a cabeça. *Demais, demais.* Este era o lugar secreto de Driscoll. Esse era o arco e flecha de *Driscoll.* Teria Driscoll matado a mulher? A mãe de Jak? Sua mente girou.

Havia um laptop na mesa, mas, claro, a bateria estava descarregada. Ela se perguntou que horrores estavam contidos naquele pequeno dispositivo e estremeceu. Um gravador estava ao lado do laptop e ela apertou o botão, esperando que ele estivesse morto também, e se assustou quando a voz de um homem começou a falar.

— O gambá está fora hoje, chorando na neve, ranho em todo o seu rosto, comendo pedaços de grama e depois vomitando. — Seu peito apertou com tristeza. Ela avançou rápido, em transe, atordoada de horror. — O jovem cervo parece ter aparecido, ganhando confiança, mas ainda cauteloso. Ele estava vestindo um casaco novo hoje. Ele está

aprendendo. Adaptando-se. Embora eu ainda veja o gambá muito mais do que gostaria.

Seu dedo pressionou rapidamente para frente novamente.

— É isso aí. Há o lobo — disse a voz do homem animadamente, e Harper só podia imaginar o que ele estava assistindo. Ela fechou os olhos com força. — Há o espartano. O soldado. A besta de todos os animais. O selvagem. — Ele atacou suavemente e ela podia *ouvir* o orgulho contido naquele som. Isso a enojou.

Ela pressionou parar no gravador, incapaz de ouvir mais. Seu coração estava quebrado. Como Jak havia *sobrevivido a* isso? Como ele era tão gentil, caloroso e amoroso... apesar disso? Ele não era selvagem. Longe disso. *Foi* ele quem foi atacado pela crueldade e pelo mal.

Quando o agente Gallagher entrou, seus olhos se movendo ao redor, o rosto gravado em choque, ela estava soluçando.

Capítulo 42

Jak entrou na varanda de Driscoll, o coração batendo rapidamente como as asas rápidas de um beija-flor. Ele balançou seu arco e flecha mais para cima em seu ombro. *Eu vou matá-lo*. Sua batida ecoou, soando no ar nevado, o vento arrebatando e lançando para longe. Mas o carro de Driscoll estava lá e havia pegadas em seus degraus. Ele tentou a maçaneta e girou em sua mão enluvada. Surpreso parou.

Sim, ele ia matar Driscoll. Mas primeiro ele precisava de respostas. Ele precisava saber por que Driscoll mentira para ele sobre a guerra. Por que ele lhe deu uma casa e o manteve lá fora, na floresta distante, sozinho por toda a sua vida.

Por que ele matou Pup. Levou seu único amigo dele. Sua garganta estava apertada. Ele respirou fundo.

Se Driscoll não estivesse em casa, ele esperaria por ele. A porta rangeu quando se abriu e os sussurros zumbiram dentro dele. Ele tirou os sapatos e os deixou na porta. Seus pelos se arrepiaram e ele sabia que algo estava errado... diferente. Ele farejou o ar e cheirava... *sangue. Medo. Morte iminente.* E abaixo disso, o cheiro de uma fogueira estranha, algo que Driscoll havia queimado usando madeira que Jak nunca tinha sentido antes. *Forte. Cinza.*

Seus ouvidos entraram em alerta e ele escutou por um minuto antes de dar um passo à frente, na sala quase escura.

O cheiro de sangue ficou mais forte e ele se pressionou contra a parede, seguindo, agachando-se, indo na ponta dos pés, com muita leveza.

Ele ouviu um gemido do quarto e foi em direção a ele. Devagar. Devagar. *Silencioso do* jeito que fazia quando se movia pela floresta, um cervo em sua vista, a flecha puxada para trás em sua mão. Ele espiou pelo canto, seu coração batendo entre suas costelas, seus olhos tentando entender o que ele via.

Driscoll estava pressionado contra a parede, uma flecha no peito, um lago de sangue a seus pés. Jak apareceu à porta e a cabeça de Driscoll se levantou. — Jak — ele resmungou. — Ajude-me.

Ele deu outro passo dentro do quarto, procurando um inimigo. — Quem fez isto?

— Eu não sei. Eu não o conhecia... alto... homem. — Sua respiração fez um gemido alto e seu rosto estremeceu.

— Você mentiu para mim — Jak disse. — Você me traiu.

Driscoll o ignorou. — Por favor. Ajude-me. Você não pode me tirar dessa parede... vai fazer isso... pior para mim. Somente... meu telefone. — Jak olhou para a cômoda onde viu a pequena coisa preta que Driscoll queria que ele lhe entregasse. Ele fez uma pausa. *Por que eu deveria ajudar esse homem?* Ele olhou de volta para Driscoll que o observava. A raiva surgiu em seus olhos e saía da cabeça dele como um sapo verde e viscoso. — Se você não me ajudar, eles vão te trancar em uma cela! Em uma gaiola como um

animal! Você *matou,* Jak. Eles não vão entender. E se você me deixar morrer, será ainda pior para você.

A cabeça de Jak latejou, ódio pelo homem queimando como fogo. Ele deveria sair. Ele deveria deixá-lo morrer. Ele tinha planejado matá-lo. Ele era um mentiroso e trapaceiro. *Ele* era um dos inimigos. Ele matou Pup, e Jak queria *vingança.*

O ombro de Driscoll caiu. Ele fez um estranho movimento brusco e sangue saiu de sua boca — Por favor... meu telefone. Sinto muito que você sofreu, apenas... me dê meu telefone.

Jak parou por mais um minuto, os sussurros crescendo alto dentro dele, abafando seu ódio, embora ele tentasse segurá-lo com força. A voz da mulher se elevou acima dos sussurros. *Esqueça.* Ele a conhecia... suas palavras... as coisas que ela diria a ele. Ele a ouviu em sua mente. *Esqueça.*

Nas pernas que não pareciam como as suas, ele caminhou até a cômoda, pegando o objeto e se movendo lentamente em direção a Driscoll, contornando a poça de sangue e segurando o telefone para ele. Ele pegou, pressionando por um segundo. Jak recuou e Driscoll olhou para cima, os olhos se encontrando por um momento. Mais sangue veio da boca de Driscoll. Seus olhos ficaram suaves. — Vê-lo — ele sussurrou — um lobo sobre seu ombro e... arrastando um cervo atrás de você, o corpo de seu inimigo morto na neve. — Mais sangue. Um borbulhar como se um rio corresse em seu peito, movendo-se, borbulhando. — Foi uma *maravilha.* E apenas doze anos de idade. — Ele riu e

sangue espirrou. Vermelho choveu em sua camisa. — Eu sabia... então. *Aquele* momento... você era um *guerreiro* de outra era, digno... dos espartanos. Você... superou... todos... — Ele endireitou o pescoço, parecendo usar a última das suas forças. Ele levou a mão à testa e fez uma saudação a Jak. Então um assobio saiu de sua boca e sua respiração parou quando sua cabeça caiu, o telefone na outra mão espirrando no sangue no chão.

Jak ficou ali por um minuto, os sussurros se acalmando, afastando-se. Jak estava sozinho. Ele se virou, saindo do quarto, fechando a porta da frente atrás dele.

Estava nevando. Flocos macios e suaves. Ele colocou os sapatos baixos e caminhou em direção às árvores do outro lado da casa de Driscoll. Mais passos na neve, aqueles que foram para a janela lateral e desapareceram. O coração de Jak bateu rapidamente. A neve já estava preenchendo-os. Logo eles desapareceriam. Jak levantou a cabeça e cheirou o ar. A neve iria parar em breve, embora houvesse mais, no alto do céu. Ele deu um passo à frente, com os olhos voltados para o horizonte cinzento, lembrando-se de que, em algum momento próximo e distante, embaixo da terra congelada, a primavera começaria a se agitar.

Capítulo 43

Onde ela está? O coração de Jak disparou nervosamente enquanto olhava pela janela pela centésima vez, esperando ver a caminhonete dela passando pelo portão, mas o portão ainda estava fechado.

Ele desceu as escadas e entrou no vestíbulo onde Nigel apareceu, como Jak esperava, embora ainda não conseguisse descobrir como ele *fazia* isso. Jak diria que ele era como um lobo e podia sentir o cheiro das pessoas quando elas se aproximavam, mas o homem não parecia um lobo. Ele definitivamente parecia algo mais furtivo. — Eu perdi alguma ligação?

Ele limpou a garganta. — Não senhor. Não nos últimos vinte minutos.

Ele estreitou os olhos sentindo que o homem estava usando... sarcasmo. Ele aprendeu essa palavra hoje em um de seus livros, aprendeu o significado. Mas seus livros não diziam que algumas pessoas usavam sarcasmo para fazer as pessoas se sentirem mal sobre si mesmas. Furtivo.

Ele se inclinou mais, franzindo o nariz. Ele *cheirava* furtivo também. Escorregadio. — Como você vê as pessoas antes de entrarem em uma sala?

Nigel levantou o nariz como se estivesse cheirando algo, mas não inalou. — As câmeras, senhor.

Câmeras. O coração de Jak ficou atento. — Câmeras?

— Sim senhor. Há câmeras nas salas para que os funcionários saibam onde a família pode precisar de atendimento.

Um zumbido tinha começado nos ouvidos de Jak, como as cigarras, ele tinha aprendido o nome daqueles insetos que zumbiam e cantavam nas árvores, enchendo a floresta com seu barulho, mas apenas a cada dezessete anos. Elas só saíram uma vez, mas Jak se lembrava delas, toda a floresta tinha vibrado com o acasalamento.

Jak se virou de Nigel, caminhando em direção à biblioteca, olhando de vez em quando, tentando identificar as câmeras.

Ele estava sendo vigiado. Novamente.

Ele fechou a grande porta atrás dele, ficando de pé contra ela por um minuto enquanto lutava para recuperar o fôlego. Ele se sentia... ele não conhecia a palavra. Ainda havia tantas palavras que ele não sabia. Ele caminhou até a mesa, pegando o dicionário e o folheou como se pudesse encontrar a palavra certa para lhe dizer como estava se sentindo.

A porta clicou. Ele a cheirou antes de vê-la. A mulher pássaro. Ela sorriu para ele e fechou a porta atrás dela.

— Jak — ela ronronou. Ela estava sempre ronronando, como um gato. Mas os gatos odiavam pássaros. Talvez seja por isso que ela gostava de ouvi-los chorar. Ela veio em sua direção, e ele queria recuar, mas se manteve firme, aquela leve cigarra zumbindo cada vez mais alto em seus ouvidos.

Ela correu as garras de pássaro no peito dele, lambendo os lábios e olhando para ele. — Oh, as coisas que eu poderia

te ensinar, Jak. — Ela desabotoou o botão de cima de sua camisa, depois o segundo.

Ele entendeu o que ela queria. Ela ia ficar nua como a mulher ruiva e oferecer seu corpo para Jak, embora ele não tivesse feito nada para tentar conquistá-lo. Ele se afastou e sua mão caiu de seu peito. — Eu tenho uma mulher.

Ela riu, mas não foi como uma risada. Mais como o som que um coiote fazia antes de atacar alguma coisa. Sua língua estalou e ela se aproximou novamente. — Um homem grande como você? — Ela olhou para baixo, seus olhos parando entre as pernas e, em seguida, levantando para o rosto. — Uma mulher não pode ser suficiente.

— Você está errada.

— Tão doce — ela ronronou. — Mas eu não o impediria como ela fez. Eu te deixaria fazer o que quisesse. Você gostaria disso? Hmm? — Ela estendeu a mão, esfregando sobre sua masculinidade, agarrando-o. Ele assobiou com surpresa.

Mas eu não o impediria como ela fez.

Ela os *assistiu*? Ele e Harper. Ali. Ele olhou para cima, procurando a câmera e avistando-a no canto mais distante do teto. Seu sangue ferveu e um gemido subiu por sua garganta. Ele se sentia *seguro* lá.

— Oh sim — ela ronronou, esfregando-o com mais força.

Ele a pegou pelos braços e a empurrou para longe. Ela tropeçou para trás, se contorcendo. — Nunca mais me toque — ele rosnou.

Seus olhos se encheram de raiva, suas bochechas ficaram vermelhas. Ela deu um passo em direção a ele, sua boca se abrindo para falar quando uma batida veio na porta.

— Entre — Jak chamou, tentando esfriar a raiva quente em seu sangue, a sensação de... *traição.* Ele respirou fundo, deixando fluir através de seu corpo.

A porta se abriu e Nigel entrou. — Agente Gallagher está aqui para vê-lo, senhor.

Jak não olhou para a gata disfarçada de mulher pássaro quando disse: — Diga a ele que estou aqui.

Com o canto do olho, ele a viu levantar os ombros e então ela estava de costas para ele quando saiu. A biblioteca ainda mantinha seu cheiro. Isso o fez sentir... nojo.

O agente Gallagher entrou e Jak sentou na beira da mesa, deixando-a segurar o peso por um momento. — Jak — ele disse, um estranho olhar em seu rosto. Uma mistura de tristeza e... algo mais.

Ele se endireitou, oferecendo a mão ao agente. Eles apertaram.

— Podemos nos sentar? — Perguntou o agente. Jak assentiu com a cabeça, seu coração batendo mais rápido.

— Harper está bem?

— Harper está bem. Ela estava comigo esta manhã. Acabei de deixá-la em casa. Isso não é sobre ela.

Jak franziu a testa. Por que ela tinha ido com o agente em vez de pegá-lo como ela disse que faria? Algo estava errado.

Sentaram-se em duas cadeiras perto da lareira de pedra e o agente Gallagher inclinou-se para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Fizemos outra pesquisa das terras de Isaac Driscoll, Jak.

— Ok — ele disse lentamente.

— Encontramos dois corpos, ambos crianças, embora de diferentes idades.

O sangue de Jak ficou gelado. Ele não se mexeu.

O agente recostou-se, soltando um suspiro profundo. — Também encontramos uma velha mina que Isaac Driscoll costumava armazenar... trabalhos.

O zumbido novamente. Mais alto. Em sua cabeça. Sob sua pele. Em toda parte.

— Encontramos as fotos, Jak. E gravações de vídeo... de você. Começam quando você era muito jovem e continua até que Driscoll seja morto.

O estômago de Jak deu um nó. Ele não podia falar.

— Também encontramos o arco e flecha que acreditamos ter sido usado para matar sua mãe. Encontramos fotos dela na cidade, e a bolsa dela também com sua identidade. Parece que ele a estava seguindo.

Driscoll. Driscoll matou a mãe dele. Deveria deixá-lo com raiva com raiva, cheio de... raiva. Mas ele não conseguia sentir nada. *Por quê?*

— Acreditamos que Driscoll descobriu de alguma forma que ela interferiu com o que ele estava fazendo, que ela planejava dizer a verdade, ou talvez ela mesma tivesse

contado seus planos, o confrontou, e ele foi para o quarto dela na pousada e a matou.

Silêncio. Jak observou as palavras. Ele examinaria isso mais tarde, tentaria *sentir* algo sobre isso.

— Eu preciso que você me conte sobre as outras crianças, Jak — o agente Gallagher disse, e havia apenas tristeza em seu rosto. E... desapontamento. Uma profunda vergonha percorreu Jak. Doença do frio.

— Harper viu? — Ele finalmente falou. *Harper sabe o que eu fiz? O que eu sou?*

O agente Gallagher estudou-o por um segundo, sua expressão ainda triste. — Sim. Harper viu as fotos. Ela encontrou a mina.

Jak soltou um som que parecia um animal moribundo.

— Jak — o agente Gallagher inclinou-se para frente. — Eu preciso saber o que aconteceu. O que realmente aconteceu.

Dormência o atingiu e ele caiu de volta na cadeira, apertando os olhos fechados por um segundo. Quando os abriu, ele disse: — Aconteceu do jeito que eu disse, só havia três garotos comigo. Um morreu no outono, empurrei outro para uma saliência, mas ele provavelmente morreu também. Eu matei o terceiro. Mas isso foi depois. Nós brigamos por comida. Eu tentei...

— Eu vi o vídeo, Jak.

Os olhos de Jak se moveram lentamente para o rosto do agente. Ele não podia dizer o que estava lá, mas ele podia

imaginar o que o homem estava pensando. *Fera. Animal. Assassino.*

Vídeo. Vídeo eram fotos se movendo. Havia um vídeo de Jak esfaqueando aquele garoto e deixando seu corpo na neve. A doença subiu pela garganta e com esforço, ele engoliu.

— Você tem alguma ideia de quem eram esses meninos?

Jak sacudiu a cabeça, mas devagar. — Não. Eu não sei nada sobre eles.

Silêncio por um minuto e depois o agente Gallagher disse: — Nós achamos o garoto que você... lutou... viveu sob a varanda de Isaac Driscoll por um tempo. Havia anotações sobre um rato que vivia sob sua varanda e roubava sua comida, sua faca. Ele falou sobre a criação de um teste. Achamos que ele criou essa briga entre vocês dois para ver o que você faria.

Dormência. Zumbido. Doença. *Engula, engula.*

— Jak...

— Por que ele faria isso? Me levar. Observar... — Foi a mesma pergunta com a qual ele lutou desde que viu as fotos na cabana de Driscoll. *Por quê? Por que eu?* Ele estava cheio de raiva e ele não sabia que palavras usar.

O agente Gallagher se apertou os dentes. — Achamos que ele estava fazendo experimentos observacionais. No começo, eles eram principalmente sobre sobrevivência, força, fortaleza. Acreditamos que ele queria que a casa em que você morou abrigasse todos vocês, mas você foi o único que sobreviveu. Suas notas indicam que ele estava planejando

estudos mais específicos sobre você usando situações planejadas, atores...

— Não entendo todas essas palavras — ele admitiu, sua cabeça nadando. Ele não gostava de dizer isso, mas *precisava* entender.

— Sinto muito, Jak. Acho que Driscoll ia usar as pessoas para fingir que eram alguém que não eram e ver como você reagia.

— A mulher ruiva — Jak disse. Sua voz soava tão morta quanto ele se sentia.

Agente Gallagher assentiu. — Sim — ele disse e sua voz quebrou um pouco. Ele estava triste? Com nojo? *Ambos,* Jak pensou. — Vimos as anotações sobre isso, o vídeo...

Jak abaixou a cabeça. Ele queria chorar. Uivar até que sua voz quebrasse e seus pulmões parassem de funcionar. Ele queria encontrar uma toca e ficar ali sozinho para que ninguém jamais o encontrasse.

— Jak... você matou Isaac Driscoll?

Ele encontrou os olhos do agente Gallagher. — Não. Quando cheguei à cabana dele, ele já estava morrendo.

Houve silêncio por vários minutos. — Jak, precisamos que você vá até a delegacia e faça uma declaração, mas eu queria... eu queria que você soubesse tudo isso primeiro. Eu posso te buscar de manhã. Que tal?

O agente Gallagher estava sendo legal com ele, dando-lhe tempo, ele sabia disso. Ele não sabia por quê. Era porque ele sentia pena de Jak e queria dar-lhe uma última noite em

uma cama macia e água quente antes de trancá-lo? Ele assentiu. — Obrigado.

— Tenho certeza que uma vez que você processe tudo isso, você terá perguntas para mim também. Eu responderei qualquer coisa que puder.

Jak pensou que ele poderia ter acenado com a cabeça, mas ele estava tendo problemas para sentir seu corpo. — OK.

— Ok. — Pausa. — Jak, apenas uma pergunta final e depois conversaremos amanhã. Há alguma coisa sobre os pais de Harper que você não tenha me contado?

Jak encontrou seus olhos. — Não. Eu te disse tudo o que sei sobre isso.

O agente estudou seu rosto por um segundo e depois assentiu. — OK. Se você precisar de mim hoje à noite, você liga, está bem? Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno cartão branco, entregando-o a Jak. — Meu número está aqui. Se você quiser ligar para mim e seu avô ainda não tiver lhe dado um telefone, basta perguntar a alguém por aqui para mostrar como discar o número no telefone fixo, tudo bem?

Telefone fixo. Ele não tinha ideia do que era aquilo. Ele estava perdido. Ele sempre estaria perdido. — OK.

O agente se levantou e Jak também. Ele tinha um olhar preocupado no rosto. Ele achava que Jak poderia machucá-lo também? Ele olhou para o canto do teto. — Há câmeras aqui — Jak disse. Se ele machucasse alguém, isso também estaria no *vídeo*. Só mais uma coisa para trancá-lo. Além disso, ele percebeu, o que o agente tinha acabado de dizer a ele que

havia sido gravado também. Mas quem se importava? Saber coisas e ver coisas era muito diferente. Muito diferente.

Harper.

Seu estômago deu um nó novamente.

O agente deu-lhe um olhar confuso, mas assentiu. — Tudo certo. Não precisa me acompanhar à porta. Então eu volto de manhã. Nove horas, ok?

— Ok. — Jak viu quando o agente Gallagher saiu da sala, ouviu-o dizer alguma coisa para o furtivo Nigel no corredor e, em seguida, o som de seus passos desapareceram.

Jak deixou a biblioteca, o lugar onde ele se sentiu seguro e... feliz. Por um tempo. Agora, agora não havia lugar onde ele se sentisse seguro.

Brett saiu de uma porta, abrindo sua boca grande e *estúpida* para dizer alguma coisa e Jak rosnou, empurrando-o para fora do caminho. Ele parou, esperando que Brett quisesse lutar contra ele, mas ele cambaleou para trás, soltando um som agudo como uma menina esquilo. Não seria divertido lutar contra um esquilo fêmea. Ele iria esmagá-lo. — Jesus, você é um animal — Brett disse às suas costas enquanto Jak caminhava. Brett estava certo. Jak não conseguiu esconder. Ele pensou que podia, mas estava errado.

O som dos pássaros chorando o atraiu. Ele entrou no aviário, parando e olhando em volta para as belas criaturas tristes. A gata disfarçada de mulher pássaro estava lá e ela se aproximou dele. — Eu sabia que você iria aparecer.

Jak passou por ela, indo em direção às gaiolas. Ele abriu uma das portas e depois foi para as outras duas, os pássaros se acalmando, hesitando. Ele alcançou e pegou uma das criaturas amarelas brilhantes em sua mão e a lançou no ar, o pássaro gritando e agitando suas asas, voando livre. — O que você está *fazendo?* — Loni gritou.

Ele abriu a terceira porta da gaiola e alguns pássaros voaram para fora. Ele começou a lançar mais deles no ar, suas asas batendo de felicidade, e depois de um momento outros seguiram.

Jak correu até a parede de janelas, destrancando e abrindo enquanto Loni gritava um pouco mais, tentando fechar as portas das gaiolas. Mas ela foi dominada por um imenso bater de asas, o choro dos pássaros se transformando em riso que ecoava pela sala, ficando mais alto, mais alegre. Eles voaram em direção à janela, seguindo um ao outro para a liberdade.

— Sua *besta!* Seu *selvagem* incivilizado! — ela gritou. — Você vai matá-los! Todos eles vão morrer lá fora!

Ele passou por ela, indo para a porta. Sim, ele sabia disso. Criaturas não podiam viver onde não pertenciam. Mas pelo menos eles morreriam rindo.

Capítulo 44

Ele desapareceu. Aparentemente durante uma soltura de pássaros desenfreada. Agora ninguém sabia onde ele tinha ido. O coração de Harper torceu enquanto ela andava de um lado para o outro no apartamento. *Jak, Jak, Jak.*

Ela só podia imaginar o tormento que ele sentiu quando o agente Gallagher lhe contou sobre o que haviam encontrado. Ele não só sobreviveu àqueles momentos inimagináveis, mas eles foram orquestrados, salvos em filme. Avaliado. Vinte e quatro horas depois, ela mal conseguia entender o mal. Mal podia pensar nisso sem que as lágrimas brotassem.

— Onde você está? — Ela murmurou. O único lugar que ele conhecia era a floresta. Ele voltaria lá agora que não tinha uma casa para morar?

Ela tinha a sensação de que sim. Ela tinha a sensação de que ele estava agachado em algum lugar sozinho. Uma caverna ou uma área de árvores. Em algum lugar que ele se sentisse seguro. *Você não veio até mim porque não sabia como? Porque se sentiu tão perdido neste mundo?* Era porque ela não foi até ele? Ela queria, só que o agente Gallagher pensou que seria melhor que ele entregasse as notícias, conseguisse as respostas de que precisava. E verdade seja dita, ela precisava de algum tempo para se recompor depois do que tinha visto. Deus, seu coração doía.

Ela não podia simplesmente ficar sentada esperando notícias, e a delegacia não estava montando uma busca. Ele não era um criminoso. Bem, se você não considerasse a coisa toda de libertar pássaros (mas o avô aparentemente havia convencido a avodrasta a não prestar queixa por isso). Nem ele era uma pessoa desaparecida. Ele foi uma vítima. E ele afastou-se da propriedade Thornland sem olhar para trás.

Harper vestiu o casaco e calçou as botas, pegou a bolsa e trancou a porta atrás de si. Vinte minutos depois, ela estava saindo da rodovia para a estrada que levava à trilha de madeira.

A caminhada até a casa de Jak era mais fácil agora que um pouco da neve havia derretido. Apesar de sua preocupação e medo de não encontrá-lo, Harper pôde apreciar a beleza da floresta. O ar tão limpo e fresco, o canto dos pássaros ao seu redor, a sensação de fazer parte de tudo de um jeito indefinível. Jak tinha caminhado por esta floresta toda a sua vida, pensando, sonhando, aprendendo, crescendo... *ninguém para compartilhar nada disso*. A solidão que ele deve ter sentido... ela nem conseguia entender como ele sobrevivera a isso, mas principalmente a solidão. Principalmente isso.

Ela chegou a casa em que ele morava. Tudo ainda estava... em silêncio. Ela caminhou até a porta e bateu, mas não recebeu resposta. Na parte de trás da casa, ela colocou as mãos ao redor de sua boca para que sua voz fosse ouvida. — Jak? — Ela chamou na floresta, se aproximando. Ela o *sentia*, ela jurava que sim.

— Jak? — Ela chamou novamente, mais alto. — Por favor, saia. Por favor. Estou sozinha e estou... com medo. — Era verdade, mas ela sabia que estava usando de manipulação. Se ele pudesse ouvi-la, ele viria. Ele não resistiria a seu pedido de ajuda. Ela o *conhecia* e usava a bondade dele. *Porque eu o amo,* ela disse a si mesma. *Porque eu nem sequer disse isso para ele ainda e ele precisa saber. Ele precisa saber que é amado.*

Ela ouviu um farfalhar. Passos. E ele apareceu, ficando entre duas árvores, a cabeça abaixada. Ele parecia tão diferente agora do que a primeira vez que ela o viu em pé no meio da floresta. Seu casaco era comprado em loja, suas botas eram limpas e novas, seu rosto mostrava apenas um pouco de barba. Quando ele olhou para cima, a expressão em seu rosto era cautelosa, com medo, cheia de... tristeza. Vergonha.

— Jak — ela disse suavemente, usando o braço para gesticular para a floresta ao redor deles. — Você... você não pertence mais aqui. — *Você pertence a mim. Venha para casa comigo.*

Ele olhou para baixo, sacudindo a cabeça. — Eu sei, Harper. Mas... eu não pertenço lá também. Eu não pertenço a lugar algum.

Ela correu para ele, envolvendo os braços na cintura dele, pressionando o rosto contra o peito, respirando-o. — Eu sei que parece assim, mas não é verdade — ela disse, segurando-o mais apertado. Ele ficou imóvel quando ela o envolveu em seus braços e agora soltou um suspiro

torturado, seus braços se aproximaram dela, passando por seus cabelos, suas costas, um som de gemido emanando de seu peito.

Ela inclinou a cabeça, olhando para ele. — Jak — ela suspirou. — Eu estava tão preocupada.

A confusão passou por seu rosto antes que ele a soltasse, se afastando, virando novamente. — Você viu — disse, sua voz um sussurro quebrado. — Você não precisa fingir. Eu sei que você viu tudo. Você viu. O que eu fiz. Você... viu.

Oh Deus. Ele está... vergonhado. Tão errado. Embora ele tivesse que ficar mais chateado com as revelações que ela sabia que o agente Gallagher havia compartilhado com ele, com as notícias do terrível crime cometido contra ele. Ela o pegou, com os ombros curvados, a cabeça baixa. Ele parecia um animal ferido. Perdido. Seu coração se torceu, rachado.

Ela respirou fundo. — Sim — ela confirmou. — Eu vi. — Ela se aproximou, colocando a mão em seu braço, embora ele ainda não se virasse para ela. — Eu vi fotos suas sobrevivendo de uma maneira que nunca serão apagadas da minha alma. *Não* porque elas me enojaram, mas porque o meu coração sangrou *por* você, e se alegrou *com* você, e encontrou admiração em sua coragem. Sua vontade de viver. As fotos que vi quebraram meu coração, Jak, mas mais do que isso, elas me deixaram orgulhosa e profundamente emocionada pela sua força. Elas... me fizeram te amar ainda mais do que já amava — ela terminou, sua voz cheia da paixão sincera que vivia em seu coração pelo homem à sua

frente, sentindo vergonha por coisas que ele não era responsável.

Então ele se virou, lentamente, seu rosto se encheu de surpresa, cauteloso, um vislumbre de esperança. Mas tão depressa quanto viu, desapareceu. Ele balançou sua cabeça. — Ele me descreveu como um gambá às vezes, outras vezes um cervo. — Ele deu um passo para trás, para longe dela. — Ele também me chamou de lobo. — Ele soltou um profundo suspiro torturado. — E... eu sou todos eles, Harper. — Ele disse isso como se seu coração quebrasse por admitir, tal tristeza em seus olhos que ela quase não podia suportar. — Eu sou cada um. Eu tentei não ser, mas eu sou. — Ele balançou a cabeça. — Eu não tenho sido o gambá há muito tempo. Ele era o garoto assustado. Mas os outros dois... eles são quem eu me tornei, e não posso deixar nenhum dos dois para trás. — Ele deu um suspiro trêmulo. — Você quer o cervo que vai apertar as mãos e ter modos *à mesa,* ou o lobo que poderia te despedaçar? E o que acontece se eu não puder te prometer que o lobo não vai sair quando você menos espera? Não posso ser apenas um ou outro. Eu sou os dois. — Sua voz quebrou na última palavra, desaparecendo.

Ela ficou mais ereta, suas palavras a apoiando. Sim, ela sabia disso, não sabia? Ela sentiu que ele se conteve, por *ela,* sentiu-o tentando suprimir essa parte dele, o lobo. Ela tinha ficado feliz por isso, porque esse lado dele era um desconhecido e isso a assustava, mas além de seu medo, houve a centelha de... decepção, não houve? Decepção em sua contenção. E ela entendia o que ele estava dizendo a ela.

Ela não podia tê-lo em partes. Ele passou a vida sobrevivendo por causa daquela parte selvagem e bestial dele. Rejeitá-la seria rejeitar o âmago de quem ele era.

— Eu quero o lobo — ela disse suavemente. — Quero você. Eu não preciso que você se contenha. — Foi a coisa mais verdadeira que ela já disse, percebeu. Ela estava disposta a abandonar qualquer medo porque confiava nele. Não havia parte dele que ela não quisesse. Cada parte dele tinha sido duramente conquistada. À custa de duras lutas, e ela pegaria todas elas.

Ele a estudou, estreitando os olhos, observando. — Antes de morar naquela casa, eu morava em cavernas, Harper ou, às vezes, em buracos cavados no chão.

Ela assentiu, levantando o queixo. — Bom — ela disse. — Aqueles lugares o mantinham quente.

Ele virou a cabeça ligeiramente, ainda a estudando com tanta intensidade que ela começou a tremer. Ele deu um passo mais perto e ela se manteve firme.

— Às vezes estava tão faminto que comia *insetos*. Um após o outro. Eu procurava no chão por eles, rastejando sobre minhas mãos e joelhos.

Ele observou, esperou para ver o desgosto entrar em seus olhos, ela sabia. Testando-a. Ela engoliu em seco, a imagem em sua mente, o conhecimento de seu desespero excruciante, doendo tanto que ela queria cair de joelhos. Ela respirou fundo, o imenso respeito, o imenso amor, que ela tinha por ele preenchendo cada parte de sua alma. — Bom — ela sussurrou. — Isso te manteve vivo, então quando eu

entrei na delegacia naquele dia, você estava lá. Você estava lá.

Ele ficou calado por tanto tempo, que ela se perguntou se ele falaria novamente, se perguntou se ele levantaria mais um elemento horrível de sua sobrevivência para tentar determinar se ela realmente queria o que ela estava dizendo que queria.

— O lobo não é como qualquer coisa que você conhece. Ele é selvagem, Harper. Ele é o pior de mim.

— Bom — ela disse mais uma vez, a intensidade que ela sentiu oscilando em sua voz. — Eu *quero* selvagem. Eu quero você. Todos vocês. O melhor e o pior e tudo mais.

Seus olhos se estreitaram e o ar mudou muito repentinamente, sua consciência aumentando, a respiração estagnada. Ele ia atacar. Testar a veracidade de suas palavras com ação. *Faça isso,* ela sussurrou em sua mente e o nariz dele se moveu, muito levemente, como se ele tivesse sentido o cheiro de sua aquiescência. Sua necessidade. Eles se encararam, e ela estava tremendo agora, seu corpo inteiro carregado, seu coração bombeando sangue em suas veias, mais rápido, mais rápido. — Eu quero selvagem — repetiu. Ela não estava com medo. Ela se entregaria voluntariamente a ele porque tinha *fé* em sua bondade.

Com um rosnado baixo, ele andou em direção a ela, devagar, devagar. Quando eles finalmente ficaram frente a frente, ele se moveu rapidamente, agarrando-a. Ela respirou fundo. Sua boca desceu sobre a dela, quente, exigente. Ele não estava guardando nada, e uma emoção girou dentro dela,

terminando entre suas pernas com uma explosão de prazer molhado.

Ele a pegou nos braços e a levou para frente da casa vazia que não era mais dele, abrindo a porta destrancada e chutando-a atrás dele. O cobertor que ele dormiu durante a maior parte de sua vida ainda estava dobrado na cama e ele jogou no chão, empurrando-a gentilmente para que ela estivesse de joelhos.

A respiração dela travou, excitação quente e pesada em suas veias quando o corpo dele veio sobre o dela por trás, muito maior, mais duro. Ele poderia machucá-la se quisesse. Nenhum medo se moveu dentro dela. Ofegando de antecipação. Ele se inclinou, a boca perto da orelha dela. — Você quer *isso?* — ele perguntou, sua voz grave no ouvido dela.

— Sim — ela gemeu. Foi a única palavra que ela conseguiu.

Ele rasgou suas roupas, os grunhidos e sons de animais vindos dele fazendo sua luxúria subir mais e mais. Quando ele passou um dedo por suas dobras molhadas, ela pensou que poderia gozar ali mesmo. Ela estava ofegante, percebeu, como um animal, como uma mulher sendo levada pelo homem que amava. Isso era acasalar. Elementar, não governado por quaisquer leis ou restrições civilizadas. Ordenado pela natureza, por milagres, pelas marés e pela lua e o sangue circulando em uníssono por suas veias. Seus corpos cantavam um para o outro, a mesma melodia e harmonia, as notas pulsando, suspensas ao redor deles.

Ele a cheirou, lambeu, seu rosto sondando entre suas coxas por trás enquanto ela ofegava, gemia e arranhava o chão. *Sim, sim, sim.* Ela poderia ter dito isso em voz alta. Ele estava controlando, ela sabia, e mesmo assim ela nunca se sentiu tão poderosa, tão *livre.* Ela se soltou, entregou-se a ele completamente. Ele estava devorando seu corpo, sua alma, suas memórias cheias de vergonha, sim, *rasgando-a,* pedaço por pedaço até que ela se derreteu nele e eles eram um. Era assim que deveria ser, ela sabia disso em sua alma, no prazer ressoante das mulheres através dos tempos que tinham sido totalmente amadas e adoradas por seus homens.

Ela sentiu sua pele nua e quente em suas costas e aturdida, olhou por cima do ombro. Seu rosto era uma máscara de luxúria selvagem. *O lobo.* Ele cedeu ao lobo e ela se deu conta de que ele confiava nela o suficiente para levá-lo. *Amá-lo. Mantê-lo.*

Suas mãos esfregaram seus seios, acariciando-os, rosnando com reverência. Então as palmas das mãos dele estavam se movendo sobre as costelas, e sua língua encontrou o ponto que a fez gritar, lambendo, sondando. Ela ondulou seus quadris, esfregando-se em seu rosto, implorando por mais. Tão perto, tão perto. Quando ele se afastou, um gemido escapou, um grito de frustração.

Mas tão rápido quanto isso, sua dureza estava sondando a entrada dela e o gemido se transformou em um profundo suspiro de êxtase.

Ele a penetrou em um impulso rápido, grunhindo seu prazer masculino em voz alta, o som a enviando além do

limite antes mesmo que ele começasse a se mover. Empurrar. Tomar o que estava sendo dado livremente. E quando ele se moveu, ela gozou novamente, a felicidade pulsante fazendo seus joelhos cederem, seus soluços se misturando com seus grunhidos.

Ele a agarrou pela cintura para mantê-la firme, uma mão agarrando um punhado de seu cabelo para impedi-la de cair, entrando nela de novo e de novo quando tremores de êxtase brilhavam através dela. Os dedos dele arranhavam seu couro cabeludo, o braço apertando firmemente ao redor dela, a dureza dele mergulhando nela impiedosamente, a barriga firme batendo contra a sua bunda. Ela estava morrendo, morrendo de uma lenta morte de sobrecarga de prazer. De felicidade. De euforia. *Dele.*

Seu ritmo aumentou, seus grunhidos se tornando mais altos, mais próximos até que ele uivou de prazer, agarrando seus quadris, batendo nela, depois desacelerando, diminuindo a velocidade até que eram apenas suas respirações misturadas, o calor de sua pele suada. O céu, a terra e o chão abaixo deles, ainda se movendo, balançando, pulsando nas mesmas ondulações suaves que seus corpos.

O mundo voltou devagar, sonhador, como se estivessem acordados e só agora voltassem a dormir.

Ele a virou, seus olhos sondando os dela, movendo-se sobre o rosto, procurando... o que ela não sabia. Mas o que quer que ele tenha encontrado fez seus lábios levantarem, fez seu olhar gentil quando a puxou para ele, acariciando seu pescoço, seu cabelo, beijando seus lábios, lambendo as

lágrimas de suas bochechas que ela não tinha percebido que estavam lá. — Você está chorando — ele disse, mas não parecia chateado.

— Sim.

— Lobas choram quando encontram seu companheiro para toda a vida — ele disse, alisando o cabelo dela para trás.

Ela riu baixinho. Ela era inegavelmente humana, *muito* humana na maior parte do tempo, mas talvez houvesse uma pontinha de selvageria desinibida nela também. Um reconhecimento instintivo de seu companheiro de vida.

Ele passou longos minutos acalmando-a, amando-a, beijando suas lágrimas, beliscando suavemente sua pele para que ela risse.

— Eu te amo — ela disse, acariciando-o de volta. — Todas as partes. Talvez o lobo, acima de tudo, porque foi ele quem garantiu que você vivesse para que pudesse me amar quando eu chegasse.

O olhar em seu rosto estava cheio de alegria; Harper riu de felicidade. — Eu também te amo — ele disse. Mas então ele ficou sério, seu rosto triste. — Eles vão me prender, Harper. Eu tenho que... tenho que pagar pelo que fiz com um dos outros garotos que foram deixados aqui.

— Oh Jak, não — ela sussurrou. Ela balançou a cabeça. — Ninguém te culpa por isso. Eles viram as fotos, Jak. O agente Gallagher viu o vídeo. Eles sabem o que aconteceu, que você estava apenas se defendendo. Ninguém vai prender você.

Seus olhos percorreram o rosto dela por um momento, como se ele estivesse tendo dificuldade em acreditar nela. — Não estou em problemas?

— Claro que você não está. Você é a vítima. O único sobrevivente. — Ela sorriu. — As pessoas escreverão livros sobre você algum dia e você será o herói.

Ele olhou para ela maravilhado, o alívio em sua expressão tão gritante que lágrimas brotaram em seus olhos novamente. *Ele pensou que eles o trancariam em uma cela?* Ele estava preparado para pagar por matar o outro garoto. Que imensa culpa ele deve carregar com ele. Culpa que só pertencia a um homem: Isaac Driscoll. Quem quer que o tenha matado, ela estava *feliz por* ele estar morto. Ela teria sido tentada a matá-lo, se ele não estivesse.

Ela rolou nos braços de Jak, envolvendo o cobertor com mais força neles. Eles estavam no chão de madeira, seu sêmen pegajoso secando em suas coxas, e ela nunca esteve mais confortável e contente em sua vida.

Eles se aninharam um pouco mais, beijaram, ela deitada na sensação de sua pele masculina áspera e cicatrizada contra a dela, o calor dele na cabana fria, o delicioso cheiro masculino de terra. Depois de um minuto, ela olhou em seus olhos, a preocupação que a vinha incomodando, precisando ser expressa. Havia apenas honestidade agora, apenas verdade. O que eles experimentaram juntos não deixava espaço para mais nada. — Eu me preocupo que conforme você aprende, cresce e

muda... enquanto se torna o homem que deveria ser, você... me deixe para trás. — Ela baixou os olhos.

Mas ele tirou os cabelos da testa e a beijou ali, fazendo-a levantar o queixo e encontrar o olhar dele. — Você acha que todo mundo que você ama vai te deixar para trás.

— Eu... — Ela desviou o olhar novamente, mas depois levantou os olhos, incapaz de desviar o olhar por muito tempo.

— Eu entendo — ele sussurrou, olhando diretamente em seus olhos. — As pessoas também me abandonaram. Mentiram para mim, me traíram. Eu sei que tenho muito a aprender sobre o mundo. Mas, Harper, não sou uma criança. Sou um homem e sei quem pertence a mim e a quem pertenço. — Ele parou por um momento, olhando para ela. — Você sabia que as árvores falam umas com as outras?

Ela franziu a testa. — Não.

— Falam. Elas contam segredos em suas raízes, aqueles lugares profundos e escuros que não podem ser vistos. Eu acho que somos assim também. Nós sabemos coisas profundas, obscuras, coisas secretas, coisas *antigas*, que sussurram através de nós, um para o outro. Você sussurrou para mim. E eu sussurrei de volta. Você ouviu, não ouviu?

Seu coração batia com amor por ele, pela doçura do que ele dissera. Ela assentiu. — Sim, eu ouvi.

Ele usou o polegar para deslizar na bochecha dela, trazendo a lágrima feliz aos lábios e saboreando-a. Ela sorriu, aconchegando-se nele, flutuando por um momento. Ela poderia dormir aqui, se soubesse que eles não precisavam

voltar. Se ela soubesse que eles não estavam essencialmente invadindo a propriedade alheia. — Hum — ela cantarolou, empurrando o mundo real de lado por um momento, fantasiando sobre ser capaz de ficar aqui indefinidamente assim. Eles adormeceriam por um tempo, acordariam e fariam amor, o lobo selvagem ou o jovem e gentil cervo, ela não se importava. Ela se perguntou se poderia chamar o lobo dentro dele com um olhar, um movimento, um toque. Atraí-lo. Deixá-lo sem sentido. Um arrepio delicioso de antecipação a percorreu. *Logo,* ela disse a si mesma. *Sempre.* Mas não hoje. Ainda assim, eles tiveram alguns minutos, e ela se permitiu saborear, aconchegando-se mais profundamente ao calor do peito dele. — O que você acabou de dizer, sobre as árvores, me fez pensar em algo.

— Humm — ele disse contra o cabelo dela.

— Quando acordei no hospital quando criança, não me lembrava de nada. Só algumas coisas. Alguns flashes de memória. Eu estava com raiva de meus pais, minha mãe especificamente, porque eu tinha chiclete no meu cabelo na escola e ela me fez cortá-lo. Isso me fez parecer um menino. — Ela riu baixinho, mas depois suspirou. — A última coisa que me lembro de ter dito a ela foi que eu nunca a perdoaria por isso. Eu gosto de pensar que ela sabia que eu estava apenas sendo uma criança malcriada, mas... — Ela respirou fundo. — De qualquer forma, a outra coisa que continuei ouvindo na minha cabeça foi essa voz me dizendo para viver. Era como um grito, quase uma exigência. — Ela fez uma pausa. — A voz do meu pai talvez. Talvez um anjo, até mesmo

Deus. Eu não sei. — Ela inclinou a cabeça, olhando para ele. Ele parou enquanto ouvia com muita atenção. — Mas parecia tão... *real.* E essa palavra veio a mim várias vezes ao longo dos anos em que eu queria desistir. *Essa exigência.* Esse... sim, esse *sussurro.* Lá no fundo. Isso me fez continuar, me ajudou a aguentar, me ajudou a sobreviver. — Por que ele estava olhando para ela assim? Como se ele tivesse acabado de ver um fantasma? — Jak? O que há de errado?

Ele tirou o cobertor de seu ombro, de pé e andando nu para onde havia descartado seu casaco. Ela sentou-se, trazendo o cobertor para o peito, observando-o, confusa. Ele caminhou de volta para ela e se ajoelhou, estendendo a mão. Ela olhou quando ele abriu a palma da mão. Um canivete. Velho e... ela pegou, uma sensação de profunda gravidade enchendo seu peito... tão desgastado que estava praticamente se desfazendo. Ela conhecia este canivete, e o segurou com força, sabendo o que veria na parte de trás antes de virá-lo. Madrepérola. — Meu pai levava isso no bolso. Estava no carro? Foi onde você o pegou?

Jak balançou a cabeça, seus olhos se movendo sobre o rosto dela como se ele tivesse acabado de vê-la pela primeira vez. — Jak? O que foi?

— Você deu isso para mim — ele disse baixinho, incrédulo. — Você colocou na minha mão.

— Eu... o quê? — Ela balançou a cabeça. — Eu não entendo.

— Foi você. Você pulou do penhasco comigo.

Capítulo 45

O olhar no rosto de Harper ainda estava... vidrado. Ele a identificara. Ele também não podia acreditar. Não podia acreditar que ela era... o menino de cabelos escuros no penhasco. Isso o fez querer *rir*. Isso o encheu de alegria. E, no entanto, de uma maneira estranha, ele não conseguia explicar, não porque não tivesse palavras, ele reuniu *tantas* nas últimas semanas, fazia sentido. Ele ficou *perplexo*, mas não surpreso. Ele a conhecia, não apenas por causa dos sussurros que fluíam através dele, através de todos, se eles soubessem ouvir, mas porque ela esteve lá na noite que mudou sua vida. Ela *o salvou*. Se não fosse por aquele canivete, ele nunca teria sobrevivido. E ele a salvou. Naquela decisão de uma fração de segundo... ele salvou o amor de sua vida.

Os dois viveram, por causa um do outro, sobreviveram sozinhos e, no entanto, juntos todos esses anos, para que pudessem retornar um ao outro quando chegasse a hora.

Eles pararam em frente a delegacia e ambos ficaram olhando para o prédio por um momento. Harper ligou para o agente Gallagher quando chegaram à rodovia e ele ia se encontrar com Jak lá. Harper se aproximou, apertando a mão dele. — Tem certeza de que não quer que eu entre com você? Ou espere por você aqui fora?

Ele se inclinou e a beijou rapidamente. — Não. Eu posso fazer isso sozinho. — P*reciso fazer isso sozinho. Preciso ser*

um homem. — Mas mal posso esperar para te ver no seu apartamento. Vou pedir ao agente Gallagher para me levar quando terminarmos.

Ela sorriu, assentiu. — Estarei esperando.

As duas melhores palavras que ele já ouviu da mulher que amava. *Estarei esperando.* Ele tinha alguém esperando por ele. E ele nunca a deixaria esperando por muito tempo. Ele sorriu, beijando-a rapidamente e saindo da caminhonete.

A delegacia parecia diferente para ele, por outro lado, ele tinha uma visão diferente da última vez que esteve lá.

— Estou aqui para ver o agente Gallagher — disse para a mulher na recepção. Seus olhos ficaram grandes e ela deixou cair a caneta, levantando-se rapidamente.

— Ah, sim. Lucas, certo? — Sua testa se enrugou. — Não, Jak! Eu ouvi o agente Gallagher... Bem, em todo caso, eu te conheci antes, ou vi você, enfim. — Ela riu, e soou alta como a toutinegra de peito louro. Mas ele teve que parar de pensar em tudo em termos da floresta, tinha que *ampliar* seu... quadro de algo. Havia um ditado, mas ele não conseguia pensar direito naquele momento. Mas isso significava que ele finalmente tinha nomes para coisas que ele nunca teve antes, e ele precisava começar a usá-las. Ele sorriu, orgulhoso do conhecimento que já havia coletado. — Bem, por aqui — ela disse, olhando por cima do ombro e corando por razões desconhecidas para ele. Algumas coisas ainda eram um mistério. Ele a seguiu, caminhando para uma sala com uma mesa no meio onde o agente Gallagher estava sentado, um caderno na frente dele.

Ele se levantou quando Jak entrou, apertando sua mão. — Estou feliz por Harper ter localizado você.

Jak olhou para baixo, sentindo-se mal por ter fugido, e ainda desconfortável que esse homem soubesse muito sobre ele, coisas pessoais que ele achava que nunca compartilharia com outra alma viva. — Eu sei que você precisa pegar meu... depoimento, mas Harper e eu descobrimos algo novo também.

— O que é isso?

Jak soltou um suspiro. — Harper era uma das crianças no penhasco naquela noite. Eu pensei que ela era um menino por causa do cabelo dela. E... talvez pensasse que éramos todos garotos. Mas era ela.

O agente recostou-se devagar. — Como você sabe?

Jak contou-lhe sobre o canivete, sobre empurrar Harper no parapeito, sobre a lembrança dela sobre ele dizendo para ela viver.

O agente Gallagher ficou em silêncio por alguns instantes, sacudindo a cabeça ligeiramente. — Uau. OK... — Ele ficou quieto novamente. — Então, Driscoll causou o acidente de carro dos pais de Harper de alguma forma ou... os atraiu para fora da estrada, talvez, e então Harper acabou com você naquele penhasco. Ela também faria parte do estudo dele.

Um calafrio desceu pela espinha de Jak. — Eu não sei.

O agente Gallagher assentiu, seus olhos sem foco por um momento. — Tudo bem. Vou olhar por alguns ângulos diferentes. — Ele estreitou os lábios, seus olhos focando em

Jak novamente. — Por enquanto, vamos pegar seu depoimento e, em seguida, tenho alguém que pedi para se juntar a nós aqui.

Jak franziu a testa, mas o agente não parecia preocupado e Jak confiava nele. Ele assentiu. — Estou pronto.

O agente Gallagher ligou um gravador e fez a Jak todas as perguntas que achava que faria. Jak contou-lhe tudo o que sabia, respondendo de forma honesta e completa, e quando tudo terminou, quando o agente Gallagher parou o pequeno gravador, Jak sentiu como se uma pedra tivesse sido tirada de suas costas.

O caminho diante dele havia sido limpo e uma sensação de... *vitória* tomou conta dele. Sua vida era dele. Estendia-se diante dele. E Harper estava esperando para começar com ele.

Houve uma batida suave na porta, e o agente Gallagher se levantou, abrindo-a e deixando alguém entrar. Jak olhou mais de perto, de pé, com a boca aberta.

Era a mulher ruiva que lhe contara sobre as câmeras. Ela veio para frente, corando quando viu Jak, baixando os olhos.

Ele pegou a mão dela e apertou, mal acreditando que estava lá, no mundo real. Não faz parte do velho mundo onde a guerra estava sendo travada e os inimigos estavam por toda parte. Não, ela era uma mentira também. Ele ficou feliz em saber disso.

Doía saber disso.

— Oi, Jak — ela murmurou.

— Oi...

— Brielle — ela disse. — Eu disse a verdade sobre isso. — Ela corou novamente e olhou para baixo.

— Brielle está aqui para dar uma declaração — o agente Gallagher disse. — O nome dela é incomum e quando você me contou, comecei a pesquisar em alguns dos programas para os quais Driscoll foi voluntário. Eu encontrei o nome da sua mãe em um programa que ela estava há vinte e dois anos. — Ele fez uma pausa. — E eu encontrei duas Brielles em programas mais recentes. Apenas uma tinha cabelo ruivo. — Brielle olhou para ele e deu-lhe um pequeno sorriso.

Jak pegou a informação sobre sua mãe. Foi assim que Driscoll a encontrou então. Grávida dele. Ele empurrou isso de lado, olhando para Brielle. — Driscoll enviou você para mim. — Jak disse, já sabendo a resposta.

Ela assentiu. — Sim. Ele me disse que seu filho tinha vivido sua vida na floresta. Ele ia trazer você de volta à civilização, mas ele estava preocupado que seus instintos básicos fossem fortes demais, temia que você machucasse alguém, especialmente uma mulher. Ele queria colocá-lo em uma situação da vida real, onde você poderia se voltar para esses instintos ou se afastar. — Ela fez uma pausa. — Eu estava me prostituindo. — Seu rosto ficou rosado. — Por drogas. Eu acho que ele imaginava... que não importava o que você fizesse comigo. Talvez eu também tenha pensado assim. Eu peguei o dinheiro. Eu aceitei o trabalho.

— Oh — Jak disse, sem saber como se sentir. Ele se sentia estúpido e usado, mas também se sentia triste por Brielle.

— Mas eu vi a câmera no rio. — Ela fez um som que era como uma risada, só que não era. — Talvez o velho tenha esquecido que é uma segunda natureza para os viciados se certificarem de que não estão sendo vigiados. Hábito. — Ela limpou a garganta. — De qualquer forma, eu sabia que algo não estava certo. Então eu te conheci e, bem, eu sabia que algo estava muito errado. — Ela engoliu em seco. — Quero que você saiba que depois que te conheci, depois que vi quem você realmente era... — ela balançou a cabeça. — Eu não sei. Eu tentei tanto ficar limpa por tanto tempo. Para mim, mesmo para meu filho, e eu sempre falhava. Mas depois disso... depois de você, fiquei limpa. E sei que não faz muito tempo, mas fiquei limpa. Você me inspirou. E agora estou tentando me reunir com meu filho para melhorar... — Uma lágrima deslizou por sua bochecha e ela limpou. — Sinto muito pelo que fiz, Jak. E obrigada pelo que você foi para mim.

Ele assentiu e ela deu um passo à frente, passando os braços ao redor dele rapidamente e depois soltando, virando-se. O agente Gallagher a conduziu para fora da sala e fechou a porta. Ele voltou para Jak. Segurou o ombro de Jak, apertando-o. — Imagino que você esteja pronto para voltar para casa.

Casa. Harper. Sim. Mas... ele franziu a testa, pensando. Primeiro, ele precisava falar com seu avô. — Sim. Eu quero ir para casa. Mas primeiro preciso ir a Thornland.

— Vou te deixar lá e voltar em uma hora. Eu preciso passar no meu escritório afinal. Isso funcionará?

— Sim. Obrigado.

O agente Gallagher sorriu. — Vamos lá.

***

Jak observou o carro do agente Gallagher se afastar, voltando-se para a grande propriedade que ele uma vez chamou de castelo. Agora ele sabia que era apenas uma grande casa onde moravam muitas pessoas infelizes. Ele respirou fundo, não desejando ver sua avodrasta. Ele tinha certeza de que ela estava dentro afiando suas garras, pronta para arrancar os olhos dele.

A porta se abriu e Nigel ficou lá, tão furtivo quanto sempre. — Nigel — sua boca disse. *Furtivo* sua mente disse.

— Senhor — Nigel respondeu dessa forma que fazia Jak pensar que estava prestes a espirrar. Jak sentiu a sobrancelha levantar, esperando. Nenhum espirro veio. — Bem-vindo a casa, senhor. — Nigel abriu mais a porta.

— Obrigado. Eu preciso falar com meu avô.

— Sr. Fairbanks está no andar de cima. Devo chamá-lo para você?

Jak assentiu, entrando. — Sim. Obrigado.

Ele não tinha certeza se era mais bem vindo lá, não como família, pelo menos, então ele caminhou até a grande sala perto da porta onde ele conheceu seu avô, praticando o que ele queria dizer a ele. *Obrigado por me dar um nome, mas eu não preciso mais de uma casa.* Aí estava. Palavras simples.

Enquanto esperava, o silêncio da casa pareceu se aproximar dele. Ele caminhou até a mesa, pegando a foto de seu pai e encarando o rosto do homem. S*e* parecia com ele, podia ver isso agora. Ele se perguntou se ele se parecia com ele quando era um garotinho também. As únicas fotos que viu de si mesmo quando criança foram as que encontrou na casa de Driscoll. As que o deixaram doente.

Abriu a gaveta da escrivaninha, retirando um livro grande e grosso e abrindo-o. Era o livro de fotos, *o álbum de fotos*, sobre o qual seu avô havia falado quando o conheceu.

Colocou na mesa, virando as páginas, vendo fotos de seu avô, uma mulher de cabelos castanhos que devia ser sua avó de verdade e o garotinho que fora seu pai. Natal. Festas com balões e presentes, lagos e barcos e coisas que Jak não podia nomear. E em todas elas, sorrisos. Todos estavam sorrindo.

Seus olhos pararam em uma das fotos, surpresa fazendo-o parar enquanto aproximava a foto. Seu avô e seu pai, um adolescente na época, estavam juntos com um troféu. Os olhos de Jak se moveram para o fundo, onde havia alvos redondos. Jak apertou os olhos, olhando mais de perto o troféu. As palavras na frente diziam — Primeiro Lugar Arco e Flecha — e o nome do pai dele.

Jak engoliu em seco. Seu pai era bom, *não,* era *ótimo*, com arco e flecha.

Seu pai estava morto embora. Ele não poderia ter matado Driscoll. Ele olhou de volta para a foto, o olhar de *orgulho* no rosto de seu avô. Como se praticasse com um arco e flecha junto com seu filho. Como se eles praticassem juntos.

Os sussurros dentro dele, *sua intuição*, aumentaram. Ele já sabia disso, não sabia? Ele o *cheirou* lá, o cheiro persistente do que ele pensava ser uma fogueira de acampamento, mas realmente era o cheiro do charuto de seu avô. Ele estava com Driscoll bem antes dele. As pegadas que levavam à janela eram dele.

— Jak — seu avô disse da porta. Jak olhou para cima. Seu avô parou, franzindo a testa para o que quer que estivesse no rosto de Jak.

— Arco e flecha — ele disse, tocando no álbum de fotos. — Driscoll. Foi você. Por quê?

Seu avô olhou para o álbum de fotos, seu rosto ficando sem cor e depois para longe. Ele abriu a boca uma vez e depois a fechou, um olhar de derrota aparecendo em seu rosto enquanto seus ombros se curvavam. Ele soltou um suspiro estremecido. — Ele te levou, e então ele te transformou em um animal.

As palavras de seu avô o machucaram. Ele não queria, mas machucaram. — Eu não sou um animal.

— Eu *sei,* filho. Eu sei. Eu vejo isso *agora.* Mas na época. — Ele caminhou mais para dentro da sala e se

inclinou contra uma cadeira perto de onde Jak estava de pé. — Na época, tudo que pude ver foi o meu próprio arrependimento. Minha própria vergonha e raiva. Eu te entreguei, mas ele fez isso para que eu nunca pudesse te recuperar. Nunca *consertasse* as coisas. Ele arruinou minha última chance de felicidade. E eu o *desprezava*. Ele pegou o último pedaço do meu coração e então eu peguei o dele. — *Ele atirou a flecha no coração de Driscoll. Ele se vingou usando o mesmo tipo de arma com o qual o pai de Jak tinha sido tão bom? Ele o matou com o amor e orgulho que ele tinha por seu filho.*

Seu avô massageou o peito como se doesse ali, com o rosto franzido. — Eu pensei que ele tivesse te transformado em uma... fera. Só que... — ele soltou uma risada que parecia que alguém o estava estrangulando por dentro -— Eu sou a fera. *Somos* os animais. — Ele levantou o braço e acenou para a casa. — E me cerquei *deles,* rejeitando meu próprio sangue. Você merecia... uma vida. Melhor que a que... Eu só desejo. Oh Deus, eu desejo...

Ele agarrou o peito novamente e um gemido alto subiu por sua garganta. Seu rosto ficou branco e estremeceu quando ele caía. — Peça ajuda... Jak.

Jak o pegou, descendo até o chão, segurando o avô nos braços. Seu avô olhou para ele, seu rosto uma careta. Mas um sorriso de dor apareceu nos cantos de seus lábios quando ele estendeu a mão e passou pela bochecha de Jak, antes de seu braço cair no chão. — Você é o melhor de nós... — ele

sussurrou, sua voz desaparecendo quando seus olhos se fecharam.

Jak deitou seu avô gentilmente e foi buscar ajuda.

Capítulo 46

Harper sorriu quando a porta se abriu, rindo quando Rylee a puxou para dentro. — Entre aqui imediatamente. — Ela praticamente puxou Harper para a sala de estar, empurrando-a para baixo no sofá. — Fique aí — ela exigiu quando rapidamente saiu da sala. Harper tirou a jaqueta, colocou-a na beira do sofá e colocou a sacola com o presente de Natal atrasado de Rylee ao lado dela, quando Rylee voltou, uma garrafa de vinho em uma mão e duas taças na outra.

Harper riu. — Não é um pouco cedo para beber?

— Hum, não. Não quando não vejo minha amiga há semanas e toda vez que ouço dela, com uma mensagem de duas linhas, imagine, a vida dela explodiu novamente.

Explodiu.

Não é um exagero. Harper ainda se sentia chocada.

— Sinto muito, Ry. Você está certa. Tanta coisa está acontecendo, eu só tenho tentado acompanhar. — E ela estava singularmente focada em Jak e se apaixonando por ele, ela podia admitir isso também.

Ela deu a Rylee um olhar de desculpas. — E eu não vou ficar muito tempo. Jak está com o agente Gallagher, mas disse a ele que ficaria esperando quando voltasse.

— Tudo bem. Vou pegar o que puder conseguir. — Rylee piscou para ela e serviu uma taça de vinho para cada uma e entregou uma para Harper. Harper pegou, tomou um gole e depois soltou um suspiro profundo.

Rylee tomou um gole de seu próprio vinho e agora estava olhando para Harper por cima da borda do copo. — Você está apaixonada.

Ela sorriu, recostando-se. — Estou. Ridiculamente apaixonada, Ry. — E apesar da recente agitação, ela se sentia em paz por dentro, pela primeira vez no que pareceu uma eternidade.

Rylee sorriu, parecendo que ela estava prestes a chorar. — Estou tão feliz — ela sussurrou. — E eu quero encontrá-lo imediatamente.

Harper sorriu. — Você irá. Ele está vindo morar comigo. — Ela levantou a mão quando Rylee abriu a boca para perguntar se ela achava que era uma boa ideia, Harper poderia dizer. — Eu sei que é repentino. Mas... está certo. Jak precisa descobrir sua própria vida, e ele sabe disso. Mas vamos fazer isso juntos. Parece certo.

Rylee a observou por um segundo e então sorriu. — Deve, porque eu nunca vi tanta paz em seus olhos.

Harper sorriu, tomando outro gole de vinho. — Ainda há algumas pontas soltas no que exatamente aconteceu com Jak — ela disse. — Mas, essas perguntas serão respondidas eventualmente, ou não serão. De qualquer forma, ele é bom. Ele é o homem mais forte que eu já conheci.

Viva! O que ele disse a ela no lado do penhasco uma vida inteira atrás ecoaram em sua cabeça como tinham feito antes, no fundo de seu subconsciente, e flutuando para a superfície de vez em quando, o grito de guerra para não desistir. E ela *não tinha.* Por causa dele.

Então ela contou a sua amiga o que o agente Gallagher descobrira, o que ela e *Jak* descobriram depois que ele desapareceu na floresta, de volta ao único lugar que ainda parecia ser seu lar, embora ela jurasse que mudaria isso. *Ela* seria sua casa. Daquele dia em diante. E ele seria dela.

Rylee ficou com a boca aberta. — A polícia acha que Driscoll matou seus pais também? Para que ele pudesse te sequestrar e fazê-la parte do estudo dele?

Harper franziu a testa. — Eles não sabem. E eu talvez nunca saiba. Mas sim, é a melhor teoria a partir de agora.

— Bom Deus — Rylee disse. — Eu não posso acreditar que algo demente estava acontecendo aqui em Helena Springs.

— Eu sei. Ainda estou tentando assimilar isso tudo. — E isso provavelmente levaria um tempo. Mas ela era uma sobrevivente. Ela sempre seria. Havia algum motivo para saber o porquê e quanto aos pais dela? Por que ela foi escolhida? Na verdade não. Não os traria de volta. Isso não mudaria o resultado de suas vidas. *Eu vivi.*

E Jak foi o maior sobrevivente de todos os tempos, no que dizia respeito a ela. Herói dela. O amor dela. Seu companheiro para sempre.

— Então o que acontece a partir daqui?

— O agente Gallagher ainda está trabalhando no caso, tentando descobrir quem matou Driscoll. E ele está tentando identificar os corpos encontrados na propriedade de Driscoll. — Um calafrio a percorreu, quão perto ela chegou de ser nada além de permanecer nas terras de Driscoll. Um X vermelho

no mapa desenhado à mão. Ela respirou fundo. — Mas enquanto isso se desenrola, eu vou fazer alguns cursos de psicologia em Missoula. Eu quero entender por que as pessoas fazem as coisas que fazem. — Ela queria trabalhar no campo da justiça criminal algum dia, ajudando agentes como Mark Gallagher em casos. Tudo o que se desdobrou foi terrível, trágico e incompreensível, mas ver o caso sendo trabalhado de perto a *inspirou* a fazer o mesmo tipo de trabalho. E ela sabia que teria um aliado no agente Gallagher.

Enquanto isso, ela e Jak cuidariam do negócio de guias. Dizer que ele seria natural era um eufemismo. Quem conhecia a floresta melhor do que ele?

Harper e Rylee conversaram por mais meia hora, trocando presentes de Natal, rindo e relembrando, e quando Harper se levantou para dar seu adeus, sentiu-se ainda mais cheia. Estar apaixonada era um maravilhoso milagre, mas ter uma comunidade em torno dela e de Jak enriqueceria a vida de ambos.

Harper sorriu para si mesma enquanto descia os degraus de Rylee, entrando no estacionamento coberto, ansiosa para voltar para casa e esperar a chegada de Jak. Assim que ela estava tirando a chave de sua bolsa, ela sentiu movimento atrás dela, virando-se no meio do caminho quando alguém a agarrou por trás. Ela abriu a boca para gritar, inalando algo doce e nocivo quando uma mão passou por sua boca. O terror a atingiu. Ela tentou levantar o braço,

bater, agitar, mas seu corpo estava muito pesado. O mundo vacilou, desapareceu. Apagou.

***

Ela não podia ver. Ela mal podia ouvir. Sua cabeça rugiu e demorou vários minutos para perceber que não estava vindo de dentro de sua mente, mas sim, estava do lado de fora, em algum lugar além da escuridão. Ela escutou, seu cérebro limpando, memória retornando peça por peça. *Água. É água.*

Ela estava saindo da casa de Rylee. Alguém havia chegado atrás dela. Levaram-na. Seu coração disparou, a névoa do cérebro se dissipando.

O que estava cobrindo a cabeça dela foi removido de repente, e ela soltou um pequeno grito, a luz repentina cegando-a. Ela abriu os olhos, o cheiro da natureza encontrando seu nariz, árvores, terra e água corrente.

Eu já *estive* aqui antes.

Ela estava de pé em um penhasco, um rio correndo ao lado dela, derramando-se no que ela imediatamente reconheceu como Amity Falls.

— Lindo aqui em cima, não é?

Ela girou tão depressa que quase tropeçou nos próprios pés.

Um homem alto, com mechas grisalhas em seu cabelo quase preto, estava na frente dela, sorrindo casualmente. Ao lado dele estava um jovem igualmente alto, com pele

bronzeada e olhos escuros, inexpressivo. — Meu lugar favorito em toda esta floresta esquecida por Deus. — O homem mais velho sorriu. — Eu sou o Dr. Swift, a propósito. — Ele caminhou em direção a ela, mas não muito perto. Ela ficou boquiaberta para ele, sua mente procurando freneticamente entender isso. *O que está acontecendo?*

— Tudo isso começou com uma cerimônia, embora uma cerimônia interrompida, e... terminará com uma. — Ele sorriu. — Mais ou menos. Embora não esteja no mesmo local, exatamente. Isaac escolheu o primeiro. Mas ele não está mais aqui para escolher nada, não é?

— Isaac — ela murmurou. Isaac Driscoll escolheu o primeiro local. A primeira *cerimônia?* A primeira vez que ela ficou em um penhasco assim. Com Jak. E dois outros meninos sem nome.

Imagens nebulosas encheram sua mente, coisas que ela sempre pensou serem sonhos, ou pesadelos, ou pedaços dela lutando pela floresta... as vozes dos caminhantes que a encontraram talvez... o medo dela, o frio. Tudo girava junto na sua mente de criança, criando confusão e muita coisa desconhecida ou fora do contexto para a Harper adulta começar a entender.

Sua voz, no entanto. Ela se lembrava da voz dele. Percorreu seu corpo, provocando seu cérebro a conectar pedaços de memória, criando contexto.

— Você — ela disse. — Foi *você.* Naquela noite. Ela balançou a cabeça. Ele a levou... atirou em seus pais? — Por

quê? — Ela perguntou. — Por que eu? Por que minha família O que você fez com eles?

Ele soltou um longo suspiro de sofrimento, como se toda a provação fosse tão terrivelmente desgastante. Pela primeira vez desde que Harper abriu os olhos, a raiva tomou conta dela, misturando-se ao pavor. *Esse* homem. Bem na frente dela. Ele matou os pais dela. Tirou-os dela.

— Porque, Harper, seu pai, o xerife, estava investigando algumas crianças desaparecidas, *nossas* crianças desaparecidas, e se aproximando demais. Tivemos que eliminá-lo.

Eliminá-lo? Ele disse isso como se não fosse *nada.* Como se tivesse sido tão fácil quanto golpear uma mosca incômoda.

— O que aconteceu com eles? — Ela engasgou.

— Oh, não se preocupe, eles nem sabiam o que estava por vir. Um dos meus homens atirou em seus pais enquanto eles estavam dirigindo, fazendo o carro bater. Nós não esperávamos que você estivesse lá, mas lá estava você, inconsciente atrás. Você sobreviveu. Colocamos o clorofórmio na sua boca para que você continuasse dormindo e decidimos que se juntaria aos outros. Sabíamos que eles não procurariam onde estávamos levando você. Ele acenou com a mão. — Um milhão de acres de terra selvagem. Um esconderijo melhor não existe.

Eles empurraram o carro para dentro do cânion, escondendo-o para que nunca fosse encontrado. *E não teria sido, se não fosse por Jak.* Sua mente girou. *Mas como consegui o canivete?* Seu pai moribundo havia colocado no

bolso de alguma forma? Ao pensar, seu peito doía porque era realmente a única explicação. O modo como os restos mortais de seu pai haviam ficado. Em direção ao banco de trás. Em direção a *ela.* O último pensamento do pai dela foi protegê-la.

O Dr. Swift virou por um momento, e Harper pensou em tentar correr até ele e derrubá-lo, mas ele estava muito longe para ser pego de surpresa, duas vezes o tamanho dela, e ela não tinha uma arma. Sem mencionar que o homem mais novo, que não havia sido apresentado, também estava presente, presumivelmente a proteção de segurança do Dr. Swift. O Dr. Swift voltou-se para ela.

— Contra todas as probabilidades, você saiu da floresta naquela noite. — Ele parecia quase espantado por um momento. — Nós observamos você de perto por um tempo, mas você não se lembrava de nada. Sorte sua. Depois disso... sabíamos que era muito arriscado tentar te levar de novo. A essa altura — suspirou — havia apenas Jak. Nosso experimento deu terrivelmente errado. — Ele sorriu, olhando além dela, para as cataratas. — Mas Jak... ah, Jak. Se ao menos tivéssemos mil como ele. Driscoll tinha começado a descobrir como ele reagiria a ser introduzido de volta à sociedade. Ele estava indo tão bem. Mentalmente forte e impressionante... civilizado. Estávamos tão *perto* de poder informá-lo, inseri-lo em um treinamento mais especializado. Armamento, combate corpo-a-corpo... seria apenas uma questão de um ano, talvez menos, antes que ele pudesse ser licitado. Eu posso apenas *imaginar* as ofertas que viriam para ele. Uma vergonha. Um *desperdício.* — Profunda tristeza

passou por seu rosto antes que ele respirasse longa e lentamente. — Mas, não era para ser.

Sua cabeça girou com o que havia sido feito para Jak. Informá-lo. Significa, dizer a ele que sua vida tinha sido uma mentira terrível? Por em *oferta?* Horror arranhou o interior de seu peito. Se *tivéssemos* mil como ele? Quem era nós? Ele e Driscoll? Ou havia mais? A magnitude distorcida do que ela ouvia a fez sentir tontura.

Ele balançou a cabeça. — Você não tem ideia do significado do que estamos fazendo, Harper. Nenhuma ideia. Me desculpe, eu vou ter que te machucar. Mas nós simplesmente *não podemos* ter pontas soltas nesta fase. Há muito em jogo. Deveríamos ter cuidado disso, de você, anos atrás, mas agora só podemos aprender com nossos erros, seremos apenas mais... eficientes no futuro.

Ela balançou a cabeça, desnorteada. Horrorizada. — Como assim, há outros acontecendo?

— Quero dizer, nós os instalamos em todo lugar. Temos outros como Jak que já foram grandes sucessos. Meu protetor, Daire, é um exemplo perfeito. Meu prodígio. Apenas dezenove anos de idade. — Ele olhou para o jovem ainda parado estoicamente atrás dele. — Não é verdade, Daire? — Os olhos de Daire se moveram para ele e ele assentiu, sua expressão imutável. — E — o Dr. Swift continuou — há ainda mais que mostram muita promessa. Eu não sou o único que apoia os benefícios do nosso programa. Há muitos benfeitores e licitantes que entendem que os filhos indesejados de viciados e ladrões apenas provocam a queda de uma

sociedade. Isso já está acontecendo. Olhe para as nossas cidades do interior. Como o governo está lidando com o problema não está funcionando. Está apenas piorando as coisas. *Nós* nos esforçamos para melhorar as coisas. Infelizmente, nosso primeiro estudo falhou para todos os efeitos. Mas aprendemos, adaptamos e agora, *agora*, coisas tão emocionantes estão acontecendo. Histórias de sobrevivência como você nunca acreditaria, habilidades de todos os tipos sendo exibidas de *descartáveis*. — Ele riu, um som alegre que nem o vento queria. Isso soou ao redor deles, alto e arrepiante.

Harper engoliu em seco. *Nosso primeiro estudo falhou para todos os efeitos. Nosso primeiro estudo.* Dela. Jak. Os outros dois garotos. *Eles* foram cobaias do primeiro estudo. E falhou. Então agora esse homem ia amarrar as pontas soltas. Dois dos meninos já estavam mortos, então isso significava *ela.*

E Jak? Outra onda de horror tomou conta dela, e ela gemeu, mas foi arrebatada pelo rugido da água que caía.

Capítulo 47

Jak rastejou pela floresta, o som da água correndo abafando os outros sons ao seu redor. *Encontre-me,* dizia o bilhete, *no topo da Amity Falls. Eles sabem que você é culpado, Jak. Eles sabem que você matou Driscoll. Não posso deixá-los te afastar. Vamos desaparecer juntos, de volta à floresta.*

No começo, seu coração disparou. Ela achava que ele era culpado? De matar Driscoll? Ela sabia que isso não era verdade. Ele disse a ela... tudo. O que eles compartilharam... os planos que fizeram... *Vamos desaparecer juntos.* Não fazia sentido. Ele tinha conseguido uma carona de um dos policiais que haviam chegado a Thornland quando seu avô foi levado ao hospital. Ele correu para a porta dela, querendo contar tudo o que havia acontecido. Mas ela desapareceu, sumiu de seu apartamento onde ela disse que esperaria.

Algo estava errado.

Ele virou o rosto para o vento suave, inclinando a cabeça para pegar... *pronto.* Ele a farejou. Mesmo com o cheiro mineral fresco da água, mesmo com o aroma de... outro ser humano. Um macho. Não, dois.

Ele avançou, agachando-se, em silêncio. Ele chegou à beira das árvores, movendo-se nas sombras, usando a luz e a escuridão para se aproximar.

— Eu sei que você está aqui, Jak — um dos homens gritou, fazendo Jak congelar, um grunhido subindo pela

garganta que ele engoliu. *Aquela voz.* Ele *conhecia* aquela voz. — Câmeras. Elas dão a vantagem, apesar de sua furtividade. — O homem olhou para Harper, que estava mais perto das cataratas, e sorriu. Outro homem, um mais novo, estava de pé atrás do homem que tinha falado, seus olhos focados nas árvores escuras onde Jak se escondia. — Não podemos tê-las em todo lugar, é claro. Mas recebo numerosos feeds no meu celular. TV ao vivo. Um verdadeiro reality show, se alguma vez houve um.

Este homem estava assistindo Jak também? O monstro que esteve no topo do penhasco naquela noite horrível?

A raiva se moveu dentro de Jak, raiva e *pesar*, quando de repente ele viu sua vida, todo o seu sofrimento, sob uma luz diferente e ainda mais terrível. Mas no topo dessas duas emoções estava o medo. Sua pele arrepiou. Peito queimando. O medo de Harper em pé na frente de um homem que Jak sabia que queria machucá-la.

O homem acenou de volta para o jovem atrás dele. — Daire.

Daire tirou uma arma do bolso do casaco, fazendo o sangue de Jak congelar.

— Vamos lá, Jak — o homem mais velho disse, aquele com listras brancas em seu cabelo escuro como um gambá. — É inútil se esconder na floresta.

Jak parou por um momento e depois saiu das sombras.

O homem sorriu, uma expressão que parecia verdadeiramente... afetuosa. — Oi, Jak. Você é ainda maior pessoalmente. É... realmente maravilhoso vê-lo.

— Jak — Harper disse, seus olhos correndo para a arma na mão do outro homem, seu sorriso se quebrando. Jak se aproximou dela, mas nenhum homem o deteve.

Quando Jak chegou quase até onde Harper estava, o homem mais velho disse: — Está bem. Fique aí mesmo. — Ele suspirou. — Vou explicar a você nossa missão. Por que, você pode perguntar, por que estou lhe dizendo? Porque você *merece* saber. Você *merece* entender que seu sacrifício não será em vão. Muito pelo contrário. Vocês dois fazem parte de algo muito maior do que vocês. Apesar do que deve acontecer aqui hoje, eu te admiro. Meu orgulho por você e admiração por ambos não têm limites.

Apesar do que deve acontecer aqui hoje. O cérebro de Jak girou, tentando entender. Este homem, ele esteve lá na noite em que começou. Ele estava trabalhando com Driscoll. Ele assistiu as câmeras. Ele viu tudo. Seus pensamentos rolavam, o cérebro zumbia.

— Entendo porque você matou Driscoll, Jak. Eu realmente entendo. Tudo deu tão errado. Se tivéssemos tido a oportunidade de informá-lo, você teria entendido o seu propósito, ficaria *orgulhoso* do sofrimento que suportou. — Ele pareceu muito desapontado por um momento, mas depois sorriu. — Ah bem. O que está feito está feito. — O homem pensava que Jak havia matado Driscoll. *Ele* havia deixado o bilhete no apartamento de Harper.

Os olhos de Jak encontraram os de Harper, os dela arregalados de medo, procurando. *Confiando.* Ela confiou nele naquela noite também, ele percebeu. Ela colocou o

canivete na mão dele porque confiava nele para *fazer* alguma coisa. Ele olhou para o homem com a arma, longe demais para correr antes que ele pudesse atirar nos dois.

Diante dele estava a arma, atrás dele estavam as cataratas mortais. Preso. Eles estavam presos.

— Dr. Swift, o... o que Driscoll e seus espartanos têm a ver com isso? — Harper perguntou, com a voz trêmula. Tentando mantê-lo falando. Dando tempo a Jak para que ele pudesse descobrir o que fazer.

O Dr. Swift suspirou. — Driscoll estava obcecado com a história, com os espartanos. — Ele acenou com a mão como se isso não importasse. — Nós gostamos de dar aos nossos líderes de acampamento espaço para criatividade. — Ele virou-se ligeiramente para o homem atrás dele. — Daire sabe tudo sobre isso, não é? — Daire não respondeu, mas Jak viu algo cintilar em seus olhos. Mas com um piscar de olhos desapareceu. O Dr. Swift voltou-se para Harper e Jak. — Mas veja, os espartanos trouxeram um fato muito importante. Driscoll estava *certo:* há muito a ser aprendido. Veja, eles começaram com as *crianças.* É onde nossa ideia foi concebida pela primeira vez. Nós tentamos alterar os adultos, mudar as pessoas que não podem ser mudadas. Estuda-los, coloca-los em programas inúteis que mostram resultados desanimadores. Nada muda, você vê? Tudo é atrasado. E assim o ciclo continua. Sua própria mãe foi prova disso, Jak. Nascida para ser uma viciada, criada no sistema. O que ela faz? Torna-se uma mãe adolescente, viciada em drogas,

disposta a vender seu filho para alimentar seu vício. E o ciclo continua. — Ele fez um som de desgosto na garganta.

— O que você acha que teria sido de você, Jak, se ela tivesse ficado com você? A mesma coisa, é isso. Você teria acabado sendo colocado em um orfanato, ou acabaria sendo uma ameaça ou um preso, seja como for, um peso para sociedade, apenas para continuar e criar mais como você. Acha que não é verdade? Leia os estudos. A sociedade criou um sistema que incentiva a *criação* de degenerados, criminosos e predadores.

O Dr. Swift olhou ao longe por um momento antes de falar novamente. — Isaac estava certo em outra frente. Jak foi tirado de sua mãe e criado por um cuidador singular no estilo dos espartanos. Parece mostrar o melhor sucesso. Mas é claro, eles sabiam as coisas deles, não sabiam? Você está entendendo tudo isso, não é, Jak?

Sim, Jak entendia. Pelo menos o suficiente para sentir o enjoo se revirando em seu estômago.

— Só para você saber, Jak, tentei convencer Isaac que ele deveria ensinar como fazer fogo no mínimo. Mas ele disse que não. Ele gostava de descobrir o que você inventaria para trocar por fósforos. — Ele balançou a cabeça, lábios juntos.

Fazer fogo? O mundo girou. Seu coração disparou. Ele olhou para Harper e sua expressão... parecia que as palavras do Dr. Swift a fizeram querer chorar.

— É uma espécie de ironia, não é, Harper, que você entrou no sistema de adoção, aquele que consideramos um fracasso inútil, por causa de nós. — Ele sorriu, mas seu

sorriso só fez Jak se sentir mais enjoado. — Mas por causa disso, você deve entender melhor do que ninguém que o sistema não funciona. Teria sido pior, Harper? Viver aqui? *Livre?* Não está escutando cada barulho durante a noite? — Ele olhou para ela, encarando-a, como se soubesse o que havia acontecido com ela enquanto acenava o braço ao redor. Harper olhou para baixo, o rosto quase tão pálido quanto a neve derretida. Jak deu um passo mais perto, dois.

Livre? Ele pensou. Não havia *liberdade* em ser manipulado, vigiado, usado e enganado.

— Então, quais são as aplicações para esses programas, você poderia perguntar? — Dr. Swift continuou enquanto andava de um lado, em seguida, virou-se. Jak aproveitou o momento para encontrar os olhos de Harper. *Tudo bem,* ele queria dizer, apenas para confortá-la.

O rio à esquerda, bosques distantes à direita. Não há como fugir antes que o atirador do Dr. Swift os abatesse, e depois o quê? Enterrariam seus corpos aqui em algum lugar eles nunca onde seriam encontrados?

— Muitas aplicações excitantes — dizia o doutor. — Essas pessoas, esses *sobreviventes*, mais tarde treinados com armas de todos os tipos, terão provado seu valor, sua vontade de lutar, de novo e de novo e de novo, sob as circunstâncias mais árduas. Circunstâncias que derrubariam o mais forte dos homens. E mulheres. Eles já estão sendo usados por homens ricos e governos em todo o *mundo.* Segurança de elite. A guarda de ativos. Mesmo assassinos quando é para o bem maior. — Ele sorriu como um pai orgulhoso. — Eles são

soldados, os melhores dos melhores. Observados desde o nascimento. Reverenciados. Suas vidas, suas habilidades, sua coragem comprovada de grande valor intrínseco.

— E aqueles que não sobrevivem ao seu... treino? — Jak perguntou, com o coração apertado enquanto se lembrava dos rostos dos outros dois meninos enquanto olhavam para o penhasco naquela noite. O rosto do garoto que ele matou.

Ele encolheu os ombros. — Mesmo se eles morrerem, eles morrerão heróis. Um destino melhor do que o que teriam tido. Estamos trocando um programa por outro, sim. Mas o nosso realmente faz a *diferença.* — Pela primeira vez desde que Jak chegou, ele viu a raiva no rosto do Dr. Swift. Ele respirou fundo, parecendo se controlar. — Se até mesmo uma parte dessas crianças indesejadas entrar em nosso programa, pense em como as taxas de criminalidade diminuirão. Pense nos *benefícios* para a sociedade. Basta *pensar* nisso.

— São pessoas — Harper disse, sua voz ainda tremendo. — O que faz você pensar que elas não vão te expor?

— Infelizmente, é disso que se trata. — Ele acenou com a mão para os dois, acenou com a cabeça para a arma que Daire segurava. — Quanto aos outros, aqueles que aceitam quem devem ser, aqueles que completam nossos acampamentos e depois o interrogatório, eles continuarão a viver carreiras excitantes e serão *heróis,* caso contrário seriam perdedores e rejeitados. A escória da humanidade. — Ele parou por um momento. — Vamos estabelecer ainda *mais* campos de treinamento, preenchê-los ao máximo.

Em vez de colocar essas crianças em serviços sociais, elas entrarão em *nossos* programas. Elas entrarão como vítimas e sairão vencedores. O país inteiro se beneficiará, a sociedade se beneficiará e essas *crianças* serão beneficiadas. *Eventualmente o* mundo *vai se beneficiar.*

As pessoas que compram os filhos serão beneficiadas, Jak pensou quando a plena compreensão de como sua vida se abateu sobre ele em uma onda doentia de vermelho. Tudo isto, todos os momentos, foram para *isto.*

E se ele não descobrisse uma maneira de tirar Harper e ele de lá, se ele não descobrisse um jeito de *viver,* então centenas de outras crianças passariam pelo mesmo sofrimento que ele, seriam *vigiadas* como ele, usadas, assassinadas ou deixadas para morrer.

Ele escutou as cachoeiras trovejantes atrás de si, temendo que a única saída fosse cair. Novamente.

Capítulo 48

— Olá, Harper? — Laurie abriu a porta, a porta que já estava entreaberta quando chegou ao apartamento de Harper. Ela entrou devagar, hesitante, a preocupação percorria por sua espinha. — Harper? — Ela chamou novamente. — É Laurie Gallagher.

O pequeno apartamento estava limpo e arrumado, a cama feita, os sapatos alinhados na porta. Apesar da preocupação que Laurie sentia ao encontrar a porta aberta e ninguém em casa, ela sorriu com o esforço óbvio que Harper fez para tornar seu pequeno apartamento uma casa. Era doce e adorável, discreto, assim como a garota com quem Laurie sentira uma conexão tão imediata.

Ela entrou na pequena cozinha, colocando a sacola de compras no balcão junto com o pão caseiro de banana. *Quem tem tempo para fazer compras ou cozinhar,* ela pensou, quando estavam lidando com algo tão marcante quanto Jak. E, como extensão, Harper também. Ela sabia que Harper o amava e que suas lutas seriam dela. Jak estaria na delegacia por algumas horas, então ela pegou algumas coisas na mercearia para eles e veio deixá-las. Quando ouviu sobre a mina, sobre as coisas impensáveis encontradas lá... ela precisava *fazer* alguma coisa. Principalmente, queria que eles soubessem que não estavam sozinhos.

Ela desempacotou a sacola, sua preocupação aumentando quando ela não ouviu Harper chegando, será

que foi até uma vizinha, talvez? Saiu para algum lugar perto e não se preocupou em ter certeza de que sua porta estava devidamente trancada? — Você está sendo intrometida, Laurie — ela se repreendeu. Talvez fosse apenas aquela parte maternal dela que tinha amado e perdido que sempre saltaria para as piores conclusões quando se tratava de pessoas com quem ela se importava.

Havia um bloco de papel na borda do balcão e ela se aproximou, com a intenção de deixar uma nota sobre a comida. Mas já havia uma nota no topo. Ela leu a primeira linha, sua preocupação crescendo enquanto a pegava, lendo rapidamente.

Ela dobrou a nota devagar, colocando-a no bolso antes de sair correndo do apartamento de Harper.

Quarenta e cinco minutos depois, ela estava estacionando em sua própria garagem, e vinte segundos depois disso, ela estava correndo para dentro de casa. — Mark — ela chamou, jogando sua bolsa e chaves na mesa do console no foyer.

— Mark?

— Oi — ele disse, aparecendo da cozinha. — O que há de errado?

— Eu estou ligado para você — ela disse, quando ele a encontrou no foyer.

— Desculpe. Eu vim do hospital. Halston Fairbanks teve um ataque cardíaco. Porra, não devo ter ligado meu telefone novamente.

Laurie parou, arregalando os olhos. — Halston Fairbanks teve um ataque cardíaco? Oh meu Deus. — Ela balançou a cabeça em descrença. Isso poderia esperar por um minuto. Ela pegou o bilhete do bolso e o entregou a Mark. — Isso estava no apartamento de Harper. Ela deixou para Jak. Isto... não faz sentido. — Ela fez uma pausa. — Não é?

Mark leu rapidamente, sua testa franzida. — Matado Driscoll? Amity Falls? Eles estão... fugindo juntos?

— Você falou com Jak mais cedo. Faz algum sentido? — Seu coração batia rapidamente. Era só porque ela não *queria* que fizesse sentido? Seriam apenas suas próprias emoções delicadas que estavam tentando insistir que duas pessoas que de repente se ligaram ao seu coração não poderiam simplesmente ir embora?

Mark sacudiu a cabeça. — Não. Eu tomei sua declaração completa sobre a morte de Driscoll mais cedo. — Sua testa se enrugou como se ele estivesse considerando se Jak havia mentido de alguma forma. Ele suavizou. — Não. Mas Harper não atende ao telefone, então não consegui falar com ele. — Ele podia sentir... Eu não sei, responsável de alguma forma pelo ataque cardíaco de seu avô? Aparentemente ele o encontrou e alertou a família. Mas isso? Ele ergueu a nota. — Não. E o quê? Ele pegou uma carona para as cataratas? — Ele olhou para o lado, pressionando os lábios. — Inferno, esse homem poderia ter corrido lá se estivesse inclinado a fazê-lo.

Laurie olhou para ele por um momento. — Eu tenho um mau pressentimento, Mark.

Ambos ficaram ali por um momento, tantas coisas fluindo entre eles. A lembrança do momento em que Laurie mencionou sua preocupação com os machucados que Abbi continuava tendo, machucados que eram explicáveis pelos esportes em que ela estava envolvida, mas que seus instintos maternais lhe diziam que valiam uma consulta médica. O diagnóstico. A luta. A derrota final. A dor impensável. Eles estão se afastando...

Ele sempre ouviu sua intuição, no entanto. Ele nunca a fez se sentir boba ou irracional. — Você precisa ir até lá. Para as cataratas. Eles precisam de você — ela disse.

Ele olhou para ela de perto por outro momento, assentindo. — Eu vou pegar meu casaco.

Ela pegou as chaves dele enquanto ele vestia o casaco e as botas. — Eles são lutadores — ela disse, mais para se acalmar, para se *convencer de* que estavam bem.

Mark abriu a porta, parando. Ele se virou, dando alguns passos para ela, as mãos envolvendo os braços dela, segurando-a. — Nossa garota era uma lutadora, assim como você, Laurie. Ela lutou até o final. Ela também quer que a gente lute. Nós paramos de *lutar*. Por *nós*. Precisamos começar de novo. Não vou te perder. — Sua voz estava cheia de tanta emoção, um caroço encheu o peito de Laurie, tão cheio que ela não conseguia respirar. Alegria despertou dentro dela. Um reacender da *vida* deles.

Laurie acenou com a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Volte para mim — ela engasgou. — E traga essas crianças com você.

Capítulo 49

A sociedade será beneficiada. As crianças serão beneficiadas. Eventualmente, o mundo será beneficiado.

Meu Deus. Ele é um psicopata. Ele realmente achava que alguém em sã consciência aceitaria isso? E, no entanto, uma fria onda de medo passou por Harper, o conhecimento que outros já haviam prescrito para essa loucura. Não apenas prescrito, mas colocado em prática. Quem mais estava sofrendo? Tentando sobreviver a qualquer número de terrores e dificuldades desconhecidas naquele exato momento? Ela estremeceu.

— Você realmente acha que as pessoas vão aceitar isso? — Ela perguntou, não tanto pela resposta, mas para mantê-lo falando, para chegar a um plano. Alguma coisa. Não importa quão pequeno.

— Você está certa. Eu vejo o jeito que vocês dois estão olhando para mim — Dr. Swift disse, mal penetrando nos pensamentos afetados em sua mente. — Pode ser... intragável para alguns. Eles não vão entender o objetivo, os benefícios. — Ele balançou em seus calcanhares. — Mas há muitos que aceitam, e são eles que importam. Eles sabem que grande mudança requer ação ousada. Eles entendem que são os *resultados* que importam. E os resultados falam por si. Não é verdade, Daire?

Pela primeira vez, o homem chamado Daire falou. — Sim, senhor — ele disse, dando ao Dr. Swift uma pequena

inclinação de cabeça. *Oh Deus.* Eles *haviam* convencido pelo menos alguns dos sobreviventes de que tudo estava bem. A maldade era impensável.

O homem havia se convencido de que estava melhorando a sociedade e, no entanto, estava *lucrando* com a miséria das pessoas.

Ao lado dela, a mente de Jak estava definitivamente girando. Ela olhou para ele e viu e, mesmo com medo, seu coração se acalmou. Ela confiara nele quinze anos antes e confiava agora. Não para sobreviver a isso, ela percebeu. Mas lutar, *tentar.* Morrer lutando. Ela tinha visto em sua natureza, mesmo assim, percebeu de repente. *Ele fechou seus punhos.* Descobriu num instante, a correnteza da água enchendo sua cabeça, sua mente conjurando aquele momento onírico. Ele fechou seus punhos. Ele tremia como o resto dele, mas ele fechou seus punhos... e ela *sabia.*

Ela encontrou o olhar dele e o tempo parou. Intensidade profunda encheu sua expressão antes que ele olhasse para trás rapidamente e depois para longe.

Para trás. As cachoeiras.

É a nossa única saída.

Seu estômago revirou. O medo aumentou. A água rugiu, o homem na frente deles ainda falando, andando, o mal saindo de seus lábios. Ela não podia mais ouvi-lo, não sobre a correnteza das cataratas, o zumbido em sua cabeça. Jak deu um passo mais perto, dois. Harper encontrou seus olhos e uma calma estranha surgiu.

O homem na frente deles não ia permitir que eles escapassem. Não antes, e especialmente não agora que ele compartilhara tudo com eles. Eles tinham sido uma ponta solta antes, agora eles eram uma responsabilidade extrema. Ele ia atirar neles e quem mais pudesse estar trabalhando com ele, uma vasta rede ou ao que parecia, o ajudaria a descartar seus corpos em algum lugar nesta imensa floresta. Eles nunca seriam encontrados, ou mesmo se fossem, não haveria evidências sobre quem os matou ou por quê. E se eles nunca fossem encontrados? Os outros acreditariam que eles fugiram juntos? Mesmo se não o acreditassem, como poderia ser provado? Eles diriam que Jak era um elemento imprevisível, incivilizado, e que Harper estava fora de foco e emocionalmente instável, marcada pelo trauma de perder os pais e depois crescer sem um verdadeiro lar. Quem poderia dizer verdadeiramente *o que* eles fizeram ou por quê? Eles procurariam por um tempo e depois... seria isso.

O homem na frente deles também sabia disso.

Mas ele nunca esperaria que eles saltassem.

Sim, a única saída deles era para baixo. Assim como na primeira vez. Eles sobreviveram uma vez, contra todas as probabilidades, mas qual a probabilidade de conseguirem sobreviver a algo com tão poucas chances novamente? Improvável. Talvez sem esperança. A queda era uma coisa, as corredeiras logo depois eram outra. Traiçoeiras. Mortais. Cheia de pedregulhos e correntes que haviam levado várias vidas que ela conhecia. Então, por que ela se sentia tão *esperançosa?*

Porque eles sobreviveriam ou não... *juntos.*

Harper fechou os punhos. Os olhos de Jak se moveram para baixo. Ele viu. Ele sabia.

Vamos fazer isso. Juntos. Novamente.

Ela estava pronta, percebeu, incrédula com a calma, a *paz que* sentia. Pronta, parada no topo de um precipício com Jak, prestes a arriscar tudo, ela viu com tanta *clareza o* quão incrivelmente sortuda ela tinha sido, quando ela nunca se considerou com sorte antes. Tantas coisas tinham se alinhado perfeitamente, então ela saiu da floresta naquela noite. *Foi* sorte ou mais? Destino? Uma mão divina? Orientação amorosa de seus pais? Ela não sabia. Ela sabia que estava intensamente *grata*, porque, como Jak, ela havia sobrevivido para estar lá quando ele chegasse à sua vida pela segunda vez.

Jak. Seu Jak. Ele sacrificou sua própria vida para lhe dar a dela, e ela não desonraria isso lamentando um único momento. Ele a *salvou*, e ela era grata por cada segundo que teve por causa disso. Mesmo os momentos de muita dificuldade e de sofrimento e quando se sentiu como uma vítima. Ela não foi uma vítima. *Ela* foi a vencedora que o Dr. Swift mencionou. Não porque ela foi submetida a um programa. *Ela* se levantou, repetidamente, de novo e de novo. Isso a fez mais forte, melhor, a fez apreciar os bons momentos e respeitar sua própria capacidade de sobreviver.

Era como se, por um momento fugaz, uma nuvem tivesse se afastado do sol. E nesse breve espaço de tempo, ela visse a luz brilhante, milagrosa, às vezes abrasadora, muitas

vezes ofuscante do que sua vida tinha sido. E ela estava grata por tudo isso. *Tudo* isso. Cada momento. Porque era *dela.* E ela viu que não podia reivindicar a alegria sem reivindicar a dor. Então ela aceitou. Ela levou para dentro e amou tudo igualmente. Aquele momento. Ali. Ela *amava* sua vida. E por causa de um amor tão grande e inigualável, a compreensão súbita e profunda dos muitos presentes que recebera, ela estava disposta a correr qualquer risco para mantê-lo. Para ela. Para ele. *Com* ele.

Dr. Swift andou mais uma vez. Suas palavras, ela não poderia compreendê-las. Ele estava se preparando, porém, pronto para matá-los onde estavam. Harper deu um passo atrás e Jak também. Daire viu o que eles estavam fazendo e ergueu a arma, e naquele instante ambos se viraram, a mão de Jak agarrando a dela, apertando. Ela ouviu uma explosão e algo voou por sua bochecha. Jak a puxou para que eles ziguezagueassem, agachando-se enquanto se moviam. Ela ouviu o grito do Dr. Swift chegando mais perto, o mesmo daquela noite, só que desta vez foi acompanhado pelo zunido das balas enquanto elas voavam pela sua cabeça.

A terra caiu debaixo deles e depois havia apenas queda, só o trovão das cachoeiras ao redor. A dor aguda da água gelada que atingiu sua pele. O grito de Harper foi arrebatado no rugido selvagem. A mão de Jak apertou mais forte. Ele não a soltaria. Ela sabia que ele não iria. Ele já havia provado isso uma vez antes.

Aguente, ela ouviu através da correnteza.

Aguente.

Aquele sussurro dentro, no fundo, e ainda enchendo sua cabeça, seu coração, sua alma. Ela era apenas uma sensação agora, apenas instinto e vontade de viver, e ela *ouviu* isso com tanta *clareza.* Ela conhecia a voz. Aquele sussurro pertencia à mãe dela.

Ela não conseguia segurar a respiração por mais tempo. Seus pulmões estavam queimando, seu corpo sendo golpeado, agitando-se quando a queda trovejante continuava sem parar.

Então o impacto chocante de atingir a superfície, seus pulmões gritando, apertando as mãos, segurando. Ele estava segurando de volta. Eles estavam juntos, mergulhando, descendo e subindo, suas poderosas pernas chutando fortemente, puxando os dois para a luz acima, enquanto os pulmões dela pegavam fogo e ela tentava *aguentar, aguentar,* cabeça explodindo, luzes piscando até...

Ela abriu a boca e respirou ofegante assim que eles chegaram à superfície, o ar entrando e enchendo seus pulmões gritantes.

Depois, a corrente os puxou para baixo, enquanto tombavam, os braços se esticando.

Aguente. Aguente.

As corredeiras mortais estavam à frente. Harper tentou desesperadamente agarrar alguma coisa. Qualquer coisa que os mantivessem firmes, os impedissem de entrar naquela porção rochosa de água que os arrastaria para baixo, mantê-los lá.

— Agarre isso! — Uma voz profunda gritou. Harper ofegou, incapaz de ver quem havia dito aquilo com o borrifo de água, mas avistando o grande e pesado galho bem na frente deles.

Ela tentou nadar, mas a corrente a afastou. O aperto de Jak aumentou e, com um grito, ele puxou os dois para mais perto, nadando contra a corrente, os dois se esforçando para chegar perto o suficiente do galho para agarrar.

Jak soltou um grito poderoso, movendo-os para mais perto, e Harper estendeu a mão e agarrou o final. Ela escorregou, agarrou-se novamente, segurou-se até que Jak pudesse vir de trás dela e segurar também, os dois ofegantes, ancorados naquele pequeno pedaço de madeira em um rugido caldeirão de água borbulhante.

— Continue segurando. Não solte. — *Agente Gallagher?* Era o agente Gallagher, de alguma forma impossível, *ali.* Ele puxou o galho, puxando-os contra a correnteza, grunhindo com o esforço, escorregando, *oh, Deus*, mas recuperando o equilíbrio, puxando, puxando. Eles encontraram a margem, e ele estendeu a mão puxando-a para cima da encosta, Jak atrás dela. Ambos desmoronaram na margem lamacenta do rio, ofegando por ar, encharcados, trêmulos.

Suas mãos ainda estavam entrelaçadas.

Juntos.

Capítulo 50

Jak puxou Harper para mais perto, embora não houvesse realmente nenhuma maneira de chegar muito mais perto do que estavam atualmente. A menos que ele a levasse para a cama, o que ele queria, desesperadamente. Ele queria rolar com ela, cheirá-la em todos os lugares, tomar, grunhir e uivar com a gratidão da vida...

Não. Esses são pensamentos de lobo, ele lembrou a si mesmo. Mas ela gostava do lobo nele, ele também sabia disso. Ele acariciou seu pescoço, puxando o cobertor do hospital com mais força em volta dela para se certificar de que ela estava quente. Agora, se os deixassem sair deste hospital com todos os cheiros intensos e desconhecidos que estavam fazendo cócegas em seu nariz e embaçando seu cérebro.

Embora ele soubesse que voltaria no dia seguinte. Seu avô estava em outro andar, no que eles chamavam de coma. O coração de Jak apertou. Ele ficou surpreso com a tristeza que o encheu quando pensou que seu avô não estava melhorando.

Mas ele tinha Harper, e tinha sua própria vida, e foi nisso que se concentrou.

O agente Gallagher, *Mark,* embora ainda tivesse dificuldade em pensar nele dessa maneira, havia puxado Jak e Harper, encharcados, congelados e quase afogados da água

apenas alguns... metros, sim, ele sabia sobre medição agora... a poucos metros do início das corredeiras rochosas.

A Sra. Gallagher, *Laurie*, encontrou o bilhete no apartamento de Harper e enviou Mark para encontrá-los, mas havia uma árvore derrubada do outro lado da estrada que levava ao topo das cataratas, então ele acabou no fundo. *Graças a Deus.* Se o Dr. Swift tinha deixado a estrada bloqueada, funcionou perfeitamente para Jak e Harper. Acontece que Mark estava onde precisavam que ele estivesse.

O Dr. Swift havia desaparecido. Havia uma caçada para capturá-lo.

Harper virou a cabeça, beijando os dedos dele, que estavam no ombro dela, depois entrelaçando a mão dela com a dele. Ela o olhou. — Durante a queda... eu ouvi minha mãe. — Ela olhou para baixo, seus cílios fazendo sombras em suas bochechas. — Ela estava com a gente, Jak. Eu acho que... todo esse tempo. — Ela olhou para ele novamente, aqueles grandes olhos castanhos que o encaravam na beira de um penhasco nevado no passado, não, quinze *anos* atrás, e então hoje no topo de uma cachoeira e *confiava a* ele com sua vida. Seu peito se expandiu. Ele pensou que poderia explodir.

Ele soltou um suspiro, pensando sobre o modo como as anotações de sua mãe lhe deram a vontade de viver, de continuar, quando ele tinha desistido da vida, quando a solidão tomava e levava até que ele não tinha mais nada para dar. Ela o enchia de novo, com sua voz, com a esperança de seus pensamentos, com perguntas para encher sua cabeça e

seu coração, e com palavras para lembrá-lo que ele era humano. — Sim — ele disse. — Ela estava.

— Meu pai também — Harper disse. — Eu acredito nisso. Eu aprecio tudo isso. Foi *algo,* e nos trouxe aqui. Jak, você acha que pode achar um jeito de acreditar nisso também?

Ele desviou o olhar por um segundo. Ele sabia o que ela estava perguntando. Ela estava perguntando se ele poderia deixar de lado a mágoa, a raiva e a... amargura pelo que havia sido feito com ele. Se ele poderia acreditar que forças maiores... operaram, e que essas forças o haviam guiado e amado. Ele se lembrou de como sentiu a mãe dela lá com ele, ouviu seus sussurros, quando encontrou Driscoll morrendo em sua cabana. *Esqueça,* Ele tinha ouvido lá no fundo, naquele momento, ele entregou o telefone ao homem quando ele pediu. Ele sabia agora que Driscoll havia pedido ajuda... trazendo o policial... que então trouxe Jak para a delegacia... para... Harper. Se ele tivesse seguido sua necessidade de vingança, ignorado aqueles sussurros, deixando Driscoll apodrecer enquanto se afastava, voltando à sua vida solitária... mas ele não queria pensar sobre isso. Ele exalou um suspiro lento. — Eu acho que sim — disse. E ele quis dizer isso.

Ele tinha visto o que amargura fez ao seu avô. *Vingança.* Ele não se tornaria isso.

Esqueça.

Embora agora fosse a hora da raiva também. Não por si mesmo, talvez, mas pelos outros sobreviventes que viviam da

mesma maneira que ele, talvez pior. Matando, congelando, morrendo de fome, a solidão murchando suas almas.

O que aconteceria com essas pessoas quando elas fossem encontradas? Ninguém, sem nada. Descartáveis como ele tinha sido.

A porta se abriu e Laurie Gallagher entrou apressada, parecendo... hmm, ele ainda não sabia a palavra de como Laurie parecia naquele momento. Preocupada, mas, além disso. Harper ficou de pé e ele também. Laurie soltou um grito no fundo da garganta e correu para Harper primeiro, abraçando-a e depois a soltando, passando as mãos pelo cabelo, tocando as ataduras e balbuciando e olhando para o rosto dela como se estivesse tentando ter certeza de que ela estava realmente viva. Então ela se mudou para Jak balbuciando enquanto ela o abraçava com força e então recuou, olhando para os dois.

— Eu estava tão perturbada quando ouvi. Oh meu Deus, bem, sentem-se. Vocês devem estar traumatizados.

Perturbada. Essa era a palavra. *Preocupada* apenas de uma maneira que fez o seu cabelo voar ao redor da sua cabeça, seus olhos ficarem grandes e redondos, e suas mãos agitarem em todos os lugares.

Harper sentou-se e Jak também, enquanto Laurie puxava uma cadeira e contavam o que havia acontecido na beira da cachoeira. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela escutava, enxugando-as com um lenço de papel e sacudindo a cabeça. — Graças a Deus ele estava lá. Eu sabia, só sabia que algo estava errado. — Ela pegou a mão de

Jak, apertando. — Eu sou tão grata que você está bem. — Ela balançou a cabeça novamente. — Oh querido e seu avô. Como ele está, Jak?

— Ele está em coma — Jak disse. Não se lembrava do resto das palavras que o médico dissera, porque sua avodrasta havia entrado no quarto e Jak saiu o mais rápido possível depois disso.

Laurie apertou sua mão novamente, seus olhos suaves. — O que você precisar, Mark e eu estamos aqui. — Ela olhou para cima de repente, soltando a mão dele. — Oh, a coletiva de imprensa — ela disse apontando para a TV, o programa que eles estavam esperando começar. Harper apertou a coisa com botões que fizeram o som na televisão subir. Ele ficava esquecendo as palavras porque havia tantas outras novas em sua mente, e algumas eram mais importantes para ele do que outras.

Mark parou na frente de um microfone, parecendo muito sério. — Hoje, o Departamento de Justiça de Montana tomou conhecimento de um número desconhecido de programas ilegais e altamente perturbadores. Estes programas estão sendo operados em todo o país usando crianças que foram removidas do sistema de assistência social sob falsos pretextos, e / ou bebês que são comprados de mães que são membros de programas sociais, especialmente de drogas ou álcool. Estamos no meio de identificar especificamente quem são essas crianças. Esses programas estão em operação há muitos anos. Algumas das vítimas podem atualmente ser adultos que cresceram nesses

programas. — Ele olhou diretamente para a câmera. — Se você tem alguma informação sobre este crime, ou se você é uma pessoa que estava em um programa estatal e pediu para desistir de seu filho em troca de dinheiro, ou desempenhou um *papel* por dinheiro, entre em contato conosco. — Ele parou e a multidão ficou em silêncio. — Se você é uma dessas crianças, entre em contato com as autoridades imediatamente. Você foi injustiçado, e nós queremos que você nos ajude a colocar aqueles que abusaram de você atrás das grades. — Ele levantou uma fotografia do Dr. Swift. — Esse homem é o principal suspeito e procurado por assassinato em meio a uma vasta lista de outros crimes. Se você o vir ou souber de seu paradeiro, ligue para o número na tela. Não se aproxime dele. Ele está armado e é perigoso.

E com raiva, Jak pensou. Mas... mais irritado. *Enfurecido.* Sim. Ele apostaria que o Dr. Swift estava enfurecido. Assim como Driscoll esteve quando ele descobriu que sua mãe interferiu em seu estudo. Assim como seu avô tinha ficado... *enfurecido o* suficiente para matar. Mas ele não disse uma palavra sobre isso.

A multidão começou a gritar e Mark apontou para uma mulher na frente. — Agente Gallagher, com que propósito essas crianças estão sendo levadas? O que é exatamente esse programa?

— Elas estão sendo colocadas e estudadas em ambientes hostis para determinar habilidades de sobrevivência. Talvez treinadas. Cada campo, por falta de uma palavra melhor, pode ser diferente. Mas eles

provavelmente estão sendo montados em áreas remotas a quilômetros da civilização. Então elas estão sendo vendidas para aqueles que desejam usar seus talentos.

— Agente Gallagher — um homem perto do fundo gritou. — Como você descobriu sobre isso? O que te alertou?

— Eu não sou capaz de discutir isso neste momento. — Ele olhou para a direita e acenou para alguém em um uniforme, voltando-se para a multidão ainda gritando. — Essas são todas as respostas que posso dar agora. Vamos atualizar quando tivermos mais informações.

Mark saiu do pequeno palco e depois a imagem mudou para duas pessoas sentadas em uma mesa.

— Uau, Marcia, isso é uma história e tanto. Garotos indesejados sendo treinados em acampamentos subterrâneos... quê? Soldados de elite?

A mulher chamada Marcia balançou a cabeça. — Eu não sei, Gary. Tudo apenas revira meu estômago.

Gary assentiu. — Embora você tenha que admitir, a ideia, se executada corretamente, teria enormes benefícios sociais.

A boca de Marcia se abriu. — Você deve estar brincando. Para alcançar melhorias na sociedade, recorremos aos Jogos Vorazes? É isso? Talvez, eventualmente, possamos ter o abuso dessas crianças em um feed direto para nossos dispositivos móveis. Soa *fascinante.* Um coliseu romano moderno.

Gary pareceu momentaneamente interessado na ideia, mas depois riu, erguendo as mãos. — Calma, Calma. Eu só

estou expressando o que os outros estão pensando também. Agora, não estou dizendo que as ramificações morais da ideia não são muito extremas para realmente colocar em prática, só estou dizendo, você tem que entender o seu inimigo para *combatê*-lo. Ou, neste caso, até encontrá-los.

— Pelos *seus* comentários, estou preocupada que mais pessoas desejem *se tornar* eles do que combatê-los.

Então as duas pessoas chamadas Marcia e Gary, que devem ser muito importantes para as pessoas quererem ouvir todas as suas opiniões, começaram a falar sobre sociedades que caíram em ruínas e outras coisas que Jak parou de ouvir porque estava ocupado demais cheirando o cabelo de Harper. Ela ainda cheirava como a Harper dele, mas também como o rio. Ele tentou puxá-la para mais perto novamente, e ela chegou a meio caminho do colo dele. Ela olhou e ele lhe deu um sorriso tímido. Ela riu baixinho, passando a mão no rosto dele.

Laurie desligou a TV. — Bem, isso provavelmente é o suficiente. Quando vocês dois saem daqui?

— Espero que a qualquer minuto — Harper disse.

— Tenho certeza de que vocês estão cansados e querem dormir. Mas se estiverem com fome, eu poderia fazer o jantar... Ah, tenho certeza que vocês querem ficar sozinhos.

Entre eles, Harper apertou a mão dele.

— Jantar com você e Mark seria bom — Jak disse, falando sério.

Laurie sorriu como se tivesse acabado de pegar o maior peixe do rio. *Não, não... como se ela estivesse feliz por quererem estar com ela.* — Maravilhoso.

A porta se abriu e outra pessoa correu para dentro de seu quarto. — Rylee — Harper disse, levantando-se e abraçando a amiga.

— Oh meu Deus, eu não pude acreditar quando ouvi. Você está bem? — Ela se afastou, olhando para ela do mesmo jeito que Laurie.

Dois homens entraram na sala e Harper sorriu para eles. — Oi, Jeff. Sr. Adams.

— Harper. — Os dois também a abraçaram e depois se voltaram para Jak e Laurie. Harper disse o nome deles e disse a Jak e Laurie que eram Rylee, Jeff e o Sr. Adams, embora acabasse de ouvir que eles eram. *Apresentações,* ele se lembrou da palavra para isso de seu avô. *Boas maneiras.*

Todos eles apertaram as mãos. Jak viu Rylee olhar para Harper e balbuciar *oh meu Deus,* antes que ela olhasse para Jak e para longe. Ele não tinha certeza do que isso significava, mas não achava que fossem *boas maneiras.*

— Eu adoraria ter todos vocês para jantar também, se estiverem disponíveis — Laurie disse, e Rylee pegou a mão de Harper na dela.

— Nós adoraríamos.

Então todos começaram a falar ao mesmo tempo, do jeito que os pássaros faziam pela manhã, felizes por estarem vivos para outro nascer do sol e tagarelar para contar a floresta inteira sobre isso. Ou como... bem, isso foi bom o

suficiente por enquanto. Ele não podia adivinhar cada pensamento em sua cabeça. Pensamentos civilizados viriam naturalmente para ele algum dia... provavelmente.

Harper encontrou os olhos de Jak e eles se suavizaram. Ela sorriu e seu cérebro ficou vazio do jeito que fazia toda vez que ela olhava para ele daquele jeito. *Eu te amo,* ela murmurou. Ele murmurou de volta. Ele a amava. Ele a adorava. Ele a estimava. Para sempre. E isso era tudo.

Isso era tudo.

Epílogo

O fogo crepitava, sombras dançando nas paredes da biblioteca. Jak sorriu, trazido de seu torpor, enquanto o cheiro da mulher que ele amava encontrava seu nariz. — Olá, esposa.

Harper riu baixinho, contornando a cadeira e sentando-se em seu colo. — Será que eu vou conseguir me aproximar sem que você perceba? — Ela perguntou, envolvendo os braços no pescoço dele e esfregando a bochecha contra o rosto dele.

Ele sorriu em um suspiro exalado, aninhando-se em seu toque. — Talvez. — Ele esperava que seu olfato se tornasse... menos uma vez que ele estava vivendo na civilização por tempo suficiente, e agora que ele não dependia de seus sentidos para sua sobrevivência.

— Humm — ela disse, beijando-o suavemente. Ele passou a mão sobre o pequeno inchaço de seu estômago, o bebê embalado dentro da segurança de seu corpo. Pelo menos nos próximos cinco meses. Então seria seu trabalho proteger os dois. Garantir que eles fossem alimentados e aquecidos e que seus corações estivessem cheios. Ele nunca tomou essa terceira parte como certa depois de uma vida inteira de apenas poder atender às necessidades físicas. E muitas vezes, nem mesmo essas. Um arrepio de gratidão passou por ele. *Minha família.* As duas palavras ainda faziam sua respiração falhar de felicidade.

Admiração.

Ele e Harper se casaram seis meses depois de terem sobrevivido ao salto de Amity Falls. Ninguém foi capaz de convencê-lo de que havia motivo para esperar, embora o Agente, *Mark*, Gallagher tivesse sentado com ele e lhe dado uma conversa de homem para homem sobre a "prudência da paciência" e a "sabedoria da espera." Ele respeitava Mark, mas queria um anel no dedo de Harper. *Seu* anel, e isso era tudo. Ele queria que todos soubessem que ela era dele e ele era dela. Assim que soube que era o que as pessoas faziam quando estavam apaixonadas e queriam que o mundo soubesse, ele perguntou imediatamente a Harper. E ela disse sim. Ele ficou muito feliz por *ela* não concordar que era prudente ou sábio esperar. Eles se casaram no quintal dos Gallagher sob um pôr do sol de verão, cercados por seus novos e velhos amigos. Jak pensava neles como sua matilha e ele não se negou a ideia. O sentimento. O jeito que isso o fez se sentir conectado. Talvez seus sentidos diminuíssem, talvez não, mas uma parte dele seria sempre selvagem, o garoto que cresceu ao lado de um lobo que ele amava como um irmão, e negar isso seria negar Pup. Negar tudo o que o trouxe para a vida que ele agora vivia. A vida que ele amava de todo o coração.

O bebê tinha sido inesperado, mas desde que ambos se acostumaram com a ideia, não conseguiram parar de sorrir. Eles ficavam na cama à noite conversando por horas sobre como seriam as coisas que eles queriam ensinar a seu filho ou filha, o milagre da vida que eles criaram depois que ambos

enganaram a morte mais de uma vez. E esse pequeno milagre fez com que Jak quisesse aprender tudo o que pudesse sobre como ser um bom pai. *Um bom líder de matilha.* Mark e Laurie os ajudariam. Eles já haviam perguntado se seriam os avós do bebê e Laurie chorara, e Mark fingira que tinha algo em seus olhos.

Jak havia procurado Almina Kavazović, que ele não podia deixar de pensar como Baka, apenas alguns meses antes e, embora Jak não tivesse certeza do que o futuro reservava para o relacionamento deles, ele precisava dizer a ela que a perdoava, e que ela esteve com ele durante tantos momentos de luta e solidão. Ela tinha sido sua força e a lembrança da dele. Ele sentira a mãe de Harper, sua sacerdotisa, seu Abbé Busoni, sorrindo para ele enquanto ele lhe dizia isso.

Jak olhou para o fogo quando Harper se aconchegou. A lareira onde ele queimou o arco e flecha que ele encontrou em um canto do sótão depois que seu avô faleceu, nunca se recuperando de seu ataque cardíaco. O conjunto de arco e flecha que estava faltando uma flecha, usada para matar Isaac Driscoll. Mas só ele e Harper sabiam disso.

Seu avô havia dado um nome a Jak. Em troca, ele se certificou de que seu avô manteria o seu limpo. Se ele não tivesse matado Driscoll, o programa teria. Com essa suposição, a polícia havia encerrado o caso.

Seu avô deixara quase tudo para Jak em seu testamento, proporcionando um pequeno acordo à sua

avodrasta, que se enfurecera no escritório do advogado, guinchando como um de seus pássaros engaiolados.

Jak tinha desmontado essas jaulas e as havia tirado de Thornland no mesmo dia em que todas as câmeras foram removidas. Ele manteve Nigel. Ele ainda era furtivo, mas Jak passara a apreciá-lo muito mais, já que ele podia se aproximar dele e fazê-lo pular e chiar. Já que Jak herdou Thornland, Loni, Gabi e Brett se mudaram, ele até mesmo pegou Nigel *quase* sorrindo uma ou duas vezes. Mesmo criaturas furtivas tinham seus pontos positivos.

Mark ajudou Jak a contratar um CEO interino para a Fairbanks Lumber. Jak confiava nos instintos do homem mais velho sobre as pessoas, e a empresa estava indo muito bem sob a nova administração. Jak estava aprendendo o assunto e o achou surpreendentemente interessante. Talvez um dia ele participasse mais ativamente da gestão. Algum dia, quando não houvesse tantas outras coisas para aprender também.

Ele e Harper tinham permanecido na propriedade da família que ficava perto da faculdade de Harper, embora também comprassem alguns acres de terra na floresta e construíssem uma pequena cabana. Eles planejavam passar os verões lá quando Harper não estivesse tendo aulas e tantos fins de semana quanto possível. Verões... quando os rios estavam cheios de peixes, as frutas estavam maduras e doces, e o sol abria as flores e aquecia a terra. Mas... Jak tinha a sensação de que também precisariam da enorme propriedade para oferecer abrigo, se necessário, àquelas

crianças perdidas, muitas que agora eram adultas, que a polícia ainda procurava.

Aquele mau pressentimento surgiu quando ele pensou no Dr. Swift e no que poderia estar acontecendo em alguma floresta esquecida por Deus. Ele moveu a mão lentamente sobre a ondulação no estômago de sua esposa, sua respiração, descendo calmamente. *Vida. Milagres. Esperança.*

Harper esticou o braço, pegando o livro na mesa ao lado deles. — De novo? — Ela perguntou, sua voz cheia de diversão gentil.

Jak sorriu enquanto ela colocava sua amada cópia do *Conde de Monte Cristo de* volta. Ele acabara de terminar pela sexta vez. Estava cheio de cantos dobrados e enrugado. Estimado. Bem amado. — Cada vez que leio, encontro algo novo por dentro. Alguma lição diferente. — E uma nova palavra favorita, ou três.

Ela sorriu, descansando a cabeça no ombro dele, sufocando um bocejo. — Que lição você aprendeu dessa vez?

Ele pensou em uma das citações no livro que falara com ele mais alto durante essa leitura. *Toda a sabedoria humana está contida nessas duas palavras: confiar e esperança.*

— Se pudermos continuar, sobreviver, nos tempos difíceis da vida, há algo melhor esperando por nós. Existe um propósito que nem sempre podemos ver. Há uma... ordem. — Ele sentiu isso, aquele sussurro, aquela coisa invisível que fluía através dele, dentro e ao redor de todas as coisas vivas e vice-versa. Não havia palavras que ele encontrasse que o capturassem completamente. Deus, talvez.

Destino? Milagres? As almas que morreram antes deles? Tudo o que ele sabia era que era amoroso e bom, e procurava consertar as coisas. *Somente.*

Aqueles eram novos pensamentos. Coisas que ele percebeu, tomou, *aplicou.* Ele se sentia orgulhoso. Mudado. *Melhor.* — Sim — ela murmurou, beijando seu rosto, entrelaçando seus dedos com os dele. — *Sim.* — Ela bocejou novamente.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou a articulação dos dedos. — Vá para a cama. Eu estarei lá em um minuto.

Ela assentiu, levantando-se e dando-lhe um pequeno sorriso sonolento antes de se virar e subir as escadas. Depois de um minuto, Jak também se levantou, deixando a biblioteca e indo para o enorme pátio de pedra que percorria pela extensão da casa e dava para a floresta.

As árvores balançavam, dançando ao som do vento, falando uma língua antiga sob a terra. Ele olhou para a escuridão, sua mente imaginando lugares muito além do que seus olhos podiam ver. Em algum lugar lá fora, o resto de sua matilha, sua família conectada por experiências compartilhadas que poucos jamais entenderiam, vivia e respirava, lutava e sobrevivia. Ele sentia os sussurros retomarem por dentro. Uma canção de unidade e fraternidade. Confiar e esperança — ele sussurrou para aquelas almas desconhecidas. — Confiar e esperança.

FIM